

UNIVERSIDADE ABERTA



**Violante de Cysneiros:
o outro lado do espelho de Côrtes-Rodrigues?**

Pedro Paulo Viveiros Câmara

Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares

2019

UNIVERSIDADE ABERTA



**Violante de Cysneiros:
o outro lado do espelho de Côrtes-Rodrigues?**

Pedro Paulo Viveiros Câmara

Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares

Orientadora: Professora Doutora Ana Nascimento Piedade

2019

RESUMO

Côrtes-Rodrigues é um nome incontornável no panorama literário açoriano e nacional. Consciente da sua importância cultural e reconhecedor da riqueza da sua obra no que diz respeito à diversidade de géneros trabalhados; às temáticas abordadas e aos “outros” criados, pretendemos refletir, através da leitura e análise do espólio literário do autor, acerca de Violante de Cysneiros, da sua relevância, da sua génese, da sua longevidade literária e da sua produção artística, já que surge como resultado da combinação entre a idealização e a vontade-necessidade dos esforços comuns de Pessoa e Côrtes-Rodrigues.

Por considerarmos convictamente que a obra de Côrtes-Rodrigues, no seu todo, merece ser objeto de reflexão e de estudo aprofundado, sendo esta representativa da produção literária realizada nos Açores e sobre os Açores, propomo-nos, assim, a analisar a obra artística de Violante de Cysneiros, cujo aparecimento dataria de 1915, mas cujo desaparecimento não se viria a verificar com o encerramento da revista modernista *Orpheu* no mesmo ano.

Os textos existentes em *Orpheu 2*, em “Azulejos”, rubrica do jornal micalense *O Autónimo*, no *Folha de Angra* e em *A Actualidade*, também publicações insulares, assinados por Violante de Cysneiros, são os exemplares da sua produção literária e constituem o *corpus* principal da análise que procurará encontrar um conjunto diversificado de padrões no que respeita ao conteúdo e às temáticas dos seus textos que a fazem aproximar, sobremaneira, de Côrtes-Rodrigues, justificando, assim, a existência de Violante enquanto pseudónimo deste.

Palavras-chave: Armando Côrtes-Rodrigues; Violante de Cysneiros; Modernismo; Heterónimo; Pseudónimo.

ABSTRACT

Côrtes-Rodrigues is one of the most outstanding writers in the Azorean and national literary world. He had a remarkable cultural relevance and developed a meaningful work, regarding diversity of genre and literary topics, as well as the creation of pen names.

Through reading and analyzing his literary output, this paper aims to study the importance of his pen name Violante de Cysneiros, its relevance, origin, longevity and its artistic work, as it is born from a combination between the idealization and the willingness, or common necessity, of the joint efforts of Fernando Pessoa and Côrtes-Rodrigues.

Based on the assumption that all Côrtes-Rodrigues' work deserves to be studied and thoroughly analyzed, as it is a representation of the literature developed in the Azores and about the Azores, this paper intends to approach the literary production of Violante de Cysneiros, whose first appearance dates from around 1915. Despite the closure of the Modernist journal of that time, Violante de Cysneiros did not vanish. It is a fact that poems registered under the name of Violante de Cysneiros were published on *Orpheu 2*, but it is also true that other texts from Violante were also published in a very different context: some appear on "Azulejos", a section of *O Autônomico* (a newspaper from São Miguel), as well as diverse texts were published in some other Azorean newspapers, such as *Folha de Angra* and *A Actualidade*. These are the samples of its works and represent the main corpus of this study. The focus will be on finding some parameters regarding text content and subjects, in order to prove the existence of Violante de Cysneiros as a Côrtes-Rodrigues' pen name.

Keywords: Armando Côrtes-Rodrigues, Violante de Cysneiros; Modernism; Heteronym, Pseudonym.

As dedicatórias devem ficar grafadas!

Aos vivos: à minha mãe Margarida,
ao Carlos Eduardo, à Marília de Jesus
e ao Daniel Orlando.

Aos idos: à avó Encarnação, ao avô José
e ao pai Sebastião.

AGRADECIMENTOS

Apartar-me-ei, temporariamente, da cientificidade crua requerida a um trabalho deste género. Os agradecimentos deverão nascer de forma natural e descomprometida, já que brotam do íntimo do sujeito.

Desta forma, gostaria de dedicar a minha atenção inicial à minha família, seres gentis e tranquilos que me acompanham e acompanharam ao longo desta viagem demorada, sobrevivendo às ausências continuadas e aos silêncios introspetivos. Também no afastamento necessário e no sossego que se oferece ao outro se é família. Gostaria, ainda, de reconhecer o estímulo que cada um dos membros desta família que se construiu ao longo de gerações me ofereceu, ao longo do tempo, sobrevivendo a cheias e terremotos, resistindo à maresia omnipresente e aos limites coercivos da ilha.

Gostaria, pelo mesmo motivo, de agradecer aos meus amigos próximos que tiveram disponibilidade emocional suficiente para me acompanhar neste empreendimento, resistindo à minha distância e possível falta de atenção.

Gostaria, ainda, de agradecer à Fernanda Carrilho, minha “colega de carteira virtual”, pelo trajeto comum que fizemos de mútuo incentivo e pelo companheirismo que sobreviveu a muitas milhas de Oceano Atlântico.

Não poderia deixar de mencionar os técnicos da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, colaboradores que se revelaram incansáveis na resolução das minhas imensas questões e solicitações.

Uma palavra, enorme, e final, ainda, de apreço à Professora Doutora Ana Nascimento Piedade, pela retidão das suas orientações, pela coerência das suas diretrizes e pelo incentivo a concluir com sucesso esta missão. Foi, seguramente, um pilar na edificação deste texto.

Foi uma viagem solitária, mas um empreendimento coletivo, portanto!

ÍNDICE:

1. Introdução	9
1.1. Armando Côrtes-Rodrigues	11
1.1.1. O homem e a obra	11
1.1.1.1. Incursão pelo Modernismo português	21
1.1.1.2. Côrtes-Rodrigues e Pessoa: benquerenças e correspondência	24
2. Desenvolvimento	33
2.1. Armando Côrtes-Rodrigues e Violante de Cysneiros: <i>Orpheu 1</i> e <i>Orpheu 2</i>	33
2.2. Violante de Cysneiros: heterónimo ou pseudónimo	34
2.2.1. Violante e a revista <i>Orpheu</i>	41
2.2.1.1. Tributo aos colegas modernistas	41
2.2.1.2. Uma abordagem modernista	55
2.2.2. Violante e a rubrica “Azulejos”, em <i>O Autónimo</i>	58
2.2.2.1. Marcas do franciscanismo devoto e favorecimento de temas religiosos	59
2.2.2.2. Favorecimento de temas rurais	72
2.2.3. Violante e o <i>Folha de Angra</i>	74
2.2.4. Violante e o <i>A Actualidade</i>	76
2.2.5. <i>O Milhafre</i> e <i>Quando o mar galgou a terra</i> : diálogo com os textos de “Azulejos”	83
2.2.5.1. Marcas particulares que conferem traços de açorianidade	83
2.2.5.2. O modo particular de vivenciar e revelar a ilha e a insularidade ---	86
2.2.5.3. O mar como abertura ao resto do mundo e como barreira natural -	89
2.2.5.4. A vontade de partir e a ânsia de regressar às raízes: a emigração --	90
2.2.5.5. A religiosidade intrínseca ao povo açoriano	93
2.2.5.6. Os símbolos: o milhafre ou o açor; o mar	102
2.2.6. Poesia de Côrtes-Rodrigues, pós-Violante, e o diálogo (intertextual?) com os textos de “Azulejos”	106
3. Conclusão	111
4. Referências Bibliográficas	113
5. Listagens e Tábuas cronológicas	123
6. Anexos	138

1. Introdução

O parco conhecimento de alguns autores, ou de autores não tão “reconhecidos” nas habituais praças demarcadas pelas leis do mercado livreiro e da crítica, dificulta, sobremaneira, a tentativa, amiúde frustrada, de fomentar o gosto pela leitura e pela análise literária. Então, destarte, reconhecemos que muitos autores tendem a permanecer afastados das luzes da ribalta e do conhecimento dos leitores que almejamos ter, ou ser, no presente e num futuro não muito longínquo. É nesta perspetiva que, de certa maneira, se enquadram os objetos desta dissertação, Armando Côrtes-Rodrigues e Violante de Cysneiros.

Se, por um lado, Violante terá surgido para fazer parte de *Orpheu*, revista e movimento, mais concretamente do seu segundo número, certo é que a sua produção literária não findou com o encerramento da revista e não ficou confinada, também, à poesia. Relativamente a *Orpheu*, Violante terá cumprido a sua missão e terá alimentado os valores modernistas do grupo de autores que impulsionaria e sustentaria o movimento modernista português; todavia, a sua produção literária nos Açores, e para os jornais açorianos, é assaz distinta da publicada em 1915.

Nos escritos de Violante pós-*Orpheu*, nomeadamente os publicados nos jornais *O Autónómico* e o *A Actualidade*, que destacaremos pela quantidade e diversidade temática dos textos, é evidente um modo particular de vivenciar a insularidade e a revelação dos sentimentos do homem ilhéu açoriano e do seu modo de ser e estar. Nos textos supramencionados, motes como a ilha, como fator geográfico concreto e confinante; o mar como elemento de abertura ao mundo, mas, também, como barreira natural; e a religiosidade intrínseca do povo açoriano, marcada pelo catolicismo de profundo teor franciscano e as romarias quaresmais, serão explorados e expostos. Posto isto, é relevante analisar as diferenças temáticas e formais entre os poemas publicados em *Orpheu 2* e os restantes textos dispersos pelo *O Autónómico*, pelo *Folha de Angra* e pelo *A Actualidade*.

Assim sendo, integrando textos diversos da autoria de Côrtes-Rodrigues, agregando outros assinados por Violante de Cysneiros, por via de uma atitude crítica, e tendo em consideração na produção desta dissertação, ainda, textos de outros autores que possam vir a ser esclarecedores e enriquecedores no tratamento do tema, pretendemos compreender e demonstrar a pertinência e a complexidade da produção literária de Violante de Cysneiros, ainda que procedamos à leitura complementar da restante produção literária de Côrtes-Rodrigues. A nossa investigação tem, pois, o intuito de realçar uma visão que se crê em falta para com o autor Armando Côrtes-Rodrigues e para com a sua escrita, e, em especial, para

com Violante de Cysneiros, sendo que não será possível afastá-los de forma imparcial, por se fundirem. No mesmo prisma, cremos que a nossa investigação poderá representar um contributo, embora fraccionário, para o estudo da literatura modernista portuguesa, numa abordagem particular, pela preferência oferecida a um autor, já que pretendemos, aproximando Violante de Cysneiros de Côrtes-Rodrigues, compreender o seu papel no movimento órfico, mas, também, a prolongação da sua existência literária para além deste.

Aferiremos a importância de Violante de Cysneiros no contexto de *Orpheu* e as diferenças significativas existentes entre os textos publicados na dita revista modernista e os divulgados nas publicações açorianas, que, como já indicamos, surgem marcados por evidências e influências insulares consideráveis, atendendo ao conteúdo, às referências espaciais e temáticas, e aos símbolos que lhes conferem traços distintivos. Sendo que identificámos já diferenças substanciais na produção literária de Violante de Cysneiros em *Orpheu* e em “Azulejos”, rubrica do jornal *O Autónimo*, em especial, no que diz respeito ao conteúdo e à forma, e, ainda, nos textos de sua autoria publicados em *Folha de Angra* e em *A Actualidade*, pretendemos evidenciar e analisar estas mesmas disparidades, para que, daí, possam resultar conclusões específicas e rigorosas.

Pretendemos revelar, no caso de *Orpheu*, uma aproximação aos valores modernistas e a utilidade da sua participação como estratégia de consolidação do irreverente grupo de autores e da própria corrente modernista que então nascia e se solidificava, e, no caso das publicações insulares, demonstrar a existência de uma realidade particular que realça a açorianidade, como identidade cultural e sociológica.

Proceder-se-á ao esclarecimento do processo que conduziria à criação de Violante de Cysneiros e à tentativa de aclarar a sua classificação enquanto heterónimo, pseudónimo ou alter-ego; de modo a explicar a importância de Violante no contexto do movimento modernista, liderado por nomes como Sá Carneiro, Almada Negreiros e Fernando Pessoa, e nos anos seguintes.

Este nosso trabalho tentará, oferecer, ainda, um breve enquadramento da obra do autor no contexto da literatura de cariz açoriano.

1.1. Armando Côrtes-Rodrigues

1.1.1. O homem e a obra

Armando César Côrtes-Rodrigues é mais do que um nome, mais do que um homem oculto pela poeira da passagem do tempo, encoberto pelo esquecimento; é a memória da cultura e de um determinado momento criativo, vivo nas obras que legaria à Humanidade e no edifício que hoje ostenta o seu nome: Morada da Escrita - Casa Armando Côrtes-Rodrigues¹. Está a sua importância bem patente, ainda, na toponímia das cidades de Ponta Delgada, de Vila Franca do Campo, ou Almada, e na estatutária, já que esta mesma cidade de Ponta Delgada, onde viveria e desempenharia funções profissionais durante algumas décadas, haveria de mandar erguer um busto em sua homenagem, na rua com o mesmo nome.

Nascido em 1891, a 28 de fevereiro, em Vila Franca do Campo, haveria de viver a sua infância, órfão de mãe, num convento que serviria de morada à família, na companhia da última freira clarissa do Convento de Santo André, de seu nome Madre Margarida do Coração de Maria. A mãe faleceria, com apenas 21 anos de idade, meses depois do seu nascimento, a 24 de setembro do mesmo ano vítima de febre tifóide. Antes da supramencionada mudança de residência, de casa para o convento, que ocorreu por volta dos 6 anos de idade, haveria de viver numa casa pertença da família onde havia residido, também, o cônego Sena Freitas. Carrega consigo, portanto, o peso da ancestralidade dos espaços e das vivências que estes haveriam de propiciar. Afirma Maria Clotilde Cymbrom (2011:5), no prefácio que realiza a *Auto do Espírito Santo*, obra da autoria de Côrtes-Rodrigues, que “[o] ambiente ainda conventual, no qual despertou para a vida, a ternura que lhe dedicou a última freira que restava da irmandade e lhe preencheu o vazio dos afectos maternos, marcaram indelevelmente a sua educação religiosa que, ao longo dos anos, se foi firmando na crença e admiração pelos valores do espírito”.

Católico professo, as suas experiências e as suas crenças haveriam de estar, também elas, refletidas nos seus trabalhos literários e não literários, portanto. Como afirmaria Joel Serrão, na profunda análise que faz em *Temas da Cultura Portuguesa, I e II*, “bem sabemos ser possível e, por vezes, proveitoso analisar uma poesia de modo exclusivamente «literário»: apreender e explicitar a coerência interna da motivação e da temática, a forma, o estilo, será até, em dadas circunstâncias, o único recurso de que um investigador pode lançar mão”(Serrão, 1965:149). Tal como o autor previamente mencionado, também reconhecemos

¹ Espaço inaugurado em 2007 naquela que havia sido a última morada de Armando Côrtes-Rodrigues, sito à Rua José Maria Raposo do Amaral, 101, na cidade de Ponta Delgada.

que “*esse é o melhor e mais seguro caminho que o de «decretar» a priori, e sem prévia análise, relações de causa e efeito entre época, homem e obra*”(1965:149). Não obstante, compreendendo a validade de Keats e Du Bos², reconhecemos que “*a literatura, para além de outros elementos seus, não é outra coisa senão essa vida tomando consciência de si própria, quando na alma de um homem de génio decorre a par com uma plenitude de expressão* (Du Bos, 1961:24/25). Assim, consideramos, tal como Du Bos, que opor vida e literatura é, “*em toda a força de expressão*”, um absurdo (1961:25).

Com 9 anos, em outubro, Côrtes-Rodrigues muda-se para Ponta Delgada, onde frequenta o Colégio Fisher³ de 1900 a 1906. A sua infância e a sua formação intelectual e moral estarão, então, rodeadas de e invadidas por influências cristãs bastante vincadas, marcas estas que também estarão, a longo prazo, espelhadas na sua produção literária. Embora o colégio, à data de ingresso do imberbe Armando Côrtes-Rodrigues, fosse, ainda, bastante recente, gozava de excelente reputação no meio micalense, já que, desde a sua fundação, haveria de acolher uma equipa pedagógica profusamente conceituada e prodigiosa, uma equipa de padres católicos, membros da Congregação do Espírito Santo, de nacionalidade francesa. Saído do convento físico, em Vila Franca do Campo, encimado pela pitoresca Ermida de Nossa Senhora da Paz que diversas vezes descreveria nos seus textos, Côrtes-Rodrigues entraria no convento moral.

Cultural e socialmente interventivo, ao longo da sua vida o autor estaria envolvido em iniciativas diversas, de entre as quais poderíamos destacar a colaboração na fundação da Sociedade Afonso Chaves - Associação de Estudos Açoreanos, a 12 de março de 1932, acompanhado por outros nomes proeminentes da sociedade micalense de então, como Alfredo Bensaúde, António da Silveira Vicente, Ernesto Ferreira, Francisco Pacheco de Castro, José Agostinho, Luís Bernardo Leite de Ataíde, Teotónio da Silveira Moniz e Tomás Borba Vieira. Atendendo ao percurso investigativo que desenvolvia, e desenvolveu ao longo de muitos anos, consideramos a iniciativa da criação desta coletividade como parte de um processo natural de valorização e sedimentação da cultura regional, já que o seu foco seria o

² Neste contexto em particular, atendendo ao autor e às temáticas abordadas ao longo desta dissertação, crê-se útil e válido socorrer-nos das conferências proferidas por Charles Du Bos, no Colégio de Saint Mary, no estado norte americano do Indiana, em 24 de janeiro, 21 de fevereiro, 21 de março e 25 de abril de 1938, como se pode ler na advertência. Para o efeito, utilizamos a versão em português, das diversas traduções que existem das mesmas conferências. Através de um exercício de aproximação e conciliação entre Literatura, Vida e a sua relação direta com a forma como os católicos percebem as mesmas, como pano de fundo comum das suas quatro comunicações, Du Bos apresenta a relação que se estabelece entre “A Literatura e a Alma”; “A Literatura e a Luz”; “A Literatura e a Beleza” e a “Literatura e o Verbo”.

³ O Colégio Fisher, ou Instituto Fisher, haveria de funcionar de 1892 a 1911, dedicado ao ensino primário, tendo sido encerrado após a Implantação da República Portuguesa. Hoje em dia, o edifício onde funcionou o dito Colégio é o Solar de São Joaquim, na rua de São Joaquim.

desenvolvimento de estudos em áreas tão distintas como a Etnografia, a História e as Artes Plásticas, ou, ainda, em disciplinas científicas bem mais próximas das desenvolvidas pelo patrono da Sociedade, Francisco Afonso Chaves, como a Zoologia, a Geologia, a Botânica e a Meteorologia, mas numa perspetiva regional. Deste ajuntamento de vontades e desta diversidade erudita haveria de nascer a revista *Açoreana*, lançada dois anos após a criação da Sociedade.

Pouco mais de dez anos volvidos, Côrtes-Rodrigues envolver-se-ia na criação do, também, ainda existente Instituto Cultural de Ponta Delgada, que

[...] nasceu no final do ano de 1943, pela vontade de um grupo de intelectuais das ilhas de São Miguel e Santa Maria, que, sob os auspícios das autoridades políticas e administrativas do então distrito de Ponta Delgada, se reuniram no Governo Civil – no dia 30 de Novembro de 1943 – e nomearam uma comissão para elaborar os estatutos, que foram aprovados pelo governador civil, por alvará de 4 de Dezembro de 1943

(Instituto Cultural de Ponta Delgada),

sendo que, pouco tempo depois, nomeadamente no dia 18 desse mesmo mês “*foi eleita a sua primeira direção, composta por Humberto de Bettencourt de Medeiros e Câmara (presidente), Rodrigo Rodrigues (tesoureiro), Francisco Carreiro da Costa (secretário), José Bruno Tavares Carreiro e Armando Côrtes-Rodrigues (vogais)*”, tendo sido, então, na companhia de muitos outros, um dos sócios fundadores. Deste Instituto, à semelhança do ocorrido com a Sociedade Afonso Chaves - Associação de Estudos Açoreanos, haveria de nascer uma nova revista, cujo primeiro número foi publicado um ano após a criação do Instituto: a *Ínsula*, e pela qual haveria de ser o responsável durante algum tempo (Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2012).

Porém, não poderíamos jamais afirmar que a sua ação criativa se tenha limitado à ilha de São Miguel ou à revista *Orpheu*, pela qual haveria de ser nacionalmente reconhecido, embora estejamos em crer que possa ter caído no esquecimento: foram escassas as reedições das suas obras – quando as houve –, raros foram os estudos realizados sobre a si e a sua produção literária, bem como parcas foram as mostras e exposições a si dedicadas, como qualquer outra forma pública de reconhecimento. Ainda assim, ao longo da longevidade da sua existência, Côrtes-Rodrigues haveria de colaborar num conjunto variado de jornais e revistas, como são os casos das revistas *A Águia*, *Exílio*; *Presença*, *Cadernos de Poesia*, *Portucalé*, *Ocidente*, e *Atlântico*, ou, ainda, dos jornais *A Folha*, *O Autónimo*, *o Folha de Angra*, *A Verdade*, e o *Actualidade*, ou, também, *A Mocidade*, no qual haveria de participar e do qual, durante alguns números, haveria de ser administrador, ou, ainda, no boletim

paroquial *A Crença*. Haveria de ser, ainda, o diretor delegado da revista *Açores*, em Angra, em 1922.

Ora, como se pode verificar, Armando Côrtes-Rodrigues terá uma vida plena em criatividade, profundamente vinculada à escrita e à literatura, aliando a estas um sentimento de pertença regional e de identidade, evidenciado no contributo que daria para o levantamento etnográfico de aspetos regionais de índole variada. Neste contexto, é importante ressaltar que há, em Côrtes-Rodrigues, a consciência de uma diferenciação entre um “nós açoriano” e um “outro”, daí que tenha sido um dos idealizadores daquilo que consideraria um “Pensamento Açoriano” e que desenvolveria esforços diversos de preservação do património e de identidade regionais. Nessa tentativa, nem sempre isolada, de salvaguardar e alavancar marcas regionais, no ano 1924 debate com Armando da Câmara Pereira, através de carta, o dito rascunho de um plano para esse dito “Pensamento Açoriano”.

Em 1953, Côrtes-Rodrigues ganharia o Prémio Antero de Quental com a obra *Horto Fechado*, prémio instituído pelo Secretariado da Propaganda Nacional em 1933 e para o qual concorreria o seu leal amigo Fernando Pessoa no longínquo ano de 1934. Organismo do Estado Novo, este instrumento de propaganda do governo e de informação mudaria de denominação ao longo das várias décadas que sucederam a sua criação. Em 1945, a sua designação seria alterada para Secretariado Nacional de Informação, denominação que perduraria até 1968, quando foi alterado, novamente, para Secretaria de Estado da Informação e Turismo. Côrtes-Rodrigues haveria de conseguir ser bem-sucedido na premiação neste concurso que apreciava poesia que contribuísse para a valorização da nação e incentivasse o sentido patriótico do leitor, ao passo que Pessoa, numa decisão talvez controversa, alcançaria, apenas, anos antes, a segunda categoria, numa edição cujo vencedor seria a obra *A Romaria*, de Vasco Reis, pseudónimo de Manuel Reis Ventura.

Acrescente-se que, em reconhecimento pelas suas competências no domínio do levantamento etnográfico, o Museu Carlos Machado nomeá-lo-ia Diretor de Coleção, sendo que a sua colaboração com esta instituição cultural havia principiado porém, já, anos antes, quando “[se] iniciou uma coleta de objectos etnográficos, primeiramente por Luís Bernardo Atháide e, mais tarde, por Alfredo Bensaúde” e pelo próprio “no sentido de se retratar e salvar as características açorianas” (Silva, 2013:151). Este apego aos temas regionais não se confinaria ao registo escrito, portanto, e tanto “[o] poeta Armando Côrtes-Rodrigues [como] o colecionador Luís Bernardo de Leite Atháide defendiam que se deveriam criar pontos comuns em todas as ilhas, para transformar os Açores e as suas gentes numa terra forte, próspera e progressista” (2013:151). De facto, o cuidado com a preservação de uma

certa identidade regional haveria de estar patente na sua poesia, na sua prosa, na sua dramaturgia, nas suas recolhas etnográficas e nas suas crónicas.

Após o seu regresso aos Açores, em 1915, nas palavras de Margarida Teves Oliveira, *“afastou-se dos Futuristas e acolheu o Integralismo Lusitano, sendo admirador de Sardinha, Pequito Rebelo, Hipólito Raposo e Manuel Múrias”*, e sendo evidente *“a sua preocupação com o reencontro e valorização das características mais verdadeiras que definiam a identidade da nossa Cultura”* (Museu, 1991:13). A então proclamada arte regionalista, que se afirmaria em vários domínios, haveria de tomar por inspiração temáticas populares características do ilhéu, contribuindo, pois, para a congregação de uma noção de coletividade com traços comuns.

Do ponto de vista político, a segunda metade do século XIX e o início do século XX ficaram marcados por alterações que alterariam o rumo político de Portugal e, também, das próprias regiões insulares. O Ultimato Inglês, o declínio do poderio monárquico em grande parte da Europa, provocado pela insatisfação das elites, e a implantação da República, bem como *“o regicídio, a instabilidade governativa, a atomização partidária, o crescimento a importância do Partido Republicano [...], vistos como sintomas bem evidentes da crise política nacional”* (1999:42) fomentariam, então, a formação de atitudes coletivas distintas, mas não alheias umas às outras: a criação de movimentos regionalistas, de tendências de autonomia, e de uma estratégia de reforço de uma unicidade nacional. Ora, se na segunda metade do século XIX

não pode ainda falar-se, com rigor, nessa fase, de uma escola regionalista firmemente estruturada a partir do critério etnocultural, o certo é que a noção “ressentida” da diferença vai sendo acompanhada e enriquecida pela assunção por parte de elementos da elite intelectual, de uma identidade açoriana firmada a partir da ideia de “insulamento” [...].

(Cordeiro, 1999:24)

Embora neste período, como se pode verificar em Cordeiro, ainda não seja visível um *“perseverante investimento por parte das elites intelectuais, no sentido da investigação ou da afirmação de aspectos etnográficos e valores culturais específicos da população açoriana”* (1999:24/25), situação que haveria de ser fortemente e publicamente criticada por Armando da Silva quando questiona: *“Porque não cantam os poetas açorianos as paisagens das suas terras encantadoras, o mar que bate e geme ao longo de todas essas abruptas costas?”* (1999:25), Côrtes-Rodrigues haveria de beber desse movimento regional de autonomia⁴ e de

⁴ A respeito de movimentos autonómicos, o Arquipélago dos Açores haveria de ver nascer o Movimento para a Autodeterminação do Povo Açoriano, em 1974, após a Revolução de Abril. Tendo fracassado este projeto, em Londres nasceria a FLA – Frente de Libertação dos Açores, no ano seguinte, com um intuito independentista, tendo chegado os

afirmação cultural e haveria de o evidenciar nos seus escritos e nas suas ações. Acrescentaria Armando da Silva, na reflexão “Poetas Açorianos – I”, que os escritores açorianos, à data, não seriam mais do que meros “*pasticheurs sem imaginação nem originalidade*”⁵ (1999:25). Pedro da Silveira⁶, insigne escritor florentino, explicaria, como tão bem anota Carlos Cordeiro, que

o despertativo que o autonomismo foi, para muitos açorianos, da consciência de serem os Açores uma unidade territorial que, por acúmulo de condições (geográficas, também históricas, de economia), não cabe no espaço português em termos de unitarismo, não podia deixar de bulir com a literatura, contagiando-a.

(1999:25)

Em 1896, Armando da Silva desdenhava a capacidade inovadora dos escritores açóricos; todavia, “[c]ada uma das componentes essenciais da ideologia nacionalista, o regionalismo e busca de definição e afirmação da identidade açoriana revelar-se-ão temáticas essenciais da vida política e cultural açoriana dos anos 20”^{7 8} (1999:37), manifestando-se em diversas áreas artísticas, posição a que não estará alheia a literatura e, ainda menos, Armando Côrtes-Rodrigues. Os membros da elite açoriana haveriam de estar em permanente buliço, nos finais do século XIX e início do século XX, conscientes, por um lado, da importância que o Arquipélago haveria tido na manutenção e defesa da soberania e independência nacionais e, por outro lado, cientes das particularidades do “povo açoriano”,

seus líderes, inclusive, a negociar apoios com o Governo dos Estados Unidos da América. Em setembro de 1975, seriam publicados os Princípios Programáticos da FLA. Os anos que se seguiram à supressão da ditadura haveriam de ser pródigos em exercícios de combate aos poderes centrais, tanto que em 1976 é criado o M.S.E – Movimento Separatista Estudantil, autodenominado como “*O motor do processo açoriano*”, que nasce “[c]omo resultado da ampla adesão da juventude açoriana ao ideal de se construir nos Açores um País livre, democrático e próspero”, após reunião clandestina a “13 de Maio de 1976”, com o intuito de “*unir, organizar e conduzir a juventude à luta pelos seus objetivos específicos e ligar a sua ação constante ao combate pela Libertação dos Açores*” (M.S.E, 1976:5)

⁵ Carlos Cordeiro cita o texto “Poetas Açorianos – I”, de Armando da Silva, publicado a 3 de maio de 1896, em Ponta Delgada, no *A Actualidade*.

⁶ Pedro da Silveira foi um escritor e crítico literário açoriano, nascido no extremo ocidental de Portugal, mais precisamente na freguesia da Fajã Grande, ilha das Flores. Para além das obras publicadas a título individual, e de diversas participações em revistas, como em *Seara Nova*, destacam-se as suas coletâneas dedicadas a autores açorianos, desde o século XVIII. No voto de pesar emitido pelo Partido Socialista, aquando do seu falecimento, em 2003, e aprovado por unanimidade, na cidade da Horta, na sessão plenária de 13 de maio de 2003 da Assembleia Legislativa Regional dos Açores, poderá ler-se que “[a] pesar do seu cosmopolitismo e abertura aos mundos e às correntes, na lírica de Pedro da Silveira, realista, concisa e anti-retórica, está bem presente a marca da sua condição de ilhéu, da sua mundividência insular e açórica, traduzida de modo exemplar no poema que dá precisamente pelo nome de Ilha: *Só isto:/ O céu fechado./ uma ganhoa pairando./ Mar. E um barco na distância:/ olhos de fome a adivinhar-lhe à proa/ Califórnia perdidas de abundância*” (http://base.alra.pt:82/Doc_Voto/VIIvoto1416.pdf).

⁷ A respeito do Regionalismo leia-se “Os Açores para os Açorianos. A manifesta necessidade da criação de um grande partido regional”, in *O Protesto*, Ponta Delgada, 1917, 31 de agosto.

⁸ A respeito, ainda, do Regionalismo, verifique-se a influência de José Maria Raposo do Amaral, fundador do Centro Monárquico de Ponta Delgada, no ano de 1915, e fundador, dois anos mais tarde, do Partido Regionalista, a quem, adiante neste trabalho nos referiremos. Falece em 1920. Para além de José Maria Raposo do Amaral foram vários os vultos açorianos que se destacaram na política, quer regional, quer nacional. A esse respeito aconselhamos a consulta de *Políticos açorianos: Nótulas biográficas (Vultos dos Açores)*, da autoria de Manuel Jacinto Andrade, Ponta Delgada, Jornal de Cultura, 1996.

ora em posições opostas, enquanto defensores da manutenção da monarquia, ora enquanto apologistas da república. Certo é que, em 1910, no *Correio Micaelense*⁹, como frisa Cordeiro, poderá ler-se que “«o povo açoriano», por outro lado, como legítimo depositário das qualidades ancestrais do povo português: «povo honrado que, como os leões, só sabe sacudir a juba e rugir de fúria quando a triste necessidade, a cega fome ou a injúria cruel o obrigam a tal»” (1919:64). Porém, apesar da sedimentação de uma autonomia regional e do aumento de poderes políticos regionais, “a questão da nacionalidade não estaria em causa, pois os traços identitários fundamentais como a Língua, as tradições, o património cultural eram comuns aos Açores e ao continente” (1999:64).

Deduzimos, portanto, que a conjuntura político-social, o contexto religioso e a literatura irão influenciar-se e imiscuir-se nos universos alheios. Repare-se, como salienta Cordeiro, citando Manuel Braga da Cruz¹⁰, que “o cariz conservador e preventivo do movimento social católico favoreceu inicialmente uma aproximação puramente tática da ‘democracia’ e um entendimento redutor e instrumental da democracia cristã”. Assim sendo, frisam os mesmos autores, que “a democracia seria mais um resultado do Evangelho do que uma conquista da revolução liberal”(1999:3). Deste modo, esta ideologia irá estar bastante vincada no Partido Regionalista, sendo que os seus membros serão alvo de profunda “pressão”, social e institucional. Esta pressão é exercida, pois, também, pelos meios de comunicação social de então, de que é exemplo evidente *O Autónómico*, jornal no qual, talvez não curiosamente, Armando Côrtes-Rodrigues haveria de ter as suas *mui* piedosas contribuições textuais sob o nome de Violante de Cysneiros, jornal que defenderia, reiteradamente, que “um partido só podia arrogar-se o direito de se reclamar defensor dos interesses açorianos se incluísse nos seus princípios fundadores a defesa «do princípio religioso em toda a sua pureza»”¹¹ (1999:93). A religiosidade profunda de Côrtes-Rodrigues haveria de se ver defendida e salvaguardada pelo jornal da sua terra natal e com o qual colaboraria sistematicamente, pois o “programa do Partido Regionalista não iria menosprezar tais expectativas dos católicos de *O Autónómico*”, chegando mesmo as suas pretensões e ideias a superar “mesmo o programa do Centro Católico Português de 1917, ao defender a religião católica como religião nacional” (1999:94).

⁹ Carlos Cordeiro cita o artigo presente na edição de 29 de dezembro de 1910 do jornal pontadelgadense *Correio Micaelense*.

¹⁰ Manuel Braga da Cruz é o autor de “*As Origens da Democracia Cristã*”.

¹¹ Cordeiro cita um texto de opinião publicado n’*O Autónómico*, a 19 de janeiro de 1918. A esse respeito, leia-se, pois, o texto de P. Cândido “*A Verdadeira Democracia*”, também publicado n’*O Autónómico*, a 30 de novembro de 1912.

Mais, conseguimos verificar, portanto, que “o regionalismo, como aliás o defendiam os integralistas¹², encerra uma finalidade profundamente nacionalista, pois ao valorizar as tradições, costumes e interesses próprios de cada região, enriquece, pela diversidade, a nação e contribui para a construção da verdadeira unidade nacional”, por oposição natural à noção de “cosmopolitismo, que se considera factor de esbatimento e de obliteração do sentimento nacional” (1999:99). Tais correntes, ideologias e movimentos poderão justificar as diferenças temáticas e estéticas da Violante que participaria no segundo número de *Orpheu* daquela Violante que participaria, por exemplo, em *O Autónimo*, já que é manifesta uma abordagem bastante mais tradicionalista e menos vanguardista. Tal movimento adquire maior fulgor, ainda, com “a instalação do Núcleo Micaelense de Propaganda Integralista de que foi responsável [o próprio] Armando Côrtes-Rodrigues”¹³ (1999:110), em São Miguel. Este, “[r]egressado aos Açores, após conclusão do curso, [...] escreve a António Sardinha¹⁴ afirmando a sua adesão «à causa nobre do Integralismo Lusitano» e envolve-se nos meios católicos açorianos mais conservadores”. Côrtes-Rodrigues, longe das hostes revolucionárias do continente, age, na sua ilha, em conformidade com a sua educação de infância, com o seu estatuto social e com os seus ideais, “oferece[ndo] os seus préstimos ao Integralismo Lusitano, considerado como o «novo credo de salvação e de glória” (1999:111), e de acordo com o contexto político-social, optando por uma determinada postura e preferência partidário—ideológica. Esta declaração de convergência provoca que “António Sardinha rejubil[e] com a adesão «dum dos mais estimáveis espíritos da geração nova»¹⁵ apreciado já no meio religioso de S. Miguel”. Todavia, a sua incursão pelo Modernismo Português e, possivelmente as suas publicações em *Orpheu*, não haveriam de ter passado despercebidas aos círculos eruditos da sociedade já que o próprio Sardinha, como aponta Cordeiro, “[n]ão havia que concordar com os modelos estéticos do jovem, explicáveis, aliás, pelas características da própria mocidade, com os seus «nervos» e «sede ardente de imprevisto»” (1999:111). Verificava-se, pois, a necessidade de justificar o “desvio” de Côrtes-Rodrigues pelo

¹² Cf. Integralismo Lusitano.

¹³ Carlos Cordeiro, embora desenvolva uma tese sobre política, não se escusa a referir a literatura e outras formas de arte no que concerne à sua pertinência para a criação de um movimento de cariz regionalista, nem deixa de mencionar Armando Côrtes-Rodrigues, apresentando, inclusive, uma breve biografia sua: “Recém-formado em Letras pela Universidade de Lisboa, amigo pessoal de Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro, Alfredo Guisado, Augusto de Santa-Rita, Almada Negreiros, entre outros vultos da intelectualidade portuguesa da geração do *Orpheu*; colaborador da saudosista *A Águia* (1913), fez parte do grupo directivo de *Orpheu* e foi fundador, com Augusto de Santa Rita, Pedro de Meneses (pseudónimo de Alfredo Guisado) e António Ferro da revista *Exílio* (1916)” (1999:110).

¹⁴ António Sardinha haveria de ser um dos principais impulsionadores do Integralismo Lusitano, sendo o autor dos moldes doutrinários que orientariam o movimento. Envolto em polémicas diversas, haveria de se exilar em Espanha, após o assassinato do presidente Sidónio Pais, regressando dois anos depois a Portugal.

¹⁵ Texto existente, de acordo com o levantamento do historiador Carlos Cordeiro, na edição de 3 de fevereiro de 1917 do jornal *O Autónimo*.

movimento literário insubmisso e revolucionário que representava o Modernismo para legitimar que este

fica[sse] responsável pelo Núcleo Micaelense de Propaganda Integralista, em nome do qual pede a compreensão dos jornais conservadores no sentido de abrirem as suas colunas a textos de propaganda integralista, pois o núcleo não possuía disponibilidades financeiras que lhe permitissem fundar e manter um jornal próprio.

(1999:111)

Dois outros jornais locais, também, o *Ecos do Norte*, jornal monárquico do concelho da Ribeira Grande, e o *A Actualidade* haveriam de abrir as suas portas e as suas páginas aos ideais defendidos pelos integralistas micaelenses, sendo que, neste período, a própria noção de Pátria será alvo de atenção e alteração, pois a “*Pátria não é só a terra de nascimento, mas o povo, os costumes, as leis, a tradição, a religião, a lenda, a heranças das glórias do passado*” (1999:112). Assim, “[m]ais do que o pensamento saudosista de tempos gloriosos do passado, o regresso à tradição inseria-se na doutrina integralista, numa perspectiva de fuga do «abismo» a que a decadência inevitavelmente conduziria a Pátria” (1999:113).

A intervenção de Côrtes-Rodrigues é ampla e reconhecida em diversos domínios e, em 1959, com edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada, Côrtes-Rodrigues é o convidado a redigir, por exemplo, o prólogo da obra *Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas*, traduzida por João Hickling Anglin, da autoria de Joseph e Henry Bullar. Não pretendemos, porém, balizar a produção escrita de Côrtes-Rodrigues, literária ou não literária, sob pena de a reduzirmos a um determinado período temporal ou artístico, mas não nos poderemos olvidar, como apontam Luiz Assis Brasil e Gabriela Silva que

não é segredo que a natureza da formação escolar, as influências pessoais, as escolhas estéticas, as leituras frequentadas, as condições psíquico-emocionais, as convicções políticas, filosóficas e religiosas e até as disposições fisiológicas são, inter alia, as largas fontes que resultam na criação artística e, por extensão, literárias, em suma: todos esses itens genéticos responsabilizam-se por uma obra específica ou pelo conjunto de uma obra, seja no plano temático seja, até, no plano dos procedimentos formais-estilísticos.

(Brasil e Silva, 2016:15)

Manuel Antunes, a respeito de Sá Carneiro, no artigo “A poesia modernista. De «Orpheu» a «Altitude»”, publicado na revista *Brotéria – Revista Contemporânea de Cultura*, também transcrito por Martins, afirma que “*a sua poesia é a sua própria vida a expressar-se*”. Acrescenta, ainda, que “*não podemos compreender uma sem a outra; antes, temos que*

explicar uma pela outra. Poesia-tradução [...]” (1994:36)¹⁶. Não será nosso intuito enviesadamente estudar os seus textos à luz da sua biografia, mas também não poderemos considerar biografia e produção literária como compartimentos estanques, impassíveis a qualquer possibilidade de permeabilidade ou contágio. Assim, e em jeito de exemplo, poderíamos apontar que em junho de 1917 é constituída a “Associação de São Francisco de Salles”, da qual Côrtes-Rodrigues é eleito Diretor. Na primeira reunião desta associação católica, que diz ter uma “ação social”, como testemunham as atas, estando a primeira datada de 31 de janeiro de 1917 e a última de 31 de março 1920, é determinado que se proceda à “organização de um círculo d’estudos” com o tema inicial “A Existência de Deus”, (Almeida, 2014:168/169). A sua vertente pedagógico-formativa e a sua índole religiosa acompanhá-lo-ão ao longo de toda a sua vida e estarão claramente presentes nos escritos que legaria para a posteridade.

Como diria Vamberto Freitas, no Prefácio a *A ilha em frente – Textos do cerco e da fuga*, “[n]ão somos nós que escolhemos os assuntos a tratar [...] mas são eles que irremediavelmente nos escolhem” (Freitas; 1999:9). Afirma Vamberto Freitas, crítico literário açoriano que tem vindo a dedicar páginas variadíssimas ao tema da Literatura Açoriana, em *A Ilha em frente* – e nem todas as ilhas açorianas vislumbram fisicamente a ilha em frente–, apenas o sentem e (agora) o reconhecem¹⁷ – que a “criatividade artística é a realização dessa potencialidade inovadora sem menosprezo pela tradição” (1999:22). Côrtes-Rodrigues será o retrato da fusão inovação-tradição, pela aplicação moderada do modernismo e pelo louvor à terra açoriana e à sua ancestralidade. Diz-nos, ainda, Freitas (1999:22) que “[e]ncontrar o equilíbrio entre tradição e inovação, realizar uma obra que, sendo diferente das obras do passado, nos fale do que fomos, do que somos, do que seremos – eis um caminho que alguns artistas açorianos já descobriram”. Não apresenta o crítico literário supracitado uma listagem destes autores inovadores que asseguram a memória passada, presente e futura, mas poderemos encaixar nesta definição o autor em estudo, já que Côrtes-Rodrigues registaria o passado e o contemporâneo, assegurando que, no futuro, ambos estivessem grafados nas páginas dos seus escritos.

¹⁶ Embora Martins indique que Manuel Antunes publicaria o artigo “A poesia modernista. De «Orpheu» a «Altitude»”, na edição “Setembro-Outubro”, constata-se que a edição do volume 31 de 1940, corresponde aos meses de agosto-setembro. (Antunes, Manuel, “A poesia modernista. De «Orpheu» a «Altitude» in *Brotéria – Revista Contemporânea de Cultura*, agosto-setembro, Vol. 31, 1940, 300-320.).

¹⁷ A ideia de identidade regional deverá ser entendida à luz da noção sociológica de identidade, pelo que associada à noção de identidade cultural em função da exclusividade inerente a um/a determinado povo/espço/região pelas suas características particulares.

O autor em estudo haveria de falecer a 14 de outubro de 1971. Curiosamente, volvidos quase 50 anos da sua morte, o sítio virtual da Funerária Ferreira, atendendo à importância concedida ao homem e ao escritor, mantém *online* uma descrição do funeral de Côrtes-Rodrigues. O seu funeral foi, também ele, um acontecimento social, não se reduzindo ao luto desenvolvido (e sentido) pelo círculo familiar ou de amizades e conhecimentos sociais e institucionais. O cortejo de carros que seguia, em marcha lenta, em direcção a Vila Franca do Campo, sua terra natal, saído de Ponta Delgada, era extenso e, à chegada, aguardavam pelo homem jazente, no adro da Igreja Matriz de São Miguel Arcanjo, por sinal também padroeiro da vila e da ilha, na sua ancestral terra natal, Vila Franca do Campo, representantes da edilidade, da presidência à vereação, colegas professores, alunos, admiradores, estando as bandeiras, nos Paços do Concelho, a meia haste.

1.1.1.1. Incursão pelo Modernismo português

Desde logo Armando Côrtes-Rodrigues consta da formação que impulsionaria o Modernismo em Portugal, influenciada, sobremaneira, também, pelas movimentações, não só literárias, mas artísticas, que ganhavam forma no continente europeu. O Modernismo não se cingiria, apenas, à manifestação literária. Haveria de se exteriorizar, também, ou primeiramente, através de outras expressões artísticas, nomeadamente as artes gráficas, como estratégia plurissignificativa de contestação ao período social, cultural e económico de final do século XIX e início do século XX, mediante a valorização da arte e o aproveitamento desta para fazer convir determinadas mensagens, já que os artistas não se manifestam alheios ao meio circundante.

O contexto finissecular e do início do século XX terá propiciado uma sublevação, como já referimos, também, literária. Em Portugal, um grupo reduzido de artistas, plásticos e literários, fundaria *Orpheu*, com a pretensão de romper com os cânones estabelecidos, de revolucionar o pensamento nacional e de provocar a criação de uma renovada visão do mundo e do *eu* coletivo. Tal ousadia provocará que sejam apelidados de inconformados, ou, em casos extremos, tidos como loucos, como indicam as publicações da época. Já Eduardo Lourenço afirma que “[e]sses jovens de «Orpheu» não se quiseram premeditadamente inquietantes e inquietadores. Foram-no e são-no ainda porque eles mesmo serviram uma inquietação a um tempo imemorial e histórica” (Lourenço, 1987:45), e o próprio Almada-Negreiros constata que “[n]ão tinha sido tão conscientemente que fizemos tais rivais” (Negreiros, 1992:60).

Os elementos da geração de Orpheu poderiam ter, no breve período que antecedeu a publicação do primeiro número da revista, ausência de consciência de grupo, já que cada um procurava encontrar a sua originalidade, como indivíduo-artista único e singular que era, ou falta de percepção de terem colocado em marcha uma rebelião, mas certo é que a crítica e grande parte da elite, maioritariamente pelas recensões depreciativas expressas, justificariam o sucesso desta revista e o fomento da ideia de cisão que pretendiam. Afirma Galhoz que era “*facto decisivo de que o Orpheu não era grupo*” e justifica revelando que lhe era “*indiferente toda a opinião política religiosa, literária, artística, filosófica, científica, desde o momento que se não a «pusesse»*” (Galhoz, 1984: LXI).

A primeira metade do século XX seria rica na produção coletiva de revistas marcantes, pelo que *Orpheu* também existe, e entendemo-la, como reação à produção revisteira contemporânea e como nutrimento e inspiração de outras revistas que lhe seguiriam. Poucos anos antes de *Orpheu*, outra revista, *A Águia*¹⁸, esteve em circulação. A sua tónica recairia, essencialmente, no saudosismo e estaria, plenamente, centrada nas glórias passadas da nação, como forma de impulso e reforço da autoestima comunitária, ou melhor, pátria, sendo que alguns pensadores portugueses, como Alexandre Herculano ou Oliveira Martins, mas dos quais destacamos Antero de Quental, haviam incidido profusamente na noção de declínio e atraso nacional. Antero, nas afamadas Conferências do Casino, em 1871, apresentou a comunicação *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos*, na qual procura apontar os motivos do estado de decrepitude de Portugal. Urgia, pois, fazer renascer o orgulho nacional e a consciência de uma grandiosidade coletiva que o tempo não consome.

Orpheu afastar-se-á dos preceitos de *A Águia* e sobreviverá até ao seu segundo número, dinamizada por Pessoa e Sá-Carneiro, mentores do projeto. A seu tempo, a revista órfica influenciará outras, como a *Seara Nova*¹⁹ ou a *Presença*²⁰, ambas assinaláveis, já que será considerável a herança cultural que *Orpheu* legou para a posteridade. *Orpheu* consistia em ser um experimento, não só literário, mas, também, social, “*uma aventura cultural desde o princípio seriamente realizada e o que pretendia é o que hoje se lê no seu texto: revitalizar a hipótese de uma literatura portuguesa, renovada e original, podendo existir fora dos trilhos duma moda sócio-burguesa e ultrapassando a inspiração tradicionalista e os cânones do vigorismo regional*” (1984: LXI).

¹⁸ *A Águia*: fundada por Álvaro Pinto, primeiro diretor e proprietário, em 1910, na cidade do Porto.

¹⁹ *Seara Nova*: fundada por Raul Proença, em 1921, na cidade de Lisboa.

²⁰ *Presença*: fundada por João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca, em 1927, na cidade de Coimbra.

À data deste movimento modernista nacional, no que diz respeito a eventos referentes especificamente à dinâmica portuguesa, Côrtes-Rodrigues, embora residente no Arquipélago dos Açores até partir para Lisboa, é contemporâneo dos efeitos do Ultimato Inglês, de 1890, ocorrido um ano antes do seu nascimento, pois esse conjunto de exigências imposto pelo governo britânico, ancestral aliado de Portugal, viria a causar consequências, como a queda do governo. O facto de Portugal ter cedido às exigências inglesas foi entendido, principalmente pelos republicanos, como uma humilhação nacional, originando grande descontentamento social, sendo que este acontecimento viria a dar origem a um dos evidentes símbolos nacionais, o hino “A Portuguesa”. Convive, à distância, com o regicídio, em 1908, ato que conduziria, em definitivo, à abolição da monarquia em Portugal já que D. Manuel, segundo na linha de sucessão, se manteria no trono até 1910, apenas. Convive, portanto, com a implantação da República nesse mesmo ano; com a proclamação da Constituição Política da República Portuguesa, em 1911, que, embora fosse já a quarta constituição portuguesa, seria a primeira constituição republicana nacional; com o assinalável mandato conturbado do 1º presidente da república, o açoriano Manuel de Arriaga, de 1911 a 1915, marcado por um período de forte instabilidade política e profunda contestação e imprevisíveis revoltas; com o golpe militar e início da ditadura em 1926; e com a eleição de Oliveira Salazar como chefe do Governo, em 1932, e tantos outros eventos marcantes.

Portugal, a Europa e grande parte do mundo, como provaria a I Grande Guerra, da qual Côrtes-Rodrigues é, também, contemporâneo, estão, durante este período, em mutação e em permanente agitação política, económica, social, tecnológica e cultural. As supra-apontadas variáveis não são autónomas e, embora possam ser compartimentadas, estabelecem profundas relações de influência e dependência, já que compõem o substrato de qualquer sociedade. Como tal, a própria literatura será, em parte, o reflexo do período histórico em que o autor se insere. O aparecimento de *Orpheu* será, assim, compreensível, bem como o seu conteúdo temático, a forma variada dos textos que expõe e a diversidade de autores que a compõem, pois a revista está repleta de contributos marginais, manifestamente ousados, rebeldes e diferenciados.

Côrtes-Rodrigues, em igual proporção ao que ofereceria à revista, nos seus textos, tanto em *Orpheu 1*, como em *Orpheu 2*, neste último assinando como Violante de Cysneiros, e ao movimento modernista, haveria de ser, também, embora com um cunho pessoal, moderadamente influenciado por textos, autores e ideais. Alvo, também ele, de ataques pessoais, pela natureza dos seus escritos e pela convivência com diversos elementos, autores e artistas, considerados alternativos, bandidos estéticos (se é que estética lhes reconheciam),

compartiria de princípios e convicções, alimentado pela juventude e pela sede de descoberta de quem é recém-chegado à capital do império.

Mas, se Daniel de Sá, outro autor açoriano, afirmaria que sair da ilha é a pior maneira de ficar nela, com a mesma impetuosidade com que Côrtes-Rodrigues parte para território continental com o intuito de frequentar o ensino superior, já que o arquipélago não dispunha de nenhum estabelecimento de ensino universitário, haveria este de regressar à sua ilha-mãe e nesta haveria de (re)encontrar um Portugal muito diferente do Portugal que conhecera enquanto vivera em Lisboa. Esse é, por distante e geograficamente isolado, insularizado, mais ritualista, mais conservador, um Portugal, inclusive, em que muitas mulheres ainda usavam, e haveriam de continuar a usar pelo menos até à década de 30, o afamado capote-e-capelo, que seria descrito, por exemplo, por Raúl Brandão e Leite de Vasconcelos na primeira metade do século XX. É possível que, no regresso ao arquipélago, buscasse recuperar as suas raízes, procurasse (re)descobrir o seu universo pessoal e as marcas características que deixara para trás anos antes e das quais se havia apartado, mas que exporia, também, em *Orpheu I*. Nos dois números da revista liderada por Pessoa, o vértice, como lhe chamaria Maria Aliete Galhoz, Côrtes-Rodrigues haveria de encetar uma viagem artística e espiritual, em simultâneo, de afastamento e aproximação à sua verdadeira e mais honesta forma de escrever.

1.1.1.2. Côrtes-Rodrigues e Pessoa: benquerenças e correspondência

O escritor açoriano, ao longo da sua vida, pela sua ascendência e pela sua intervenção social, profissional e cultural, haveria de travar conhecimento com figuras proeminentes da sociedade regional, como é o caso do pintor Domingos Rebelo, ou da sua segunda esposa, de quem se divorciaria, a marquesa Margarida Vitória Borges de Sousa Jácome Correia²¹, ou, ainda, de Natália Correia ou Vitorino Nemésio, com quem conviveria, e outras, também, da comunidade nacional e internacional, de que são exemplo o rol de conhecimentos e amizades estabelecidas com os restantes órficos ou com aquela que o trataria como “meu querido Poeta”, “Almirante” e “Almanzor”, a ancestral açoriana Cecília Meireles.

Côrtes-Rodrigues, professor, estudioso, intervém publicamente, na sua terra natal, com frequência, ora em saraus literários, ora em conferências, ora em encontros artísticos

²¹ A Marquesa de Jácome Correia, Margarida Vitória Borges de Sousa Jácome Correia, é autora de *Amores da cadela pura: confissões*, obra que causaria certa celeuma à data da sua publicação, pela irreverência do seu conteúdo.

multidisciplinares²². O vilafranquense de nascença, homem culto, cria e desenvolve, de forma natural, uma complexa rede de contactos de distintas áreas da sociedade e Fernando Pessoa faz parte dessa extensa e coesa lista. Todavia, este último é mais do que um nome apontado, mais do que um conhecido, mais do que um mero contacto. Pessoa é o amigo próximo que se preocupa e Côrtes-Rodrigues é aquele com quem Pessoa²³ desabafa e a quem genuinamente se expõe. Pessoa, enigmático, o autor que confessa “*Não sei quantas almas tenho*” e que admite que “[c]ontinua[m]e [s]e estranh[a]” expõe-se ao seu congénere insular. Se nos seus textos exibia que “[n]unca [s]e vi[u] nem ach[ou]./ De tanto ser. [...]” (Pessoa, 1985:94, Vol. I), revela a Côrtes-Rodrigues não só as suas fragilidades, mas também as suas mais profundas convicções e coloca em evidência, como faz a poucos, a sua complexidade intelectual. Aquele “*poeta*” que “[era] um fingidor” e que “[f]ing[ia] tão completamente/ Que chega[va] a fingir que é dor/ A dor que deveras sent[ia]” (1985:138, Vol. I) nutria carinho especial por Armando Côrtes-Rodrigues, uma afeição que não carecia de máscara.

Ao longo da sua vida, o escritor açoriano trocava correspondência com diversos vultos do panorama cultural regional, nacional e internacional, pelo que poderiam ser acrescentados à correspondência de Fernando Pessoa, intitulada *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues*, com introdução de Joel Serrão, os registos epistolares, já publicados²⁴, com Eduíno de Jesus²⁵ ou Cecília Meireles²⁶. Sujeitos às condições inerentes à época, um tempo a que era estranho a proximidade e a obsessão com o digital, na primeira metade do século XX a carta seria uma das estratégias mais eficientes e íntimas, embora que nem sempre célere ou segura, de estabelecer (ou permanecer em) convivência com o outro, afastado pelas imposições geográficas. A epístola representa, assim, a valorização do “eu” e do “outro”, bem

²² Um dos mais preciosos exemplos a ter em conta poderá ser o de um encontro ocorrido no *atelier* do artista plástico Canto da Maia, em 1917, e no qual participariam a esposa do escultor, Mathilde Biderbost Canto, Teotónio da Silveira, João Maria Berquó de Aguiar e os pintores Domingos Rebelo e Duarte Maia.

²³ O espólio epistolar legado por Fernando Pessoa à posteridade é rico em conteúdo e em destinatários. São várias já as publicações que atestam a sua correspondência com Armando Côrtes-Rodrigues, Sá Carneiro, Adolfo Casais Monteiro, Ofélia Queiroz, Santa-Rita, Rogelio Buendía, com alguns dos seus heterónimos, com os diretores da Presença, entre muitos outros.

²⁴ As obras editadas intitulam-se *Armando Côrtes-Rodrigues e Eduíno de Jesus – Correspondência*, prefaciada por Fernando Aires, e *A Lição do Poema – Cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues*, organizada e comentada por Celestino Sachet.

²⁵ Eduíno de Jesus (n. 1928), professor, escritor, ensaísta e crítico literário micalense, desenvolve uma meritória atividade de divulgação e promoção da cultura e dos escritores açorianos fora do Arquipélago, de entre os quais Armando Côrtes-Rodrigues, nomeadamente enquanto presidente da Casa dos Açores de Lisboa, de 2003 a 2009.

²⁶ Cecília Meireles (n. 1901, m. 1964), professora e escritora brasileira de ascendência açoriana por parte da avó materna, apresenta um fascínio repetido pela ilha que a avó abandonara e de que lhe havia contado múltiplas histórias. Cecília Meireles, após inúmeros planos, que são visíveis nas cartas que troca com Côrtes-Rodrigues, conseguirá visitar os Açores em 1951. Sugere-se a leitura de “A memória dos Açores na escrita de Cecília Meireles”, da autoria de Ana Maria Lisboa de Mello, in *LETRAS DE HOJE*, PUCRS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil (2012, p. 381-386), para uma melhor compreensão da influência arquipelágica açoriana na vivência e produção literária desta autora.

como do relacionamento instituído entre ambos, já que nesta se espriam partilhas da rotina diária mais banal ou reflexões existenciais profundas. Se, no caso da correspondência trocada entre Côrtes-Rodrigues e o já jovem promissor Eduíno de Jesus, nas palavras de António Manuel Oliveira, diretor do Museu Carlos Machado à data do ano de 2002, o *“espólio que engloba cerca de duas centenas de registos, representa, actualmente, uma das melhores fontes de investigação para a definição do perfil biográfico e literário de ambos os Escritores”* (Aires, 2002:7), no caso da correspondência que ocorreu entre o escritor açoriano e a sua congénere brasileira, esta representa *“um valioso contributo para o conhecimento da cumplicidade literária entre aqueles Poetas”* (2002:7). Também na correspondência estabelecida entre Pessoa e Côrtes-Rodrigues poderemos conhecer de forma mais aprofundada e íntima o universo pessoal, emocional e criativo de cada um. Serrão, a quem Côrtes-Rodrigues cederia as cartas que Pessoa lhe havia escrito, afirma que *“esses valiosos escritos [...] aí estão, iluminando aspectos complexos da personalidade de Pessoa [...]”*. Acreditava este que, à data da publicação da primeira edição, em 1944, essa correspondência pudesse contribuir para *“o estudo crítico da obra e da personalidade do grande poeta”* (Serrão, 1984:10). Escreveria Álvaro de Campos que *“Todas as cartas de amor são ridículas”*. Todavia, acrescenta que *“Só as criaturas que nunca escreveram/Cartas de amor/É que são/Ridículas”* (1985:152, Vol. IV). Nem todas as cartas do espólio cortesiano seriam de amor, mas, independentemente da sua natureza, estão imbuídas de emoções que escapam aos limites da folha manuscrita; são veículo de partilha e transmissão de ideias e ideais, sonhos e fragilidades, amarguras e ânsias, instrumento crucial de comunicação, elemento acentuador do exclusivismo do destinatário.

Na primeira metade do século XX, a carta desempenhava uma função social de elevado significado, mas representava, também, individualmente, a título pessoal, um exercício de recolhimento, de pausa, e, provavelmente, de resiliência e paciência. Escrever, para Côrtes-Rodrigues e para Pessoa, seria um ato de intimidade, uma técnica pessoal e expressiva de confessionismo e de reencontro. Pessoa queixa-se, frequentes vezes, da ausência do tempo indispensável para dar resposta ao seu destinatário, lamentando-se por não dispor de disponibilidade para a construção de uma missiva singular e sentimentalmente profunda, intensa. Aliás, em 14 de julho de 1915 Pessoa escreve a Côrtes-Rodrigues precisamente *“para lhe dizer que lhe não po[dia] escrever”*, o que reconhece ser um *“paradoxo”* (1984:109). A complexidade das cartas de Pessoa residem, precisamente e igualmente, no que é expresso e no que é omitido, ou melhor, o não-dito.

Pessoa reconhece nas suas missivas que necessita do seu tempo, do seu espaço, ou do “*sossego de espírito*”, que refere na carta de dezembro de 1914, para a criação de um momento de pausa que lhe permita a introspeção, a seleção do que deveria ser transmitido e, principalmente, a escolha minuciosa de cada vocábulo a utilizar. Na carta datada de 2 de setembro de 1914, Pessoa insiste em principiar uma futura carta no preciso momento em que inicia a presente, isto “*para que [esta] não tarde [...], começ[ando-a] hoje*” (1984:52). Tal não se concretizará com significativo sucesso, já que a próxima carta, datada de 4 de setembro, é reduzida em extensão e limitada em conteúdo. A maior parte do texto consiste em desculpar-se por “*escrev[er] tão pouco*”, atribuindo as responsabilidades a motivos profissionais. Em outubro de 1914, Pessoa apresenta, novamente, a incapacidade pessoal da sua carta ter a extensão que pretende: “*Mesmo esta carta vai rápida e mais breve – muito mais breve – do que eu desejaria*” (1984:58). Porém, motivos íntimos, também, e bem mais complexos, interferem com a periodicidade, extensão e conteúdo das cartas. A 19 de novembro de 1914, Pessoa reconhece: “*Creio que há duas malas que lhe não escrevo. Não lhe escrevo há uma, com certeza. Desculpe-me. Eu já não sou eu. Sou um fragmento de mim conservado num museu abandonado*” (1984:62/63), uma imagem poética denunciadora do estado emocional em que o poeta se encontrava. Paulatinamente, Pessoa confessar-se-ia desta forma e ele próprio reconhece que poucos o compreenderiam como Côrtes-Rodrigues: “*só a v. me dá jeito falar deles [os assuntos que provocam o seu desassossego espiritual]. Pertencem a uma região do meu psiquismo onde v., melhor do que qualquer outro amigo, entra e compreende*” (1984:66). Aliás, esta ideia é reforçada na carta de janeiro de 1915:

Eu ando há muito – desde que lhe prometi esta carta – com vontade de lhe falar intimamente e fraternalmente do meu «caso», da natureza da crise psíquica que há tempos venho atravessando. Apesar da minha reserva, eu sinto necessidade de falar nisto a alguém, e não pode ser senão a outro senão a você – isto porque só você, de entre todos quantos conheço, possui de mim uma noção precisamente ao nível da minha realidade espiritual.

(1984:69/70)

Pessoa, refere, ainda, ocasionalmente, como fez quando escreveu a Adolfo Casais Monteiro, desculpando-se que “*Não tenho tempo para reler esta carta. Naturalmente faltam palavras aqui e acolá*” (1984:79).

Nessa panóplia de cartas surge impresso aquilo que se concretizou e o que se almeja concretizar, o que se sente, o que se sentiu ou o que se julga sentir, o que se passa, o que se passou e o que se passará. Passado, presente e futuro fundem-se, assim, num único documento. Deste modo, a carta, embora ritualista, adquire um tom de intimidade, de familiaridade, já que transporta, no gesto e no conteúdo, emoções e afetos. Mais uma vez, o

tempo desempenha um papel pertinente, já que escrever implica dispor do seu tempo pessoal para o dedicar ao outro. O tempo de espera poderia ser, por vezes, angustiante. O desconhecimento da concretização da viagem do manuscrito também não contribuiria para a tranquilidade de emissor e recetor, daí que não sejam raras as vezes em que Pessoa pede a Côrtes-Rodrigues que lhe escreva. Na carta datada de 2 de setembro de 1914, a missiva em que Pessoa confessa que “*atravess[a] um período de crise na [sua] vida*” (1984:53), o primeiro parágrafo é dedicado inteiramente a Côrtes-Rodrigues e consiste em, não só agradecer o envio de um postal por parte deste último, mas a solicitar ao poeta açoriano que aumente a vastidão dos seus textos, dos quais Pessoa parece carecer: “*Aguardo a sua carta prometida. Escreva tão extensamente quanto lhe for possível*” (1984:52). Tal ocorre, também, na carta datada de 19 de novembro de 1914, na qual Pessoa suplica por uma resposta: “*Você também não me tem escrito. Pelo menos, desde a carta que v. me escreveu da cama, não recebi mais nenhuma. Por misericórdia, escreva-me; não se esqueça de me escrever. Estou no meio de uma desolação infinita*” (1984:63), ou, ainda, então como ocorre no desfecho da carta de 4 de maio de 1916, marcado pelo imperativo: “*E dê-me notícias suas. Não as tenho tido*” (1984:112).

Não será necessário, porém, cruzarmos fronteiras físicas para compreender a pertinência deste elemento textual, já que, como apontaria Feijó, autor que assinala Côrtes-Rodrigues como um dos mais importantes destinatários epistolares de Pessoa, as “*cartas [...] versam, por seu turno, não apenas questões criativas – a criação poética, original e crescente, dos heterónimos, e quais as suas implicações, por exemplo –, mas também pessoais*”, isto “*por Pessoa o considerar, após a morte de Mário de Sá Carneiro, em 1916, o único amigo com quem poderia falar de alguns dos episódios da sua turbulência interior e da real natureza da sua poesia*” (Feijó, 2015:4). A carta, efetivamente, aproxima e sensibiliza o remetente e o destinatário. Diz-nos Sousa, a título de exemplo e a respeito de Pessoa, que

não é de esquecer o profundo impacto que o contacto regular com destinatários próximos do imaginário cultural pessoano tiveram na sua actividade literária (e vice-versa). Foram cartas que propiciaram o contacto regular com amigos mais ou menos distantes (por exemplo Armando Cortes-Rodrigues ou Alfredo Guisado, aquando das suas estadias nos Açores e na Galiza, e sobretudo com Mário de Sá-Carneiro, no seu périplo parisiense, abrindo um importante caminho à influência cruzada das vozes e, como algumas cartas evidenciam, ao papel de Fernando Pessoa enquanto núcleo comumente).

(Sousa, 2015:136)

E será legítimo afirmar, portanto, que há uma mútua influência estabelecida e vivenciada entre Pessoa e Côrtes-Rodrigues. A estética modernista fez-se de experimentações em domínios variados e contaminou géneros, inclusive na correspondência trocada entre artistas; aliás, “[a] *sinceridade como questão poética, para Pessoa e para todo o Modernismo* [é]

questão fundadora, eis precisamente o que se encontra implicado e trabalhado pela prática epistolar dos modernistas". Tal não deixará de ser, todavia, um “paradoxo”, se bem que “essencial” – *que se pode enunciar como o de uma sinceridade artificiosa ou de um fingimento sem mentira*” (Martins, 1994:116-117). As cartas de Pessoa para Côrtes-Rodrigues, estética e sintaticamente exponents, não são atos isolados.

O teor e o intuito das cartas trocadas entre Pessoa e Côrtes-Rodrigues, embora não seja possível o acesso às cartas dirigidas por Armando Côrtes-Rodrigues a Pessoa por estas não constarem do espólio pessoano - o que provoca um certo vazio na análise e na interpretação da correspondência, já que esta não é unidirecional -, bem como a intimidade nestas presentes, dotam-nas de unicidade. Mais, nas cartas de Pessoa a Côrtes-Rodrigues, este último um quase seu confessor, verifica-se uma atitude recorrente e assumida por parte do primeiro, a “*pose é constante, pois todas dizem «eu sou um homem de génio»*” (1994:142). É evidente o encanto que Côrtes-Rodrigues terá sobre Pessoa, que lhe reconhece qualidades literárias assinaláveis, mas também é notório o fascínio que Pessoa terá exercido sobre Côrtes-Rodrigues e não foram raras as vezes em que o autor açoriano refere o tempo vivido na capital portuguesa como tendo sido generoso em experiências culturais e humanas. Décadas depois da experiência órfica, um verdadeiro desafio à sua integridade física e literária, o autor açoriano afirmaria, a respeito de Pessoa que, de todos os contactos que criou e desenvolveu aquando da sua estadia por terras continentais,

nunca conhec[eu] ninguém de tão vasta cultura e de tão penetrante inteligência que fosse mais simples, mais acolhedor, mais delicado, mais correto e menos dogmático do que ele, que bem poderia servir de exemplo a certos partidarismos literários. Magro, extremamente reservado, o poeta possuía uma magnífica memória, que lhe permitia recitar poetas franceses e ingleses e invariavelmente aquele poema de Camilo Pessanha que começa: “Chorai arcadas/ de violoncelo/convulsionadas...”. Abancávamos na “Brasileira” do Chiado ou do Rossio durante o dia, com um grupo de amigos, que já pressentia o génio desse homem que tinha, no seu ar de mistério, qualquer coisa de iluminado, com olhos penetrantes que olhavam, para além dos óculos, o enigma das almas e do mundo.

(Côrtes-Rodrigues, 1953)

Côrtes-Rodrigues tecerá, sempre, rasgados elogios àquele que considera como um “iluminado” capaz de perscrutar o mais complexo mistério da existência: “*o enigma das almas e do mundo*”.

Pertinente será apontar e analisar as diversas fórmulas de abertura e de encerramento com que Pessoa inicia e termina as suas cartas dirigidas ao distante amigo açoriano. É notória a familiaridade no tratamento “*Meu caro amigo:*”²⁷; ou “*Irmão em Além!*” e “*Irmão em*

²⁷ Carta 1 (Serrão, 1984:51).

pseudo”²⁸; ou “*Meu querido Amigo:*”²⁹; ou “*Meu caro Côrtes-Rodrigues:*” e “*Meu caro:*”³⁰; ou “*Meu querido Côrtes-Rodrigues:*”³¹, fórmulas que escapam aos campos dos *clichés*, reveladoras da camaradagem entre ambos, pela própria poesia que encerram, como é mais observável em “*Irmão em Além!*”, um possível “além” geográfico ou um eventual “além” transcendental, ou em “*Irmão em pseudo*”, irmanados que estavam pelas letras, pelos ideais, pela amizade, pelo respeito, pela admiração mútua; em tudo menos pelo sangue. O encerramento inerente a cada despedida epistolar testemunha, similarmente, que a ligação entre ambos não é meramente formal ou de cortesia. Desde a primeira carta que Pessoa se manifesta ao serviço de Côrtes-Rodrigues e disponível para este, já que assina “*Disponha sempre do seu muito dedicado Fernando Pessoa*” (1984:51). Se a primeira carta, datada de março, revela essa proximidade e entrega, a missiva de setembro estende-a a outro elemento da família insular: “*Dê os meus cumprimentos ao seu Pai [...]*” e reforça o vínculo entre ambos já que escreve Pessoa, num discurso bafejado por diversas marcas de intensidade, visíveis, essencialmente, no advérbio de modo e, identicamente, no advérbio de tempo e no determinante possessivo “[...] e sinta-se apertadamente abraçado pelo sempre e muito seu Fernando Pessôa” (1984:56), fórmula de despedida esta muito similar à que ocorre na carta de 4 de outubro de 1914, ou à de 19 de novembro, ou, ainda, à de 4 de dezembro e em tantas outras que se lhes seguiram. Poderíamos apontar um outro exemplo dessa eloquência intimista no uso do superlativo absoluto sintético, invulgar já que tem a sua origem num nome comum, na carta de 19 de março de 1915: “*Um abracíssimo do Fernando Pessôa*” (1984:105).

Existem questões práticas que os unem, questões que não se confiam a estranhos ou a quem se duvide das capacidades e de confiança recíproca. É Pessoa quem dactilografa a tese de final de curso de Côrtes-Rodrigues, como assume na carta datada de 28 de junho de 1914, e é a Côrtes-Rodrigues que Pessoa recorre quando as suas finanças pessoais tornam quase insuportável e inexequível a sua existência diária, como é reveladora a carta de 23 de junho de 1915:

Meu caro Côrtes-Rodrigues:

É uma circunstância violenta e aflitiva. V. pode emprestar-me cinco mil réis até ao dia 1 do mês que vem [...]? É aflitivíssimo o caso, creia.

Se v. me pudesse fazer isto! Valia-me numa conjuntura em que não tenho ninguém para quem me vire. [...] Se v. puder, não deixe de me fazer isto!

²⁸ Carta 2 (1984:51) e carta 16 (1984:108).

²⁹ Carta 3 (1984:52); carta 5 (1984:56); carta 6 (1984:62); carta 9 (1984:69); carta 10 (1984:96); carta 11 (1984: 98); carta 12 (1984:103) e carta 14 (1984:105).

³⁰ Carta 7 (1984:66); carta 8 (1984:67); carta 13 (1984:104), carta 15 (1984:107), cartas 17 e 18 (1984:109); carta 19 (1984:110); carta 20 (1984:110) e carta 21 (1984:111).

³¹ Carta 22 (1984:111); carta 23 (1984:113) e carta 24 (1984:117).

(1984:107),

ou a carta de 19 de novembro de 1914, data em que, apesar de não lhe ter, ainda, devolvido o valor previamente disponibilizado, Pessoa solicita o empréstimo de mais “*vinte mil réis*” (1984:64)

As cartas são espaços de partilha íntima e não são raras as vezes em que Pessoa pede segredo ou confidencialidade a este amigo a quem confia revelações artísticas e psicológicas, onde expõe descomprometidamente os seus sentimentos, as suas dúvidas existenciais, os seus sentimentos, o seu ser e o seu não-ser sendo. Quando na carta 4 de setembro de 1916, na qual o remetente revela que ambos estão irmanados em “*desterro*”, mesmo que esse desterro se componha de particularidades íntimas de e para cada um dos autores, umas físicas³², marcadas pelos limites opressivos da insularidade, outras emocionais, marcadas por “*uma muralha de tédio com cacos de raiva [...]*” mas cuja escassez de tempo não permitia que Pessoa explicasse o motivo pelo qual assinala “*porque gradações de mim-e-as-cousas se me infiltrou este mal de viver*” (1984:113/114), Pessoa revela, a respeito de *Orpheu 3*, que contará com a participação de Camilo Pessanha e roga que Côrtes-Rodrigues “*não cite isto a ninguém*” (1984:115). Já antes, quando lhe escreve a prometida “*extensa carta*” e na qual lhe expõe “*tudo*”, em janeiro de 1915, Pessoa deixa a indicação: “*Tudo isto, escuso dizer-lhe, é segredo... De resto, a quem o poderia você contar?...*” (1984:78). Mais, nessa mesma carta, confia-lhe alguns textos originais, para os quais, mais uma vez, pede discrição: “*Mando-lhe alguns versos meus... Leia-os e guarde-os para si... A seu Pai, se quiser, pode lê-los, mas não espalhe porque são inéditos*” (1984:78).

A correspondência entre ambos garantiu a permanência dos vínculos que se haviam estabelecido, rapidamente, pelas ruas e cafés de Lisboa e dela poder-se-á retirar evidências de uma comunhão ancestral que ultrapassa o próprio homem e o próprio tempo. Pessoa e Côrtes-Rodrigues assumiam-se, metaforicamente, irmanados.

³² Já se encontrava Armando Côrtes-Rodrigues de regresso ao Arquipélago.

2. Desenvolvimento

2.1. Armando Côrtes-Rodrigues e Violante de Cysneiros: *Orpheu 1* e *Orpheu 2*

Embora a participação de Côrtes-Rodrigues em *Orpheu 1* e *Orpheu 2* se mantenha, verifica-se uma mutação no nome próprio utilizado, já que a máscara se instala mediante a criação de Violante de Cysneiros. Se a conjectura social se apresentava complexa, já que o próprio Côrtes-Rodrigues afirmaria em diversas entrevistas ao longo da vida que teria vivido em território continental entre ameaças e atentados, a conjectura cultural não seria menos convulsa, como revela Martins ao afiançar que “[o] *silenciamento de Cesário ou de Pessoa, a unanimidade do protesto contra Orpheu e a marginalização de Pessoa são marcas históricas de uma situação penosa de embate dos gestos de novidade contra o provincianismo ambiente*” (Martins, 1994:15).

Assaz influenciado pelos colegas modernistas e pelo movimento emocional que o circunda, incapaz de resistir a convites e ao apelo do persistente e devotado amigo Pessoa, as participações que cede para *Orpheu 1* e *Orpheu 2* não são antagónicas, não obstante a divergência da assinatura. Não serão, porém os textos de Côrtes-Rodrigues e de Violante aqueles que mais celeuma provocam, precisamente pelo seu teor moderado, pois “*os motivos de toda a reacção [pública] são os poemas de Sá de Carneiro*”, secundados pelos de Álvaro de Campos (Martins, 1994:19). Atente-se que conceituados periódicos de então, como *A Luta*, tecem ferozes críticas e projetam ataques ferrenhos a *Orpheu* e a todos os de *Orpheu*. Em *A Luta*, que solicitou o parecer de dois psiquiatras, revela-se que, na opinião destes conceituados profissionais, “[s]ão *meninos sem talento que querem chamar sobre si as atenções do público vomitando asneiras*”, sendo que Júlio de Matos exacerba o tom indicando que “[o]s *senhores fazem mal em ligar-lhes importância, em fazer-lhes reclame. [...] Portanto não são doidos. É escusado ter dó. Podemos rir-nos deles...*” (2015:92). Não imune, porém, a pressões externas que o poderiam afetar diretamente, o jovem Côrtes-Rodrigues pretendia concluir o seu curso superior em breve e era “*conhecida [publicamente] a reacção de estupor da imprensa e da intelligentzia em geral – com relevo para Júlio Dantas*”, cuja “*forma de reacção [seria] o escárnio soez e revisteiro, ou a mais elaborada paródia*”, de que é exemplo o “*folheto avulso*” “*Orpheu – Afinal a Lira*” (1994:19), como aponta Martins³³. Ora, uma vez que o

³³ Fernando Cabral Martins socorre-se do preconizado por Maria Aliete Galhoz, na Introdução à reedição do *Orpheu 2*, Lisboa, Ática, (1976: VII-XX) e por Nuno Júdice, em *A Era do «Orpheu»*, Lisboa, Teorema (1986:59-132).

movimento e a revista recolhiam pouca simpatia junto das classes intelectuais dominantes, incluindo junto dos seus professores, o mascaramento do autor revelar-se-ia uma imposição necessária e premente. Não estando disposto a desaproveitar a colaboração de Côrtes-Rodrigues, Pessoa, o hábil mestre do fingimento literário, assume o controlo da (antecipada) situação e oferece ao autor açoriano a possibilidade de envergar um quase pleno manto de invisibilidade mediante a simulação da existência de uma autora feminina. É reconhecido, porém, que a mistificação se converteu numa estratégia estético-literária intrínseca aos de *Orpheu 2* e já Biagio d'Angelo explicaria que “*a máscara, elemento também mitológico por excelência, revela, uma e outra vez, seu paradoxo: ela é a testemunha especial da falência da História, isto é, testemunha de uma impossibilidade a dizer e a narrar que se consolida no espaço do discurso literário. Esconde, mas revela, ao mesmo tempo*” (D'Angelo, 2008:245).

A introdução e existência de uma figura feminil, num meio controlado por personalidades masculinas, seria um fator acrescido de originalidade, de surpresa e, possivelmente, de escândalo. Colocada a máscara neste baile literário, que se manifestava à melodia de novas convenções, Côrtes-Rodrigues estaria a salvo de ameaças e retaliações, pessoais ou académicas, embora “*não houve[sse], da parte do público, qualquer dúvida quanto aos textos e figuras marcantes e capazes de provocar agitação*” (1994:19).

2.2. Violante de Cysneiros: heterónimo ou pseudónimo?

A criação de Violante de Cysneiros reforçará a ligação entre Fernando Pessoa e Côrtes-Rodrigues, vínculo que Alfredo Margarido assume fundamentar ou “*remete[r] para a relação de intimidade confessional que, através das cartas, sabemos existir entre o poeta nascido no Largo do Carmo, carente de afeto e atenção maternas, e o poeta açoriano, alma pura e humana a quem sentiu poder confiar-se*” (Barros, 2014:51). Pessoa executa um processo de experimentação de personagens e personalidades pela invenção dos seus heterónimos que cria desde a infância e que assumem, ideologicamente e esteticamente, posições e características específicas e claras, ao contrário do que ocorre com grande parte dos textos literários ortónimos produzidos, bem mais moderados, o que não impede, por exemplo, a existência de poemas profundamente marcados pela ironia, por uma antónima mensagem que encerra necessidade de descodificação, como é o caso do texto poético “Liberdade”. Estas personalidades fictícias ocupam-no, e ocupam o seu tempo. São detentoras de biografia e Pessoa cria, inclusive, para alguns destes heterónimos, o seu mapa astral, tal era a importância que lhes reconhecia e a devoção que lhes dedicava. Comunicavam-se,

escreviam-se. Assiste-se ao desdobramento do "eu", pela multiplicação de identidades. O popularizado verso “*O poeta é um fingidor*” revela bem a sinceridade do fingimento, um dos principais marcos da sua criação literária. Barros, citando Alfredo Margarido, que considera um exegeta, aponta que

[p]ortanto, [...] Côrtes-Rodrigues é alheio a todo o processo de construção dramático de Violante de Cysneiros, o nome é-lhe apresentado e ele aceita o pseudónimo, nunca o processo de despersonalização, que não corresponde à sua personalidade, mas somente à de Pessoa que, assim, realiza a identificação total, incluindo os elementos psíquicos, que uma relação tão íntima como era a dos dois poetas “impõe”.

(Barros, 2014: 51)

Violante nasce por necessidade, cria-se. Seja necessidade criativa, seja necessidade prática. Afirmaria o próprio que um professor seu não aprovaria as suas contribuições para a revista, precisamente por não aprovar *Orpheu*. São inúmeros os artistas que utilizaram esse artifício criativo, em diversos domínios da arte. Bastaria que, em Portugal, nomeássemos António Gedeão ou António Variações como representantes daqueles que criariam pseudónimos, alter egos ou nomes artísticos. Já em 1970, numa entrevista ao *Diário dos Açores*, Côrtes-Rodrigues, como anos antes, em 1953, melhor explicaria no *O Primeiro de Janeiro*, assumiria que

O professor Adolfo Coelho era meu companheiro de comboio a caminho de Lisboa. De tal maneira o via eu depreciar aquela arrancada de juventude que nunca ousei avançar contra tal incompreensão. Via o meu companheiro de todos os dias, sentado na cátedra, cheio de prestígio como mestre que me ia examinar.

(Côrtes-Rodrigues, 1970:2)

Não se verifica, na criação de Violante, uma atitude de desdobramento emocional, psicológico, ideológico ou estético. Tampouco se verifica o reaproveitamento adulterado, em movimento original de desprendimento, de um determinado elemento textual previamente apresentado, em contribuição para uma original interpretação. Verifica-se, sim, uma atitude perene de conservação ininterrupta, uma postura textual de continuidade, pelo reforço conceptual de perspectivas, embora assinadas por um nome alternativo, que não revela plasticidade que fomente distanciamento relativamente ao eu-criador, assumindo, portanto, uma posição sólida de perpetuidade. Zenith, no Arquivo Virtual da Geração de Orpheu, afirma que “[...] a empresa heteronímica, tal como se manifesta na obra poética do autor [Pessoa], já equivalia à total negação do eu como sujeito coeso e estável — atitude de máximo radicalismo dentro do Modernismo português e europeu”³⁴.

³⁴ Zenith, Arquivo Virtual da Geração de Orpheu.

A afirmação anterior negará, por inerência, a possibilidade de que Violante possa assumir o papel de heterónimo de Côrtes-Rodrigues, em virtude da concêntrica coesão temática e quase unidade formal, dos textos assinados ora por um, ora por outro. Apesar de verificarmos, por parte de ambos, a existência de textos cunhados em poesia e prosa, é possível apurar a presença de um poderoso sentido rítmico e estético-discursivo nos textos prosaicos, textos estes repletos de recursos estilísticos próximos à linguagem poética, como figuras de pensamento, nos quais são recorrentes o uso da metáfora, da comparação ou da sinestesia, ou o uso assíduo da ironia, da hipérbole ou do eufemismo e, até, muito especialmente, da personificação. Assim, não há antagonismo, desdobramento ou afastamento formal e temático profundo entre ambos e os textos de cada um, embora contemplem géneros e modos distintos. A essas semelhanças assaz evidentes poderíamos adicionar o uso de figuras de construção, de que seria expoente máximo a anáfora, compondo textos densos e de evidente musicalidade.

Tanto Rui Sousa como António Feijó referem a construção do processo heteronímico como “*um drama em gente, em vez de em atos*” (Feijó, 2015:20), no caso de Pessoa, muito em parte pela “*entreação intelectual das personalidades, assim como com as suas próprias relações pessoais*”, que se verifica principalmente em Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro, convenientemente fundamentadas por “*biografias*”, quando possível devidamente “*acompanhadas [...] de horóscopos e, talvez, de fotografias*” (2015:20).

Todos estes elementos escasseiam na edificação e composição de Violante. Ora, defende Feijó, ainda, que a “*obra pseudónima é do autor em sua pessoa, salvo no nome que assina; a heterónima é do autor fora da sua pessoa, é de uma individualidade completa fabricada por ele, como seriam os dizeres de qualquer personagem de qualquer drama seu*” (2015:19). Se consideramos que alguns dos personagens de Côrtes-Rodrigues nascem e se revelam assaz próximos da sua própria postura moral, revelando, vários deles, características doutrinárias, éticas, sociais e ideológicas e estético-formais que sobremaneira os harmonizam, permitimo-nos afirmar que esta proximidade também ocorre com Violante. Pessoa, na célebre carta a Adolfo Casais Monteiro, revelaria que “*a origem mental dos [s]eus heterónimos está na [sua] tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação*”, acrescentando que esses ditos “*fenómenos*” [...] *mentalizaram-se em [si]*”. Pessoa diria, ainda, sobre estas presenças internamente eclodidas que “*não se manifestam na minha vida prática, exterior, e de contacto com outros; fazem explosão para dentro e vivo-os a sós comigo*” (2015:41). Bem sabemos que tal não corresponde forçosamente à verdade factual, não necessariamente a verdade emocional ou experienciada, pois a existência de cartas várias

que os heterónimos escreveriam e trocariam com destinatários variados e os cartões de visita, por exemplo, que Pessoa criaria para estes, atestam o oposto. O próprio Pessoa assumirá, precisamente a Côrtes-Rodrigues, que “[q]uer disciplinar a [sua] vida (e, conseqüentemente, a [sua] obra) como a um estado anárquico, anárquico pelo próprio excesso de «forças vivas» em acção, conflito e evolução interconexa e divergente (1984:54)³⁵. Pertinente será afirmar, também, que a consciência do trânsito heteronómico terá sido paulatina, embora Pessoa estivesse ciente da sua autenticidade e pertinência afitiva, pelo menos a título individual. Na carta a Côrtes-Rodrigues, o magistral criador de um universo amplo de gente, sentidos e significados escreve: “*Mantenho, é claro, o meu propósito de lançar pseudonimamente a obra Caetano-Reis-Campos*” (1984:75), e, embora a encare como pseudónima³⁶, já reconhece que esta é uma literatura que [...] *considera sincera, porque é sentida, e que constitui uma corrente com influência possível, benéfica, incontestavelmente nas almas dos outros*” (1984:75)³⁷.

Em Côrtes-Rodrigues constata-se uma simplificação deste processo ao ponto de o nulificar, mas nunca ao ponto de o empobrecer. Se existia, no primórdio da sua criação, a intenção de converter Violante em um heterónimo, autónomo, singular, como os gerados e alimentados por Pessoa, mesmo que detentores de uma existência efémera, acabaria lograda a tentativa. Não acreditamos que este tenha sido, sequer, um objetivo inicial. Martins e Zenith não equacionam, sequer, a possibilidade de Violante ser um “heterónimo” ou um “outro” tipo de “autor fictício” cuja criação, e suposta evolução, tenha dependido de Pessoa, pois não a introduzem na sua “Tábua de heterónimos” (Martins e Zenith, 2012:39), o que exclui, à partida, o ponto de vista de Alfredo Margarido. Também Isabel Pascoal Monteiro, Jaime Salazar Sampaio e Maria Laura Areias, em *Fernando Pessoa – Quem era(m)?*, ao longo da construção da sua tabela referente à situação biográfica e histórico-cultural de Pessoa, não fazem qualquer menção a Violante, já que estes apontam os heterónimos de Pessoa que consideram mais completos e relevantes. Klobucka³⁸, pela utilização do advérbio “nunca”, em

³⁵ Carta de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, datada de 2 de setembro de 1914: Carta 3.

³⁶ A carta a Adolfo Casais Monteiro, na qual Pessoa relata a génese dos heterónimos, é datada de 13 de janeiro de 1935.

³⁷ Carta de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, datada de 19 de janeiro de 1915: Carta 9.

³⁸ Citando Klobucka “A propósito do estatuto de Violante de Cysneiros – pseudónimo ou heterónimo?” pronunciaram-se, anteriormente, Eduíno de Jesus, autor da “Notícia Crítica e Biográfica” sobre o poeta (*in Antologia de Poemas de Armando Côrtes-Rodrigues*, Coimbra, Coimbra Ed. 1956, p. 39), e Alfredo Margarido no artigo “Os Heterónimos de Pessoa (2) e Violante de Cysneiros” (*Diário Popular*, 22 de Abril de 1985, p. 17). Por diferentes que fossem as respetivas abordagens ao assunto, ambos os autores se revelam curiosamente solidários na intenção de alargar a distância entre a personalidade empírica do poeta açoriano e o disfarce feminino por ele adotado. Eduíno de Jesus [...] declara ex-cathedra “*Na verdade Violante de Cysneiros é menos um heterónimo do que um pseudónimo*”; enquanto Alfredo Margarido opta por remeter a inteira responsabilidade pela criação da “poetisa” a Fernando Pessoa, a quem

“A mulher que nunca foi”, também lhe nega a possibilidade de uma existência mais plena e soberana. Talvez num movimento antagónico, se manifeste Teresa Rita Lopes, no prefácio a *Armando Côrtes-Rodrigues, Vida e Obra do Poeta Açoriano de Orpheu*, versão revista da tese de doutoramento de Anabela Almeida, quando assenta que “*não [lhe] repugna atribuir-lhe esse estatuto*”, indicando que os resultados apresentados por Almeida “*ajuda[m] a demonstrar como até na criação desse seu desdobramento heteronímico o poeta açoriano trilhou o seu próprio caminho*” (Almeida, 2019:20).

Compreendendo que a “*despersonalização é uma marca definidora das expressões plenamente realizadas de heteronímia*”, mas que “*não é, todavia, uma condição suficiente*” (Pizarro, 2012:42) e reconhecendo que a “*heteronímia [também pode ser entendida] menos como um jogo de subjectividades e mais como experiência e operação artística no quadro das poéticas existentes*”, na óptica de uma “*tendência formalista das Vanguardas*” (2012:13), poderemos indicar que Violante verá o seu papel reduzido ao de ser um ensaio estético de pseudonímia, se é que alguma vez, no tempo, se almejaria algo que não a criação de um outro nome.

O ato artístico concretizado de criação de pseudónimos não é alheio a Côrtes-Rodrigues já que se conta cerca de uma dezena de nomes fictícios por si gerados e que surgem em diversos jornais, de que são exemplo Rusticus, Simão de Vilanova, em várias rubricas, mas da qual destacamos “Migalhas”, X, A ou Severo Verdades, na rubrica “Da nossa Estante”, na década de 20 do século XX, no jornal *A Actualidade*. Alguns destes também assinariam determinadas colunas e artigos isolados para *A Crença*, como é o caso de A, X ou Rusticus, ainda na década anterior, nomeadamente em rubricas como “Lyra Christã”, “Conversando”; “Serões d’Aldeia”; “Um amigo na Terra”; ou “Evangelho”. Em *A Crença*, verificar-se-ia, ainda, a existência de um outro pseudónimo seu, pois o autor assina como R. Já na década de 40, num outro jornal açoriano, ainda em circulação, o *Correio dos Açores*, de cuja redação será elemento integrante a partir de novembro de 1932, assinaria como Ninguém a rubrica “Notas da Semana”, listagem elencada e, também, validada por Barros, na sua tese *As constantes de Orpheu na obra de Côrtes-Rodrigues*, resultado da apurada análise do espólio do autor e de inúmeros e registados contactos pessoais com instituições, artistas e familiares que lhe eram próximos. Aliás, já em 1991, Margarida Teves Oliveira, na nota justificativa da exposição encetada e dinamizada pelo Museu Carlos Machado, pela Biblioteca e Arquivo Regional de Ponta Delgada e pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada, salienta que

atribui o propósito de uma “*recuperação antropofágica de Armando Côrtes-Rodrigues, que, de certa maneira, integra o elenco de heterónimos pessoais*”.

[s]e em toda a obra de Armando Côrtes-Rodrigues o pseudónimo de Violante de Cysneiros é sobejamente conhecido, ligado principalmente às produções literárias da fase de Lisboa, o mesmo não acontece com os nomes de Simão de Vilanova, Severo Verdades, P. J. Tissot, entre outros, ou ainda com as siglas A. ou X..

(1991:17)

Deste modo, se Violante surge, apenas, em 1915, num contexto cultural e criativo totalmente distinto do meio insular, a natureza do processo que à sua criação conduz é já familiar ao autor, pois, anteriormente, em 1910, quando tinha ainda a jovem idade de 19 anos, Armando Côrtes-Rodrigues experienciaria a geração do criptónimo X, que assinaria a rubrica “Carta a um político”, no jornal *San Miguel*, um jornal pontadelgadense com forte perfil religioso e do qual seria pertinaz colaborador e fiel consumidor, e, em 1912, seria o responsável pela concepção de Cesário Negro e Fradique³⁹, que assinariam a rubrica “Notas Sobre o Joelho”, no jornal *O Autónimo*, periódico vilafranquense com características temáticas bastante similares ao anteriormente mencionado.

Os textos concretizados através deste processo de camuflagem artística, procedimento para Côrtes-Rodrigues natural, ascendem às largas dezenas, senão mesmo centenas. Possuem, todavia, relevantes denominadores comuns, como adiante almejaremos, ainda, expor e cujo inventário elencamos, nomeadamente, na listagem de criptónimos e pseudónimos utilizados pelo autor, bem como nas diversas tábuas cronológicas das suas contribuições no *A Actualidade*, último jornal onde vincadamente surgiria Violante de Cysneiros. Por Violante ter feito parte de uma revista que ganharia destaque nacional, é Côrtes-Rodrigues frequentemente questionado sobre a mesma, o que contribui para a sua aparente descomplicada catalogação e compreensão. Porém, como afirma a conservadora do Museu Carlos Machado aquando da exposição em sua homenagem,

[n]esta duplicação de assinaturas, difícil se torna ainda encontrar razões que terão levado Armando Côrtes-Rodrigues a utilizá-las. Para “Simão de Vilanova” a identificação com o Poeta estabelece-se pela carta de Pedro Correia Marques, enviada da “Voz de Lisboa”, em 1932, na qual se interroga sobre se a adopção deste nome é ou não um pseudónimo. Também Rui Guilherme de Morais (pai) envia de Santa Rosa uma carta, não datada, dirigida aos “Caríssimos amigos Simão de Vilanova e Armando Côrtes-Rodrigues, pedindo a colaboração de ambos para o *Correio dos Açores*.

(1991:18)

E quanto aos restantes nomes fictícios? Margarida Teves Oliveira aponta que “[p]or análises comparativas”, relativamente a Simão de Vilanova,

³⁹ Quiçá numa alusão a Cesário Verde e Fradique Mendes, o bizarro fabricado pelo grupo Cenáculo, ou o personagem de Eça, ambos enquadrados no movimento realista português.

conclui-se que o estilo apresentado nos vários textos é inconfundivelmente de Côrtes-Rodrigues, havendo, no entanto, alguns dedicados a temas pouco comuns, como a feitiçaria ou críticas ao espiritismo que, de certo modo, poderiam chocar a sociedade vigente, justificando-se assim esse disfarce.

(1991:18)

Depreende-se, assim, que seja necessário encetar estudos diversificados e comparativos, ou contrastivos, se tal for possível, entre os diversos textos homónimos, nos mais variados periódicos, e pseudónimos. Esta hegemonia que Margarida Teves Oliveira descreve entre Côrtes-Rodrigues e Simão de Vilanova também é partilhada pela Violante que participa nos jornais *O Autónómico*, o *A Actualidade* e o *Folha de Angra*, e cuja convergência de pareceres, e de “ser(-se)”, se torna inegável, quando analisada.

Ainda consideramos carecer de investigação a possibilidade desse desdobramento concretizado pela criptonímia e pseudonímia ser mais alargado, já que a rubrica “Página Feminina” do periódico pontadelgadense *A Actualidade*, composta por algumas dezenas de cartas, regista a correspondência⁴⁰ entre Margarida e Maria, de que são exemplo as valiosas e frutíferas contribuições nos números 211; 217; 220; 222; 224; 225; 226; 227 ou 234, e entre a dita Maria e a dita Margarida, de que são exemplo os números 244; 252; 255 ou 260, e que são compostas, precisamente, por idênticas temática e ideologia aos textos assumidamente pertença de Côrtes-Rodrigues. A título de exemplo, verifique-se que no número 222, Margarida formula uma crítica feroz às danças, à sensualidade mundana e moderna e à libertinagem que estas suscitam, procedendo à defesa dos bons costumes, posição que é reafirmada no número 224 quando manifesta a sua fiel dedicação à celebração eucarística ou quando afirma, no número 225, que “*a religião é a base de todo o sistema educativo*” (*A Actualidade*, 222; 224; 225:2). Aliás, sabe-se já, de antemão, que Armando Côrtes-Rodrigues terá assinado contribuições para a rubrica “Cartas a Mulheres”, no *Folha de Angra*.

Afirmariam Areias, Monteiro e Sampaio que, após sugerirem, à partida, que de Fernando Pessoa “*nada se sabe tudo se imagina*” (Areias, Monteiro, Sampaio, 1980: capa), um título que poderá indicar que os estudos pessoanos estão longe de serem concluídos, “*a única resposta ao problema da identidade será a consciência que a personalidade se desagrega, se perde, ou se escoia pela escrita dos outros que vêm habitar nele*”, uma “*consciência que radica*”, como apontam citando Pessoa, numa “*loucura que vem de querer compreender*” e que oscile “*entre a variedade do eu e a inconsciência da unidade*”, sendo

⁴⁰ Sugere-se a leitura e análise da correspondência trocada entre Margarida e Maria, visto ser reveladora de uma determinada mentalidade, num determinado contexto temporal e espacial, com especial enfoque para o papel da mulher na sociedade, não só açoriana, confinada aos limites opressivos da ilha e condicionada pela fronteira física da ilha, mas portuguesa.

que, para o evidenciar, aludem, novamente, a um excerto pessoano: “*Houve em mim várias almas sucessivas?/ Ou sou só um inconsciente ser?*” (1980:15).

Além disso, nesta obra de responsabilidade tripartida, os autores afirmam que a questão “*Quem sou eu?*” é o “*cerne de alguns textos assinados por Fernando Pessoa, a que os heterónimos vão dar respostas, sempre diversas, num jogo de aparências que acaba por transcender o seu próprio criador*” (1980:14). Mais uma vez, verifica-se uma dissemelhança fundamental no que respeito ao empreendimento criativo e à sua própria essência. Se Pessoa procura por si nos seus textos, através da criação de *Outros*, “*Armando Côrtes-Rodrigues confessa a sua posição sobre a vida afirmando: «toda a minha ânsia tem sido esta de entender a vida. Se a tivesse de recomeçar sinto que recomeçaria comigo esta tortura de entendê-la, de a olhar olhos com olhos, bem de perto para a ver tal como é*” (1991:18), no manuscrito datado de 1939, denominado por “*Caderno de Simão de Vilanova*”. Não existiria, nem existirá, portanto, espaço para a máscara heteronímica.

Os autores acima referidos, na incessante busca por respostas, à semelhança de Pessoa, manifestam a hipótese da “*escrita heteronímica*” ser, “*além de um processo dramático de criação e de fingimento poético, o esvaimento do sujeito, um derrame que o conduzirá ao Nada a que tanto aspira*” (1980:15). Mais uma vez, este exercício e esta busca de atingir o inatingível, porque a existência do *Nada* reveste-se do *Tudo*, não é comum a Côrtes-Rodrigues e à gestação e nascimento de X, Severo Verdades, Simão de Vilanova ou da própria Violante de Cysneiros, mesmo que Côrtes-Rodrigues tenha assinado algumas rubricas como Ninguém, um ninguém facilmente contraposto por um Todo-o-Mundo, um Todo-o-Mundo que também seria ele. Nada e Todo caminham, assim, lado a lado, parte integrante, indivisível e parcamente autónoma de um mesmo ser: Armando Côrtes-Rodrigues. Assim, os pseudónimos de Armando Côrtes-Rodrigues constituem uma vasta rede, indissolúvel, que se espalha por diversas décadas, como peças que, não se recriando, ora vão acrescentando ora vão solidificando aspetos subordinados a núcleos comuns.

2.2.1. Violante e a revista *Orpheu*

2.2.1.1. Tributo aos colegas modernistas

Viver rodeado de textos, mesmo que a eles se ambicione ser indiferente, é uma circunstância inevitável. Na realidade, o ser humano é produtor e recetor de textos⁴¹, mesmo

⁴¹ Não se pretende, nesta dissertação, percecionar o texto enquanto objeto de estudo, sendo que são diversos os eloquentes trabalhos de teóricos da Linguística Textual, que incidem sobre questões tão pertinentes como a noção de

que o faça involuntariamente, sendo que estes poderão surgir nas mais variadíssimas formas e nas mais diversificadas circunstâncias. Com quantos textos terá o indivíduo mantido contacto ao longo da sua existência e quantos terá ao seu dispor? O que assegurará a longevidade de um texto? Quantos textos acrescentará a humanidade a cada dia que passa? Destes, apenas alguns serão mediatizados, apenas uma parcela correrá de boca em boca ou conhecerá diversos olhos. O que possuem estes textos de especial? Enquanto depositária de textos aparentemente desirmanados, o que terá tido a revista *Orpheu* de único, para que, cem anos depois da sua publicação continue a acicatar a curiosidade de leitores e estudiosos?⁴² Diz-nos Pizarro que

parece-nos relativamente convencional – exceptuando, é claro, os textos de Álvaro de Campos e de Mário de Sá-Carneiro e surpreende-nos que tenha agitado tanto o ambiente literário, como demonstram os recortes de imprensa que foram coleccionados por Pessoa e Sá-Carneiro, atendendo a que: 1) alguns dos textos mais agressivos e provocadores de 1915 não foram publicados em *Orpheu* 1 ou *Orpheu* 2; 2) os temas sensíveis da guerra e da situação política em Portugal estiveram ausentes da revista; 3) nenhum dos dois números publicados veio acompanhado de um programa ou manifesto.

(Pizarro, 2015:44)

Não é ambição deste trabalho esclarecer esta questão, mas apraz-nos referir que tal só poderá ser elucidada se tivermos em conta um conjunto de fatores, não apenas estilísticos, quanto ao seu conteúdo e forma, mas também sociais, culturais e espaciais. Seria necessário analisar, também, o percurso intelectual de todas as vozes que ousaram atacar os participantes de *Orpheu*.

Leiamos Pessoa, na carta⁴³ dirigida a Côrtes-Rodrigues, datada de 4 de abril, de 1915, pouco depois do lançamento do primeiro número da revista que pretendia romper com a cultura academizada e mumificada:

[...]

Ontem deitei no correio um *Orpheu* para si. Foi só um porque podemos dispor de muito poucos. Deve esgotar-se rapidamente a edição. Foi um triunfo absoluto, especialmente com o reclame que *A Capital* nos fez com uma tarefa na 1.^a página, um artigo de duas colunas. [...] Naturalmente não há números para irem para todos os nomes que v. indica. Vão para alguns. Naturalmente temos que fazer segunda edição. «Somos o assunto do dia em Lisboa»; sem exagero lho digo. O escândalo é enorme. Somos apontados na rua, e toda a gente — mesmo extra-literária — fala no *Orpheu*.

Há grandes projectos. Tudo na mala seguinte.

texto escrito, texto oral, não verbal, ou, ainda, a importância do papel do autor e do leitor, de que são exemplo Siegfried J. Schmidt, Yuri M. Lotman ou Wolfgang Dressler.

⁴² Compreendemos o texto como “*uma unidade comunicativa fundamental, produto da atividade verbal humana, que possui sempre carácter social*”, sendo que se caracteriza “*pelo seu fechamento semântico e comunicativo, assim como pela sua coerência profunda e superficial, devido à intenção (comunicativa) do falante de criar um texto íntegro*” [...], como afirma Enrique Bernárdez, na *sua Introducción a la Lingüística del Texto* (1982: 85).

⁴³ Carta de Fernando Pessoa para Armando Côrtes-Rodrigues datada de 4 de abril, de 1915: Carta n.13.

O escândalo maior tem sido causado pelo 16 do Sá-Carneiro e a Ode Triunfal. Até o André Brun nos dedicou um número das Migalhas.

[...]

(Serrão, 1984:104/105)

Se, por um lado, a revista *Orpheu* foi uma iniciativa fraturante, por outro consolidou uma ideia própria, uma visão singular e um grupo de talentos, alguns deles pouco reconhecidos nos círculos literários portugueses de início de século. Na realidade, a revista foi a alternativa encontrada por um grupo de criativos, poetas, publicitários, filósofos, pintores, para manifestar a sua “*não-identidade*”, como diria Almada Negreiros, fruto, quiçá, do menosprezo que a vida lhes oferecia (Negreiros, 2015:3). Afirma Corpet⁴⁴ que “[n]o nosso séc. XX. não há jovens talentos ou novas correntes estéticas que não tenham sido descobertas e conhecidas graças às revistas. Tudo o que conta, ou quase, na criação e na crítica literária começou a passar por elas” (Corpet, 2000:387). As revistas literárias funcionam, então, como “*notáveis instrumentos de intercâmbios*” (2000:387), já que, para além de promoverem a divulgação e partilha de textos e de ideias, facilitaram a divulgação de autores e correntes artísticas, contribuíram para o esbater de fronteiras geográficas e, até, linguísticas. A revista *Orpheu* não foi exceção.

Assim, num país marcado pela instabilidade política e social, consequência da formação de uma jovem república, manchada por um regicídio nascido do ambiente de enorme pressão que agitava o sistema político português; num país marcado pela participação numa guerra internacional que teria elevados custos humanos e financeiros; num país cuja unidade nacional estava fragilizada; numa Europa debilitada e esquartejada, cujas prioridades não estão, de forma alguma, relacionadas com a literatura, um murro na mesa, ou no estômago, dado por um conjunto de artistas, alimentado, mesmo que involuntariamente pela crítica e pelos *media* de então, acabaria por abalar a cultura portuguesa e dar origem ao movimento modernista.

Há que ter em conta que esta foi, também, uma revista de enganos e engodos, um *Carnaval* (Alves, 2015:128), bem ao gosto do próprio Pessoa, seu impulsionador e artífice. Afirmaria D’ Angelo que “[o]mito e a máscara são fortemente entrelaçados” e que “[a] máscara serve para desvendar o que está escondido na face da realidade. Ela sublinha que o *Parecer* tem um valor emblemático e sua ligação com o *Ser* é um caminho para suspender os estereótipos e problematizar as questões que vinculam o sujeito com o mundo” (2008:246), perspectiva que sedimenta a relevância da mistificação para movimento de *Orpheu*.

⁴⁴ Olivier Corpet, redator-chefe de *La Revue des Revues* e administrador do Instituto Memórias da Edição Contemporânea.

Lembramos que, a título de exemplo, António Ferro foi escolhido para editor de *Orpheu*, sendo ainda menor de idade, sem o seu consentimento ou, sequer, conhecimento, sendo que este mesmo se afasta da revista e do grupo de órficos, fazendo e sofrendo, também, críticas diversas e ferozes. Se, para Mário de Sá Carneiro, numa carta para Pessoa⁴⁵, Ferro é um menino insuportável, a quem ele chamaria de lepidóptero; Ferro, por sua vez, não se revê nas ideias de mudança (artística e política) que a Geração de Orpheu (ou alguns dos seus membros) reclamam e demarca-se publicamente de Pessoa, da revista e do grupo, alegando o seu republicanismo⁴⁶, isto após um evento em particular: a carta enviada por Pessoa, sob o nome de Álvaro de Campos, ao jornal *A Capital*, em que “o poeta [se] regozijava [...] pelo grave acidente ocorrido dias antes com o chefe republicano António Costa” (Barreto, 2010:35). Confirma-se, pois, o que defende Corpet quando assegura que

as colecções de revistas e seus sumários fazem desfilar a história da literatura mais completa que se possa desejar, mostrando ao mesmo tempo os seus êxitos e os seus fracassos, as suas experiências mais ousadas, os seus contrastes mais fortes: uma história viva, feita de todas as turbulências e polémicas, conivências e inimizades que marcam a vida das revistas.

(2000:387)

A vida de *Orpheu* fica marcada, pois, pela chegada de participações oriundas do próprio país, do Brasil, de França; de várias áreas artísticas, mas todas elas masculinas. Então, por que razão dar corpo a Violante? Porquê uma mulher? Por que não a criação de um pseudónimo masculino, à semelhança do que havia ocorrido com a inclusão do heterónimo Álvaro de Campos? No sumário do número 2 desta revista trimestral (abril, maio e junho), junto ao nome de Violante de Cysneiros surge um ponto de interrogação, justificado na página que antecede a sua colaboração “*Poemas dum anónimo ou anónima que diz chamar-se Violante de Cysneiros*” (*Orpheu* 2, 1984:57). A pressuposição “*diz chamar-se*” já aponta para a certeza, por parte dos diretores deste número, Pessoa e Sá Carneiro, de que Violante seria um nome fictício, utilizado como forma de camuflagem por parte de um determinado autor⁴⁷.

Inicialmente ponderamos considerar que a opção pudesse ser, unicamente, uma afirmação literário-social de índole feminista, numa revista marcadamente masculina, e pudesse estar relacionada com o facto de anos antes, mais propriamente em 1911, Carolina Beatriz Ângelo ter sido a primeira mulher em Portugal a poder usufruir do direito de voto,

⁴⁵ Carta de Mário de Sá Carneiro para Fernando Pessoa, datada de 13 de setembro de 1915.

⁴⁶ É de referir que Ferro foi um dos responsáveis pela “promoção da imagem do ditador Salazar [...]” e um dos principais responsáveis pela promoção “[...] da propaganda e da política cultural do Estado Novo entre 1933 e 1950 [...]”. (Ver. Barreto, 2011)

⁴⁷ Na realidade, de acordo com o mencionado neste trabalho, bem sabemos que os diretores não só conheciam o autor dos textos, como havia sido o próprio Pessoa a sugerir o nome Violante de Cysneiros. Logo, até a própria apresentação do nome desta participante faria parte do jogo.

aproveitando uma brecha na legislação, recorrendo ao título de chefe de família, por ser viúva, maior de idade e auto-suficiente, ou por, desde finais do século XIX, estar o país a lidar com uma corrente feminista de esclarecimento organizada, da qual faziam parte nomes como Ana de Castro Osório, escritora, Adelaide Cabete, médica, e Maria Veleda (pseudónimo), jornalista.

O Portugal do virar do século é um país em mutação e alvoroço, também no que diz respeito ao papel da mulher na família e na sociedade. Intensifica-se o movimento feminista e a forma como algumas mulheres, ainda que apenas de determinados quadrantes, e alguns homens, equacionam as suas funções, sejam estas familiares sejam sociais. Organizam-se debates e conferências, criam-se organizações, como o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, em 1914, e discute-se, publicamente, os direitos e os deveres da mulher, mas também, e já, os seus valores e as suas ambições. A mulher adquire, assim, uma importância social acrescida e afirma-se individualmente e coletivamente. Diz-nos Maria Tavares da Silva que

[s]ão as mulheres escritoras e jornalistas membros das organizações feministas referidas – do Grupo de Estudos Feministas, [...] – que, pela sua actividade literária, quer individual, quer integrada nos periódicos oficiais das suas organizações, repetidamente clarificam, definem, explicam, justificam e defendem os ideais feministas.

(Silva, 1983: 877/878)

Pelo exposto acima, justifica-se que esta pudesse ser entendida, por nós, inicialmente, como uma das possíveis razões para a escolha de um pseudo-heterónimo feminino.

O próprio Côrtes-Rodrigues, todavia, em 1960, numa das muitas entrevistas que concedeu ao longo da vida, justifica a criação de Violante com o seguinte argumento: “*O interesse de um nome feminino que espicaçasse a curiosidade pública e quebrasse a monotonia da revista no aspeto da sua colaboração só masculina*” teria sido a razão que “*fez com que Pessoa idealizasse esse heterónimo. Aceitei-o porque me agradava a sonoridade mediéfica do nome*”⁴⁸.

Todavia, anos antes, um outro motivo, também esse evidentemente humano, escassamente literário, seria exposto pelo próprio. Bem sabemos que o medo, ou o receio, resulta da profunda consciência do indivíduo de que aquilo que verdadeiramente possui se reduz ao momento presente, ao Agora. O medo manifesta-se, pois, quando o ego se sente em perigo, quando se sente sob ameaça direta ou indireta, quer física quer psicologicamente. O

⁴⁸ Exposição Orpheu 100 anos – “Nós, os de Orpheu”, que esteve patente na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

medo não inferioriza o indivíduo; humaniza-o. É, pois, natural, que Côrtes-Rodrigues tentasse salvaguardar o seu bem-estar académico, e que, após ter recusado participar no segundo número da revista, tivesse enveredado na aventura de dar vida a Violante de Cysneiros.

Passámos a reunir no Café Mascote, onde se preparou o segundo número da revista. Colaborei nele com o pseudónimo Violante de Cysneiros. Tinha-me negado a dar qualquer poema, com receio de que isso me trouxesse complicações no exame de fim de ano. O dr. Adolfo Coelho, meu mestre, que morava em Paço de Arcos, era meu companheiro de comboio entre Algés e Lisboa e, se vínhamos ao pé um do outro, levava toda a viagem a desancar impiedosamente os de Orpheu. Foi então que Fernando Pessoa, que muito frequentemente me recomendava a “duplicação da personalidade” (a frase era dele) sugeriu que arranjasse um pseudónimo de mulher, achando até excelente que aparecesse uma colaboradora entre tantos poetas, guardado e costumado sigilo, para provocar maior curiosidade. E foi ele que escolheu o nome⁴⁹.

(*O Primeiro de Janeiro*, 1953:3)

Se várias poderão ser as motivações para a vivência do medo, seguramente muitas poderão ser, também, as suas consequências, o que contribuirá para uma existência reprimida, por imposição da força castrativa deste. O fantasma da destruição física, emocional, psicológica, ou académica, afeta todos os aspetos da vida do indivíduo. Neste caso em concreto, o receio faria nascer uma outra entidade e ofereceria ao movimento modernista português, às letras portuguesas e à posteridade, como referiu Klobucka “*a mulher que nunca foi*”⁵⁰.

Diz-nos Corpet que “[e]m todas as situações, a história das revistas revela-se uma história das paixões literárias. E uma constatação impõe-se: com um mínimo de meios e de apoios e um máximo de exigências e criatividade, elas favoreceram mais e melhor que qualquer outro meio, a invenção permanente da literatura” (2000:387). É sabido que, para publicar *Orpheu*, os recursos económicos eram escassos: os autores tinham de co-custear a revista e contavam com o generoso apoio do pai de Sá Carneiro; todavia a dita paixão literária, porventura, também, a determinação de escandalizar e de criarem ou alimentarem correntes de vanguarda, rompendo com os cânones vigentes, bem como alguns laços de amizade, impeliram Côrtes-Rodrigues a alimentar Violante.

Violante endereça os seus poemas. Dedicá-os a grandes senhores de *Orpheu*. Desapropriado? Um elogio mútuo, porventura? Uma estratégia para espicaçar a curiosidade dos que duvidavam da qualidade do conteúdo exposto no primeiro número da revista? Uma estratégia de *marketing* literário? Uma provocação? A sequência, como se desenfreadamente ocorresse, surge, na sua totalidade, datada de junho de 1915.

⁴⁹ Excerto da entrevista facultada por Armando Côrtes-Rodrigues ao jornal *O Primeiro de Janeiro*, em 1953. O *O Primeiro de Janeiro* é um diário cuja primeira edição remonta ao ano de 1868.

⁵⁰ Leia-se “A mulher que nunca foi: para um retrato bio-gráfico de Violante de Cysneiros”, de Anna Klobucka in *Revista Colóquio/Letras. Ensaio*, n.º 117/118, Set. 1990, p. 103-114.

As duas primeiras composições poéticas, sonetizadas, são dedicadas a Álvaro de Campos, também ele real, mas nunca fisicamente, tal como lhe são dedicadas as próximas duas composições, constituídas, cada qual, por três quadras, bem ao gosto popular, e bem ao gosto do homem material por detrás de Violante, Côrtes-Rodrigues. Campos é o poeta do verso livre, impetuoso e caudaloso; todavia, os textos que lhe são dedicados apresentam-se organizados, metódicos, seguindo a estrutura do soneto italiano, em que, geralmente, o texto lírico abre com uma introdução e fecha com uma conclusão, presente no último terceto, no qual é, regra geral, descriptado o seu significado.

Campos recebe o título de *Mestre*, embora o próprio Pessoa o descreva como um discípulo de Alberto Caeiro, sendo que, de todos os mencionados nas dedicatórias⁵¹, é o que recebe maior e mais profunda atenção. Klobucka, em “A Mulher que nunca foi - Para um retrato bio-gráfico de Violante Cysneiros”, aponta que “[n]esta declaração inaugural de valor simbólico, em que Violante consagra o texto poético a um seu mentor, “*deixa-se ouvir ainda a voz empírica de Côrtes-Rodrigues, que anuncia assim a abolição da lealdade devida ao mestre Adolfo Coelho [...]*” (1990: 106). Campos alimenta-se de sensações e expressa a necessidade de que estas sejam constantes e reais, focando toda a sua atenção e insistência na possibilidade ou impossibilidade da sensação fazer parte do seu quotidiano. Aliás, em Campos ganha sentido a existência palpável dos elementos da realidade e o que estes provocam no *eu poético*. Já o seu criador afirmava, nas suas reflexões, que “[a] *única realidade para mim são as minhas sensações. Eu sou uma sensação minha. Portanto nem da minha própria existência estou certo. Posso está-lo apenas daquelas sensações a que eu chamo minhas*” (Coelho, 1968:220). Violante afirma, similarmente, no poema intitulado II, que “*Só sensações são Presente,/ Só nellas vive a Verdade*”.

Violante escreve, ainda, na última quadra dos textos que dedica a Álvaro de Campos, “*Passado nunca passou / Futuro não o terei: Pois sempre Presente sou / No que Fui, Sou e Serei*”. É notória a aproximação entre Violante e Campos, já que este também escrevera, em Ode Triunfal⁵² “*Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,/ O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro*”, confirmando o argumento com o acréscimo “*todo o passado dentro do presente!/ Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!*”. Ambos vivem do instante presente em busca de sensações profundas e plenas, absorvendo-as. Verifica-se a urgência de sentir. Se

⁵¹ Será pertinente referir que também as contribuições de Álvaro de Campos se fazem acompanhar de dedicatórias. A “Ode Marítima” é dedicada “a Santa Rita Pintor” e “Opiário” é dedicado “Ao Senhor Mário de Sá-Carneiro”. Também Mário de Sá Carneiro dedicaria o seu “Manicure” “A Santa Rita Pintor” e José de Almada-Negreiros dedicaria a sua “Cena do Ódio” “A Álvaro de Campos”.

⁵² Álvaro de Campos, *Ode Triunfal; Junho de 1914, Londres*.

Campos é o exemplo da condição humana dilacerada, vacilante; se é o poeta da angústia existencial; se é aquele que oscila entre o *Tudo* e o *Nada*; em Violante encontra uma alma gémea. O engenheiro sensacionista recebe da discípula uma vénia final, expressa no prolongamento de um sentir comum.

Segue-se a marcha elogiosa até Mário de Sá Carneiro, um dos mentores do projeto, porventura umas das mentes mais inquietas. “*Há pouco quando bordava*” marca o início do poema. De facto, se bordar corresponde a ornar de traçados um determinado tecido, o poeta faz precisamente o mesmo: borda textos com a agulha das palavras num tecido virgem que é a página em branco. Mas o ato de criar, de ornamentar embelezando, nem sempre é pacífico e indolor e frequentes são as vezes em que a agulha-caneta “*pic[a] a ponta dos dedos*”, leia-se da alma.

Sá Carneiro suicidar-se-ia, em Paris, menos de um ano depois, em abril de 1916. Assumidamente insatisfeito e inconformado, como as “*papoulas rubras/ [...] tão sós e tão alheias*” do poema que lhe dedicaria Violante, põe termo à vida, embora a correspondência com Fernando Pessoa pareça indicar uma energia criativa invulgar e assaz sentido de humor. O autor-génio é vítima do escárnio que ataca muitos precursores e, na sua mente atribulada, segue o único caminho que encontra. Se em 1981, Gabriel Garcia Márquez escreveria *Crónica de uma Morte Anunciada*, em 1916, de Paris para o mundo, Sá Carneiro seria o autor da «Carta» de uma morte anunciada.

Meu Querido Amigo.

A menos de um milagre na próxima segunda-feira, 3 (ou mesmo na véspera), o seu Mário de Sá-Carneiro tomará uma forte dose de estriknina e desaparecerá deste mundo. É assim tal e qual – mas custa-me tanto a escrever esta carta pelo ridículo que sempre encontrei nas “cartas de despedida”... [...] Eu não me mato por coisa nenhuma: eu mato-me porque me coloquei pelas circunstâncias – ou melhor: fui colocado por elas, numa áurea temeridade – numa situação para a qual, a meus olhos, não há outra saída. Antes assim. É a única maneira de fazer o que devo fazer. [...]

Mário de Sá-Carneiro.

(Silva, 2006:179/180)

Regressemos ao início do século XX e Violante coloca em texto a simplicidade pacata de uma tarefa feminina. Escapa, porém, ao rigor estrutural do soneto e oferece um poema de dez versos, onde possa surgir, também, “*inesperadamente, a metáfora da criatividade feminina*” (Klobucka, 1990:110), quer pela forma, quer pelo conteúdo. Os dedos que bordam e que criam são os mesmos que escrevem; e “*o corpo não se reduz aqui ao elemento pré-textual: é, literalmente, através dele que se produz a inscrição sangrenta, ele – ao mesmo tempo obstáculo e potencialidade de escrita*” (1990:110). Se a tarefa da bordadeira carece de habilidade, até para que não pique os dedos, também carece da habilidade a tarefa da escrita.

O poema que se segue, “*Nada em Mim é necessário*”, é dedicado a Fernando Pessoa e retoma-se o soneto. É, possivelmente, neste poema que Violante mais se aproxima daquele que lhe deu voz – se é que alguma vez se afastou –, ou o texto, do conjunto, em que Armando Côrtes-Rodrigues mais se desmascara, invocando as “*contas do [s]eu rosário*”, referência religiosa tão típica do seu registo, ou invocando a ilha, mesmo que perdida. O sujeito lírico afirma que nada em si é necessário, mas introduz o pronome “*Mim*” com letra capital. Assume sensivelmente o papel de nome próprio, tão irreal quanto Violante, tão concreto como o autor que lhe dá vida. O que foi sonhado não é necessário, sendo que tudo é o resultado do próprio sujeito. Mas aproximemos o texto do homenageado. Sabemos que na panóplia das temáticas pessoanas, o passado é tido como um refúgio do presente e que a pouca alegria manifestada se encontra relacionada com a infância perdida, na lonjura do tempo. O dilema da realidade presente enquanto original e transitória é absorvido frequentemente pela necessidade de sonhar; posto que a realidade é, também ela, fabricada e o próprio pensamento alicerça-se numa estratégia de fingimento.

Em “O Marinheiro”, de Pessoa, presente em *Orpheu I*, a primeira veladora, no diálogo com as restantes donzelas veladoras questiona a irmã se “*Não desejais, [...] que nos entretenhamos a contar o que fomos. É belo e é sempre falso...*”, acrescentando, todavia, que “*é inútil*” pois “[o] *passado não é senão um sonho... De resto, nem sei o que não é sonho*”. Em alguns casos, verifica-se uma necessidade recorrente de recuperar os dias já idos, em outros, uma urgência extrema de dissimulação e invenção.

O texto supra-mencionado apresenta um drama sobre a vida interior e a própria passagem do tempo, já que horas concretas e relógios, naquela sala, não existem; o tempo vai passando, porém, e o galo cantante assinala essa passagem imutável, essa verdade inegável. Neste soneto de Violante “*Só [o seu] meu longe de passado/ É como um sonho sem fim*” e, tal como o sonho, o passado não é palpável. A ilha, se perdida está (“*Marinheiro! Ilha Perdida!*”), não se encontra e mareantes vaguearão sem poiso fixo. Na verdade, “*nada [...] é necessário*” e a única “*verdade da vida*” e único “*sentido*” é sonhar; pois já afirmara a segunda veladora, em “O Marinheiro” que “*... Só viver é que faz mal...*”.

No poema seguinte, dedicado a Alfredo Pedro Guisado, acérrimo divulgador da revista na Galiza, aquele que recebe largos elogios por parte de Pessoa, como é visível na sua correspondência, como, por exemplo, quando aponta “*P.S. O Guisado tem feito ultimamente extraordinárias e inesperadas coisas, versos ofuscamente belos*”⁵³(1984:98), reaparece a

⁵³ Carta de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, datada de 4 de março de 1915: Carta n. 11.

enigmática maiusculização de palavras-chave, sendo que, neste caso, capta a nossa atenção o *-Me* e a repetição do determinante *Outra*, quando no poema anterior surgiu o pronome *Outro*. Todavia, o *-Me* surge aliado a dois verbos deveras pertinentes: Ver e Ser, o primeiro que exprime a ação de enxergar e/ou reconhecer(-Se) e o segundo que exprime a noção e a necessidade de existência. Completam-se, portanto. De facto, escrever é estabelecer ligações. José Luís Peixoto afirma que

há poucas experiências tão interessantes como quando se lê um livro e se percebe "já senti isto, mas nunca o tinha visto escrito" [...] Trata-se de ordenar, de esquematizar, não só sentimentos como ideias que temos de uma forma vaga mas que entendemos melhor quando os vemos em palavras. Trata-se também de construir empatia: através da leitura temos oportunidade de estar na pele de outras pessoas e de sentir coisas que não fazem parte da nossa vida, mas que no momento em que lemos conseguimos perceber como é. E isso faz-nos ser mais humanos. Na leitura e na escrita encontramos-nos todos naquilo que temos de mais humano.⁵⁴

(Peixoto, 2003)

Assim, Violante estabelece, não apenas pela leitura, mas essencialmente pela escrita, uma afinidade com Guisado. Mais, o sujeito poético transfigura-se em Salomé, não uma Salomé bíblica e distante, não a Salomé que Guisado apresentara no primeiro número de *Orpheu*, ou aquela sobre quem Mário de Sá-Carneiro também escrevera, mas uma outra Salomé ("*Presente no meu olhar,/ Eu fui Outra Salomé/ Feita de mim a dançar.*"), aquela que dança e aquela que é uma Salomé na primeira pessoa, que existe e que se reconhece.

Violante, mulher, escreve sobre Salomé, que se manifesta viva e ser bailante em movimento, só assim completo, pois o ser-[S]e só se conclui perante o Ver-[S]e a dançar prolongadamente, continuamente, sincopadamente: "*Dancei... Dancei... E o Ver-Me / Toda de curva e de pé/ Era o sentido de Ser-Me.*". Afirma Klobucka (1990:107) que Violante "*situando-se como Salomé [...], empenha o seu corpo dançante para nele próprio fazer representar os requebros da decomposição "sensationista" [...] aceitando assim assumir-se abertamente [...] como uma estrutura ao mesmo tempo derivada e combinatória, modelo para montar – e desmontar [...]*", perspectiva esta com a qual nos sentimos impelidos a concordar, apoiando a nossa decisão num verso acutilante "*Todo o meu corpo pedaços*", que será, também, para nós, a metafórica evidência física da fragmentação psicológica e emocional do *eu*. Todavia, os mistérios de Salomé são os mesmos e são já idos⁵⁵, quer esta seja percebida e admirada por olhares alheios, quer seja analisada pelo seu próprio olhar. Restam-lhe, apenas, as curvas do seu corpo, espelho dos seus sentidos.

⁵⁴ Entrevista concedida por José Luís Peixoto ao *Diário de Notícias*, a 28 de setembro de 2003.

⁵⁵ Confrontar com a leitura do soneto I do díptico de sonetos intitulado Salomé, de Alfredo Pedro Guisado, em *Orpheu I*, e o poema em análise. Guisado dedicaria três sonetos a Salomé: o díptico I e II e Morte de Salomé.

“*Passo no mundo a vivê-lo*” é o verso anafórico que estreia o poema dedicado a Armando Côrtes-Rodrigues, sucedendo-lhe “*Passo no mundo a senti-lo*”, ambos derrubados pelo verso que inicia a segunda quadra deste assertivo terceto “*Passo no mundo a sonhá-lo*”. Acreditamos ser, pois, uma aproximação evidente à estética ou à temática existencial do seu amigo Pessoa ou do seu semi-heterónimo Bernardo Soares, já que este último escreveria um trecho que viria a fazer parte do *Livro do Desassossego* e que encurta a distância entre ambos: “*Eu nunca fiz senão sonhar. Tem sido esse, e esse apenas, o sentido da minha vida*” (Zenith, 1997:66). A literatura, sem invalidar competências criativas, também sobrevive destes jogos de mútuas influências. Côrtes-Rodrigues, pela convivência e pela correspondência com o “seu Pessoa”, estava consciente das crises existenciais e depressivas deste, sendo que o senhor dos heterónimos lhe confessou, meses antes da publicação deste segundo número de *Orpheu*, que ele próprio já não existia “*Eu já não sou eu. Sou um fragmento de mim conservado num museu abandonado*” (1984:63)⁵⁶ e que estaria, portanto, a trabalhar num outro projeto literário desconexo e caótico “[o] meu estado de espírito obriga- -me agora a trabalhar bastante, sem querer, no *Livro do Desassossego*. Mas tudo fragmentos, fragmentos, fragmentos” (1984:64)⁵⁷. O *Livro do Desassossego* nunca ficaria pronto, nem seria possível que tal acontecesse. Já dois meses antes, em setembro, Pessoa informa o seu amigo que

Mau grado a alguma depressão, constante desde que lá fora é guerra, tenho passado com razoável calma pela ilusão sucessiva dos dias. [...] O que principalmente tenho feito é sociologia e desassossego. V. percebe que a última palavra diz respeito ao «livro» do mesmo; de facto tenho elaborado várias páginas daquela produção doentia. A obra vai pois complexamente e tortuosamente avançando⁵⁸.

(1984:53)

O tom das cartas que Pessoa troca com o escritor açoriano é sempre de profunda familiaridade; também repleto de intimidade profunda e intranquila é o tom de Bernardo Soares no seu *Livro*, visível, por exemplo em “*Nunca pretendi ser senão um sonhador. A quem me falou de viver nunca prestei atenção. Pertenci sempre ao que não está onde estou e ao que nunca pude ser*” (Prado Coelho, 1982:373).

Verifica-se um diálogo constante e manifesto entre os textos de Violante de Cysneiros e os textos publicados por aqueles que são alvo das suas dedicatórias, sendo este não só visível nas temáticas abordadas, mas também pelo reaproveitamento de vocabulário, de expressões, de ideias. No número um da revista, Côrtes-Rodrigues escreveria “*Passo triste no mundo, alheio ao mundo./ Passo no mundo alheio, sem o ver,/ E, místico, ideal e vagabundo, / Sinto*

⁵⁶ Carta de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, datada de 19 de novembro de 1914: Carta n. 6.

⁵⁷ *Ibidem*.

⁵⁸ Carta de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, datada de 2 de setembro de 1914: Carta n. 3.

erguer-se minh' Alma do profundo/ Abismo do meu Ser”, ideia esta que seria retomada no poema agora em análise, dedicado ao próprio.

A produção textual possibilita um “*procedimento narcísico*” (1990:108), em que Violante dedica o que escreve ao seu criador, não se tendo este “outrado” o suficiente. Klobucka afirma que “*o sujeito, com maior veemência do que nunca, declara-se idêntico a si mesmo no presente absoluto da sensação vivida*”(1990:106). Ora vejamos: no último terceto do soneto dedicado a Côrtes-Rodrigues poderá ler-se: “*E sempre de Mim Presente, / Todo o meu ser se limita/ Em Eu Me Ser Realmente*”. Na realidade, Côrtes-Rodrigues, autor físico de Violante, reconhece e assume a consciência de si mesmo, fortalecida pela maiusculização de todos os vocábulos do último verso.

De facto, Violante nunca escapou ao jugo de Côrtes-Rodrigues, ideia também defendida por Klobucka quando afirma que um “[...] *conflito de lealdade [...] acabou por gerar um produto acessório: um simulacro de poetisa cuja verosimilhança existencial aparecia garantida pelo contexto epocal, mas cuja voz se deixaria docilmente manipular pelo seu autor, a quem se via assim devolvida, pelo menos, a ilusão de soberania criadora*” (1990:106). Perante o “*vazio biográfico*” (1990:106) em que consiste Violante de Cysneiros, esta cumpre-se nos seus escritos. Violante carnaliza a sua existência; invade o seu derradeiro poema em *Orpheu* com detalhes físicos pessoais, compondo o arranjo que havia urdido desde a primeira composição poética, já que havia inundado os textos com marcas da primeira pessoa gramatical, evidentes nos pronomes pessoais e também nos afixos verbais.

Mãos e unhas são tão autênticas que nelas se manifestam a ansiedade do sujeito lírico, como é evidente em “*Quando eu as [as unhas] fico polindo/ perpassa nellas em ancia/ A tua boca sorrindo...*”. Em “O Marinheiro”, a segunda veladora afirmaria, contudo, que “*As mãos não são verdadeiras nem reais. São mistérios que habitam na nossa vida...*”⁵⁹. Em 1915, as mãos de Violante, e as do seu criador, seriam, para a maioria dos leitores, tão misteriosas quanto a sua identidade. Seriam, porém, as mesmas mãos, indissociáveis.

A sua existência, aparentemente real, é corroborada pela marca temporal que antecede o poema auto-dedicado “*De há dois anos*”; dois anos que se traduzem em fiasco e ausência. Neste poema, Violante encontra-se e dá-se “*a jubilosa identificação de Violante consigo mesma*”(1990:109), reafirmando, todavia, a sua solidão e o seu isolamento, tão visível na “*contemplação narcísica das mãos, procurando pela circularidade das carícias reiteradas, eximir-se à dispersão diacrónica da personalidade, [que] desemboca contudo,*

⁵⁹ “O Marinheiro” - Drama estático em um quadro; Fernando Pessoa. *Orpheu I*.

irremediavelmente no fracasso” (1990:109), cujo último terceto expressa “*Mas os meus dedos em i/ Dizem a longa distância/ Que vae de Mim para ti.*”

Referindo-se às revistas, Corpet expunha que a longevidade destas é geralmente reduzida, já que, devido à “[...] *sua leveza e, ao mesmo tempo, fragilidade as revistas raramente sobrevivem aos grupos e aos movimentos que as suportam*” (2000:387). De facto, apenas dois números de *Orpheu* foram publicados. Um terceiro foi pensado, organizado, montado, fizeram-se provas. Todavia, como já referimos, *Orpheu* não se cingiu à sua breve existência. O próprio Pessoa referiu, consciente, que “*Orpheu acabou. Orpheu continua*”⁶⁰, e, se a revista se mantém viva, um século volvido, a única mulher participante na dita também não morreria com o seu encerramento, pois em 1916, de maio a dezembro, Violante de Cysneiros ainda escreveria, inserida na rubrica Azulejos, no jornal *O Autónómico*⁶¹, em São Miguel, de que é exemplo o seguinte texto:

I- Romarias

Romarias... E a voz dos Romeiros é a Alma da Paisagem no espanto de se sentir acordada e vibrante.

Andaram saudades nos meus olhos naquele entardecer em que a fila dos peregrinos era um rosário vivo no verde calmo dos montes e em que a ermida era mais branca sob o azul do céu que desmaiava.

E na paz religiosa da tarde os ecos acordaram para dizerem a anciã amargurada das orações que lá iam subindo.⁶²

[...] ⁶³

(*O Autónómico*, 1916: n. 883)

O leitor seguramente divide a sua atenção entre a pseudo-anonimidade do texto e o facto do nome próprio que o assina ser feminino. A imprensa e a concretização do texto numa página, num livro, contribuíram para o crescendo de importância que a identificação do autor ganhou. O autor é, assim, uma identidade legal e institucional. É, pois, mágico o nome de cada autor; será, pois, extra(-)ordinário o nome de Violante, simbólico e sugestivo.

Violante assinala a participação feminina na revista, ainda que falsificada, sendo que o seu papel foi o de unificar, ainda mais, o grupo de homenageados pelos seus poemas (e por

⁶⁰ Online a partir de *Textos de Crítica e de Intervenção*. Fernando Pessoa, Lisboa, Ática, 1980. p. 227, in <http://arquivopessoa.net/textos/646>)

⁶¹ O jornal *O Autónómico* foi fundado por António Rodrigues Carroça, sendo um semanário que se publicou em Vila Franca do Campo, ilha de São Miguel, entre 1898 e 1943.

⁶² É possível verificar nos escritos de Violante de Cysneiros publicados no jornal mencionado uma certa mudança de registo, de pendor bastante mais religioso e bucólico, como já adivinhava Pessoa que viesse a acontecer com Côrtes-Rodrigues quando escrevia, no mesmo texto em que justificava a ausência de contributo deste para o terceiro número da revista que temia que o seu amigo açoriano de deixasse enredar pelas malhas “[...] *da piégeice fruste e asiática de S. Francisco de Assis, um dos mais venenosos e traiçoeiros inimigos da mentalidade ocidental*”. (*Textos de Crítica e de Intervenção*. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1980, p. 227, in <http://arquivopessoa.net/textos/646>)

⁶³ Nesta mesma data, neste jornal, Côrtes-Rodrigues publicaria um texto-homenagem ao já falecido Mário de Sá Carneiro, seu amigo e companheiro de escrita, intitulado “Á Memória do Poeta Sá-Carneiro”.

consequência todo o grupo órfico) e o de alimentar, como diria Klobucka, a “*atmosfera de expectativa, já antecipadamente irascível ou entusiasta [...] em que ia cair o segundo número da revista*” (1990:104). Em 1965, Almada Negreiros diria: “*A Arte era a solução. A nossa solução comum; éramos em realidade muito estranhamente diferentes uns dos outros*”⁶⁴. Violante é a ponte que aproxima os homens, os textos, as idealizações do grupo e o entendimento comum de arte. O próprio Pessoa, *magíster* da trupe órfica, na composição *Nós os de «Orpheu»*, em 1935, ao justificar a organização do número 3 de *Orpheu*, regista que “[n]ada porém foi possível incluir de Côrtes-Rodrigues, que é directamente de *Orpheu*, e os poemas de cuja personalidade inventada, Violante de Cysneiros, são uma maravilha subtil de criação dramática”⁶⁵. Violante é, portanto, parte desse *Nós* unificado e unificador, tão parte como Álvaro de Campos, e o seu contributo é reconhecido como sendo um fenómeno criativo. Consideramos, pois, que a participação de Violante, no segundo número da revista *Orpheu*, corresponde a um enriquecimento da mesma, não só pela implicação de múltiplos destinatários e pela dinâmica discursiva, como por todo o “jogo” literário que possibilitou. Verifique-se que o pronome *Nós*, e o seu uso, é possuidor e possibilitador de uma carga semântica pertinente, já que aglomera os diversos agentes em igualdade de circunstâncias e de valor.

Embora Violante ocupe o lugar que lhe designaram com maestria, ao contrário do que afirmaria Klobucka, citada por Anabela Almeida, não podemos considerar que se trate, apenas, de uma “*tentativa falhada de o «lugar da mulher» ser ocupado em Orpheu*”. Ao sustentar a sua opinião, Klobucka defende-se ao afirmar que este ensaio mal sucedido ocorre “*uma vez que surgiu de um jogo de poder estritamente masculino, desde logo manifesto «pela mediação paródica do seu nome próprio»*” (Almeida, 2014:51). Violante terá cumprido o papel que lhe foi destinado e preenchido o espaço que lhe foi concedido e a prová-lo temos, por exemplo, a sua sobrevivência temporária pós-*Orpheu* e a inserção dos seus textos no “*folheto poético Cancioneiro I Salão dos Independentes*”, publicado em 1930, do qual farão parte outros nomes como Sá-Carneiro, com honras de abertura e destaque, Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Luís de Montalvor, Alfredo Pedro Guisado, Álvaro de Campos e o próprio Armando Côrtes-Rodrigues (1994:64-65).

2.2.1.2. Uma abordagem modernista

⁶⁴ Exposição *Orpheu* 100 anos – “*Nós, os de Orpheu*”.

⁶⁵ *Online a partir de Textos de Crítica e de Intervenção. Fernando Pessoa*, Lisboa, Ática, 1980, p. 227. in <http://arquivopessoa.net/textos/646>.

Se a nova corrente trouxe uma renovada abordagem temática, também inspirou e alimentou uma inovadora estratégia de tratamento da estrutura da língua, em aspetos particulares, já que, a título de exemplo, “[c]onexamente, desponta um dos traços que distinguirão a poesia modernista: uma nova estilística de pronomes da 1.^a pessoa do singular (possessivos e, sobretudo, pessoais em conjugações reflexas)” (Pereira, 1979:167). Aliás, o próprio Pessoa, pragmático, “já define «a nova corrente literária portuguesa» que pela revista se manifesta”, como Martins verificaria mediante a investigação aprofundada do espólio do criador da heteronímia e que cita no seu trabalho, como a seguir se apresenta:

Partindo em parte do simbolismo, em parte do saudosismo português, um pouco também, sem dúvida do cubismo e do futurismo, esta corrente consegue, porém, realizar uma novidade, e através das várias modalidades apresentadas pelos diversos poetas e prosadores, pouca relação parece ter com as correntes de que parte. [...] A princípio o que mais estranho parece é o modo-de-expressão dos novos poetas e prosadores portugueses, que, quebrando com todas as normas tradicionais, estão criando um novo modo-de-expressão.

(1994:156)

Porém, como aponta, e habilmente, ainda, Martins, “[n]o primeiro número de *Orpheu* nenhum ismo é citado, nem na introdução de Montalvor outras ideias se explicitam além do «princípio aristocrático» e um inexplicado «ideal esotérico»”. Mais, acrescenta Martins que “[j]á o segundo número é, desde a página de rosto, marcada por três adjetivos: «vertígica» (a novela de Raul Leal); «interseccionistas» (os poemas de Pessoa) e «futurista» (Santa Rita Pintor)”. Há como que uma consciencialização coletiva que se vai firmando com o passar dos meses e a chegada das diversas contribuições oriundas das mais variadas fontes. Aliás, para o número que nunca chegaria a ver a luz do dia, nos moldes em que Pessoa pretendia, *Orpheu* 3, que Pessoa ainda pondera converter em jornal, os «ismos» consolidam-se e clarificam-se já que este impele a participação daqueles que se revejam nas linhas orientadoras desses modernos «ismos», relevadores de determinado sistema literário: “*Todos aquellos cujo esforço auxilia o Sensacionismo poderão colaborar em Orpheu*” e “*Todos os sensacionistas, propriamente taes, assignarão com essa indicação os seus escriptos*” (1994:160).

Verificaremos, ainda, de acordo com Pereira, que, e relativamente à escrita de Alfredo Pedro Guisado, companheiro de Violante na proeza órfica, “a escrita modernista firma anteriores manifestações, com novas justaposições, novas metáforas, insuflando ousadias nas heranças esteticista e saudosista”, de que são exemplo passagens como “*Com tules de ânsia vestidos*”, e “*novas regências anómalas* («*É quando o sonho de ver-te*», «*Meus gritos*»)", ou, ainda, “*novas pronomizações enfáticas da 1.^a pessoa do singular* («*Bruma de mim*», «*Sonho de mim*», e «*Gritos de mim*»)", de que seriam exemplo os versos retirados de «*Balada de Salomé*» ou a passagem “*«Olhei para mim. Esqueci-me.»*», presente em «*Última Balada*»

(1979:170). Essas características não são exclusivas de Guisado e contaminam, também, a escrita de Violante, em *Orpheu*, evidente quando esta escreve “-Sou já só *Pharol de Mim!*” (1984:59), em junho de 1915, ou em “*Nada em Mim é necessário [...] Tudo tão feito de Mim*” (1984:62), nos poemas dedicados a Álvaro de Campos e Pessoa, ou, ainda, e principalmente, em “[...] *...E o Ver-Me/ Toda de curva e de pé/ Era o sentido de Ser-Me*” (1984:63), dedicado a Alfredo Pedro Guisado, também com a mesma indicação temporal, em *Orpheu 2*.

Acrescente-se que, ainda, “[e]ssa escrita modernista acentua o gosto pela brevidade dos sintagmas geralmente nominais”. Seabra Pereira (1979:170) exemplificaria tal estética sintática com versos como “«*Negros braços. Preso neles*», «*Nenhum porto.../ Nenhuma nau.*» [...]”, de Alfredo Pedro Guisado, mas este é um modelo que, em *Orpheu*, Violante também seguiria com frequência e astúcia, de que são exemplo versos como “*Marinheiro! Ilha perdida!*” ou “*Curvo os olhos doridos...*” ou, ainda, “*Curvas as mãos e os braços...*” (1984:63). Violante está consciente da estética e dos modelos, apesar de, como afiança Galhoz (1984:LXII), “[c]omo arte, *Orpheu* foi projectado independente e dentro do princípio de não ter nenhum, e o seu objectivo era apresentar um meio condigno em que todos se afirmassem”. Violante afirmar-se-ia, também, por afirmar os outros nas dedicatórias e nos poemas que lhes oferece. Prossegue, ainda, Pereira, ao expor que o modernismo “*reinventa a metáfora pelo imaginário naif*”, facultando, novamente, exemplos meticulosamente extraídos de poemas de Guisado: “«*Lembra-me a Lua, vendo-a de dia,/ Uma das bolas/ De sabão/ Que Deus fazia/ Quando era pequenino p’lo sol-posto.*»” (1979:170), sendo que, também neste caso, os textos de Violante poderiam ser tidos em conta como modelos, nomeadamente quando esta se refere à “*agulha com que bordava*” ou às “*contas do [s]eu rosário*”(1984:62). Acrescenta, ainda, este autor que a corrente modernista demarca-se “*em especial, pela intrusão do então prosaico: «A morte, avental da vida*», «*Meu coração, o cabide/ Onde penduro minha Alma*», «*os lírios (...) Rolhas de frascos cansados /de guardar perfume-Deus*» [...]” (1979:170), não no sentido de que exista um afastamento relativamente ao gosto e uso do verso, em detrimento da prosa, mas sim no que diz respeito ao emprego de vocábulos que, até então, poderiam ser considerados excessivamente simplistas, comuns, normalizados e que, pelo jogo sintático, semântico e imagético empreendido pelos autores, adquire riqueza e significação. Assim,

tal como o eu se recusa o conforto da sua mais fácil e harmónica identidade, também a nova escrita recusa – paradoxal convergência entre a busca do Absoluto e o ressumbre do quotidiano – a beleza hierática dos cisnes wagnerianos e até a composta inteireza dos cisnes caseiro: «Cisnes de loiça quebrados,/ Poisados sobre os espelhos.».

A estética modernista preenche e habita diversos géneros e modos literários, bem como diversas formas de manifestação artística. Temáticas como a “*importância do ideal, da sensibilidade que se sente enlouquecida, da intelectualização das emoções, da poesia como um desnudamento da verdade ou do sofrimento com orgulho de o ser*” (1994:112), recorrentes, por exemplo, na literatura epistolar de Sá-Carneiro, precisamente na correspondência dirigida a Amadeo de Sousa Cardozo, estão bastante vívidas nos dois números de *Orpheu*, nomeadamente nos textos de Violante, e ganham destaque, não só pela estrutura frásica, mas por outros artifícios conscientes, como o vocabulário empregue e a maiusculização de nomes, pronomes, adjetivos e verbos. A ação de Violante é exímia no que concerne à capitalização de vocábulos que assumem destaque nas suas composições. Nos poemas dedicados a Álvaro de Campos, por exemplo, coloca em evidência “Pharol”, “Outro”, “Mundo”, “Mim”, “Alma”, “Linha”, “Asas”, “Espaço”, “Morte”, “Além”, “Sombras”, “Alamedas”, “Pontes”, “Auzente”, “Infinito”, “Eternidade”, “Presente”, “Verdade”, “Futuro”, “Fui”, “Sou” e “Serei”. Desenha-se, portanto, ao longo dos quatro poemas uma imagem difícil de ignorar, marcada por um subtil esquema antitético. Passado e futuro anulam-se pela vivência verdadeira do Presente em constante mutação. Só a consciência do momento presente, e de si, contribuirá para a unificação da existência do «eu», que se afirma pela conjugação do “Ser” no pretérito perfeito, no presente e no futuro do indicativo. A luz, esta, é imorredoura, mas, como um farol, transitória, única, já que o sujeito lírico assume que “[s]ou já só Pharol de Mim” (1984:59). No intervalo da luz do farol, existe o território das sombras, talvez da morte, e, após este, voa a alma sobre a linha do espaço, que existe porque é própria vida, rumo ao além.

Violante, nas suas contribuições em *Orpheu*, não está alienada, nem o poderia estar, da estética modernista. Tal como já foi mencionado quando abordámos a correspondência, essencialmente a trocada entre Fernando Pessoa e Côrtes-Rodrigues, constatamos que há traços estéticos comuns, que a escrita deste movimento alicerça-se, formalmente, na edificação de parágrafos breves, ocasionalmente compostos por sintagmas verbais ou nominais, e a inserção irregular, mas metódica, de versos soltos, sinal, também, de liberdade do texto, afastado da obrigatoriedade da rima, mas nunca alheio aos fatores de ritmo. É, ainda, evidente, o uso da exclamativa enquanto estratégia de simulação da declaração verbal do enunciado escrito e Violante fá-lo recorrentemente, intercalando-o com a introdução de frases sincopadas. Texto e leitor, ondulam, assim, embalados pelo ritmo entusiástico de “*Só o farol*

é real!”, “Sou já só *Pharol de Mim*” e “*Para além d’aquelles montes/ Existe apenas Espaço!*”, quebrado por “*Toda a minh’Alma se prende,/ Bate as asas – esvoaça...*” e “*Passado nunca passou,/ Futuro não o terei...*”, ou “*Que o sangue das minhas veias/ Já creou papoulas rubras...*” (1984:59-62). Tanto as exclamativas como as frases sincopadas são reveladoras de momentos de consciencialização e afirmação por parte deste *eu* poético dilacerado. Como declararia Martins⁶⁶, “[a] fusão dos géneros é um traço de escrita que vai marcar o Modernismo de Raul Leal, Almada ou Pessoa, que passam da filosofia em verso ao poema em prosa, da consideração política ao manifesto e à ode sem solução de continuidade”⁶⁷ (1994:119). Podemos perceber na produção literária assinada por Côrtes-Rodrigues e por Violante, no futuro pós-*Orpheu*, que talvez nesse aspeto o autor se tenha mantido moderadamente fiel ao preconizado pelo Modernismo, em diversos textos, como será perceptível nos existentes nos jornais insulares *A Actualidade* e *O Autónómico*, por exemplo.

2.2.2. Violante e a rubrica “Azulejos”, em *O Autónómico*

Mediante a análise realizada pelo historiador Carlos Cordeiro aos conteúdos do jornal vilafranquense, nomeadamente no que diz respeito ao tratamento de alguns temas, como a defesa da família, a recusa do divórcio⁶⁸, e o papel da mulher na célula familiar e na sociedade, entre outros, depreende este ser *O Autónómico* um “*jornal católico conservador*” (1999:41) e “*um dos jornais que melhor evidencia o pensamento anti-republicano de raiz católica*” (1999:48), que, embora aceitasse o “*novo regime [...] como «súbditos da república»*”, não se demitia do que “*considerava ser a defesa dos verdadeiros interesses de Portugal*” (1999:49). É, portanto, nos anos subsequentes à Implantação da República Portuguesa, a “*questão religiosa que, sobretudo, preocupa e mobiliza os jornalistas*” *d’O Autónómico*. Seria este, pois, o campo ideal para Armando Côrtes-Rodrigues semear os seus textos, não só pela sua afinidade pessoal com a terra de origem do jornal, e não só pela

⁶⁶ Dissertação de Doutoramento defendida na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

⁶⁷ Fernando Cabral Martins defende que “[e]ssa fusão atinge com o Futurismo, aliás, o ponto de explosão, designado como palavras em liberdade” (1994:119).

⁶⁸ Carlos Cordeiro aponta *O Autónómico* como um baluarte da defesa da moral, da fé e dos princípios. O jornal executa, “[d]esde logo, o alerta para a necessidade de serem acautelados, sem qualquer cedência, os bens da Igreja. Neste aspecto, todo o cuidado seria pouco, já que havia que precaver possíveis situações futuras. Quanto à lei do divórcio, salienta-se a oposição frontal do jornal vilafranquense, ainda que se escusando a analisar os efeitos morais e as consequências sociais da permissão legal do divórcio, pois o matrimónio é entendido não como um contrato civil mas, principalmente, como sacramento” (1999:49).

vivência religiosa que experienciara e experienciaria ao longo de toda a vida, mas, também, pelo conteúdo dos textos e orientação devocional destes.

2.2.2.1. Marcas do franciscanismo devoto e favorecimento de temas religiosos

Em casos excepcionais, o sucesso e a magnificência de uma obra não se prendem com a qualidade estética do texto, com a criatividade, pertinência ou a sua intemporalidade. A literatura “*não é um panteão onde, por força de uma ordem imutável, se depositariam [apenas], como afirma Quinsat, “os bons autores, mas sim que pode, segundo as culturas de que participa, as épocas em que se manifesta, possuir realidades múltiplas, obedecer a leis cuja importância nem sempre se avaliava”* (Quinsat, 2000:8), ou avalia. Equacionar os parâmetros que compõem um «bom» livro ou um «bom autor», carregando consigo toda a polémica e multiplicidade de possibilidades que o termo “bom” transporta em si”, é uma tarefa árdua (Bom livro e bom autor para que leitor e em que circunstância?); todavia, importa analisar o contributo que, num determinado contexto espacial, temporal ou cultural, um determinado autor concedeu e o que dele sobejou para a posteridade.

Constatámos já, previamente, que Violante de Cysneiros havia resultado do génio artístico natural de Fernando Pessoa e da necessidade prática de Armando Côrtes-Rodrigues se *outrar*, tendo sido este último autor o responsável por alimentar o sopro de vida literária de Violante, durante a sua existência efémera, mas relevante e produtiva. Violante, a única *fabulosa* mulher a participar em *Orpheu*, mais propriamente no segundo número, resulta, então, de um artifício de identidade que viria, reafirme-se, a enriquecer a revista e a contribuir para a unificação de textos e autores. Todavia, a sua produção textual e as suas contribuições não findam com o encerramento material de *Orpheu*, nem com a distanciação física dos seus colegas modernistas, mas expande-se ao jornal insular *O Autónomico*, na rubrica Azulejos, de abril a dezembro de 1916. Não negamos a qualidade estética dos textos de Côrtes-Rodrigues produzidos entre 1910 e 1915, mas temos consciência de que a sua participação ativa nas publicações modernistas resulta de um conjunto de razões, mais pessoais e circunstanciais do que estabelecidas pela afinidade com uma determinada corrente estética ou filosófica, sendo que os textos produzidos e integrados nas publicações da dita corrente são, como disse Eduíno Jesus, “*um resultado do deslumbramento do poeta que, vindo de um meio naturalmente tradicionalista, conservador, apegado à lição dos mestres do passado, se viu inadvertidamente numa babilónia de ideias novas, irreverentes, iconoclastas [...]*” (Jesus, 1956:6), alimentadas, em larga escala, pelo amigo Pessoa.

Assim, importa analisar os textos existentes no jornal supra mencionado, assinados sob o nome Violante de Cysneiros, inseridos na rubrica também acima apontada, e identificar determinados padrões estéticos e temáticos, principalmente no que respeita ao franciscanismo expresso por esta. Por outro lado, é necessário também apresentar uma ressalva e indicar duas exceções que correspondem à não análise de dois textos particulares: não será considerada a contribuição de sábado, 2 de setembro de 1916, pois, embora assinada por Violante, intitulada “O PASSADO – Integralismo artístico”, não é parte integrante da rubrica “Azulejos”, e o texto denominado “Carta aberta ao Senhor D. Miguel de Bragança pelo Visconde de Alvaredos”⁶⁹, já que o mesmo, embora incluído na mencionada rubrica, surge assinado pelo próprio Côrtes-Rodrigues. São, assim, 19 os textos em estudo, análise esta assente em três vetores, para já: a presença de religiosidade, a existência de referencialidade e empiricidade e a ausência de sensualidade.

Armando Côrtes-Rodrigues desmascara-se, paulatinamente, ao longo das contribuições em Azulejos; perde identidade Violante de Cysneiros e apresenta-se o pensamento do autor e o que representará tematicamente grande parte da sua obra e dos seus textos, desde *Em Louvor da Humildade* (1924) a *Cântico das Fontes* (1934), por exemplo. Argumentou Eduíno de Jesus que “*o poeta de Horto Fechado está longe de se encontrar em Em Louvor da Humildade, salvo em pequenos pormenores que, de qualquer modo, não dão conta da personalidade literária total do Poeta*” (1956:7). Sentimo-nos inclinados a discordar do argumento supra-apresentado, no sentido em que o substrato anímico e ideológico de ambas as obras é o mesmo. O próprio Eduíno de Jesus assume que “*Armando Côrtes-Rodrigues pode ser igualmente definido por qualquer dos seus livros, embora em cada um se defina diferentemente. Quer dizer: Armando Côrtes-Rodrigues é de facto um poeta de inspiração franciscana, mas é também um «subtil simulador e cantor de sensações» e ainda muitas outras coisas*” (1956:12), como adiante explicaremos.

Mor parte dos textos de Violante pós-*Orpheu* presentes n’ *O Autónimo* reflete a forma como literatura e religião, sob forma de impulso ou concretização de cogitação, se completam, se provocam, se alimentam e se coordenam (ou se condenam). De acordo com Quinsat (2000:9), “*com efeito, logo que, atrás da literatura, se descobrem as literaturas, apercebemo-nos de que estas ocupam o cerne de um campo de forças no qual se formula, em*

⁶⁹ Carece de investigação particular esta contribuição já que foi apurado que Manuel António Ferreira Deusdado (1858 - 1918), natural de Bragança, exilado nos Açores (onde foi professor e reitor interino do Liceu de Angra do Heroísmo, por discordar da reforma educacional implementada pelo governo de então e ocorrida no ano letivo de 1894/1895 e pela polémica que se instauraria em virtude dos vários pareceres que dera), é autor da Carta ao Senhor D. Miguel de Bragança, tendo assinado sob o pseudónimo Conde de Alvaredos, texto impresso pela Typografia Sousa & Andrade, em Angra do Heroísmo, no ano de 1904. Embora o título corresponda na íntegra, o conteúdo textual é diferente.

cada vez, a relação do indivíduo com a comunidade e, portanto, com os valores tanto religiosos como políticos que a movem". Torna-se evidente, no chegar de cada edição do periódico, no então ano de 1916, a aproximação natural aos preceitos religiosos tradicionais da ilha, ou do arquipélago, um relato e manifesto apego aos costumes das gentes suas congêneres, ao que professam, ao que as envolve e as caracteriza: seja o apego à religiosidade, o catolicismo silencioso e devoto e as suas diversas manifestações, seja o espaço geográfico que envolve os insulares deste início do século.

Em sintonia com Campigoto⁷⁰, citado por Eliane Kreutz Rosa, depreendemos que as fronteiras não se limitam a ser uma linha convencional que delinea um determinado espaço como forma de soberania. As fronteiras são, também, e em larga escala *“os limites de espaço e cultura que os seres humanos, sujeitos às emoções, usam para marcar o seu território cultural, linguístico e identitário”* (2011:1). Ainda a mesma autora, citando Meliá⁷¹, afirma que

[...] a identidade está ligada à territorialidade e esta está ligada à cultura que, por conseguinte, é comparada a uma teia de muitos significados que o homem cria e recria constantemente. O autor conceitua cultura como um conjunto de hábitos, crenças e atitudes; e a cultura é a “pele” que habitamos e estamos envolvidos nesta “pele” que é fina, sensível e transparente e na qual sentimos as sensações.

(2011:3)

Na verdade, é intrínseco ao ser humano interrogar-se acerca da sua identidade individual e coletiva. Assim, se o questionamento faz parte da sua essência, se é natural e constante, também o é refletir acerca do seu sentido de pertença a um determinado espaço e/ou a uma determinada comunidade. É compreensível que existam manifestos e textos técnicos que apresentem ou debatam tais tópicos, mas a literatura também vive e sobrevive da sua abordagem. Em Todorov (1975:27), encontramos a resposta para tal quando este afirma que *“[...] a literatura, sabemos, existe precisamente enquanto esforço de dizer o que a linguagem comum não diz ou não pode dizer”*.

Em “Azulejos”, Violante jamais poderia ascender ao patamar de heterónimo. Verifique-se que a criação e utilização de um pseudónimo não implica nenhum constrangimento ou dilema no que diz respeito à autoria do texto nem à consideração do mesmo ser literário ou extra literário, já que o autor almeja mascarar a sua identidade. A heteronímia é, todavia, bastante mais complexa, no sentido em que um outro autor é criado, com características,

⁷⁰ Ver. CAMPIGOTO, J. A., *Hermenêutica da fronteira: a fronteira entre o Brasil e o Paraguai*, Florianópolis: UFSC, 2000.

⁷¹ Cf. MELIÁ, Bartolomeu, “Identidade en movimiento sustituciones Y transformaciones”, in *Simpósio Nacional de Ciências Humanas*, Cascavel, Scussiatto, 2000.

distintas do autor original, sejam estas emocionais, ideológicas, experienciais, com uma determinada forma de pensar, sobre si e o Outro, e de expressar esse pensamento de forma diferenciada da do seu criador. É, obviamente, um artifício artístico, mas mais elaborado do que uma mera estratégia ilusória. Violante é, isso sim, um duplo que partilha, representando a realidade, da sensação angustiante do ato de viver. Poderíamos sugerir que Violante apresenta-se, então, como alter-ego literário de Armando Côrtes-Rodrigues; não como personagem de um texto narrativo, onde este se revelaria indiretamente, mas como personagem autoral representativa de Côrtes-Rodrigues. É o seu olhar que lemos: a atonia que provoca a inquietação (existencial), a inquietação que se acalma na crença, a crença que se alimenta do marasmo... a supremacia da desilusão, da angústia interior, o medo e o arrepio. Não há, já, distância entre Violante e Côrtes-Rodrigues, pois verifica-se uma progressão da presença de um no outro⁷².

A religião revitaliza e solidifica a confiança coletiva, o sentido de pertença e a noção de comunidade. Os textos revelam a sociedade e a sociedade revela os textos. Neste caso concreto, nos textos de Violante, apesar da fragmentação territorial regional, por força de uma imposição arquipelágica, verifica-se que não há cisão identitária possível, sendo que, apesar da enumeração de festividades religiosas concretas e particulares, qualquer separação é sublimada por um sentir comum e comunitário. Não há afastamento, nem como posição, nem como reação, e as imagens exibidas, as narrativas desenvolvidas traduzem sentimentos, frequentes vezes, de forma exagerada, dramática, até, digamos, pois, que quase teatral.

Eduíno de Jesus afirma, e bem, a respeito de Armando Côrtes-Rodrigues que “[e]ste, considerando através de toda a sua obra poética, não está situado, porque a sua poesia não pode ser considerada em bloco, antes em cada livro de per si, cada um diferente dos mais, mas nenhum menos importante que os outros, embora cada um situado diferentemente” (1956:5). O mesmo se poderá proferir acerca da prosa publicada no jornal, já que, numa atitude de distanciamento e observação, é necessário proceder a um isolamento do objeto analisado, embora mantendo a consciência de que este faz parte de um todo.

⁷² Citando Rui Sousa, a partir do texto “Nos Bastidores do “Drama em Gente””, “[s]eria ainda interessante ter em consideração os ecos deste debate [heterónimo vrs pseudónimo] em contextos distintos, como o prefácio em que Eduíno de Jesus apresenta a poesia de Armando Côrtes-Rodrigues e, referindo-se a Violante de Cysneiros, observa que foi o próprio poeta a fazer a transição do termo “heterónimo”, utilizado na reimpressão dos poemas no volume *Cantares da Noite*, em 1942, para “pseudónimo”, opção tomada aquando da elaboração da *Antologia de Poemas de Armando Côrtes-Rodrigues*, de 1956. A este respeito, comenta o prefaciador: “Violante de Cysneiros é um pseudónimo. Enquanto os heterónimos de Pessoa e de Machado se explicam por uma espécie de desdobramento de personalidades literárias, [...] Violante de Cysneiros é um nome suposto do poeta Armando Côrtes-Rodrigues. Uma circunstância, que nada tinha que ver com a questão da personalidade, o determinou” (Jesus, 1989: 40)” (SOUSA, 2015: 141).

Philippe Hamon (2000:60) defende que “*não existem sociedades sem normas e, portanto, sem distinções de valores*” -dados empíricos exteriores à obra-, pelo que não será “*descabido perceber que o autor possa estar sujeito aos sistemas de valores políticos e morais*”, encerrado na conjuntura ou condicionado pela problemática metafísica do verdadeiro e do falso, “[*d*]o bem e [*d*]o mal, [*d*]o permitido e [*d*]o proibido [...]”, mesmo que estes não se apresentem “[...] *sob forma de antíteses absolutas ou dicotomias maniqueístas*” (2000:61). Tal afirmação justifica, em certa medida, a orientação de Côrtes-Rodrigues, já que parte dos textos em análise, na exploração de temas piedosos, assume a forma de prosa religiosa, sendo que os restantes, não sendo síncries, completam e contextualizam o exposto, pelo enquadramento espacial e etnográfico.

Exemplifiquemos. Atente-se nos vocábulos e, por consequência, nos campos lexicais oferecidos por Violante de Cysneiros aos leitores *de O Autónimo* do início do século XX, apenas, para já, debruçando o olhar e a análise sobre os títulos de algumas das suas participações textuais; porquanto posteriormente, escrutinados serão determinados conteúdos. Nas contribuições de 13 e de 14 de junho, são referidos dois santos da Igreja Católica, nomeadamente Santo António e São João, em “Santo António de Lisboa” e “Noite de São João”, e, indiretamente, em setembro⁷³, outro, nomeadamente São Francisco de Assis, como se perceberá pelo conteúdo em “A morte de um santo”. Em agosto, há referência, ainda, ao Senhor da Pedra⁷⁴, festividade típica de Vila Franca do Campo. Esta afeição à festividade desenvolvida na sua terra natal é quase como que natural e intrínseca a Côrtes-Rodrigues, sendo este o autor do hino da própria celebração religiosa

Neste passo afrontoso da Paixão,/Desse trono de luz e de glória, ó Deus,
Protegei, ó Bom Jesus da Pedra,/A nossa Vila e mais os filhos seus.

Nossos pais nos legaram esta fé,/Que queremos manter sempre firme em Vós,
Coração de infinita ternura,/Dai-nos perdão e amparo a todos nós.

Nesta vida em tormentos sem ter fim,/Que podemos Jesus sem o Vosso amor,
Escutai a nossa prece ardente,/Pois só em Vós esperamos, ó Senhor.

(Armando Côrtes-Rodrigues, Hino do Senhor da Pedra).

com letra dos anos 50, sendo a composição musical de 1890, da autoria de Guilherme Cabral.

⁷³ Consideramos pertinente o facto do texto sobre a vida e morte de Francisco de Assis ter sido publicado em setembro, pois a sua morte assinala-se a 3 de outubro (1182-1226), tendo sido alvo de uma rara rápida canonização apenas dois anos depois da sua morte, a 16 de julho de 1228, pelo Papa Gregório IX.

⁷⁴ De acordo com a informação disponível no sítio online da Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca do Campo (<http://www.scmvfc.pt/index.php/cult/cult/main>) a imagem representa “o “Ecce Homo”, o Cristo coroado de espinhos, sentado numa pedra. As festas em honra do Senhor Bom Jesus da Pedra estão sob a alçada da Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca do Campo. Consta, do arquivo da Santa Casa da Misericórdia, o manuscrito que dá conta do reconhecimento e da autorização papal, em 1903, das festividades que já se realizavam.

A experiência dos seus primeiros anos acabaria por marcar profundamente a sua vida e a sua produção literária, mesmo que sob o nome de Violante. Repare-se que o próprio Côrtes-Rodrigues regista na sua correspondência

Naquele tempo [o tempo da sua infância] a Vila tinha um ar fundo de Convento. O silêncio nas ruas era quase claustal. As únicas manifestações colectivas eram as religiosas. Tudo andava à volta disso e a vida decorria entre a casa e a igreja. (...) A nossa primeira casa tinha um forte sabor religioso para o que bastava já a presença da freira franciscana e a proximidade da igreja do Hospital com a imagem do Senhor da Pedra, cujas jóias eram cuidadas lá em casa, no arranjo da cana e da coroa de espinhos para a sua festa que foi sempre a segunda da ilha.

(1956:15)

Ademais, argumentou Eduíno de Jesus que para o autor “[...] *fundamentalmente católico, a alma durante esta vida terrena, encontra-se em um estágio entre Deus, de que provém, e o mesmo Deus, a que, depois da morte do corpo, retornará [...]*”, sendo que é manifesta “[...] *a influência do meio insular, determinado pelas grandes solidões marítimas [...]*”, paradigma que “[...] *envolve a expressão de religiosidade de Armando Côrtes-Rodrigues de um véu de cores locais*” (1956:36/37). Violante sorve e expõe esta insularidade e a tendência religiosa dos ilhéus. No que se refere a um manifesto pendor religioso, deste modo, não se extinguem, por aqui, as referências, já que a sua contribuição inicial, em abril de 1916, a título ilustrativo, é dedicada às romarias quaresmais⁷⁵, texto anteriormente citado, intitulada, precisamente, “Romarias”⁷⁶.

É possível verificar, nos escritos de Violante de Cysneiros publicados no jornal mencionado, uma notória mudança de registo relativamente a *Orpheu*, agora de pendor bastante mais religioso e bucólico, e de alteração (no uso) da linguagem, como já adivinhava Pessoa que viesse a ocorrer quando escrevia, no mesmo texto em que justificava a ausência de contributo de Côrtes-Rodrigues para o terceiro número da revista, o seguinte:

Aqui lhe deixamos, num abraço, a expressão da nossa camaradagem de sempre; e o perpetrador destas linhas, velho amigo seu, acrescenta a ela o desejo de que Côrtes-Rodrigues se não embrenhe demasiado, como de há tempos se vai embrenhando, no catolicismo campestre, pelo qual

⁷⁵ Gaspar Frutuoso, na obra *Saudades da Terra, Livro IV – Açores: São Miguel*, de final do século XVI, que corresponde a um profundo estudo sobre a Macaronésia, regista já a existência das romarias e a sua origem. Neste, indica que estas romarias em particular terão tido origem após o terramoto de 1522, que destruiria Vila Franca do Campo, a então dita capital da ilha de São Miguel, e a partir de uma procissão de ação de graças. A repetição desta procissão seria convertida e traduzida posteriormente em romaria quaresmal, como estratégia humana de regeneração da alma e de penitência, com a duração de uma semana, ao redor da ilha, no sentido do sol, visitando lugares de culto de invocação mariana.

⁷⁶ Violante de Cysneiros, “Romarias I”, rubrica “Azulejos”, in *O Autónimo*, Vila Franca do Campo, sábado, 12 de maio de 1916, n. 883. A partir deste ponto, todas as referências e citações de Azulejos apresentarão, de seguida, a indicação do título e ordem de contribuição.

facilmente se aumenta o número de vítimas literárias da pieguice fruste e asiática de S. Francisco de Assis, um dos mais venenosos e traiçoeiros inimigos da mentalidade ocidental⁷⁷.

Repare-se que este tema, a título de exemplo, será repescado e reutilizado na obra *Em Louvor da Humildade*, de 1924, na composição lírica intitulada Romeiros

“Céu de chumbo! Escuta... Ave/ Maria, cheia de graça...
No seu cantar arrastado/ A romaria lá passa...

Acordam ecos da serra,/ Ó quanta fé nessa voz!
Numa toada dolente:/ Mãe de Deus, rogai por nós!

Ao escutá-la, comove-se/ O coração. Que tristeza!
Anda naquelas palavras/ Toda a dor da Natureza.”
[...]

(1956:145)

Não há afastamento expressivo ou ideológico entre a Violante de “Azulejos” e o sujeito lírico de *Em Louvor da Humildade*, embora a publicação imponha uma separação de 8 anos. Não só o tema é comumente abordado, como é tratado da mesma forma e com o mesmo vocabulário. Em ambos, o autor apresenta uma manifestação religiosa particular, realçando-se a voz, o canto dolente e arrastado, ecoando na paisagem, dos irmãos, sendo que a própria natureza, capitalizada, é a representação material da tristeza da oração, ora pelo “céu de chumbo”, ora pela Natureza se manifestar, de forma vibrante e acordada, na voz dos romeiros.

Verifica-se nos textos em análise, salvo raras exceções, uma estética do pessimismo, quase como se o próprio pessimismo, mais do que uma marca textual, uma condição de vida ou uma condicionante do quotidiano, fosse a própria filosofia de existência do sujeito. Esta disposição do espírito condiciona os conteúdos e a melancolia, o desânimo, o tédio e o desencanto para com a vida são refletidos em expressões como “*No castelo do sonho a princesa morrerá*” e “*Depois foram longas tristezas dos longos dias de martírio*” (III- Alvorecer, maio); ou “*Na lareira [...] as últimas brasas morreram lentamente... E a Fome veio sentar-se no lar onde a miséria colhe as derradeiras alegrias [...]*” (IV- Lar sem pão, junho), ou, ainda, em “*Para uma angústia sinistra na vastidão dos campos. [...] Rosas desmaiam nos canteiros perturbadas pelo seu próprio aroma. [...] A Hora pesa numa realidade fatídica*” (XI – Ladainha no Meio-dia, agosto).

É, pois, uma psique derrotada e abalada pela “[...] *melancolia do poente*” onde “*anda a penumbra esbatendo a forma viva das coisas*” (VIII- A Vida e a Arte), mesmo em dias de festa em que “[...] *a apoteose do Sol, erguido sobre as montanhas na grande bênção matinal*

⁷⁷ *Textos de Crítica e de Intervenção*. Fernando Pessoa, Lisboa, Ática, 1980, p. 227, citados in <http://arquivopessoa.net/textos/646>.

[...]” é antecedido pela “[...] *agonia lenta das irmãs estrelas, muito além, no céu desmaiado e frio da madrugada* [...]” num [...] *martírio obscuro* [...]” de quem “[n]inguém se apercebeu [...]. (II- Dia de Festa, maio), como doença que corrói o *Ser*, física e espiritualmente, derrotando-o. Violante embarca, então, em meditações sobre o transcendente e a moral, o enigmático e o nebuloso, como o próprio clima, aquilo que é inatingível e invisível ao olhar do mortal, pecador. O campo das emoções é, regra geral, minado pela negatividade sobranceira: os defeitos; o(s) silêncio(s); a(s) escuridão(ões); os campos despidos; a penumbra que envolve as gentes e a natureza; os próprios ritos que perpetuam a dor e a auto-comiseração. É intrínseca esta negatividade alimentada aos poucos.

O texto Dia de Finados (XVIII – Dia de Finados, novembro), assinalado a 2 do dito mês, é apresentado oportunamente e a natureza reflete o carácter consumido e mortificado da data que visa celebrar quem já expirou: “*Céu de chumbo* [...]”. Chove e a “[...] *água barrenta* [...]”, da lama que se agrega à corrente, corre ribeira abaixo; o nevoeiro negro invade o olhar e a espuma decora “[...] *a superfície azul* [...]” do mar, seguramente bravio e inóspito. É a Morte quem traz notícias de uma outra Vida, pois, na tradição cristã e nesse catolicismo profundo, apenas se acede à vida eterna pela morte física, enquanto do Céu cai a tristeza, como chuva de inverno, e o vento “[...] *anda rezando a ladainha dos mortos*”.

Nem no seu texto de despedida da rubrica, “Natal”, aquele que haveria de converter-se na sua última contribuição para *O Autónimo*, no longínquo dezembro de 1916, se Violante expressa felicidade, ou um momento natural de descomprometido contentamento, naquela que poderia ser uma época festiva. O período natalício, na ilha, era vivenciado à luz das ancestrais tradições familiares, numa sociedade patriarcal profundamente católica e que alimentava a fé com a construção do presépio, com a celebração da Consoada ou com a ida à Missa do Galo. Violante esquiva-se ao regozijo desses momentos e à alegria potenciadora dos mesmos, inundando o seu texto com um campo lexical intimamente ligado com o desânimo e a melancolia. Dividido em dois breves, mas intensos, parágrafos, Violante ignora o Natal presente e embrenha-se no “*Natal da [sua] infância*”. A saudade, neste caso quantificada, mesmo que em abstrato, pela pluralização do vocábulo, materializa-se nos “*bonecos do [seu] presépio*”⁷⁸, símbolo natalício, representação simples do nascimento de Cristo e repleto de significado por apresentar a grandiosa humildade do seu nascimento, mas, também, a noção de união, comunhão e convergência: na pobreza, uma mãe dá à luz um filho, em um ambiente humilde de amor e dedicação, segurando-o amavelmente nos seus braços.

⁷⁸ No século XIII, São Francisco de Assis haveria de recriar o presépio, através de uma encenação, nos moldes em que hoje o conhecemos.

Violante inicia o segundo parágrafo de Natal aludindo a uma figura feminina metafísica “[...] *Aquella que nunca* [naquela] *noite de Natal a* [tivera] *nos seus joelhos*”. De facto, nunca joelhos alguns seguraram Violante de Cysneiros; nem o corpo de Violante se sentaria em algum joelho. Porém, Violante não está só nessa experiência de soledade e abandono pois também Armando Côrtes-Rodrigues não se sentaria ao colo de sua mãe, como humano e mundano menino Jesus insular, pela morte desta após o seu nascimento. Está, assim, transposto o escritor e a sua experiência vivencial para Violante e para o texto que ela assina.

Ainda em Natal, se as saudades bonecos são, as lágrimas são espelho que formam “*o lago do pescador solitário*”. Côrtes-Rodrigues é o próprio pescador solitário que recorda uma beleza que nunca viu, que é uma memória de algo que nunca teve, como se constata na passagem “*recordar uma beleza que revive no encantamento do meu Sonho*”. Do Sonho, extrai a ternura de que necessita para acalmar a dor e para, assim, consumir o descanso, já que “[...] *nesta ternura que de ti me vem, as minhas dores adormecem-me tranquilamente no regaço. E é como se Ella me tomasse nos seus braços e me adormecesse [...] cantando a alegria serena d’ esta noite de mistério e d’ amor*”. Está e estará, sempre, para ambos, incompleta esta noite.

Em escritos posteriores verificamos, novamente, o elo intensificado entre Violante e Côrtes-Rodrigues, que sumariam o que aqui se afirma e defende. Em “Cantiga do Natal”, de 1959, o poema-quadra revela-o: “*Saudade de almas em sonho,/ Enleios que o tempo fez.../ Este encanto do Natal/ É ser menino outra vez*” (1956:110), tal como em “Canção do Natal Triste”: “*Vens de mansinho,/ pela calada,/ abres os braços, não dizes nada. [...] Vens de tão longe.../ És a Saudade/ deste presépio/ da mocidade. [...] Natal alegre,/ berço quentinho!/ Triste Natal/ de ser sozinho*”.

Por sua vez, no que diz respeito à sensualidade e à carnalidade, estas estão presentes nos poemas de *Orpheu*, criação de Violante, pela auto-representatividade feminina, bem como pela visão erótico-sensual, no ato sensitivo e físico de proceder à dança do corpo. Conceitos como amor, poesia e erotismo, estão, desde sempre, ligados à literatura e surgem, pois, frequentemente associados à figura feminina, como podemos constatar, a título ilustrativo, nas diversas cantigas de amor da Idade Média e na visão petrarquista de mulher, ou no humanismo italiano que se disseminaria pela Europa. A mulher é representada (e representa-se) ostentando uma imagem sensual e erótica, em textos em que a própria ideia de sedução e encantamento surge associada à exaltação do corpo feminino e da formosura da figura feminil, seja esta física e psíquica, isto é, tanto no que diz respeito às evidências corpóreas

como aos fenómenos emocionais e psicológicos, caso de algumas composições de Camões, se quisermos ter em conta literatura nacional, mas universal.

Na poesia modernista, a mulher figura feminina aparece dotada de voluptuosidade, como origem de desejo, mulher carnal, sensorial, sensual. Como referiu Eduíno de Jesus, a sensualidade presente nos textos que compunham a contribuição de “*a mulher que nunca foi*” (1990:103), no segundo número da revista *Orpheu*, dissipou-se. “A mulher que nunca foi” desvanecer-se-ia e, se em *Orpheu* se destaca a delicadeza e singeleza de uma tranquila, mas fecunda, tarefa feminina (“*Há pouco quando bordava/ Picou-me a ponta dos dedos/ A agulha com que bordava [...]*” (1984: 57), manchada pelas gotas rubras do sangue que escorre das veias, já que a criatividade contém os seus riscos⁷⁹; se, em *Orpheu*, Violante se metamorfoseia, e ganha vida, em Salomé atuante, dançante, sensual (“*Ergui-me em curva e de pé/ do meu corpo fiz sentidos [...] Presente no meu olhar,/ Eu fui Outra Salomé/ Feita de mim a dançar.*”), ser que apenas se completa mediante a fusão do sentir-[S]e viva e bailante, livre e espontânea, representando e fazendo uso da sua volumetria, como podemos observar nos versos dedicados a Alfredo Pedro Guisado: “*Dancei... Dancei... E ao Ver-Me/ Toda de curva e de pé/ Era o sentido de Ser-Me.*”; se, em *Orpheu*, no poema dedicado ao próprio Armando Côrtes-Rodrigues, Violante corporiza a sua duração e a sua presença “*De há dois annos*”, pela descrição das suas mãos “*esguias*”, que acolhem carinhos, e das suas unhas “*cor de rosa*”, onde aplica a pomada que alguém, antes, colocava, e as vai polindo, nesse gesto continuado marcado pelo gerúndio; em *Azulejos*, a atitude feminina é de contemplação pura, de súplica e penitência. A mulher queda-se perante o movimento masculino, perante a voz masculina, perante a presença masculina, colocando em evidência marcas culturais e sociais do passado e do presente de uma sociedade marcadamente patriarcal, como acontece com a rapariga que, como tantas outras, assiste à passagem dos ranchos deromeiros: “*E nos grandes olhos tristes d’aquella rapariga que passa, desfiando o seu rosário de amarguras [...]*” (I- Romarias); ou com a mãe-esposa que assiste à entrada da Fome porta adentro: “*Ella [a mãe] viera sentar-se defronte, mais constrangida ainda por aquelle longo silêncio que a abafava como um martírio maior*”, enquanto o marido “*remexe o barrete nas mãos nervosas*”(IV – Lar sem pão, junho). A mulher queda-se perante o sofrimento, a inevitabilidade do fenecimento e a

⁷⁹ Creemos que criatividade e ousadia partilham elos, pelo que aquele que ousa ser original frequentemente receberá o desdém ou a desconfiança das classes instituídas. Os artistas que participaram em *Orpheu* foram um exemplo dessa atitude discriminatória. Porém, ao longo dos séculos, a história, a mitologia e a própria literatura são pródigas em exemplos: a Dédalo e seu filho, num voo singular, derretem as asas, causando a morte de Ícaro; Prometeu, ludibriando Zeus e roubando o fogo para o entregar aos homens, é condenado a passar a eternidade amarrado a uma rocha no Cáucaso para que do seu fígado uma águia se possa alimentar; Bartolomeu Lourenço, Baltasar Sete-Sóis e Blimunda Sete-Luas, ousando voar, vêm o sonho desfazer-se no despenhamento da Passarola, ficando condenados a destinos de infelicidade. Por tal, a criatividade poderá implicar qualquer situação de eventual contratempo ou ameaça.

miséria, como visível em *“Passam as horas da nossa vida como a brevidade triste desse poente. E os sonhos caem como as folhas secas lentamente ao sopro da desilusão. Tudo envelhece de tédio ou de abandono”*. E, como folhas caídas, à mercê da estação *“Ficamos na penumbra das nossas sensações contraditórias, somos a caravela parada em calmaria no mar do sonho que se não vive”*(XVII – Carta para longe, outubro). Atente-se numa cada vez mais assinalável aproximação entre Violante e Côrtes-Rodrigues, porquanto, anos depois, na obra *Em Louvor da Humildade*, de 1924, o autor açoriano haveria de atribuir o título *“Carta para longe”* a um dos seus poemas, e no qual, pela transcrição da seguinte quadra *“Depois que d’aqui saíste/ Nunca mais houve alegria,/ Que no ceu da nossa vida/ Veio a noite e foi-se o dia”*(Côrtes-Rodrigues, 1924:79) se depreende a instalação da tristeza omnipresente provocada pela inevitável partida de um ente querido, neste caso, Maria. O compromisso assumido por Violante, em *Azulejos*, quando enceta uma atitude de contemplação e gratidão perante a vida, o espaço e o outro, é perpetuado por Côrtes-Rodrigues; daí que no texto poético de abertura da obra *Em Louvor da Humildade* se possa ler *“Eis o Livro da Humildade/ Que humildemente escrevi: Sem soberba e sem vaidade,/ Assim tal como o senti”*, que o autor dedica ao *“Povo bom da minha terra”*, para que, nas quadras apresentadas, ao gosto popular, *“[...] nelas te visses/ Naquilo que sentisses/E não soubesses dizer”* (1924:9/10). Ao longo desta última obra, como já teria ocorrido em *Azulejos*, é o leitor, cada vez menos, surpreendido pela simbiose entre a exaltação da terra e do Ente Criador, como em *“Da Terra”* (*“Louvado seja o Senhor/ Pela terra nossa mãe”*) (1924:11) ou em *“A caminho do trabalho...”*, poema no qual o sujeito poético confessa ter recebido de seu pai dois livros, o *“Livro do ceu para lêr,/ [o] Livro da terra também,/ Ambos em letras diversas/ O nome de Deus contêm”* (1924:23) e a apologia da simplicidade imposta generosamente, e exemplarmente, por Deus, como é visível em *“E dos pobres...”* (*“Louvada seja a Pobreza/ De tam subido valor/ Que para sua companheira/ A escolheu o Senhor”*) (1924:13), ou quando, a respeito de *“O Trabalho”*, se lê *“E logo Deus ordenando:/ - Pois ganharás o teu pão/ Com o suor do teu rosto!”* (1924:42).

Nos poemas de *Orpheu* há movimento, há ação, ora no bordar, ora no dançar, ora no polir das unhas, ora no erguer-se, ora no curvar-se, sendo que esta dicotomia última alternada compõe a sua existência e a justifica, já que é o *“espelho dos [seus] sentidos”*. Em *Azulejos*, vive-se no campo da estaticidade e do sonho, que não é perfeito e que se desvanece, *“em que o silêncio da morte devora[-me] a alma”* e em que, quase omnipresentemente, *“[p]aira uma imensa tristeza nes[s]a hora apagada em que a paisagem perdeu o encanto da sua côr”* (XIII – Lição dos velhos tempos, setembro).

As obras de Côrtes-Rodrigues espalhar-se-ão, decerto, por diversas estantes, sob diversas catalogações, em género ou conteúdo, e a sua obra sobrevive dessa heterodoxia etnográfica e literária, posto que, frequentemente, nos seus textos, as margens, ou fronteiras que deveriam isolar cada termo estão diluídas. Reconhecemos, tal como Eduíno de Jesus, que

[...] de Armando Côrtes-Rodrigues não se pode dizer, [...] que é um «subtil simulador e cantor de sensações», porque isso é apenas definir o poeta de Orpheu; que é um poeta de inspiração etnográfica, porque isso é apenas definir o poeta de *Em Louvor da Humildade*; que é um poeta de inspiração franciscana, porque isso é apenas definir o poeta de *Cântico das Fontes*; e assim por diante definindo o poeta conforme cada um [...] dos seus ciclos evolutivos.

(1956:8)

Em Côrtes-Rodrigues e em Violante de Cysneiros, poesia e prosa fundem-se, literatura e etnografia combinam-se, tal como se fundem o ser-criador e o ser-criado. Na sua produção, verifica-se uma sobreposição de papéis, já que o escritor, poeta ou dramaturgo, é simultaneamente, o etnógrafo. Não há desvinculação de um em relação ao outro ou anulação de um em detrimento do outro. Todo o potencial criativo é colocado ao serviço da expressão literária e etnográfica, numa atitude crítico-criativa de produção interdisciplinar. Uma perspetiva mais conservadora ou imutável consideraria essa fusão um enfraquecimento, mas o próprio Ítalo Calvino, em *Ensaio sobre Literatura e Sociedade*, aborda as possibilidades de prováveis trânsitos entre campos distintos. Verifica-se, em prol da criação artística e do registo etnográfico, e daquilo que de mais pessoal ou universal ambos os registos transportam, a valorização da vivência, da experiência, do contextual e do temporal.

Quinsat constata que o “[...] o leitor é parte ativa visto que é conduzido a desenvolver a pluralidade de significados ocultos pelo texto [...]” e que “*todo o texto viaja [...] também fora das fronteiras geográficas e linguísticas em que surgiu. O tempo vem, por sua vez, enriquecer o seu significado*” (2000:9). Ao longo das últimas décadas, os textos de Armando Côrtes-Rodrigues têm sobrevivido e têm ganho novos significados, à luz de diversos olhares e à luz de inovadoras abordagens⁸⁰.

Existe consciência histórica e a construção dessa realidade passa, também, pela expressão escrita da mesma e pelo seu registo. Desta forma, “[...] analisando a linguagem e a

⁸⁰ Mais recentemente, Anabela Almeida (Barros) tem desenvolvido estudos vários sobre a biografia e bibliografia do autor, dispondo, já, neste momento, de, em seu poder, um vasto espólio ainda por tratar e que não consta da sua dissertação de doutoramento bastante recente. Ana Klobucka também tem investido no seu estudo, principalmente no que diz respeito a Violante de Cysneiros, sendo que, nas últimas décadas, estas duas investigadoras são aquelas que mais têm contribuído para o reconhecimento do génio cortesiano. Já em 2002, Fernando Aires continua o trabalho que desenvolvia desde 1991, quando apresentara “Armando Côrtes-Rodrigues, poeta e prosador”, na revista. *Insulana*, e publica a obra de referência *Armando Côrtes-Rodrigues e Eduíno de Jesus – Correspondência. Alguns anos antes, em 1999*, A Secretaria Regional da Educação e Assuntos Sociais dedica-lhe um episódio da série Açorianos de Cultura.

forma como são articuladas as referências e questões específicas desse contexto, pode[mos] reconstruir esse outro tempo, ganhando conhecimento de situações, detalhes e circunstâncias" (Hamon, 2000:60). E, nesse sentido exato, Violante cumpriu a sua função. Os textos pós-*Orpheu* de Côrtes-Rodrigues, da prosa, ao teatro, percorrendo os meandros da poesia, exibem uma panóplia de temáticas religiosas e rurais que se enquadram naquilo que poderíamos denominar de abordagem franciscana e de lirismo popular. A Violante de Azulejos, embora escrevendo em prosa, apresenta ambos, contaminada pelo seu criador.

Ao longo dos séculos, é possível verificar que São Francisco de Assis não exerceu a sua influência, apenas, no campo da religião. É do conhecimento geral que a sua conduta e a sua atividade missionária, muito por força do seu exemplo de vida, dariam frutos e fariam nascer a Ordem dos Frades Menores, mediante autorização do Papa Inocência III, desde o início do século XIII. Na verdade, o seu testemunho e ação influenciariam, 700 anos depois, alguns dos textos de Armando Côrtes-Rodrigues que evidenciam marcas de um franciscanismo arreigado. Não sendo Côrtes-Rodrigues um religioso franciscano, é possível identificar marcas desse franciscanismo profundo e piedoso, possivelmente influência longínqua da sua infância, como sugerimos anteriormente, nos textos de Violante de Cysneiros, bem como nos seus. Transporta, assim, para a entidade criada, as suas vivências de infância, assimiladas enquanto habitava o antigo Convento de Vila Franca do Campo, na companhia da velha freira clarissa que o acompanharia e que obedecia aos preceitos da ordem: disciplina, austeridade, simplicidade, pobreza. Aliás, “[o] *culto pela natureza e pela existência divina que ela traduz aproxima-se da poesia panteísta, que encontrou eco no franciscanismo do povorello de Assis, cuja biografia o poeta lera na sua juventude e cujo exemplo admirava profundamente*” (Cymbrom: 2011:5-6).

Acrescente-se que, em 1914, ainda residia Côrtes-Rodrigues na capital portuguesa na companhia da trupe modernista, um outro açoriano, Armando Narciso, sendo também este estudante, desta feita em Coimbra, publicará um artigo intitulado “Literatura Açoriana”⁸¹, no qual, para além de referir que “os poetas deviam ter por inspiração as paisagens e os costumes açorianos”, assinala o inevitável “casticismo açoriano”, que resulta, está claro, do seu isolamento (1999:226). Será esse casticismo, portanto, do ponto de vista religioso mas, também, cultural.

Em Alfredo Pedro Guisado, “[d]esde o início, poemas datados de verdes anos mostram-nos o rasgo predominante: a deformação sentimentalista da Natureza, com discreta, mas

⁸¹ O artigo mencionado será publicado no jornal *Diário dos Açores*, na edição de 24 de setembro de 1914, Ponta Delgada.

omnipresente tonalidade cristã, em personificações que pretendem traduzir um esquema simples de apegos humanos” (Pereira, 1979:161), como é possível verificar no texto poético elencado por Pereira: “*Cada monte que vejo é um altar./ A abóboda do templo o firmamento./ Igreja onde quem vem ajoelhar/Venera a Natureza!...// Tem por fiéis que rezam noite e dia/ Os pinheirais, as rosas, os trigais...// As cortinas do templo imaculado/ São nuvens*” (1979:161). Esta metaforização da natureza em entidade divinizada, como já antes havíamos feito notar, também não é alheia a Armando Côrtes-Rodrigues.

O criptónimo cortesiano X, em *A Actualidade*, a 19 de setembro de 1923, no número 196 do jornal, mais precisamente na rubrica “Apontamentos dum Estudante”, referindo ao longo do texto que é das “ilhas”, faz o elogio dos que rezam, em território nacional, e com quem contactou de perto: “[...] *causou-me profunda impressão ver o recolhimento com que esses rapazes[em Coimbra] assistem ao Santo Sacrifício da Missa [...] Mas impressionou-me mais, ainda, ver que esses rapazes assistem á missa de terço na mão. Na minha terra nunca vi isto. [...] Os da minha terra dizem que isto de rezar é para as beatas*” (*A Actualidade*, 1916: 1-2). Côrtes-Rodrigues, bem como os seus pseudónimos, não concebe a existência do indivíduo sem a omnipresença do cristianismo e da oração.

2.2.2.2. Favorecimento de temas rurais

O favorecimento de temas rurais não é elemento distintivo da literatura de Armando Côrtes-Rodrigues, por si só, visto que outros autores também o apresentam. Repare-se que “[a]s *evocações rusticistas*” em Alfredo Pedro Guisado⁸² “*aparecem banhadas ainda numa vaga, e assim mesmo adequada, inspiração de religiosidade cristã*” (1979:178), principalmente em *Xente d’Aldea*⁸³, texto assinado por Pedro de Meneses, seu pseudónimo de naturalidade galega. É, sim, elemento distintivo entre a escrita deste e a de Violante de Cysneiros, ou melhor, entre os textos de Violante presentes em *Orpheu 2* e em *O Autónimo* ou *A Actualidade* e aqueles assinados em seu próprio nome.

Com Côrtes-Rodrigues, principalmente na sua fase pós-*Orpheu*, verifica-se um reforçar dessa preferência pelo bucolismo natural dos espaços, predileção expressa nas suas crónicas,

⁸² A seleção deste autor como fonte de exemplo prende-se, em primeiro lugar, com a economia de tempo e espaço desta dissertação, já que poderíamos ter escolhido, também, autores como Fialho de Almeida ou Carlos Oliveira, e, em segundo lugar, e mais importante, com a proximidade existente entre Guisado e Côrtes-Rodrigues, já que ambos faziam parte dos mesmos círculos e ambos membros da geração de *Orpheu*.

⁸³ A obra *Xente d’Aldea*, escrita em galego, data de 1921. Alfredo Pedro Guisado, sob o mesmo pseudónimo, escreveria, ainda, *Elogio da Paisagem*, em 1915; *As Treze Baladas das Mãos Frias*, em 1916; *Mais Alto*, em 1917; *Ânfora*, em 1918; *A Lenda do Rei Boneco*, em 1920 e *As Cinco Chagas de Cristo*, em 1927.

nas suas peças dramáticas, na sua poesia, e nos diversos artigos que publicaria nos jornais açorianos, sob os diversos nomes e criptónimos com que assina. Atente-se, por exemplo, no texto assinado por Severo (de) Verdades, datado de 17 de março de 1923, no número 172 do periódico *A Actualidade*. Neste, na rubrica intitulada “Chronica de Aldeia I”, na qual contextualiza, espacial e temporalmente, a narração através da menção a Santa Bárbara e da referência elogiosa ao Monte Brasil (ilha Terceira) e ao ano de 1922, poderá ler-se: “*No campo não.[...] O pensamento religioso da paisagem fala mais alto do que nós. Os lábios fecham-se e o coração escuta*” e, por isso, “[q]uando se viaja para o campo, deve-se ir sozinho” (*A Actualidade*, n. 172: 2). Esse mesmo pseudónimo cortesiano, numa outra rubrica, a “Comentários,” alguns meses depois, mais precisamente na edição de 12 de julho de 1923; no número 195, atesta que “*A vida é bela e perfeita como todas as obras que saíram das mãos do Creador [...]*” e convida o leitor a “*Olha[r] a água da fonte*”, pois esta “*é pura, casta, humilde e boa. Sê bom, humilde, casto e puro do coração e terás compreendido o sentido da vida*” (*A Actualidade*, n. 195: 1). Esta contribuição reveste-se de uma dupla importância no que respeita ao cerne deste trabalho, pois, nesse mesmo texto, Côrtes-Rodrigues estabelece uma simbiose entre espaço-homem-Deus e uma relação de interdependência.

Ademais, Côrtes-Rodrigues, senhor da «severa verdade», escreve que “[a] vida é uma missão nobilíssima que nos cumpre realizar no aranhado limite da nossa existência. Conhecer, amar e servir a Deus eis todo o segredo da humana missão”, mas tal só é possível caso o homem mergulhe na pureza da sua existência mundano-divina. Para tal, o espaço citadino, buliçoso e tentador, não será adequado. Na tranquilidade dos espaços rurais, ao homem, no encontro com a Natureza, suprema criação divina, será facultado o dom da visão. Precisamente por esse motivo questiona: “*Como queres conhecer a Deus se és o primeiro a cegar a tua inteligência pelo desvairo do teu orgulho e da tua vaidade?*”. Porém, as interrogações retóricas, artifícios perfeitos para atrair o público, intensificam-se quando, continua o discurso, questionando: “*Como conhecer a Deus se o negas? E se o não negas pelas tuas palavras, porque o negas pelos teus actos? Porque aquele que diz que crê em Deus e vive como se Ele não existisse, mente duplamente*”. Côrtes-Rodrigues e o seu séquito de pseudónimos revelam por fim que

[n]inguém pode amar sem conhecer. Só quem conhece a Deus o pode amar. Ai de ti que tiveste tempo para estudar todas as literaturas, todas as sciencias, todas as artes, todas as filosofias, para praticares todas as loucuras e para gatares na indiferença as tuas melhores horas e que nunca tiveste um momento tranquilo na tua existência para leres o Evangelho e estudares o Catecismo.

(*A Actualidade*, n. 195:2)

Parece-nos ser visível uma preferência pelo ambiente campestre, tranquilo, bucólico, nos diversos registos escritos de Armando Côrtes-Rodrigues, uma tentativa de reconhecer a importância essencial do campo na purificação da alma. A perspectiva recordar-nos-á os textos poéticos de um Cesário Verde extremista, apaixonado pelo sussurro tranquilo e reconfortante do mundo campestre, ocasionalmente dividido entre a vida na cidade e o apego reconhecido ao espaço campesino, mas sem que lhe falte o olhar atento. No número 198 do *A Actualidade*, na rubrica “Apontamentos dum Estudante”, X, um dos seus criptónimos, refere que “*Vamos em progresso [...]*” e logo apresenta as consequências: “*Como transformaram num século, este povo de Lisbôa. Crente, disciplinado [...] ahi o temos, agora, malcriado, revolucionário, grevista, bombista, ingovernável. Está fazendo tirocínio para a ditadura do proletariado*”(A *Actualidade*, n. 198:2). As várzeas e os montes, as pastagens e as searas são os espaços privilegiados, espaços que ele desnuda e é

por demais [re]conhecida a riqueza artística do seu verbo, em prosa ou em verso, sempre impregnado de um lirismo traduzido em páginas de amor à terra, ao povo e seus costumes, à simplicidade rural, à Natureza. Na sua escrita convivem harmoniosamente os ruídos campestres, o chilrear dos pássaros, o murmúrio das águas, a rusticidade das vozes humanas, o guincho dos carros de bois, todos fundidos num hino de louvor ao Criador.

(2011:5)

2.2.3. Violante e o *Folha de Angra*

É reconhecida a ligação que Armando Côrtes-Rodrigues estabeleceria e manteria com a ilha Terceira já que durante algum tempo haveria de exercer a sua função profissional de professor na mesma. Logo, não causará estranheza, reconhecendo que o autor ter-se-á envolvido socialmente em diversas iniciativas nesta mesma ilha aquando da sua permanência, que conhecesse, com detalhe, o meio e os seus periódicos, e que tenha colaborado, também, com o *Folha de Angra*, jornal que, à semelhança dos já mencionados *O Autónimo* e *A Actualidade*, micaelenses, revelaria uma evidente inclinação cristã. Então, também no *Folha de Angra* surgirá Violante, que assina a rubrica “Carta de Mulheres”. Violante dirige-se à possivelmente também arquitetada Maria da Graça⁸⁴, destinatária que recebe a sua correspondência. Violante revela, como fará, posteriormente, em “Tempo”, a defesa do género epistolar. É necessário escrever e Violante fá-lo porque sente prazer e precisão no próprio ato de se manter em contacto e de se aproximar do outro por meio de uma missiva

⁸⁴ Mediante as pesquisas realizadas até à data, seria imprudente afirmar que Maria da Graça, a quem Violante se dirige, seja, também, um pseudónimo de Armando Côrtes-Rodrigues, ou uma referência empírica. A sua presença é escassa e a informação sobre esta esparsa.

escrita quando a troca verbal e presencial não é possível, por oposição àqueles que utilizam a inexistência ou escassez de “vapores”⁸⁵ que transportassem a correspondência como pretexto para a ausência de uma carta. Violante permite que transpareça a sua ironia ao referir que “[a]gora já não será preciso esticar a letra apressadamente para rabiscar no fim da frase” de forma a simular a pressa, para que a carta, ou a pessoa que a escreve, possa alcançar atempadamente o barco antes de que este zarpe.

A singularidade inerente a um hipotético heterónimo não se constata na génese de Violante, pois, mais uma vez, verifica-se, por parte de Violante, como ocorre com o *eu* criador, a apologia da simplicidade, a valorização da singeleza franciscana, verificável na admiração que esta expressa por uma flor que, desde tempos antigos, é contemplada e venerada, portadora de elevado valor simbólico: a violeta. O texto revela que “*A violeta é uma flor humilde. Rasteja no chão, escondida, feliz, na sua modéstia*”. De facto, o povo trabalhador, resiliente e digno, é herói nas obras de Côrtes-Rodrigues, pois sobrevive, perpetuamente, às adversidades impostas pelos condicionalismos geográficos, sociais, emocionais. A frase, em jeito de remate, “*Afinal, em todas as coisas, a vitória é sempre dos humildes*”, obriga o leitor, maioritariamente cristão, seguramente, pelo contexto temporal e cultural, a recordar as bem-aventuranças, pois “*felizes [seriam] os pobres no espírito, porque deles [seria] o Reino dos Céus*” e “[*f*]elizes os puros de coração, porque ver[iam] a Deus”(Folha de Angra, n. 9, p. 1). Para o cristão, e para o devoto Côrtes-Rodrigues, e aparentemente para a piedosa Violante, a vitória suprema seria a ascensão ao Céu. É mortificado o corpo na terra, purificado, para uma elevação da alma em estado de pureza.

Verifica-se, ainda, uma relação de semelhança entre este texto e um outro também da autoria de Violante, registado no *A Actualidade*. O ataque à cidade ocorre, com clareza, como aconteceria futuramente em “Maria Joana”. Violante, a mulher de *Orpheu*, expressa o seu desdém pelo espaço citadino e revela a sua afeição pelo campestre, e, para tal, revela a relação de proximidade que estabelece com a natureza, pois, “[*n*]a cidade as árvores são-nos indiferentes; na aldeia são nossas amigas. Na cidade são de todos – aqui são nossas, porque cada um tem as suas árvores que herdou com a terra dos seus avós”. O apego à “terra dos avós” condiciona a vivência do autor, real de Côrtes-Rodrigues e ficcional de Violante, bem como a forma como a mente apreende a realidade. Numa aproximação evidente a Cesário Verde, a cidade é tida como um espaço contaminador, descaracterizado e descaracterizador, ao passo que o campo assume propriedades curativas e tranquilizadoras. Tal como poderia ser

⁸⁵ Leia-se “embarcações”.

percepcionado em poemas como “Nós”, “Um bairro moderno” ou “Setentrional” do referido poeta realista, nos quais o sujeito lírico enaltece o bucolismo dos espaços em que encontra tranquilidade, repositório dos afetos e das boas recordações, Violante escreve que *“É por isso que eu não sei viver na cidade: falta-me o convívio com a natureza, com as coisas simples e boas”*. Na carta, Violante informa Maria da Graça que sugeriu a Bento que encetasse uma visita à ilha Terceira, já que esta assina a epístola como estando em São Miguel. Bento, porém, “[n]ão aceitou”, pois “[é] como as árvores”. Bem sabemos que Violante também não o faria pois “[...] s[e]nt[e] e pens[a] um pouco como êle”. Ambos “[n]asce[ram] nesta aldeia e nela cri[aram] raízes; se [se] deslocassem morreria[m] de saudades”.

É observável, portanto, novamente, uma aproximação inequívoca entre o ente criado e o próprio Côrtes-Rodrigues, em virtude de um esbatimento evidente, assumido e consciente de fronteiras temáticas, ideológicas, estilísticas e ético-morais. Qualquer eventual marca de desdobramento mental ou intelectual dissipa-se à medida que os diversos textos apresentados por Violante e Armando são apresentados ao público.

2.2.4. Violante e o *A Actualidade*

O *A Actualidade* é, sem equívoco, um jornal moralista que assume um carácter ritualista pela padronização, sequência e seleção de conteúdos. Se, como vimos previamente, Cordeiro revelaria *O Autónimo* como um jornal profundamente católico, o periódico alvo de análise neste capítulo, na sua versão semanal ou bi-semanal, não terá devoção ou demonstração de rigidez moral inferior ao seu congénere, congénere este tantas vezes mencionado e parabenizado ao longo das suas páginas.

O estudo “Inventário da Imprensa Católica entre 1820 e 1910”, produzido por Joaquim Azevedo e José Ramos, revela que o número de publicações católicas, no período supra mencionado, é superior a 150, em todas as regiões do país, reflexo das variadas revistas e dos muitos folhetins e jornais, diários, semanais, quinzenais ou mensais. Ora, o diretor inicial de *A Actualidade*, o Padre Ernesto Ferreira assume publicamente, no número de abertura, a intenção primária do periódico, posição secundada pelo seu substituto, M. Caetano Pereira, que tomaria o seu lugar a partir do número 123, em 2 de setembro de 1922. Revela, nas “Credenciais” do jornal, a 5 de fevereiro de 1920, que “[a] guerra , que se desencadeou na Europa em 1914, [...] obrig[ou-a] a atravessar a crise mais angustiante de quantas hão amargurado a vida dos povos e das nações”, pelo que, afirmava, ainda, que a *“época em que vivemos é de profunda transformação”*. Ferreira percepcionava o momento pós I Guerra

Mundial como propício à criação e estabelecimento de um período de paz e prosperidade. Precisamente partindo deste princípio, a equipa editorial do *A Actualidade* assumirá que “*nutrindo-se da elevada aspiração do bem de todas as classes sociais e orientado pela luz que irradia do verbo evangélico, este jornal fará uma intensa propaganda da verdade, uma vasta sementeira de sadias doutrinas*”. Ademais, e deveras mais importante, é o facto do jornal se assumir como “[c]arinhosamente regionalista” e declarar que “*quere ser uma força orientadora, quere despertar as energias da gente açoriana, levando-a à nítida compreensão dos seus deveres e dos seus direitos, ao renascimento das suas formosas tradições, à melhoria das suas condições morais e materiais*”. Pretende, pois, o periódico contribuir para uma melhoria significativa da qualidade espiritual e física de vida dos ilhéus, numa estratégia reflexiva de aproximação à ideologia doutrinária da igreja católica e do movimento regionalista em marcha. Aliás, acrescenta, ainda, o diretor que

A Actualidade concorrerá, na sua limitada esfera de acção, para que o povo açoreano se compenetre da sua nobre função na história e da grandeza da sua missão hodierna, de maneira a poder consagrar um labor inteligente ao seu adiantamento moral e material e esmeradamente cultivar as virtudes religiosas e cívicas, que geram o sacrifício, fortalecem o carácter e preparam a riqueza e a felicidade do futuro.

(*A Actualidade*, n. 1:1)

Não é, pois, por acaso que Armando Côrtes-Rodrigues participa ativamente no número de estreia do jornal, na secção PROSAS com o texto “Horas Antigas”, revelador de um saudosismo existencial, refletido na afetuosa descrição de um final de tarde, embalado pelo “*dobre lento das Trindades [que] enchia de mistério a tarde*”, aos olhos do senhor Samuel, o proprietário da “*loja pequena e suja*” onde “*pairava um cheiro acre*”, envolvido pelas sombras que nasciam do “*crepitar da chama*”, como o autor faz questão de registar, numa “*Vila Franca do Campo, em Fevereiro de ha cem anos*”. Os referentes espaciais biográficos de Côrtes-Rodrigues, mais uma vez, como tantas outras, serão transportados para a narrativa cronística, afirmação fácil de sustentar pois o estabelecimento deste misterioso homem taberneiro localiza-se “*a um canto da praça, fronteira à portaria do convento*”, na dita Vila, morada ancestral de Côrtes-Rodrigues, convento no qual ele habitaria. Aliás, o ressoar dos sinos, as Trindades e a predileção pelo final da tarde serão temas recorrentemente utilizados por Côrtes-Rodrigues, tanto na prosa, como na poesia, tanto em *O Autónimo*, como em *Em Louvor da Humildade*, por exemplo.

Um outro apontamento digno de registo nesta contribuição do autor será, mais uma vez, a vertente beata do seu texto. Como descrito, no longínquo século dezanove, os clientes assomavam à porta da loja, entravam, dispendo-se sentados “*em fila nos bancos dos lados*” e

quedavam-se, silenciosos, expectantes, enquanto o homem que ninguém sabia de onde viera lia, com a sua “voz lenta, sempre igual, com que ungia de pavor os serões das longas noites de Inverno”, a passagem ominosa de uma “Babilónia” longínqua que “ser[ia] arrasada”, como em *Isaiás*⁸⁶, e cujo chão “se lavrará [...] á ponta do arado...”. Estariam, portanto, os homens avisados a manter os bons costumes e a dignidade.

Poder-se-á dizer que, porém, no que diz respeito à apresentação de assuntos noticiosos, ou à exposição de notícias propriamente ditas, o *A Actualidade* revela bastante escassez. O jornal assumiu uma dimensão panfletária, na qual ganhariam destaque os artigos de opinião, geralmente com forte pendor moralista, em defesa do catolicismo e dos bons costumes, expressão que, para os contribuidores do jornal, nada encerrava de vago, através da apologia da obediência à Igreja Católica e da manutenção da decência. São exemplo destas circunstâncias textuais, contribuições como “Sindicalismo Católico”, no número 3, de 19 de fevereiro de 1920, da autoria do padre Ernesto Ferreira, ou “Juventudes Católicas”, conferência da autoria de Caetano Pereira e que havia sido proferida nos Remédios da Bretanha, no número 16, de 30 de maio de 1920, ou “A moda dos vestidos das senhoras”, texto que, de tão longo, surge dividido em duas partes, nomeadamente nos números 32 e 33, de 9 e 16 de setembro, respetivamente, também da autoria de Caetano Pereira, ou “Males Sociais”, no número 34, em 24 de Setembro, pelo padre Ernesto Ferreira, ou “Em pleno materialismo”, no número 38, a 21 de outubro, também por M. Caetano Pereira, ou “Decadência Moral, no número 44, de 2 de dezembro, por Ernesto Ferreira, ou, ainda, “Organização católica”, no número 48, de 5 de janeiro de 1921, também de Caetano Pereira, de entre as dezenas de exemplos que poderíamos citar.

Os ideais do jornal não se afastam dos pressupostos morais do autor e da sua vivência quotidiana. Não se afastam, sequer, das suas investidas literárias e dos conteúdos que encerram mor parte das suas obras, quer as compostas por textos originais, quer as que resultam do afincado esforço de inventariador e compilador de textos populares, quer se trate dos adágios, dos romances ou dos cantares populares; nem Côrtes-Rodrigues desconhece os abrangentes propósitos do periódico, com os quais se identifica.

Assim, para além de matérias de índole religiosa, tópicos com enfoque especial em assuntos regionais também são constantes, como é o caso de “Emigração açoriana”, existente no número 4, de 26 de fevereiro, 1920, da autoria de Ernesto Rodrigues e que se repetiria, por

⁸⁶ O livro de *Isaiás*, presente no Antigo Testamento, assenta numa forte componente profética, sendo que, a partir do capítulo 13, versículo 11, é esclarecida a visão que Isaiás recebera. Apelando Deus a que o Homem o escute, revela: “*E eu castigarei no mundo a malícia e nos ímpios os crimes; acabarei com a petulância dos soberbos e humilharei a altivez dos poderosos*” (Peixoto, 2005:934).

exemplo, no número 31, de 2 de setembro de 1920, ou “O Povo de São Miguel”, no número 5, de 4 de março, de 1920, por Rebelo de Bettencourt, ou “Poetas Açorianos, no número 18, de 3 de junho de 1920, conferência proferida pelo anteriormente mencionado, ou, ainda, “A arborização da ilha”, no número 30, de 26 de agosto de 1920, da autoria do seu diretor. São dezenas os textos que tratam assuntos com fundo regionalista, ora que visam promover, precisamente, temas locais, ora que tencionam revelar determinadas preocupações subordinadas a aspetos insulares de índole social, económica, política ou artística.

Como já vimos anteriormente que regionalismo e nacionalismo não se manifestam como movimentos antagónicos, são, também, várias as colaborações que abordam a importância da salvaguarda dos valores nacionais e a preservação de detalhes regionais para a promoção da identidade coletiva do país. Textos como “O rejuvenescimento da pátria”, no número 7, de 18 de março de 1920, “Desnacionalização”, no número 8, de 25 de março de 1920, “Educação nacional”, no número 25, de 22 de julho de 1920, e “Trabalho e ordem”, no número 41, de 14 de novembro, do mesmo ano, todos estes da autoria do já frequentemente mencionado Ernesto Ferreira, espelham bem as inquietações e pretensões do jornal.

Há, portanto uma confluência partilhada de temas, interesses e motivações, aos quais Violante, enquanto expressão de Côrtes-Rodrigues não ficará alheia. As contribuições de Violante de Cysneiros no *A Actualidade* surgem sob a forma de prosa, numa estética bem distinta da apresentada em *Orpheu 2*, e apenas após a partida de Armando Côrtes-Rodrigues para a ilha Terceira, a fim de ministrar no Liceu Central D. João de Castro. Durante o período da sua permanência em São Miguel, após o regresso de Lisboa onde havia frequentado o Ensino Superior, haveria de encetar dezenas de participações, de que daremos nota adiante, no dito jornal e em outros periódicos locais de então. As publicações de Violante ocorrem em reduzido número; contudo, deverão ser consideradas igualmente importantes e esclarecedoras no que diz respeito ao tratamento de assuntos comuns aos abordados por Violante em *O Autónimo* e por Côrtes-Rodrigues. É possível verificar a sua participação nos números 182, 183, 184 e 185, perfazendo um total de 5 participações, já que o número 183 conta com dois textos de sua autoria. Violante reaparece, neste jornal, subitamente e esparsamente, entre 23 de maio de 1923 e 13 de junho do mesmo ano.

Em “Maria Joana”, Violante de Cysneiros assume uma posição crítica sobre o esvaziamento da arte. Porém, apenas oito anos antes, em 1915, Violante e Côrtes-Rodrigues haveriam de fazer parte de um movimento que também seria acusado de um certo atrevimento inovador, delatado publicamente como esvaziado de sentido, “[...] *dado o escândalo desmedido que resultou desta publicação*” (Feijó, 2015:22). A referência à doença da moça

Maria Joana é, apenas, uma estratégia estilística encontrada para atacar, no final do texto, a “*arte falsa*”, de “*moralidade nula*”. Apenas no parágrafo anterior à última fala, é o leitor atingido pelo chicote em riste do censurador. Estaria o engodo lançado desde o início do texto.

Quando Violante aponta que Maria Joana “*estava, finalmente, na cidade*” e que, por isso, “*regressára radiante*”, está o leitor distante de entender, já, a ironia subjacente às afirmações, que são reforçadas quando revela que esta sentia, “[q]uando a noite chegava, [...] *um pavor*” e que esta temia “*lá fora a escuridão profunda, sinistra, ameaçadora*”. A cidade surge como espaço de esperança e salvação; todavia, não impede uma recaída. O espaço citadino, portanto, não confere liberdade a Maria Joana e os seus medos e as suas fraquezas perseguem-na e são transportados para o espaço que agora experiencia. O mote para a crítica mordaz é lançado quando esta recusa comer os alimentos gentilmente oferecidos por receio de que lhe faça mal fisicamente. Ora, Violante estabelece um paralelismo entre o alimento físico e o alimento espiritual, já que, quando visita a adoentada moça lhe pergunta se “*não tem medo*” que tal leitura, o dito “romance da moda”, lhe “*f[izesse] mal*”. Sem formular um texto teórico sobre preceitos literários, Violante condena e repreende a incursão por novas correntes esvaziadas de princípios, fruto de novas tendências. É possível, pois, verificar uma nova analogia entre a nupérrima predileção pela cidade, em desprimor do campo, e as recentes preferências literárias dos anos 20, numa sociedade abalada por convulsões de distinta ordem, sobrevivente aos diversos jogos de pressão e de influências. Mais uma vez, é Violante a voz de Armando Côrtes-Rodrigues que surge em defesa da tradição, do decoro e da coerência, percorrendo um percurso diametralmente oposto àquele que, anteriormente, havia percorrido quando fora a enaltecida da atraente e cativante, ainda que comedida, Salomé, em *Orpheu*.

No número seguinte, Violante procede ao elogio fúnebre do “*jurista, economista, moralista, sociólogo, crítico, orador e publicista*” e, ainda, “*político, orador, polemista, gramático, estilista*” Ruy Barbosa, cujo nome próprio daria título ao artigo. Porém, o elogio não surge, em primeira instância, pelas capacidades profissionais do falecido, mas pelo seu “*sentimento religioso*”. Violante e o *A Actualidade* executam e destacam o que os restantes jornais que haviam dado notícia de sua morte, “[...] *por uma fatalidade de memória*”, se haviam olvidado de mencionar: “*os sentimentos católicos de Ruy Barbosa*”. A autora critica a insipidez dos jornais que se “*esqueceram de informar que sobre a mesa de trabalho do maior brasileiro havia sempre um crucifixo*”. É, mais uma vez, concretizada a apologia do catolicismo, enquanto bastião defensor da moral.

Poderíamos considerar que o apogeu interventivo de Violante se concretiza no texto “Confusões”, também inserido na rubrica “Comentários”. A contribuição em questão apresenta um ataque frontal àqueles que criam as ditas inovadoras formas de arte que apelam à imoralidade e que se encontravam retratadas no seu texto inaugural. A ofensiva insinuada em Maria Joana é assumida e o seu alvo mencionado: os (possíveis) futuristas. A moderada modernista, nascida no seio do movimento modernista português, ataca o Futurismo, ação quase incongruente já que dois dos escritores portugueses que mais características do Futurismo revelavam lhe seriam bastante próximos: Sá Carneiro e Fernando Pessoa, através do heterónimo Álvaro de Campos e que, a determinada altura, Modernismo, Futurismo ou Interseccionismo se confundem. Aliás, no número de *Orpheu* em que Violante participa, são várias as contribuições de pendor futurista. Acrescente-se que, pouco tempo depois da publicação da revista *órfica*, o ano de 1917 seria decisivo para a afirmação do Futurismo em Portugal, tanto pela concretização da I Conferência Futurista, no então Teatro República, como pela estreia, e morte⁸⁷, da revista *Portugal Futurista*, tendo sido esse movimento, essencialmente, impulsionado por Santa Rita Pintor e por Almada Negreiros, artistas multifacetados que Violante e Côrtes-Rodrigues também já conheciam de *Orpheu*. O texto presente é revelador, também, da verdadeira natureza de Violante e de Côrtes-Rodrigues, portanto, já que a autora evidencia que nada mais acrescentará ao discurso de forma a não correr o risco de ser conotada como “*futurista mascarado, que é doença de que nunca sofre[u]*”. Consideramos que é possível que Violante jamais tenha sido futurista, quer mascarada quer assumida, precisamente pelo seu comedimento. Para esta Violante de *A Actualidade*, literatura e religião apresentam um sustentáculo comum: a Igreja Católica, à qual os futuristas, erroneamente apelidados de “*neo-católicos*”, desajustadamente vão sorver o “*vocabulário especial*”. No entanto, Violante explicita a sua reprovação e revela que, em boa verdade, o real perigo não serão os futuristas, mas sim aqueles que se “*estão servindo do futurismo para cantarem escandalosamente a degradação moral das almas*”. Violante é, mais uma vez, o paladino da dignidade humana, por força da literatura e da fé. Acusa “*tais artistas de sensibilidade sem vergonha [...] de revestir a animalidade dos seus sentimentos com as formas roubadas à pureza da arte cristã*”.

Violante não se afasta dos valores cristãos e apenas um olhar mais desatento não se aperceberia do cariz devoto do texto “Tempo”. Neste, Violante apresenta o Tempo como sendo “*o maior dom de Deus*” e procede, ao longo das suas linhas, à condenação dos ociosos

⁸⁷ Da revista *Portugal Futurista* é apenas possível encontrar um único número, já que a sua primeira edição foi prontamente confiscada à porta da tipografia por considerar o Estado que esta continha linguagem imprópria.

e daqueles que desaproveitam ou “matam” Tempo. Será inevitável, porém, estabelecer uma aproximação entre este corpo textual e o livro bíblico *Provérbios*, já que neste são diversas as advertências aos preguiçosos, aqueles cujas mãos se recusam a trabalhar. Tal como o texto bíblico, o de Violante surge imbuído de sabedoria e ressalvas, sendo que chega a afirmar que “[n]a verdade são os preguiçosos os que mais se queixam da falta de tempo”. Como exemplo, a autora refere que “[h]á quem não encontre em seis mezes e em mais, vagar para escrever uma carta para a qual apenas bastam cinco minutos”. Pela correspondência publicada, é bem visível o tempo que Côrtes-Rodrigues investia na sua correspondência e no estabelecimento de pontes afetivas com diversos destinatários.

A presente colaboração de Violante tem um teor pedagógico e disciplinador, pois esta reconhece que a “*educação do nosso meio* [o açoriano, e, por aproximação, o português] *não é propriamente capaz de inculcar nas crenças o respeito pelo tempo*”, admoestando que “[a]s conversas fúteis e sem interesse intelectual ou moral absorvem horas preciosas que um pouco de energia haveria de transformar em trabalho útil para a sociedade”. Verifica-se, como em tantos outros textos, desde aqueles presentes em *O Autônomo*, da autoria de Violante, aos de *Em Louvor da Humildade*, de Côrtes-Rodrigues, a defesa do trabalho e da dedicação. Violante condena o meio e a educação, os preguiçosos e os que “*comet[em] o crime de irem roubar [o Tempo] às pessoas atarefadas e trabalhadoras [...]*”.

A tentativa didática de Violante prossegue até ao último texto por si assinado no *A Actualidade* e assume a forma de fábula, sendo que este é a ilustração do asseverado em “Tempo”. Tem sido intenção natural e primordial da fábula ao longo dos tempos, assumir uma função moralizadora, por força das ações dos personagens animais, que mais não são do que representações humanas, não só por revelarem características emocionais e psicológicas do ser humano, mas, também, apetências naturais deste, como a capacidade da fala. Atente-se que o personagem principal do texto “Fábula”, “*o pinto*”, único sobrevivente da família, “[p]equeno, gordinho, atrevido e desempenado”, manifesta-se insatisfeito com a sua rotina, cansado dos “*trabalhos, [das] ralações, [dos] incómodos, [da] paciência, [da] inquietação para arranjar qualquer coisa para comer*”. É a metáfora daqueles que não reconhecem a necessidade do trabalho para a sua sobrevivência, e conseqüentemente para o seu crescimento enquanto ser, e que preferem a facilidade existencial do que lhes é facultado, sem esforço ou reflexão. Após deixar-se apanhar e ser introduzido na capoeira, onde via, maravilhado, outros animais da sua espécie serem alimentados sem laborar, consciencializa-se de que a sua vida, aprisionada, terá sido breve e esvaziada de sentido. Assim, o pinto retratará a ingenuidade humana, e patenteia, como pressuposto, uma verdade: “[e]ntão, perante a eminência de uma

morte próxima, o pinto derramou a sua primeira lágrima e compreendeu que a maior felicidade que há, é poder trabalhar para comer”.

Moralizadora e incitadora à reflexão moral, Violante, mais uma vez, afasta-se dos moldes assumidos em *Orpheu*.

2.2.5. O *Milhafre* e *Quando o mar galgou a terra*: diálogo com os textos de “Azulejos”

São muitos os paralelismos temáticos e lexicais passíveis de serem encontrados em obras tão distintas do ponto de vista estrutural, já que *O Milhafre* e *Quando o mar galgou a terra* pertencem ao modo dramático e os textos de Azulejos possuem um teor cronístico, publicados n’ *O Autonómico* e separados por cerca de duas décadas. Tendo-se alterado, no entanto, a forma, não se verificou significativa transformação temática ou conteúdal.

2.2.5.1. Marcas particulares que conferem traços de açorianidade

A imagética de muitos escritores açorianos, e até de alguns açorianizados, como é o caso de Alice Moderno⁸⁸, na ótica da açorianidade, têm sido alvo de variadíssimos estudos e abordagens. Celestino Sachet afirma, a respeito de Côrtes-Rodrigues, que

Terra-Água-Noite, [são] três dos elementos primordiais que estruturam uma concepção filosófica do Poema que ultrapassa o Fazer Poético do Autor para assumir-se no próprio destino do Homem-Ilha deste Arquipélago, sempre a viver o Eterno conflito entre a Insularidade, a Migração o Silêncio da Distância na Décima Ilha, nunca vivida porque sua presença é a soma de todas as ausências.

(Sachet, 1991:164)

Compreende-se, portanto, que esses conteúdos sejam transversais a muitos autores e a igualmente distintas obras produzidas nos Açores ou sobre os Açores ao longo dos séculos.

Vilca Merízio, estudiosa brasileira que haveria de viver alguns anos em Ponta Delgada e que haveria de conviver de perto com a família de Côrtes-Rodrigues e com outros vultos da literatura e crítica literária açoriana, como José Machado Pires e José Martins Garcia, equaciona a existência de literatura açoriana e cita nomes como Daniel de Sá, Álamo de Oliveira ou Dias de Melo como sendo exemplos virtuosos dessa realidade literária, não apenas pelo conteúdo de variadas obras destes, mas pelo tratamento que oferecem a determinados temas. Merízio inflama o discurso ao referir que as obras tratam “*do amor e do*

⁸⁸ Alice Moderno, feminista e escritora nascida em Paris, viveu a maior parte da sua vida na ilha de São Miguel.

exílio, do cerco do mar e da ideia de solidão e lamento dos ilhéus”, procedendo ao estabelecimento de uma ligação evidente com a diáspora açoriana, e anunciando uma listagem sugestiva dos autores “*que ficam [...], dos que partem [...], dos que vão e voltam [...], dos vivos [...], e dos mortos [...], dos viajantes [...] dos que chegam para conhecer a terra e dela nunca mais se afastam porque lá lhes ficou o coração [...], dos novos [...] e dos não assim tão novos*”⁸⁹ (Merízio, 2013:116).

José Francisco Costa” (2016:45), quanto ao modo de sentir ou de se ser insular, revela que “*a alma do ilhéu só se percebe mediante verdadeiro entendimento desta relação binominal*”, sendo que a relação a que se refere é a dos personagens, ou seja homem, com a terra. Nemésio, citado por Eduardo Ferraz da Rosa, afirmaria, em 1976, que “[s]eja qual for a configuração [...] que o povo dos Açores venha a tomar [nesta hora bem trágica da vida nacional portuguesa, a verdade é que ele assume impetuosamente o seu destino]”, pois “*o que é notável, imediatamente histórico, é o grau de consciência a que chegou da sua singularidade territorial e cívica*”(Rosa, 2004:84). A respeito de Nemésio, da sua obra e da sua poética, principalmente no que diz respeito a *Sapateia Açoriana*, constata-se que “*há e permanece*”, como salientou Graça Moura “[...] *um sentimento tonificante de insularidade, em afirmada (e política) reivindicação de autonomia, mesmo quando o texto arranca de um propósito de circunstância*” (2004:73). Alerta Rosa para o facto de a defesa de uma açorianidade, em Nemésio, ser já anterior a 1932, aquando da publicação do texto “Açorianidade”, na revista *Ínsula*, e, até, anterior a 1928, quando publica o “O Açoriano e os Açores”, que exporia o Açorianismo “*como realidade existente e existencialmente específica*” (2004:74).

Neste sentido, são vários os autores que dedicariam atenção à discussão-problemática da existência, ou não, de uma “literatura açoriana”, de Vamberto Freitas, crítico literário, a Onésimo Teotónio de Almeida, ensaísta, ou, até, Carlos Cordeiro, historiador. Defende este último que, naturalmente, esta possibilidade deverá estar associada a uma noção de identidade regional, sendo que esta noção corresponde, como afirmaria Claude-Gilbert Dubois, à “*«consciência que os homens têm de partilhar um certo número de bens, de recordações, de valores comuns, de maneiras de viver, de referências a um discurso que recria imagens*

⁸⁹ Os autores mencionados por Vilca Merízio, neste contexto, por ordem de aparecimento no texto, são Roberto de Mesquita, Urbano Bettencourt, Dias de Melo, Fernando Aires, Natália Corrêa, Onésimo Teotónio de Almeida, Eduíno de Jesus, José Francisco Costa, Adelaide Freitas, Vamberto Freitas, Antero de Quental, Cristóvão Aguiar, José Almeida Pavão, José Martins Garcia, Emanuel Félix, Vitorino Nemésio, João de Melo, Victor Rui Dores, Raúl Brandão, Maria Orrico, Eduardo Bettencourt Pinto, Tomás Borba Vieira, Sidónio Bettencourt, Manuel Jorge Lobão, Judite Jorge, Madalena Férin, ou seja “os que escrevem nos Açores, sobre os Açores e para os Açores, tratando literariamente da açorianidade literária” (2013:116).

*familiares por palavras que não falam a outros»*⁹⁰ (Cordeiro, 1999:223). Ora, sendo a conceção de “*região [...] mais uma realidade humana do que uma noção geográfica*”⁹¹, ainda que o caso dos arquipélagos assumam carácter especial” (1999:223), será legítimo afirmar que o desenvolvimento das ideias de região e de regionalismo terá evoluído e crescido com a própria noção que as diferentes ilhas teriam umas das outras e que os seus habitantes teriam uns dos outros como membros de um todo e não como parcelas isoladas do reino e da república. Assim, a própria noção da eventual existência de “literatura açoriana” deverá ser equacionada numa perspetiva diacrónica já que não se poderia falar de uma literatura identitária, por exemplo, no século XV, ou XVI, ou XVII, quando as ilhas eram espaços geográficos e sociais isolados e quando as gentes não tinham consciência, sequer, dos fatores de aproximação ou de diferenciação entre si, de ilha para ilha. Assim,

a identidade não preexiste à região: é um processo que se desenvolve e cujo ponto fundamental é a tomada de consciência regional que se desenrola em torno de fatores como a língua, a geografia, questões económico-sociais, traços culturais perduráveis, evolução histórica.
(1999:223)

Essa consciência terá sofrido um incremento no século XIX e primeiras duas décadas do século XX, como os movimentos regionalistas e autonómicos, a que não estava alheado Côrtes-Rodrigues e restantes agentes políticos e culturais locais, com especial destaque para a ilha de São Miguel e, em segunda linha, Terceira e Faial, espaços que corresponderiam, no século XX, às sedes dos três distritos destas Ilhas Adjacentes⁹². Curiosamente, Eduardo Lourenço⁹³, como revela Cordeiro, no decorrer da sua análise às marcas do nacionalismo e do regionalismo nos Açores durante a I República, questionaria se

«apesar da mesma língua, da mesma religião, de idênticas tradições, que é a do primeiro Portugal que saiu de casa para nunca mais regressar idêntico, não engendraria, com os séculos, uma sensibilidade particular, um destino próprio, uma cultura cada vez mais consciente do contexto em que radica, em suma, uma identidade açoriana, e, com ela, uma vontade que exprimisse em termos adequados ao que ela é, representa e aspira?».

(1999:224)

⁹⁰ Carlos Cordeiro cita o ensaio “La Région comme Symbole de Médiation: L’Exemple Aquitain”, presente na obra *L’Identité Régionale. L’Idée de Région dans L’Europe du Sud-Oest*, editada em Paris, pela Editions du CNRS, em 1991.

⁹¹ Esta ideia também será defendida por Juan Beneyto, na obra *Las Autonomias. El Poder Regional em España*, publicada em 1980, pela Siglo XXI de Espanã Editores, Madrid.

⁹² Esta designação constitucional haveria de ser implementada em 1822, por decreto, e só seria extinta após a Revolução de Abril e o fim da ditadura. Nesta denominação também estaria incluído o Arquipélago da Madeira.

⁹³ Carlos Cordeiro cita a comunicação “Da Autonomia como Questão Cultural, inserida na obra *Autonomia como Fenómeno Cultural e Político*, publicada em 1998, pelo Instituto Açoriano de Cultura, que resulta da compilação das comunicações proferidas na VII Semana de Estudos dos Açores.

A resposta, para nós, já em pleno século XXI, parece-nos óbvia já que os meios de transporte e os meios de comunicação, bem como a reforma política e a existência de uma autonomia e de um modelo de representação regional contribuem, sobremaneira, para uma cada vez maior consciência de um passado, presente e futuro insulares comuns.

2.2.5.2. O modo particular de vivenciar e revelar a ilha e a insularidade

Afirmou José Martins Garcia, num dos textos que assumiria como “quase teóricos” que o “*clima...está incluído no meio, mas flutuamente no momento*” (Garcia, 1999:67), visão que explicaria que um indivíduo, e portanto um escritor, experienciasse o próprio ambiente e o seu estado de formas distintas, condicionadas, pois está, determinado pela conjuntura temporal, ou seja, pelo próprio instante de tempo.

Natália Correia, por sua vez, revela que

Ilhas haverá muitas, letras de um dúbio beija-flor salpicando o mapa como a realidade dividida em horas. Um geográfico fascínio de pistolas abandonadas em bancos públicos, numa violenta imposição das mãos magnéticas dos suicidas. Mas isso não é ilha, é habitar a ilha, subtraindo-a à sua pulsação de jóia trabalhada pelos dias inavegáveis do regresso. Por isso, com a cumplicidade do peso húmido da morta, eu digo que a rigor só há uma ilha, a única, a minha, meu mistério selado pelos arbustos altivos da desaparecida.

(Correia,1999:315)

Natália seria uma ilha singular e teria a sua forma particular de experienciar a ilha, como qualquer humano experienciaria experiência de forma diferenciada, embora exista, e sobreviva, sempre, um substrato comum. Na passagem anterior, Natália ataca-nos com a violência da história individual de Antero que é, em parte, a história dos Açores e, em parte, o reflexo da produção insular e insularizada. Antero suicida-se na sua ilha de origem, num banco de jardim, de costas voltadas para o Convento da Esperança, no qual, durante o ano inteiro, se venera a imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Talvez ele próprio procurasse o seu milagre pessoal, talvez buscasse o seu “Palácio da Ventura” imaterial e etéreo. Natália alude frequentes vezes à sua Ilha-Mãe, ou Mãe-Ilha, a ilha da sua meninice. Como revelaria Driver “[l]ogo no primeiro conto, “*Mãe, mãe, porque me abandonaste?*” surge “*a importância simbólica da paisagem vulcânico-insular, aqui representada por uma ilha açoriana não nomeada (sem dúvida a São Miguel natal da autora),*” ideia que “é sublinhada”, sendo que “*a mesma imagem voltará a desempenhar um papel central no último conto, “A Ilha de Circe”, dessa vez sob a forma da Madeira.*” Este autor, acrescenta, ainda, que “[n]a primeira narrativa, a ilha lembrada da infância da narradora apresenta-se como

um refúgio paradisíaco cujas águas são povoadas de personagens míticas e deidades protectoras” (Driver: 2017:33). Mais, no texto poético “Poema Posto em Saudade”, da autoria da própria Natália, o leitor poderá tentar encontrar a figuração dessa longínqua ilha de São Miguel, perdida na bruma da lembrança e ocasionalmente recuperada:

“Em Ilha verde e anilada/ Por farturas de pastel,
Deu a criação morada/ Ao Arcanjo São Miguel.

Que lânguida maravilha/ De terra no mar deitada
Quando a luz enlaça a Ilha/ Pela cintura delicada!

Matas silentes e lúcidas/ Do bosque primordial.
Paz de pastos e poentes,/ carmins que purpuram o mar.

Ponta Delgada brunida,/ Engomadas ruas brancas.
No basalto endurecida,/ Amável nas águas francas.

E, enfim, por rampas de vinhas,/ Em Vila Franca do Céu
Místicas rochas marinhas/ Em frente, um frade: O Ilhéu.”
(Correia, 1999:434)

Aliás, a “ilha” simbólica é uma constante em Natália; é a “*Ilha esquecida*”, a “*Ilha encantada*”, a “*Ilha não descoberta*”, a “*Ilha desconhecida*”, a “*Ilha distante*”, que só tem um habitante, um “*Eu que lá viv[e] de noite...*” (1999:50). Será possível encontrar uma certa fusão entre sujeito lírico e poeta, como gostaria Natália Correia de ser denominada, pelo reforço da primeira pessoa do singular evidente na repetição do pronome pessoal “eu”. São vários os textos poéticos dedicados à ilha, a Ilha Mãe, de que seria exemplo um quinteto presente em *Sonetos Românticos*, de 1990. Nessa obra podemos ler “*Limão aceso na meia-noiteilhada,/ O relógio na torre da Matriz/ Põe o ponteiro na hora atraçoada/ Da ilha que me deram e eu não quis*”, a ilha que encerra uma Ponta Delgada de “*alvos umbrais*”, uma ilha de “*pastos*”, de “*calhau e de onda encabritada*” (1999:578), aquela ilha que foi – ou poderá ainda ser, para Natália – a “*ilha das fadas*” (1999:579).

Há, pois, uma relação maternal, umbilical até, entre Natália e o solo insular, a essência da insularidade. A distância física e o apartamento temporal condicionaram a experiência e, porventura, a exposição e transmutação dessa em textos, mas não condenaram a relação. Daniel de Sá haveria de escrever, em 2007, *Santa Maria-A Ilha-Mãe*, representando com minúcia São Miguel em tantas outras obras. Onésimo Teotónio Almeida, por tantos citado,

revela que “[a]sua escrita, reveladora de vasta erudição, é muitas vezes ilustrada com histórias reais perspicazmente captadas na ilha, sobretudo na sua Maia”⁹⁴.

Existe em Côrtes-Rodrigues como que uma inevitabilidade telúrica de representação da terra, imposição visceral que perseguiria outros autores açorianos, como Dias de Melo cuja “[f]onte incontornável e omnipresente na criação literária [...] é constituída pela representação da terra; no caso, da terra açoriana disseminada pelas nove emblemáticas ilhas atlânticas, mas não só” (2016:23). Se “Daniel sempre alertava aos jovens escritores [...] que não cedessem aos lugares comuns quando se tratava de «cantar a terra»” (2016:23), já tal empreendimento tinha posto em marcha Côrtes-Rodrigues, décadas antes, mesmo ao escrever *Cântico das Fontes* ou em *Em Louvor da Humildade*.

Em ambos os autores, como em muitos outros, como Dias de Melo, Madalena Férin, Almeida Firmino ou Ruy Galvão de Carvalho, “nessa representação [do real] estão presentes os aspectos mais visíveis da geografia, a que não faltam o mar, o rochedo, os terramotos, os vulcões, as enchentes, bem como as pastagens, os animais do campo e tantos outros itens, [que] seria de estranhar se faltassem” (2016:24). Revela, ainda, José Francisco Costa que,

a respeito de “[n]o caso de Daniel de Sá, e a exemplo de outros autores açorianos, a ilha é o espaço de eleição de grande parte da criação literária que procura materializar tal finalidade; e o homem, é o açoriano (e, no caso, o micalense) que, e pese embora a especificidade da sua insularidade, acaba por revestir-se de universalidade.

(2016:44)

E também de universalidade são constituídos os textos de Armando Côrtes-Rodrigues, Violante de Cysneiros e dos seus restantes pseudónimos. É o homem que abordam e a sua essência, nas suas inevitáveis buscas e ânsias.

Diz-nos António C. Silva que

[n]uma ilha [...] as pessoas (e, em particular, os poetas e escritores, que registam as vivências diárias na escrita) não representam tanto a terra e a serra como o imenso mar que parece limitá-los, pois tudo o que existe numa ilha, inclusive a sua própria essência, está ligado ao mar que cerca e que a adorna, que lhe dá vida e que a intimida.

(Silva, 1998: 34)

⁹⁴ A referência realizada por Onésimo Teotónio Almeida a Santa Maria e o facto de esta ser o mote para a criação de Santa Maria-A Ilha-Mãe justifica que o Blogue das Bibliotecas Escolares da Ilha de Santa Maria proceda ao registo da frase de Onésimo e a uma breve apresentação de Daniel de Sá, visível em <http://viagemdesaberes.blogspot.com/>.

2.2.5.3. O mar como abertura ao resto do mundo e como barreira natural

São muitos os mares, diria Martins Garcia, como quando refere que o mar de Pessoa é diferente dos “*mares nunca dantes navegados*” de Camões, ou quando indica que o mar que banha o “*berço ilhéu*” de Antero é distinto do mar que provoca o enjoo de Miguel Torga (Garcia, 1999:20). A esses mares variados e a essas dissemelhantes formas de o experimentar, de o ilustrar, de o reproduzir, de o criar, são adicionados campos lexicais e semânticos, numa rede de sentidos e significados, por vezes, difícil de delimitar.

Em *Quando o mar galgou a terra*, o mar domina a terra e subjuga-a à sua vontade, pela sua força indomável. Autor e ínsula fundem-se e experienciam-se e “[a] *cosmocidade dos elementos que se incorporam no Poeta-Ilha ou na Ilha-Poema é a própria manifestação do grito. O infinito está na Finitude tanto do Espaço quanto do Tempo: “este Mar”; “minha infância”; a minha voz”, “Meu cantar”, tudo é [...] imenso mar*” (Sachet, 1991: 172). Aliás, afirma, ainda, Sachet, que analisou profusamente a correspondência do autor que “*o cantar do poeta Armando Côrtes-Rodrigues é “Cântico das fontes” que se repete e se repete e o grito da Ilha é voz que reboa na imensidão dos mares do Arquipélago*” (1991:173).

O mar, sempre o mar, assim o veria Dias de Melo nas mais diversas publicações, fossem essas poesia, crónica ou romance, como, por exemplo, em *Toadas do Mar e da Terra*, obra de poesia publicada em 1954 e com a qual se estrearia nas lides da publicação, secundada por *Mar Rubro*, em 1958, um conjunto de crónicas, ou, ainda em *Mar pela Proa*, seu romance primeiramente editado em 1976. A insularidade implica a omnipresença do mar e do horizonte.

Em *Ilha Grande Fechada*, de Daniel de Sá, o narrador expressa:

De repente, o mar detém-se. E a ilha defende-se de ser água por detrás do muro das arribas. Uma ilha grande, fechada, que durante muito tempo só se abriu para deixar sair gente. [...] Todo o trigo mirrava com alfarroba da avareza, fazendo da forma a padroeira-mor da ilha. [...] João nascera dessa gente que só servia para servir, e crescera neste pedaço de terra, onde o mar suspende um meridiano de água para que a ilha se levante sob um céu de nuvens, fechada no seu cilício de espuma.

(Sá, 1992:9)

Freitas, citando António Machado Pires revela que

[a] Cultura e a Literatura como sua parte integrante reflectem nos Açores dois sentidos ou movimentos a que chamam centrífugo e centrípeto, isto é, respectivamente, o desejo de fuga ou evasão, a aspiração a sair do isolamento [...]. o desejo forte e identitário, de recriação pela escrita do mundo insular matricial em cada açoriano se revê. Forças dissonantes mas complementares, como o comprazimento e a exaustão, a dor e o prazer, o partir e o ficar, a dupla natureza do ilhéu, que quer compreender o mundo na condição de o mundo o compreender [...].

(1999:24)

Reafirmamos, pois, que a poética do mar e da saudade, temas frequentemente tratados em simultâneo, não é exclusiva de Côrtes-Rodrigues ou da própria Violante, nem de uma determinada quadra temporal ou marco espacial, todavia, não deixa de lhes ser característica. António C. da Silva, defende que

[a] leitura e a análise contrastiva das produções da literatura [romântica madeirense] permitem-nos verificar que o mar e a saudade são dois motivos poéticos recorrentes. O mar, a maré, a maresia, as ondas, e a praia, para além de se poderem associar a temas como a partida e o perigo do naufrágio, a esperança e o regresso (à pátria ou á família), estão também próximos, quase sempre, de valores nobres como o amor e a vida.

(Silva, 1998:33/34)

Afirma Serpa que

[o] açoriano, por nascimento, vem marcado pelo mar na descendência dum povo marítimo e religioso, à mercê do oceano e ao abrigo do firmamento, quer mascarado de nuvens e tempestades, quer transparente de azul marinho, como a alma duma criança. [...] Sente-se embalado pelo Atlântico em miragens de horizonte e na dinâmica da autenticidade existencial. Vê Deus em dimensão natural e não concebe a vida sem Ele. É irmão gémeo do resumido espaço que o viu nascer e crescer: a água, a terra, as plantas, os animais, o mar, o firmamento, a luz celestial... insularidade, emigração e religiosidade são condicionalismos primários, que, só por si, identificam a gente dos Açores.

(Serpa, 1918: 9/10)

2.2.5.4. A vontade de partir e a ânsia de regressar às raízes: a emigração

Daniel de Sá haveria de registar, em *Ilha Grande Fechada*, a personificação gravosa desse diálogo de vontades com uma expressão celebrizada e marcante da sua obra: “*Sair da ilha é a pior maneira de ficar nela!*” (1992:172). Porém, o narrador da obra mencionada, num gesto de reflexão, alimentado pela saga de João, o romeiro que partirá no dia seguinte após o termo da romaria à volta da ilha, afirma que “[é] *verdade que, se não fosse a emigração, comiam-se uns aos outros, que isto era gente que não cabia aqui*” (1992:169).

A partir de um testemunho real, tantas vezes ficcionado por diversos escritores insulares, Ferreira apresenta, brevemente, a história de vida de José, o velho barbeiro de 82 anos que preenche as paredes da barbearia com quadras, residente na freguesia de Arrifes. José, que poderia ser, sem reticências, uma personagem de uma das peças de Armando Côrtes-Rodrigues, “*viu parte da sua família partir para os Estados Unidos*”. O próprio foi “*convidado a ir para a América pelos [s]eus irmãos. Eles diziam: ‘Vem para cá com os teus filhos para eles se virem livres da tropa’*” [sic]. Embora tenha resistido ao convite, “[a] *filha acabaria por emigrar para os Estados Unidos em 1990*” (Ferreira, 2016:17) e José ficaria só e desgostoso. Décadas depois da publicação de *O Milhafre*, a realidade suplantaria a ficção, como o fez anos a fio. Tal como José, o barbeiro, João, o personagem principal de *Ilha*

Grande Fechada, nascera e “crescera neste pedaço de terra, onde o mar suspende um meridiano de água para que a ilha se levante sob um céu de nuvens, fechada no seu cilício de espuma” (1992:9).

De facto, a ilha gera emoções contraditórias, sensações opostas e formas de estar na ilha e de sentir a ilha distintas. Se, por um lado, como na obra *O Milhafre*, em *Ilha Grande Fechada* ou, ainda, em *O Barco e o Sonho*⁹⁵, de Manuel Ferreira, há um apelo à partida, verifica-se a consciência de que “[a] ilha [é] um bom lugar de saudades[?]” (1992:165), que surge sob a forma de interrogação retórica; aliás, a João, de *Ilha Grande Fechada*, “[t]inham metido na cabeça aquela de que o mar dá saudades, que um homem das ilhas não pode viver sem ele” (1992:164). Poder-se-á dizer, portanto, que ilhéu, ilha e mar são uma tríade complexa e indissociável. Na breve introdução de *O Barco e o Sonho*, dedicada “Ao Emigrante Açoriano, nas sete partidas do Mundo”, lê-se que a obra é um tributo “a todos que um dia fugiram à força do Destino e se libertaram da Ilha-Prisão e do seu cativeiro de séculos, de mãos vazias e lágrimas nos olhos, levando nos ouvidos o cachão do mar e na alma todas as alvoradas da vida” (Ferreira, 1989:11).

A sedução da emigração não seria impulsionada, apenas, pela carência, pela miséria experienciada, mas, também, pela abundância que os insulares viam, nos que regressavam, nos que visitavam, no que estes enviavam, ou sobre as quais escutavam histórias. De facto, para os habitantes da ilha, “[a] América tem um cheiro diferente, vinha nas caixas de roupa, tão grandes que era preciso desmanchá-las na rua para caberem em casa” (1992:167). Estas caixas, os ditos barris que ocupam a memória de gerações, eram enviadas por parentes (mais) abastados que haviam emigrado anos antes. A sua posição era invejada, mesmo que trabalhassem numa fábrica descomunal e anónimos fossem, pois haviam escapado à indigência ilhoa. A título de exemplo, teríamos a cena das arrematações por altura da festa da freguesia presenciada por João, na qual se digladiam, por uma cabra esquelética, Tomás, o “lavrador com muitas vacas” e, possivelmente com “muitas dívidas”, “Nuno, um emigrante na América”, e José de Arruda, emigrado no Canadá. Se Tomás comenta que “[e]stes tipos pensam que vêm da América e do Canadá comprar-nos com o seu dinheiro”, tentando provar-lhes que “não é preciso ir tão longe para encher a carteira”, Nuno condena Tomás,

⁹⁵*O Barco e o Sonho* é o título do conto que haveria de dar título à compilação de oito contos, publicados em 1979, e que gozou de várias reedições. Narra a jornada de dois amigos micalenses que, na década de 50 do século XX, construíram uma pequena embarcação e que encetaram a travessia do Atlântico em busca de concretizar o “*American Dream*”, sem o consentimento ou conhecimento dos familiares ou autoridades. Embora o conto seja ficcionado, tem por inspiração a epopeia emigratória de Victor Caetano e Evaristo Gaspar que, de forma a escapar às difíceis condições de vida na ilha de São Miguel, construíram o São José, embarcação de apenas seis metros, e se lançaram ao mar, de modo a entrar nos Estados Unidos da América clandestinamente.

apelidando-o de palerma *“a querer meter-se entre a América e o Canadá”* (1992:73). Nuno, o emigrado pretensioso, acabaria por ganhar o leilão popular do animal, por 2500 escudos, ostentando uma carteira recheada de dólares americanos, desdenhando, também, do Canadá, afirmando que este país *“só tem é água”* (1992:78). Situações assim haveriam de estimular a imaginação e a vontade dos açorianos em partir. Manuel Ferreira haveria de reconhecer o empenho dos açorianos emigrados em contribuir ativamente para a beneficiação das suas condições de vida e em apoiar a melhoria, também, da situação económica dos que haviam permanecido presos à ilha, pois dedica a sua obra, também *“àqueles que souberam vencer em terra estranha, pelo seu esforço humilde e honrado e ainda agora são fiéis à voz do Sangue e da Terra, enviando roupas e dólares a rodos e mandando pagar as suas promessas ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, à Senhora da Ajuda e a Nossa Senhora dos Anjos”* (1989:11).

Todavia, a partida é, regra geral, dolorosa. João, ainda personagem, mas que experiencia o dilema de tantos açorianos, *“[c]onseguira finalmente o passaporte, o visto e a passagem que o libertavam da ilha [...]”*. A partida seria, para muitos, uma forma de libertação, de facto, porém, esse questiona-se sobre *“[...] que maldição há sobre ela, que, mesmo quando se tem tudo o que se quer, ela nos deixa infelizes[?]”* (1992:165), ainda que, *“[p]ara ele, a ilha [fosse] uma casa a cheirar a sua fartura de um forno cheio de pão, e alguém, ou um destino qualquer que ninguém sabia ou queria dominar, a despejar lá de dentro quem vivia”* (1992:151/152). Em 2003, a então presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Berta Cabral escreveria que *“[a]s maiores festividades do nosso concelho são, também, por excelência, o momento de reencontro da grande família açoriana dispersa pelo mundo”*, referindo-se, com naturalidade, às festividades em honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres, já que, acrescentava esta, *“milhares de irmãos nossos regressam ao berço ilhéu em romagem de saudade, marcados sempre pela tradição secular da nossa mais profunda devoção”* (2003:5). O diminuto livro, em extensão, que citamos nasce enquadrado, precisamente, numa exposição cuja temática é a da emigração, tendo por base o exemplo da família Cabral de Mello, natural da Salga.

A saga açoriana é marcada, em grande parte, sim, pelo insulamento, mas também pela capacidade de sobreviver aos cataclismos de ordem variada que assolam o Arquipélago ocasionalmente. Afirma Pavão que os açorianos vivem uma *“longa epopeia de dor, de coragem, de perseverança, que não cessou no decurso de cinco séculos de povoamento”* (1981:65). Acrescenta o autor mencionado anteriormente que *“[n]o caso açoriano, a propósito do êxodo dos seus habitantes, verificado em, pelo menos, três séculos, não se pode falar de uma vocação marítima, nem tão-pouco cabe nas determinantes que motivaram esse*

impulso” (1981:67). Assim sendo, para muitos açorianos, a emigração converter-se-ia “*num mal necessário*” (1981:77).

Violante não revela vontade ou necessidade de abandonar a ilha, porém, o horizonte, principalmente em “Azulejos”, e o poente são obsessões que habitam os seus dias e os diversos textos.

2.2.5.5. A religiosidade intrínseca ao povo açoriano

A religiosidade do povo açoriano apresenta traços particulares que lhe oferecem uma dinâmica própria à qual Armando Côrtes-Rodrigues (e Violante, por inerência) não ficaria indiferente e que haveria de destacar nos seus textos ou nas recolhas etnográficas que desenvolveria. Nem só o autor em estudo haveria de ilustrar os seus escritos com ícones religiosos regionalistas. Também Daniel de Sá, em obras várias, mas especialmente em *Ilha Grande Fechada*⁹⁶ apresenta João, romeiro⁹⁷ devoto que percorre os caminhos da ilha de São Miguel em penitência velada, em renúncia absoluta aos prazeres da carne, preocupado com a expurgação dos (seus) males, em manifestação profunda e abnegada de fé, sacrificando corpo e alma, alimentando-se, ou melhor dizendo sobrevivendo, «a pão e água», apenas, durante aqueles sete dias de peregrinação, como outros milhares de micalenses, numa tradição de séculos, também já haviam feito. A “*comovente história do micalense que perfaz o ciclo dos romeiros da Quaresma, findo o qual é a viagem de emigrante para o Canadá*” (2016:24), é a representação simbólica de uma sociedade imersa em séculos de devoção ancestral profundamente enraizada no quotidiano, com laivos de esporádicos de manifestação coletiva massificada, que envolve a ilha numa aura específica e prolongada. Mais de duas décadas após a morte de Côrtes-Rodrigues, outro autor regional teria “[a] *religiosidade da tradição judaico-cristã, mais especificamente católico-romana, [...] entre as [suas] fontes primárias*”

⁹⁶ Tal como o autor do romance *Ilha Grande Fechada* indica, em 1992, este é o título de uma pintura de Tomaz Borba Vieira, pintor micalense, que inspira a própria obra.

⁹⁷ Para uma compreensão mais minuciosa das tradicionais romarias quaresmais de São Miguel, enquanto manifestação de fé e ritual, e, também, enquanto fenómeno sociológico, cuja origem remonta aos inícios do século XVI, sugerimos a leitura de *A Irmandade dos Romeiros*, de Alexandre Coutinho, Pedro Mota Machado e Luis Mota Machado, da editora Lucerna, outubro de 2006, ou de *As Romarias Quaresmais de São Miguel (Açores)*, de João Leal, de 1989, editado pelo Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia, ou, ainda, a leitura de *Uma singular peregrinação cristã. Romarias Quaresmais da Ilha de São Miguel – Açores*, da autoria do sacerdote Agostinho Pinto, pároco na paróquia de Nossa Senhora do Livramento, freguesia do Livramento, nos arredores de Ponta Delgada, de 2008, publicado por em Ponta Delgada. Uma particularidade pertinente, e que acompanha a religiosidade do movimento quaresmal, será a sua musicalidade intensa que ecoa, como diria Côrtes-Rodrigues, pelos vales e montanhas da ilha, pelo que aconselhamos a leitura da dissertação de Mestrado de Ana Maria Pimentel Gonçalves Carvalho, intitulada *Romeiros de São Miguel: música caminhada na Quaresma*, disponível no Repositório UNL – RUN, de 2012.

(2016:25), em textos que fundiriam espaço e divino, numa relação íntima de cumplicidade e dependência:

Vinha gente de fora, cumpria a peregrinação. Subia à vista do Rei, ao Pico da Barrosa, ao Pico do Ferro, descia ao vale das Furnas, espantava-se com os panelões das caldeiras, passeava-se no parque do Terra Nostra. E, se tinha a sorte de apanhar uns dias de sol, ia-se com os olhos ainda esbugalhados por causa do verde e do azul das Sete Cidades, do diamante imenso da lagoa do Foco [sic], dos contrastes de todos os verdes possíveis que Deus reinventou nas Furnas, que marcavam, na pele milhares de vezes milenar da ilha, a contradição da natureza pelo pecado de a desventrar em sacudidelas de fúria revolta e onnipotente [...].

(1992:134)

As romarias envolvem a ínsula pois há uma ligação comunitária. Sai o romeiro no seu rancho, ficam as famílias atrás, acolhem-nos outras famílias, em cada noite, mor parte das vezes desconhecidas; o seu canto ecoa na ilha, as suas orações enchem as estradas, escuta-se o resvalar do bordão no chão e “*passo a passo há-de João [como tantos micaelenses] andá-la de ponta a ponta, duzentos e cinquenta quilómetros em redor, cinquenta léguas compridas, de cansaços e Avé-Marias*” (1992:10), e “[a]s mulheres aparec[em] às janelas a pedir uma Avé-Maria por esta ou aquela intenção, uma Salve-Rainha, por vezes e condoíam-se [...]”. Estabelece-se, no movimento circular em torno da ilha, um ciclo rotineiro, como que inconsciente e instintivo, em que o romeiro “*está de tal modo habituado à romaria que a reza do terço se tornou automática, dando consigo a rezar sem mais nem menos, nos momentos de descanso e ressoando-lhe na cabeça*” (1992:64).

Em São Miguel, é difícil manter a indiferença perante o movimento quaresmal que inunda a ilha. São ondas de homens, não ondas de mar e não são, apenas, micaelenses a manter e a alimentar a tradição. Chegam homens, à ilha, de outras paragens já, com o intuito de se incorporarem nos ranchos de romeiros; vêm já ranchos da diáspora e até as mulheres já investem em romarias, embora com contornos diferentes. A prosa, a poesia, os textos jornalísticos e cronísticos, abordam e apresentam as romarias na sua vertente religiosa, etnográfica e, também, até, turística. Repare-se que, inclusive nos livros de viagens, não passam despercebidas. Nuno Ferreira, natural de Aveiro, no seu *Açores a pé*, confessa que “[n]unca caminh[ou] verdadeiramente só na Ilha de São Miguel. Por aquela altura [2012], andariam cerca de dois mil romeiros da Quaresma”. O som das orações e os passos dos romeiros ecoam pelos vales desde a madrugada durante todo o período quaresmal, surgindo inadvertidamente ao longo do dia. Relatava Ferreira que estaria “*a beber água e a olhar para o mapa num café nas Feteiras quando ou[v]iu um canto familiar [...] produzido pela garganta do mestre: «Seja bendita e louvada a Sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo». Todos respondem: «Seja para sempre louvada com Sua Mãe Maria*

Santíssima». O ritual antigo resiste, “[t]odos se põem em marcha pelas ruas das Feteiras num ritual de séculos: «*Avé Maria, Cheia de Graça...*» e, do mais jovem ao mais idoso, “[v]estem lenços coloridos em redor do pescoço, xailes de cores diversas e a “*cevadeira*” às costas a fazê-los de corcundas. Cada romeiro traz o bordão e não há um que não pare de cantar, terços ao pescoço ou na mão «*avé-maria, cheia de graça*” (Ferreira, 2016:19/20); “[s]ob o xaile e o lenço, os romeiros suam” (1992:85). Pela sua masculina sensibilidade revelada, pela sua coragem manifestada em percorrer a ilha, a pé, sujeitos aos condicionalismos climatéricos, séculos a fio, e pela devoção exposta, Violante, na sua prosa, e Côrtes-Rodrigues, na sua poesia, género maior, louvam e honram estes homens ilhéus.

Também o culto do Divino Espírito Santo é uma constante na imagética dos escritores açorianos ou açorianizados, bem como as festividades daí originárias. Aponta José de Almeida Pavão que “*Cortes-Rodrigues, já em 1923, lamenta que se tenham adulterado o seu conteúdo e significado primitivos. É assim que, para ele, «as coroações caíram no exibicionismo do luxo aparatoso, desfile de vestuários, feira de variedades, entre o sorriso inocente das crianças»*” e que “*o intuito primordial da caridade, que era o seu objectivo primeiro, se tenha obliterado com o crescente aumento da sua paganização*” (Pavão, 1981:120). O teatro cortesiano, porém, está repleto de ambientes e tradições associados ao culto do Espírito Santo e o autor preenche as suas obras com elementos íntimos desta celebração de fé, se bem que, também, com componentes pagãos, já que “[p]agã poderá ter sido a origem das Folias, com filiação no druidismo, ou na superstição grega, como supõem alguns⁹⁸, incrustada posteriormente no seio do Cristianismo, com o propósito inicial duma modalidade original prática de canto” (1981:121). Pavão regista, por exemplo, que para evitar, controlar ou diminuir o paganismo presente nas celebrações, terá a Igreja imposto restrições e regras, ainda que períodos diferentes, como a proibição dos Foliões atuarem ou entrassem na igreja paroquial, a proibição da realização de “*Impérios de Mulheres*”, ou, até, imposições ao nível do vestuário (1981:121).

Álamo de Oliveira, em *Burra preta com uma lágrima*, apresenta, por exemplo, também, o apego das gentes às devoções religiosas que sobreviveram – ou foram alimentadas por – a cataclismos e à voragem do tempo. A obra abre com a descrição do alarido provocado por

⁹⁸ O termo “alguns” refere-se, essencialmente, a Bernardino José de Sena Freitas, nascido no Rio de Janeiro, já que os seus pais haviam acompanhado a família real portuguesa aquando da mudança para o Brasil, e que haveria de ser pai de José Joaquim de Sena Freitas, padre católico, reconhecido pelas obras publicadas e pela sua capacidade oratória. Bernardino José de Sena Freitas foi um notável historiador da história e das instituições açorianas, autor de diversificada e pertinente bibliografia. Leia-se, para o efeito, alusivo ao aspeto enunciado, *Antiguidades Açorianas – Impérios do Espírito Santo. As Folias do Espírito Santo, in Archivo dos Açores, Volume I, Segunda Edição, Ponta Delgada, 1891.*

uma coroação, já que *“coubera coroar na sexta dominga do Espírito Santo”* (Oliveira, 1995:17) ao tio Joaquim da Maúrça e à sua esposa, tia Clementina. *“A sua casa”*, como revela o narrador, *“era, nesse dia, demasiado pequena para albergar tanta gente”*, ademais, porque o próprio espaço, já pequeno de si, haveria de ser profundamente transformado para albergar o Espírito Santo, pois *“o meio-da-casa fora ocupado pelo altar [...] onde solenemente entronizaram a coroa do Divino”* e os restantes quartos estariam *“atafulha[dos de] mobiliário com as cozeduras de pão e de massa sovada, mais as carnes (cozidas e em alcatra) e as “brindeiras” dos inocentes”* (1995:17). Se, já no início da obra, o casal protagonista haveria de suplicar pelo silêncio, apadrinhado pelo Espírito Santo, um silêncio que ocultasse um crime que consistia no assassinato da dita burra, perceptível na passagem *“E se o Espírito Santo cobrisse com o manto do seu silêncio, a morte de Burra Preta”* (1995:19), que estava destinada desde o seu nascimento, por força do destino, no desfecho da ação, o tio Joaquim confirmará, sussurrando ao narrador enquanto caminham na presença de Jacinto, *“o carrasco bom como um beijo de criança”* (1995:158), a sua íntima devoção quando salienta que *“Se isto não for motivo de escândalo, prometi coroar numa dominga do Espírito Santo, dar esmolas aos pobres da freguesias e brincadeiras aos inocentes. Que o senhor Espírito Santo assim o permita!”/ Assim seja!”*, *ditou-me o coração”* (1995:158). Joaquim Maúrça prometera e cumprira, assim o comprova a estratégia discursiva de Álamo de Oliveira que obriga o leitor a viajar no tempo, de forma a compreender a situação inicial. De facto, e atesta o narrador participante heterodiegético que *“[e]ra a promessa, o voto necessário que, nas horas de aflição, mais facilmente aflui à alma do ilhéu, pois é assim a sua história – uma história que, desde sempre, vem a ser feita muito mais com a fé do que com as obras”* (1995:158). O narrador-criação de Álamo de Oliveira, na obra mencionada, apresenta que *“[u]ma coroação de Espírito Santo não é apenas o que se come e o que se bebe, nem a festa com foguetes ou com encontros de amor. É também a devoção, sobretudo a quem brota da cerimónia na igreja, herdada de fé, testamentada de geração, do berço à sepultura”* (1995:18). Tal como acontece com muitos açorianos, *“[o] Espírito Santo sempre fora o seu Deus Maior, o mais atento às suas aflições diversas, doenças do corpo e do peito, apaziguador de todas as crises – desde as sísmicas às das secas ou dos temporais ciclónicos”* (1995:18).

Natália Correia é, também, a apresentadora do mito e do Espírito Santo. Em Mãe Ilha III, o sujeito lírico revela: *“As vacas nas colinas esfumadas/ Ruminavam o eterno. Ali folguei/ Na festa das crianças coroadas/ Reinava o Amor e não havia Rei”* (Correia, 1999:579). Natália afirmaria que *“O ambiente em que fui criada muito conta para a dimensão que se vai*

afirmando no meu percurso poético. Aí, como sabem, impera o culto do Espírito Santo” (Correia, sd⁹⁹). O culto do Espírito Santo não passa despercebido ao ilhéu, nem ao visitante, nem pela sua longevidade, nem pela sua duração, nem pelas multidões que mobiliza. Está enraizado nas nove ilhas do Arquipélago desde há séculos, extravasou as fronteiras ilhoas, adaptou-se a novas paragens além-mar, como no Brasil, nos Estados Unidos da América ou Canadá, alimentado pela diáspora açoriana, assumindo formas próprias, obviamente, mas preservando a sua (quase) origem insular. As marcas das tradições religiosas transportadas e sustentadas pelos emigrantes açorianos estão presentes em diversos documentos científicos e técnicos, mas também invadiram a literatura. Na icónica obra *A um Deus desconhecido*, de John Steinbeck, um romance simbólico e espiritual, no qual o ser humano tenta relacionar-se com as forças da natureza e, em simultâneo, compreender Deus e compreender-se a si em relação estreita com ambos, um romance assinalado pela fusão e fricção entre o mundo físico e o divino, Elizabeth, na ausência de Joseph, junto ao penhasco, após atravessar vacilante o pinhal “*encheu-se de recordações que vinham lentamente, calmas, sem significado, vagas*”. Estas difusas reminiscências transportam-na para um passado longínquo, o passado seguro da sua infância inocente e esta “[v]ia-se em Monterey, saindo de casa para a Escola Dominical, e depois viu uma lenta procissão de crianças portuguesas, vestidas de branco, marchando em honra do Espírito Santo, guiadas por uma rainha coroada” (Steinbeck, 1971:126). A tradição açoriana desfila pelas ruas da Califórnia e dificilmente se fica alheio ao culto. Côrtes-Rodrigues, e por inerência Violante de Cysneiros, pela vivência espiritual e pela proximidade física, e emocional, com as celebrações, também não ficarão. Já antes, em 1916, Nemésio, no seu escrito poético *Estrela d’Alva*, apresenta “[...] *as primeiras composições mais ou menos impressionistas sobre as nossas Festas do Espírito Santo, que ele compara a “um quadro de Velásquez”*” (2004:74), outros aspetos etnográficos e naturais que regista, como a sismicidade afeta às ilhas do arquipélago, o que refletirá que “*desatendendo [...] da sua produção poética e das suas primeiras aflorações imagéticas de cunho local ou regional, este pendor nemesiano para a tematização psico-antropológica dos Açorianos vinha de bem mais cedo ainda*” (2004:74).

O Arquipélago dos Açores experiencia a sua religiosidade numa multiplicidade de formas, que assumem características particulares de acordo com a ilha. É possível verificar que muitos dos escritores também não ficam alheios, de entre as diversas manifestações, à secular devoção ao Senhor Santo Cristo dos Milagres e conseqüente procissão em sua honra.

⁹⁹ “Minha Biografia”, manuscrito inédito, editado por Ângela Almeida, Espólio de Natália Correia: Secção de Reservados da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada.

Em *Ilha Grande Fechada*, “[q]uase todos os companheiros de incorporação tinham feito a promessa de irem de romaria, se não fossem mobilizados. Os que ficaram cumpriram-na logo que puderam”, sendo que “[a]lguns deram uma volta de joelhos ao Campo do Senhor, no sábado da mudança da imagem do Santo Cristo dos Milagres [...]” (1992:11). Essa religiosidade é experienciada e comungada pelas gentes e pela própria natureza, e vê-se “[...] o Pico da Vara a apontar o céu, numa oração de silêncio. E parece até que se notam as marcas deixadas pelos imensos dedos do Criador, no acto de modelar a lava de que tudo isto é feito. Se um louco destruísse todos os templos da ilha, restavam-nos as montanhas, que já os deuses antigos por aí é que habitavam” (1992:12-13). A ilha é divinizada, enquanto elemento exemplificador da capacidade inventiva e perfeita do Criador.

Também Domingos Maria Xavier Rebelo, pintor açoriano e amigo de Côrtes-Rodrigues, eternizaria estes ritos e esses espaços, essencialmente na sua fase regionalista, em quadros como “Serra de Água de Pau” (óleo sobre tela, s.d.), em que o casario branco, com especial destaque para a igreja, se funde com a paisagem que ostenta diversos tons de verde ou “Cumieiras da Lagoa do Fogo” (aguarela sobre papel, s.d.) e “Ilhéu de Vila Franca” (óleo sobre tela, 1948), dois dos *ex-libris* naturais da ilha, ou “Lava-Pés” (óleo sobre tábuas, s.d.) ou “Viático” (óleo sobre tela, 1919), representando a característica Procissão dos Enfermos, que colocam em evidência a tentativa de realçar e registar experiências sociais e religiosas características das ilhas, arquipelagicamente representativas e conferidoras de unicidade. No entanto, Domingos Rebelo, tal como Côrtes-Rodrigues, daria especial enfoque, ainda e também, a outros aspetos etnográficos. Precisamente por isso pintaria obras como “Casario com moinho – Bretanha” (óleo, 1912); ou “Pescadores varando um barco” (carvão e aguarela, 1924), após um período de estudos que desenvolve no porto dos Mosteiros, freguesia piscatória e no extremo oeste da ilha, ou “A vida nos campos” (óleo, 1929). Neste contexto, e tendo em conta as perspetivas, ações e motivações idênticas entre escritor e pintor, é indispensável mencionar o célebre quadro “Os Emigrantes” (óleo sobre tela, 1926), em cujo cenário, no cais de Ponta Delgada, assumem destaque, para além dos personagens, a cesta de laranjas, numa referência à época áurea dos laranjais micalenses, a viola da terra e o Registo do Senhor Santo Cristo dos Milagres¹⁰⁰, símbolos facilmente identificáveis com a estrutura social e patrimonial micalense.

¹⁰⁰ Os Registos do Senhor Santo Cristo têm a sua origem na ilha de São Miguel e eram, essencialmente, uma peça conventual, produzida por religiosas, estando associados à devoção ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, imagem recolhida no Convento de Nossa Senhora da Esperança, na cidade de Ponta delgada. Têm tanto de decorativo como de sagrado. O Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres disponibiliza o sítio oficial, para um melhor esclarecimento, <http://senhorsantocristo.com/new/registos/>. A imagem, essa, acredita-se ser seiscentista, tendo chegado à ilha para ser

Domingos Rebelo, em carta, datada de 14 de novembro de 1923, confessa a Côrtes-Rodrigues que “[...] creio que desta vez encontrei aquilo que desejava. Depois de tantas hesitações cheguei à conclusão de que o meu temperamento era realista e que a minha *Obra tem de ser feita aqui, Regionalista, sentida com máxima justeza*”(Portal Peninsular, 2007:4). Acrescente-se que terá sido o próprio Domingos Rebelo, em movimento sinérgico, o responsável pelo “*esboço de cenário para peça “O Milhafre” de Armando Côrtes-Rodrigues*”, um “*interior rústico*”, em “*tinta da china sobre papel*”, conforme indicação do catálogo da exposição organizada pela escola de que o artista plástico é patrono (Porto, Amaral e Sousa, 1991:41). Mais se perceberá que

a devoção que sentia pela sua terra natal está patente na grande maioria das suas telas deste período, nas quais retratou costumes, tradições e usos do povo açoriano, com destaque para as actividades tradicionais do mundo rural, as alfaias, os aspectos religiosos, as festividades, música e danças. Esta predominância de temas etnográficos marca[m] decisivamente a pintura de Domingos Rebelo, a ponto de alguns críticos o apelidarem de pintor-etnógrafo.

(2007:4)

Valdemar Mota, aludindo a Oliveira San Bento, o primeiro natural da Ilha Terceira, o segundo natural de São Miguel, declara que, no caso dos terceirenses, “[é] raro o seu divertimento, exceptuando as touradas à corda e de praça, que não gire em volta da festa religiosa, e não seja o principal fulcro de todas as manifestações festivas” (Mota, 1986:49). Violante, por exemplo, em “Dia de Festa”, no *O Autónimo*, refere, com afeto, que “*Nas horas religiosas do Poente, a procissão caminha decorativa e solene*”. Tanto San Bento como Mota apontam que é necessário ter “*ainda em vista as festas do Espírito Santo, que só nos Açores existem com o carácter típico que têm entre nós e que, sendo com os seus laivos de profanas, de todas as festas comuns aos Açores inteiros as mais alegres – aqui e ali, com modalidades diferentes – ainda assim [...] são, no fundo, exteriorizações de uma fé religiosa e comovente*” (1986:50). Aliás, acrescentam ambos os autores, embora reconhecendo que “[n]os bodos aos pobres e coroações [se] verá uma tradição do tempo da Rainha Santa e do Rei D. Dinis”, que será curioso verificar que “*velhas usanças ou tradições do Continente Português – às vezes absolutamente perdidas em Portugal Continental – [...] ficaram a viver ao abrigo e no carinho da alma açoriana*” (1986:50). Mais uma vez e também através deste autor, verificamos que religião, tradição e emigração, não só rimam como são elas próprias uma trindade emaranhada, pois

venerada no Convento da Caloura, no lugar então denominado por Vale de Cabaços, lugar sito à freguesia de Água do Pau, estando a imagem associada a diversas lendas.

[d]os Açores, de onde tudo emigra, também as festas do Espírito Santo têm acompanhado os «aventureiros» de novos mundos para as terras do Brasil¹⁰¹ e da América e outras partes do globo, onde esta devoção está tão arraigada nos costumes tradicionais das comunidades da gente açoriana, como a fé dos primeiros que cruzaram os mares sob a protecção do Divino. Da África, também.

(1986:70)

Informa Célia Silva Jachemet que “[s]ão muitas as cidades brasileiras que preservam o culto e as festas do Espírito Santo”, sendo que “[a]lgumas apresentam aspectos de acordo com a cor local, outras tentam resgatar os costumes dos antepassados e, ainda em outras tantas, os festejos permanecem idênticos aqueles realizados pelos imigrantes que o trouxeram” (Jachemet, 1993:45), com a presença das irmandades, dos foliões e das folias, do mordomo, ou imperador e, até, das cavalcadas, enquanto representação do “*poder espiritual e temporal*” (1993:49).

Côrtes-Rodrigues, em seu nome próprio, Violante de Cysneiros e outros pseudónimos fazem esse apelo à vivência cristã e à importância da religiosidade, numa convocação constante à simplicidade. Violante, na contribuição “Vida e Arte”, refere que, no eco da natureza, “[s]ó quando o homem se simplifica, pode atingir aquela grande perfeição moral e precisão artística que é a verdadeira realidade de beleza”. Severo de Verdades atesta que, no número 207 do *A Actualidade*, na rubrica Migalhas, que “[s]ó o orvalho da religião poderia obrar o milagre de fazer florescer, nesse espírito maninho, a flor perfumada da paz e da bondade” que grassa na sociedade (*A Actualidade*, n. 207:1). Aliás, severamente, aponta este autor ficcional outra verdade: “*Só as almas grandes compreendem a religião e são capazes de a praticar*”. Severo de Verdades faz mais, aproveitando estratégias discursivas típicas do texto argumentativo, pois apresenta um raciocínio de autoridade, enquanto oferece um exemplo árduo de rebater: “*Em todos os tempos, os mais altos espíritos tiveram esse sinal evidente da sua superioridade. Quando Pasteur morreu tinha uma das mãos entre as da esposa, mas na outra segurava um crucifixo*” (*A Actualidade*, n. 207:1). A referência a Pasteur não é ingénua pois provará que ciência e religião não se antagonizam, já que Pasteur havia sido um cientista francês do século XVIII que se distinguiria em áreas como a química e a medicina, e que, muito pelo contrário, se complementam.

Numa contribuição não assinada no jornal acima citado, verifica-se uma crítica feroz às coroações do Espírito Santo que decorrem nos Açores, consideradas como “[c]ostumes que

¹⁰¹ Para uma melhor compreensão da emigração açoriana para o Brasil, também por razões de afinidade pessoal, procedemos à consulta de bibliografia variada, da qual destacamos *Presença Açoriana em Santo António da Patrulha e no Rio Grande do Sul*, com organização de Véra Lucia Maciel Barroso, das Edições EST, datado de 1993, e *A Colonização Açoriana no Rio Grande do Sul*, de Henrique Oscar Wiederspahn, com edição do Instituto Cultural Português, de 1979.

envergonham um povo Cristão” (*A Actualidade*, n. 231:2); mais, o anónimo autor acrescenta que “[o] chamado culto popular do Espírito Santo os Açores, está reclamando providências enérgicas e urgentes” e admite que “[a] nossa missão [a missão do *A Actualidade*] é apontar ao público quanto há de vergonhoso e ofensivo da fé, nesse culto, e apelar para o bom senso dos católicos para que auxiliam quanto possível a resolução daquele problema”. O *A Actualidade* revela estar atento, como afirma desde o primeiro número, não só a ameaças externas, mas aos males internos que atacam a autenticidade e simplicidade do cristianismo, que deveriam estar encimadas pela pureza das demonstrações da fé cristã. As contribuições textuais de índole religiosa e moral de Côrtes-Rodrigues, para este e outros jornais, revelam a sua sintonia com a perspectiva, assaz condenatória, expressa pelo periódico. Se o texto antecedente, onde é notória uma forte carga irónica, indica que “[é] bastante doloroso encontrar tantos cristãos nestas terras açorianas que consideram Espírito Santo a coroa de prata e a pomba que a encima. [...] Esqueceram-se por completo do que aprenderam no catecismo” e que, ainda, “[o] culto popular do Espírito Santo nos Açores, tornou-se um culto idolatra [...] e a idolatria é o maior de todos os pecados”, três décadas depois, Côrtes-Rodrigues haveria de o retratar e haveria de transportar para os palcos esta particularidade da devoção açoriana. O *A Actualidade* expõe que “[n]as nossas aldeias as coroações do Espírito Santo são incentivos à imoralidade” e que o culto “[é] uma chaga na vida religiosa açoriana. É um dos mais graves problemas que se impõem à atenção do clêro”; o poeta açoriano, porém, em 1957, leva à cena o *Auto do Espírito Santo*, que seria publicado como separata da revista *Insulana*. É este um título de robusto pendor religioso e que revela, à partida, o substrato temático, da obra, e temporal, da ação, já que as coroações do Espírito Santo têm o seu início após a Páscoa e uma duração de sete domingos, as ditas “domingas”, que culminarão num eloquente Império, com direito à coroação de um Mordomo¹⁰². Embora a trama se centre na possibilidade de um casamento combinado entre famílias, envolvendo uma tríade humana, com um toque de novela camiliana, Manuel, Rosa e Ermelinda, o autor destaca o Espírito Santo, os foliões e as pensões, oferecendo-lhes honras de encerramento da peça de teatro. Zé da Eira, “à boca de cena [...] enche o cenário, de pé de braços abertos, com os olhos no céu” e exclama, como que em forma de oração, à chegada das pensões:

“Louvado seja o Senhor/
por esta hora de amor
e também por esta festa
do Divino Espírito Santo,
que não temos, como esta,

¹⁰² O termo, conforme a ilha, varia entre Mordomo e Imperador.

outra de maior encanto
nesta nossa freguesia!

Pela luz, que neste dia,
vem mais alegre dos céus,
onde o claro sol rebrilha, e pela bênção de Deus
a descer por toda a Ilha.”

(Côrtes-Rodrigues, 2011:77/78)

Mas por que razão a chegada das pensões provocaria tal entusiasmo? São pilares do culto do Espírito Santo conceitos como a esperança, a igualdade e a caridade. As pensões seriam o pináculo desta intenção comunitária de paridade existencial, pois a partilha¹⁰³ do bodo elevaria todos os homens ao mesmo patamar perante Deus e o próximo. Até neste contexto Zé da Eira é a voz do poeta, para não dizer a voz de um povo, já que, dirigindo-se ao público, nesse mesmo momento teatral, solicita e questiona

Ora escutai! Não sentis
todo este coro feliz
da vida da nossa gente,
que no trabalho e canseira
traz sempre a alma contente?

(Côrtes-Rodrigues, 2011:78)

Mais uma vez, a apologia de uma existência de aceitação perante a adversidade e a pobreza é manifestada, num elogio rasgado ao povo tenaz que sobrevive, inda assim tranquilo, porque a “alma”, esta, está “contente”, sustentada e aquecida pela fé. Esta é a mesma tenacidade que alimenta o casal de “Lar sem pão”, assinado por Violante a 3 de junho de 1916: “*Quando a manhã clareava pelas frinchas das janelas, pareceu-lhe a elle que uma luz de esperança lhe nascia no coração mais calmo e sereno na resignação christã das suas lágrimas benditas*” (*O Autónimo*, n. 886: 2).

2.2.5.6. Os símbolos: o milhafre ou o açor; o mar

Escreveria Manuel Ferreira que a “*palavra Açores*” bamboleia “*entre o “equivoco” e o “mito”*”, amparando o seu argumento ao afirmar que “*equivoco e erro, por vezes, superam a verdade, constituindo duradouros atropelos à história, resultantes da ambiguidade dos factos ou da falta de provas evidentes e conclusivas*” (Ferreira, 2005:35). Tal afirmação surge já que o arquipélago terá ganho a denominação de Açores pela profusão desta ave de rapina aquando

¹⁰³ As pensões seriam esmolos que se fariam aos mais desfavorecidos, geralmente constituídas por carne de vaca, vinho e pão.

da descoberta e povoamento das ilhas, como seria descrito pelo navegador Diogo Gomes, por Valentim Fernandes Alemão ou pelo próprio Damião de Góis; todavia, tal não terá passado de um engano ornitológico pois, “[a]té ver, na versão mais lógica, os descobridores e povoadores apenas vieram a encontrar milhafres e outras aves – e talvez algum açor de arribação, como hoje acontece com muitos pássaros” (2005:35). Certo é que, já em 1578, de acordo com o mesmo autor, é já explícito o reconhecimento oficial do símbolo (2005:36), no uso deste numa “moeda de conto”, sendo tal reconhecimento reforçado pela “provisão régia de 12 de julho de 1578 [que] ordenava aos procuradores dos misteres da Câmara de Angra que «as varas levassem nas procissões e tivessem no açougue ao partir da carne tivessem Açores por armas que não as da Cidade»” (2005:37). O lapso, alimentado pelo mito, seria, assim, perpetuado, embora Nemésio tenha afirmado que “o milhafre foi o primeiro donatário das Ilhas, onde ele ainda hoje permanece atrevido e altaneiro, no seu cochinhar característico de território definido” (2005:37).

Côrtes-Rodrigues não haveria de ver ser hasteada a atual bandeira regional, já que esta seria, apenas, aprovada em 1979, por Decreto Regional, embora a bandeira da autonomia corresponda, com ligeiras alterações, à hasteada, na casa de campo de José Maria Raposo do Amaral, a Casa do Monte, sita à freguesia de Ginetes, nos arredores de Ponta Delgada, em 1876. Graficamente, poderíamos acreditar que os símbolos regionais se limitariam ao seu hino, cuja letra é da autoria de Natália Correia, ou à sua bandeira, ou, até, aos símbolos que esta encerra.

Não olvidamos a dispersão geográfica presente na existência de nove ínsulas distintas, expressa nas estrelas, ou a presença do milhafre, manifestada no açor¹⁰⁴. Todavia, outros símbolos se impõem na história do povo açoriano. Afirma Sachet (1991:173) que “[o] Tempo, para o escritor açoriano, é isto: um estado de não ser-se porque ao não tornar-se o ser deixou de ser. Mas o “mar” que se torna parte da “amargura”, ao não ser mais, apenas, “mar”, não deixa de estar em “amargura”. Se, aponta Mónica Teixeira, “[a] paisagem marítima da ilha da Madeira [se] reflecte [...] na obra poética de João Cabral do Nascimento, em quadros que nos desvendam particularidades próprias de uma forma de ser insular”, podemos revelar que o mesmo ocorre nos textos de Côrtes-Rodrigues e de Violante, na descrição recorrente do mar, da vontade de navegar, de pescar. Mais, acrescenta Teixeira que “[a] presença da ilha revela-se através do desejo nostálgico de fuga, de quem se apega à

¹⁰⁴ Na obra *O Açor Eterno*, de Manuel Ferreira, de 2005, é possível verificar, ao longo de 18 capítulos, diferentes manifestações e utilizações do açor, desde a representação do açor na diáspora, do açor no artesanato ou, até, do açor no desporto. É uma obra de referência para a compreensão desta temática, estando profusamente ilustrada.

ausência do que está para além do mar, para além da linha do horizonte, numa vontade incoerente e forte de partir e regressar” (Teixeira, 1998:48), de que são exemplo as personagens de *Quando o Mar Galgou a Terra* e de *O Milhafre*.

Na realidade, o mar é mais do que emblemático, daí que a sua referência e o seu tratamento extravase o campo da literatura e seja, quase, omnipresente, em obras que versem a economia, a política, a biologia, insular, regional e nacional, entre tantas outras áreas. Tem sido, ao longo dos séculos, um fator vital na economia e na sobrevivência insular. Não é, apenas, um elemento que exerça influência ao nível da psique ilhoa, mas sim, também, ao nível da subsistência, dos negócios, da estratégia política nacional e internacional, ou, até, da manutenção do poder, pois, como afirma Helder Lima¹⁰⁵, citado por Cordeiro

[s]e até 1580 os Açores estavam intimamente ligados ao intenso tráfego [sic] marítimo, quer pelos abastecimentos fornecidos às frotas delongu curso, quer, ainda, pela sua integração nessa vasta rede comercial, e se durante a ocupação espanhola assistimos a revalorização [...] temos de acentuar que essa posição chave vai continuar e manter a sua importância, não somente tática, mas também comercial, após o movimento restaurador [...].

(Cordeiro, 1992:8)

Em boa verdade, e como foi possível enunciar e exemplificar aquando de uma análise atenta das obras dramáticas de Armando Côrtes-Rodrigues, *se o mar tem constituído, ao longo da História, elemento de separação inter-ilhas, tem sido, na mesma medida, elo de ligação com o exterior, devido, fundamentalmente, à posição geográfica das ilhas, e, portanto, à importância que assumiram no apoio às ligações transatlânticas, principalmente nas épocas da navegação à vela e a vapor”* (1992:9), que os açorianos bem souberam aproveitar no movimento emigratório¹⁰⁶.

Curiosamente, Almeida Pavão, aquando da análise do *Cancioneiro Popular dos Açores*, condiciona a leitura pela apresentação fundamentada da perspetiva comum de Luís Ribeiro e Carreiro de Costa que defendiam que, quanto ao mar, *“na aparência, a influência deste [seria] insignificante, dado que o açoriano é essencialmente votado aos trabalhos agrícolas”*¹⁰⁷, ideia suportada com a defesa de que o açoriano *“«virou as costas ao mar e voltou-se para a*

¹⁰⁵ A citação de Helder Lima poderá ser encontrada em “Os Açores e o Atlântico nos séculos XV, XVI e XVII”, in *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, V. XXXIV, Angra do Heroísmo, 1976, p. 151.

¹⁰⁶ De forma a uma melhor compreensão acerca dos elementos influenciadores na criação de história insular, sugere-se o trabalho de José Ener “A Dominação das Origens na História da Sociedade Açoriana”, também publicado no *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, no volume XLI, em 1983.

¹⁰⁷ Luís Ribeiro procederá a tal afirmação aquando da redação do estudo “O Mar no Cancioneiro Popular dos Açores”, publicado in *Açoreana*, Vol. II, 1938-1941. P. 135.

terra»¹⁰⁸(1981:67), opinião esta que não secundamos. Poderemos, isso sim, concordar com Luís Ribeiro que indica que “*encontr[ou] no mar outra espécie de ascendentes, que entraria como componente «no moral dos homens que habitam o arquipélago»*” e que o próprio Almeida Pavão consideraria ser de “*ordem psicológica*” (1981:67/68). Certo é que Nemésio, reconhecido teorizador, afirma que, como aponta Pavão, “*para os ausentes das Ilhas, [...] o mar será sempre o seu «conduto anímico»*”, parecer completado por Luís Bernardo Leite d’Ataíde quando assevera que “*«encerrado no interior dos continentes sente-se torturado pela saudade de rumorejo das ondas e nos seus olhos vive sempre animada a imagem imponente do seu dorso grandioso»*” (1981:68). Como revelaria, Caetano Valadão Serpa, o açoriano, “[c]omo os seus antepassados que vieram habitar ilhas despovoadas, em pleno Atlântico [...], não receia expandir-se pelo mundo e habitar qualquer parte do globo”. Contudo, apesar dessa aparente facilidade em partir, “*nunca esquece o meio ambiente quase microscópico onde veio à existência e, embora plasmável a todas as situações onde habita, geralmente não deixa apagar os traços inalienáveis que o marcaram na sua ilha de origem*” (1978:10).

A colocação em evidência de símbolos que se pudessem facilmente associar à experiência açoriana não representa, como já vimos anteriormente, uma atitude histórica e insensível de afastamento dos valores nacionais ou de rutura com as características pátrias que conferem coesão ao todo. De forma a preservar a identidade nacional, é necessário conservar as especificidades regionais. Côrtes-Rodrigues tem consciência dessa necessidade e coloca em marcha um projeto pessoal e coletivo de salvaguarda dessa unicidade através da sua intervenção cultural e dos seus escritos, tanto em nome próprio como através dos seus diversos pseudónimos. Severo de Verdades, na rubrica “Migalhas”, simula, precisamente, um diálogo entre dois amigos cujo tema central será o da preservação identitária regional e o papel da elite nessa dita atitude consciente e coletiva. Ora veja-se: “*-A emigração tem-nos desnacionalizado, andamos a perder as últimas cantigas do nosso riquíssimo cancioneiro açoriano*”. Esta preocupação é praticamente omnipresente na sua vida pessoal e artística. Note-se, como será visível na Tábua Cronológica em anexo, que o jornal onde participa Severo de Verdades, Violante de Cysneiros e outros pseudónimos apresenta uma rubrica dedicada, precisamente, ao Cancioneiro Popular Açoriano, que conta com 26 textos coligidos em três ilhas distintas, e que, embora o autor da recolha não surja identificado, nos leva a crer

¹⁰⁸ Francisco Carreiro da Costa haveria de concordar com Luís Ribeiro, evidente no contributo que daria para a obra *As Tradições Oraís Portuguesas e Brasileiras em Verso*, editada pela Universidade do Sul da Califórnia e organizada por Joanne B. Purcell, em 1976, intitulado “A emigração no Cancioneiro Popular Açoriano”.

que seja da responsabilidade do próprio Côrtes-Rodrigues. Nessa mesma contribuição de que demos conta ainda agora, o interlocutor responde: “- *Como vamos remediar tanto mal?*”. A resposta, não se faz esperar e revela um pensamento concretizado: “- *Creando a falange aguerrida dos artistas, ala de namorados da sua terra para levarem ao povo pela poesia, pelo teatro e pela música, pela conferência o sentimento regional*” (A *Actualidade*; n. 200:2). Já uns números antes, nesse mesmo jornal, mais concretamente na edição de 26 de setembro de 1923, no número 197, o criptónimo X apresenta a entrevista realizada ao afamado compositor e maestro jorgense Francisco de Lacerda sobre música e folclore, nomeadamente o açoriano, na qual este realça a necessidade da preservação do mesmo. Domingos Rebelo, no quadro que já enunciamos, Os Emigrantes, retrata, assim, um fenómeno social que não seria estranho aos açorianos; aliás, seria um fenómeno que, por si só, contribuiria já para a sedimentação de um certo ideário açoriano: a emigração como condição inerente e comum ao povo açoriano.

2.2.6. Poesia de Côrtes-Rodrigues, pós-Violante, e o diálogo (intertextual?) com os textos de “Azulejos”

A intertextualidade é uma estratégia comum e transversal a inúmeras formas de arte. Se prestarmos atenção à série americana *The Simpsons*¹⁰⁹ conseguimos verificar que são várias as circunstâncias em que os autores fazem uso deste recurso, ora recriando e recuperando, por exemplo, o teto da Capela Sistina¹¹⁰, no segundo episódio da décima nona série, ou até uma outra série americana *The X Files*¹¹¹, como ocorre no décimo episódio da oitava série. O internacionalmente conhecido quadro de *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci, haveria de se ver transmutado, também, num anúncio da marca BomBril; o quadro do pintor Almeida Júnior, *Caipira Picando Fumo*, datado de 1893, haveria de ser recriado em *Chico Bento Tirando Palha do Milho*, em 2000, por Maurício de Souza. Filmes como *Shrek*, *The Hobbit* ou, ainda, *Scary Movie*, *Moulin Rouge*, para que possamos abranger géneros dissemelhantes, também estabelecem um diálogo intertextual com outros filmes ou, até, com canções de artistas diversos.

¹⁰⁹ *The Simpsons*: série televisiva. A primeira emissão, embora como parte de um outro programa televisivo, ocorreu em 1987, sendo que a série se autonomizou em 1989, mantendo-se no ar até aos dias correntes. É da autoria de Matt Groening. Género: animação.

¹¹⁰ Referimo-nos ao afresco de Michelangelo Buonarroti, intitulado *A Criação de Adão*, pintada durante o papado de Júlio II.

¹¹¹ *The X Files*: série televisiva. A primeira emissão ocorreu em setembro de 1993, sendo que ainda está no ar. É da autoria de Chris Carter. Género: ficção científica.

Todavia, se obliterarmos, por uns segundos, outras formas de arte e considerarmos a realidade literária nacional, são vários os exemplos que se espriam pelos livros e revistas. O reconhecido poeta António Gedeão¹¹² haveria de intertextualizar Camões ao criar o “Poema da auto-estrada”, no qual “[v]oando vai para a praia/ Leonor na estrada preta./ Vai na brasa, de lambreta” e “[l]eva calções de pirata,/ vermelho de alizarina,/ modelando a coxa fina,/ de impaciente nervura [...]”, sendo que rapidamente “Fuge, fuge, Leonoreta:/ Vai na brasa, de lambreta [...]” (Gedeão, 2007:177). Estaria lançada a sugestão do vilancete de Camões, cujo mote apresenta uma outra moça, duas moças separadas por séculos: “Descalça vai para a fonte/ Lianor pela verdura;/ Vai fermosa, e não segura”. Esta, quinhentista, não se agarra ao namorado conduzindo a motorizada, “[l]eva na cabeça o pote,/ O testo nas mãos de prata”, vestida de “[c]inta de fina escarlata,/ Sainho de chamelete;/ Traz a vasquinha de cote,/Mais branca que a neve pura” e “Vai fermosa e não segura” (Camões,1994:55). Bem verificamos a comunicação existente entre ambos os textos, apesar dos contextos sociais, temporais, espaciais e pessoais dos seus autores serem bastante dissímeis.

Devemos reconhecer que a distinção entre intertextualidade, alusão e plágio é assaz ténue, mas devemos admitir, também, que, se o estabelecimento desta relação pode ocorrer entre textos de modalidades dissemelhantes (um filme que recria uma pintura; uma banda desenhada que recria um fresco; um romance que recria versos de um poema), ou que possuam o mesmo alicerce artístico (um texto que recria outro texto), também será possível admitir que exista intertextualidade dentro da obra do próprio autor. De qualquer forma, independentemente do exercício de crítica assumido e a análise, estética ou analítica, quanto a formas e conteúdos, não podemos considerar que no interior da obra de Armando Côrtes-Rodrigues se verifique o recurso a uma estratégia intertextual de recriação de uma obra-prima, ou dos seus próprios textos como inicialmente considerámos. Existe, isso sim, um movimento de reutilização e reforço de textos, imagens e ideias.

Em 17 de junho de 1925, o jornal *A Actualidade* haveria de publicitar, na rubrica “Letras açorianas”, a obra *Em Louvor da Humildade – Poemas da Terra e dos Pobres*, através de um artigo da autoria do ex-diretor do periódico, o padre Ernesto Ferreira. Tendo em atenção o cariz religioso do jornal em questão, bem sabemos que não ousariam promover uma obra literária que não fosse ao encontro dos seus intentos editoriais e dos propósitos morais de base. Sendo Côrtes-Rodrigues seu assíduo colaborador, mais justificadamente, ainda, se verifica a existência da dita alusão, extensa e meticulosa, nascida pela mão de um membro

¹¹² Pseudónimo de Rómulo Vasco da Gama de Carvalho: 1906-1997.

conservador do clero. O periódico revela que *“As letras açorianas acham-se opulentadas com o aparecimento de um livro de versos, que tem um título rescendendo a fragrâncias cristãs”, acompanhado por um “sub-título, pleno de luz e de verdade”, da autoria de Côrtes-Rodrigues. Mais, Ernesto Ferreira assume que é um “livro belo”, repleto de “versos encantadores, pela sua elegante simplicidade pela delicadeza da sua estrutura”. Há, sim, assim, uma simbiose profunda entre o título, o objetivo e o conteúdo: cantar humildemente a humildade. O então crítico literário confessa que “[n]êles se espelha e retrata, como em límpido cristal, a alma do povo açoriano, tam ingénua e tam amorável”. E acrescenta que Côrtes-Rodrigues se dedica a apresentar*

maviosamente os obscuros, os pequenos, os pobres, [...] os que mourejam e suam todo o santo dia, de sol nado a sol posto, na fisionomia moral dos que trabalham e lutam para viver, porque é principalmente nas scenas da vida dos que arroteiam a terra estuante sob os raios aprumados do astro rei ou varrida pelas chuvas inclementes e pelos ventos impetuosos, e ainda no rico filão das crenças, das tradições e dos costumes micaelenses que o poeta bebe os assuntos dos seus versos – versos lindos, de uma forma original, de uma espontaneidade absoluta.

(A Actualidade, n.281:1)

Aponta, ainda, que há poemas que *“brilham, em sua modéstia”,* quando o autor aplica a quadra ao gosto popular, de que são exemplo “A Candeia” ou “Presépios”, tema este último que lhe era tão caro e que estará presente em tantos textos por si assinados, ou pelos seus pseudónimos, da prosa à poesia. Mais e mais importante, Ferreira revela que na obra que agora vinha a público *“não [havia] excessos de parnasianismo, não [havia] difíceis artifícios da linguagem, não [havia] pretenciosos exageros de labores; não [havia] sentimentalismos doentios nem arrebicados lances românticos”.* Verificava-se, isso sim, *“muita sinceridade e muita graça, muita naturalidade e muito conhecimento da vida e das aspirações do grande poeta, que é o povo”.* Ferreira conclui que o livro é *“a formosa expressão do lirismo açoriano”.* Os poemas contidos na obra serão tão simples, mas tão encantadores e tão naturalmente fiéis ao povo que *“os homens”* poderão repeti-los *“de enxada ao hombro”;* que *“as mulheres da aldeia”* poderão cantá-los *“indo à fonte com o cântaro á cabeça”;* que *“as crianças”* poderão *“decorá-los [...] como canções da infância”* e que *“os velhos, relanceando olhos de saudade para a longa estrada do passado”* poderão *“murmurá-los”.* Porém, para alcançar tamanha façanha, é necessário ser, como Armando Côrtes-Rodrigues em nossa opinião foi, *“bafejado pelo sopro da inspiração”;* um *“verdadeiro poeta eleito em cujo coração fez a Providência desabrochar a flor perfumada do sentimento e em cuja alma acendeu a chama do amor do belo”.* Côrtes-Rodrigues, só pela *“celeste harmonia do verso”* poderia revelar o que de *“sobrenatural há no homem”.* Aqui reside a mais evidente separação e mutação da Violante exposta em *Orpheu 2,* *“pois a adesão ao movimento modernista, que*

abalava as ideias dos jovens escritores, acabou por se desvanecer com o regresso aos Açores” e o próprio Côrtes-Rodrigues assume, num artigo que seria publicado no periódico insular *Correio dos Açores*, que *“as produções assinadas por Violante de Cysneiros empalideceram com o Em Louvor da Humildade e que o ligeiro parentesco com Sá Carneiro, Alfredo Guisado e Almada Negreiros foram melodias e ritmos que não podiam subsistir na alma interior dos Açores”* (1991:13). Se a curadora da exposição que visava celebrar o seu nascimento, exibição essa realizada nas salas do espaço que ele próprio promoveria e ajudara a criar e a preencher, o Museu Carlos Machado, ousa afirmar tal, o diretor dessa instituição, António de Oliveira, na Nota Prévia do catálogo, seria mais peremptório ao afirmar, a respeito de Côrtes-Rodrigues e do seu amigo Domingos Rebelo que estes *“debruçaram-se sobre o povo dos Açores, estudando as suas tradições, identificando-se com a sua paisagem e as suas gentes, o que levou a afastarem-se das correntes modernistas do início do século”* (1991:7).

É evidente o espaço que Armando Côrtes-Rodrigues dedica à ruralidade, às suas gentes e às tarefas rotineiras, aos elementos naturais e humanamente criados para o desempenho das tarefas necessárias. À partida, os títulos de grande parte dos poemas de *Em louvor da Humildade – poemas da terra e dos pobres* revelam essa atenção e o carinho especial pelo espaço rural, ora não fosse real a existência de poemas intitulados de “O sacho” (1924:25); “Copeira (1924:75), “Diálogo do trigo e do milho” (1924:45), “O Chaile (1924:85); “A Canção da Tecedeira” (1924:95); “Os trabalhos do trigo” (1924:99); o apego à religião, de que são exemplo textos líricos como “Trindades” (1924:103), “Romeiros” (1924:129), “Rosario”(1924:141), Presépios (1924:171), “O Cantador das almas” (1924:177), “Na quaresma (1924:183), “A cruz (1924:185); a afeição pelos elementos e por determinados momentos da natureza que a vida no campo permite contemplar com melhor clareza, como perceptível em “Diálogo do fim da tarde” (1924:105); “Anoitecer” (1924:143), “Assim falou a noite I” (1924:153) e “Assim falou a noite II” (1924:155) e “Noite” (1924:165), ou, então, referências diversas aos elementos terra, água e fogo que invadirão todo o imaginário cortesiano. Mais uma vez, devemos salientar que estes elementos não subsistem isoladamente, pelo que se suportam mutuamente e surgem interligados, mesmo quando Côrtes-Rodrigues descreve a simples copeira: *“Escavada na parede,/ Copeira que vales tanto,/ Pareces mesmo um altar/ Ou algum nicho dum santo [...]”* (1924:75).

3. Conclusão

Violante de Cysneiros não possui personalidade própria. Nem autonomia. Não é detentora de densidade e individualidade psicológicas que a afaste do génio criador que a alimentou e lhe deu vida: Côrtes-Rodrigues. Esmiuçada a obra, verifica-se que Violante surge como estratégia de ocultação de uma identidade real, não como estratégia de desdobramento do “eu”. Repare-se que o próprio autor altera, ao longo do tempo, em circunstâncias distintas, a denominação que atribui a Violante de Cysneiros, já que ele próprio assume, décadas depois, em 1953, na célebre entrevista ao *O Primeiro de Janeiro*, tratar-se Violante de um pseudónimo. A carta enviada por Pessoa a Côrtes-Rodrigues a 19 de janeiro de 1915 apresenta, ainda que de forma relativamente breve e escassamente esquadrihada, a génese de um heterónimo. Assevera Pessoa que “[...] *é sério tudo o que escrevi sob os nomes de Caeiro, Reis, Álvaro de Campos. Em qualquer destes pus um profundo conceito de vida, diverso em todos três, mas em todos gravemente atento à importância misteriosa de existir*” (1984:76), o que impossibilita que Violante possa atingir tal estatuto, tão complexo, esvaziada que está de uma vida heteronímica.

A solidão, o isolamento, ou a opressão têm um preço, um custo e, nem sempre a máscara será sinónimo de liberdade. Violante não será, obviamente, a reprodução do seu autor, mas é, sim, a representação deste. Se um espelho plano comum apresenta o reflexo, simulando a presença do mesmo ser atrás do próprio espelho, em linha reta, Violante assume, regra geral, as mesmas propriedades que Côrtes-Rodrigues na abordagem dos diversos temas, na perspetiva que expressa sobre o espaço, o tempo, os ideais religiosos e sociais e a própria existência.

Violante de Cysneiros ressurgiu, pós *Orpheu*, em 1916, no *O Autónimo*, em 1922, de forma breve, no *Folha de Angra* e em 1923 no *A Actualidade* rumo à autenticidade, num movimento concêntrico poliforme, em direção à sua natureza original. A ação textual, cultural, de Violante ocorre inserida num determinado tempo experienciado, claro está, pelo sujeito-autor. É, porém, executada sem distanciamento ou inovação robusta perante Armando Côrtes-Rodrigues. O masculino e o feminino não se antagonizam. A voz, em tons distintos, completa-se, reforça-se, já que a sua essência e a sua intenção primordial é idêntica. É côncava, portanto, a sua realidade e criação.

4. Referências Bibliográficas

Bibliografia Ativa - Violante de Cysneiros

Poesia e Prosa (Jornais e Revistas):

CYSNEIROS, Violante, “Poemas”, in *Orpheu II*, Lisboa, 28 de junho de 1915.

_____, in *O Autônomico*, n.º 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 884, 895, 896, 897, 898, 900, 901, 902, 903, 906, 912, rubrica “Azulejos”, Vila Franca do Campo, 1916.

_____, “Cartas de Mulheres III”, in *Folha de Angra*, Ano 1, n.º 9, 9 de março de 1922, p. 2.

_____, “Comentários – Maria Joana” in *A Actualidade*, Ponta Delgada, Ano IV, n.º 182, 23 de maio de 1923, p. 2.

_____, Comentários – “Confusões”, in *A Actualidade*, Ponta Delgada, Ano IV, n.º 183, 6 de junho de 1923, p. 2.

_____, “Ruy Barbosa”, in *A Actualidade*, Ponta Delgada, Ano IV, n.º 183, 30 de maio de 1923, p. 3.

_____, Comentários – “O Tempo”, in *A Actualidade*, Ponta Delgada, Ano IV, n.º 184, 6 de junho de 1923, p. 2.

_____, Comentários, “Fábula”, in *A Actualidade*, Ponta Delgada, Ano IV, n.º 185, 13 de junho de 1923, pp. 2-3.

Bibliografia Ativa – Armando Côrtes-Rodrigues

Poesia, Teatro e Etnografia

CÔRTEZ-RODRIGUES, Armando, *Ode a Minerva*, Angra do Heroísmo, 1922.

_____, *Conto do Natal para a Fernanda*, in *Os Açores, Revista Ilustrada*, Ponta Delgada, Barbosa e Irmão, 1922

_____, *Em Louvor da Humildade – Poemas da Terra e dos Pobres*, Ponta Delgada, Artes Gráficas Editora, 1924.

_____, *Auto do Natal*, Lisboa, s. n.º, 1926.

_____, *O Milhafre: peça regional em três actos*, Angra do Heroísmo, Liv. Editora Andrade, 1933.

_____, *Cântico das Fontes*, Ponta Delgada, Gráfica Regional Editora, 1934.

- _____, *Poesia Popular Açoriana, Angra do Heroísmo*, Tipografia Editora Andrade, 1937.
- _____, *Quando o Mar Galgou a Terra*, Ponta Delgada, Papelaria Âmbar, 1940.
- _____, *Cantares da Noite – seguidos de poemas de Orpheu*, Ponta Delgada, Gráfica Regional Editora, 1942.
- _____, *Cantar às Almas, in Açoriana*, Angra do Heroísmo, 3, n.º 1, 1942, pp. 17-35.
- _____, *Quatro Poemas Líricos*, Porto, 1948.
- _____, *Horto Fechado e Outros Poemas*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1953.
- _____, *Em Louvor da Redondilha, in Atlântida*, 1, n.º 6, 1957, pp. 341-342.
- _____, *Voz do Longe*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1974-75, Vol. I e Vol. II.
- _____, *Auto do Natal, in Atlântida*, 9, n.º 6, 1965, pp. 195-211.
- _____, *Auto do Espírito Santo*, Edição Comemorativa do 120º aniversário do nascimento de Armando Côrtes-Rodrigues, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2011¹¹³.

Publicações Póstumas

- _____, *Cancioneiro Geral dos Açores*, Angra do Heroísmo, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 3 volumes, 1982.
- _____, *Adagiário Popular Açoriano*, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 2 volumes, 1982.
- _____, *Planície Inquieta – Poemas de uma ilha distante*, Vila Franca do Campo, Editorial Ilha Nova, 1987.
- _____, *Romanceiro Popular Açoriano*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1987.

Entrevistas em jornais

- _____, “Diálogo com o poeta Armando Côrtes-Rodrigues”, in *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 28 de outubro de 1953, p. 3.
- _____, “Entrevista”, in *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 1 de outubro de 1970, p. 2.

Bibliografia Passiva

¹¹³ Publicação original: Separata do vol. XIII – 2º Semestre, 1957, da revista *Insulana*, Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada.

a) Sobre Armando Côrtes-Rodrigues

AIRES, Fernando, "Armando Côrtes-Rodrigues, poeta e prosador", in *Insulana*, Ponta Delgada, n. 47, 1991, pp. 175-188.

_____, Fernando, (*Prefácio e Notas*) *Armando Côrtes-Rodrigues e Eduíno de Jesus – Correspondência*, Ponta Delgada, Museu Carlos Machado, 2002.

ALMEIDA, Anabela, *Armando Côrtes-Rodrigues, Vida e Obra do Poeta Açoriano de Orpheu*, Editorial Ilha Nova, 2019.

_____, "Armando Côrtes-Rodrigues, um poeta que "é directamente de Orpheu"", in *A Dinâmica dos Olhares Cem Anos de Literatura e Cultura em Portugal*, Lisboa, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2017.

_____, "Fernando Pessoa, Sá-Carneiro e Côrtes-Rodrigues, o triálogo em Orpheu", in *Uniletras*, Ponta Grossa, n. 2 jul/dez. 2016, pp. 227-236.

_____, Anabela, *As constantes de Orpheu na obra de Côrtes-Rodrigues*, Lisboa, Universidade Nova, 2014.

CARVALHO, Ruy Galvão de, *Poetas dos Açores*, Angra do Heroísmo, Direcção Regional dos Assuntos Culturais/Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1988.

CYMBROM, Maria Clotilde, *Auto do Espírito Santo* (Prefácio), Edição Comemorativa do 120º aniversário do nascimento de Armando Côrtes-Rodrigues, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2011.

JESUS, Eduíno de, (Seleção e Prefácio), *Antologia de poemas de Armando Côrtes-Rodrigues*, Coleção Arquipélago, Coimbra Editora, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1956.

_____, "Breve notícia histórica da poesia açoriana de 1915 à actualidade", in *Estrada Larga*, n.º 3, Porto Editora, s/d, pp. 425-430.

KLOBUCKA, Anna, "A mulher que nunca foi: para um retrato bio-gráfico de Violante de Cysneiros", in *Revista Colóquio/Letras*, Ensaio, n.º 117/118, Setembro, 1990, pp. 103-114.

MARGARIDO, Alfredo, "Uma carta quase inédita de Violante de Cysneiros", in *Colóquio Letras*, n.º 117-118, setembro, 1990, pp. 117-119.

MUSEU CARLOS MACHADO; BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DE PONTA DELGADA, INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA, *Exposição comemorativa do nascimento de Armando Côrtes-Rodrigues 1891-1971* (Catálogo), Ponta Delgada, Centro de Apoio Tecnológico à Educação, 1991.

PAVÃO, José de Almeida, *Aspectos do Cancioneiro Popular Açoriano*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1981.

_____, *Armando Côrtes-Rodrigues: o homem e o etnógrafo*, Vila Franca do Campo, Edições Ilha Nova, 1985.

_____, “Domingos Rebelo e Armando Côrtes-Rodrigues”, in *Insulana*, n.º 46, 1990, pp. 273-279.

SACHET, Celestino, “Homenagem à memória de Armando Côrtes-Rodrigues: O Tempo – um estado de não ser-se na poética de Armando Côrtes-Rodrigues”, in *Insulana*, n.º 47, 1991, pp. 159-174.

_____, Celestino (Organização e Notas), *A Lição do Poema – Cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

SERRÃO, Joel (Introdução), *Fernando Pessoa Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1984.

b) Outra Bibliografia Consultada

AA.VV., *Orpheu: reedição do volume 1*, Lisboa, Edições Ática, 1959.

AAVV, *Actas do 1º Congresso de Etnografia e Folclore*, Lisboa, Biblioteca Social e Corporativa – Plano de Formação Social e Corporativa, Vol.1, 1963.

ALMADA NEGREIROS, José de, *Obras Completas*, Vol. V, Ensaaios, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

_____, *Orpheu, 1915-1965*, Lisboa, Ática, 2015.

ALMEIDA, Ângela Maria Duarte de, *O Panteísmo Pentecostal de Natália Correia e o Culto do Espírito Santo nos Açores: Análise de um Inédito*, tese de doutoramento, Lisboa, Departamento de Línguas e Literaturas Modernas, Universidade Autónoma de Lisboa, 2005.

ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *A questão da literatura açoriana: recolha de intervenções e revisitação*, Angra de Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1983.

_____, *Açores, Açorianos, Açorianidade – um espaço cultural-*, Ponta Delgada, Signo, 1989.

ALPALHÃO, João António; ROSA, Victor M. P., *Da emigração à aculturação: Portugal insular e continental no Quebeque*, Vila da Maia, Gráfica Maiadouro- Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.

ALVES, Oriana (Coordenação), *Nós, os de «Orpheu»*, Maia, BOCA & Casa Fernando Pessoa, 2015.

- D'ANGELO, Biagio, "Máscaras e (des)mistificações: estratégias para a literatura contemporânea", in *Via Atlântica*, n. 13 dez., 2008, pp 245-248.
- AREIAS, Maria Laura; MONTEIRO, Isabel Pascoal; SAMPAIO, Jaime Salazar, *Fernando Pessoa – Quem era(m)?*, Lisboa, Plátano Editora, 1980.
- AZEVEDO, António, *Pessoa: outramento e heteronímia*, Lisboa, Instituto Piaget, 2005.
- AZEVEDO, Joaquim, e RAMOS, José, "Inventário da Imprensa Católica entre 1820 e 1910", in *Lusitania Sacra*, 2ª série, Universidade Católica Portuguesa, 1991, pp. 215-264.
- BARRETO, José, "António Ferro: Modernismo e Política"; in *Portuguese Modernisms: Multiple Perspectives on Literature and the Visual Arts*, Londres, Legenda, 2011, pp. 135-154.
- _____, "O ano do Orpheu em Portugal", in *1915 – O Ano do Orpheu*, Lisboa, Tinta-da-China, 2015.
- BARTHES, Roland, *O Óbvio e o Obtuso*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- BATISTA, Adelaide Monteiro, *João de Melo e a Literatura Açoriana*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1993.
- BERARDINELLI, Cleonice, "A Geração de 70 e a Geração de Orpheu", in *Estudos de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, pp. 159-179.
- BRASIL, Luiz; SILVA, Gabriela, "As fontes da criação literária de Daniel de Sá, com poema inédito", in *Rememorando Daniel de Sá: Escritor dos Açores e do Mundo*, Ponta Delgada, VerAçor Editores, 2016, pp. 15-31.
- CAMPOS, Sónia Siqueira, "Literatura Oral no RS – Contribuições Açorianas, in *Presença Açoriana em Santo António da Patrulha e no Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Edições EST, 1993, pp. 61-69.
- CAMÕES, Luís de, *Rimas*, Coimbra, Livraria Almedina, 1994.
- CENTENO, Yvette Kace, "Os Fantasmas de Orpheu", in *Cultura Portuguesa*, n.º 1, Secretaria de Estado da Cultura, 1981.
- CORDEIRO, Carlos, *Insularidade e continentalidade: os Açores e as contradições da Regeneração (1851-1870)*, Coimbra, Livraria Minerva, 1992.
- _____, *Autonomia e identidade nacional: os Açores na segunda metade do século XIX*, Coimbra, Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, 1992.
- _____, *Nacionalismo, Regionalismo e Autoritarismo nos Açores durante a I República*, Lisboa, Edições Salamandra, 1999.
- COELHO, António de Pina (Seleção e Prefácio), *Textos Filosóficos, Vol. II, Fernando Pessoa*, Lisboa: Ática, 1968.

- CORPET, Olivier, “As revistas literárias”, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, O Grande Atlas das Literaturas*, Página Editora, 2000.
- CORREIA, Natália, *Poesia Completa, O Sol nas Noites e o Luar nos Dias*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1999.
- COTAFAGUNDES, Francisco; ANTUNES, Susana; IGREJAS, António (Coordenação), *Rememorando Daniel de Sá: Escritor dos Açores e do Mundo*, Ponta Delgada, VerAçor Editores, 2016.
- COSTA, José Francisco, “Daniel de Sá: o lugar de Deus no espaço do homem”, in *Rememorando Daniel de Sá: Escritor dos Açores e do Mundo*, Ponta Delgada, VerAçor Editores, 2016, pp. 32-65.
- D’ALGE, Carlos, *A Experiência Futurista e a Geração de “Orpheu”*, Lisboa, Ministério da Educação, 1989.
- DELEUZE, Gilles, *Desert Islands and Other Texts, 1953-1974*, Los Angeles, Semiotext, 2004
- DIAS, Eduardo Mayone, *Açorianos na Califórnia*, Vila da Maia, Gráfica Maiadouro- Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.
- DIEGUES, António Carlos, *Ilhas e mares: simbolismo e imaginário*, São Paulo, Hucitec, 1998.
- Driver, Robin, *Má(tria): Mulher e monstruosidade na ficção em prosa de Natália Correia*, Lisboa, Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras, 2017.
- ENES, José, *Estudos e Ensaios*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1982.
- FEIJÓ, António (Seleção e Prefácio), *Correspondência e Artigos de Imprensa – Obra Essencial de Fernando Pessoa*, Lisboa, Expresso – Imprensa Publishing, 2015.
- FERREIRA, Manuel, *O Barco e o Sonho*, Ponta Delgada, Empresa Gráfica Açoreana, 1989.
- _____, *Açores: origens, raízes e história*, Ponta Delgada, 1999.
- _____, *O Açor Eterno*, Ponta Delgada, Nova Gráfica, 2005.
- FERREIRA, Nuno, *Açores a pé*, Lajes do Pico, Companhia das Ilhas, 2016.
- FERRO, António (Editor), *Orpheu: revista literária*, Volume 1, 1915.
- FISCHER, Gustave-Nicolas, *A psicologia social do ambiente*, Lisboa, Instituto Piaget, 1994.
- FRENTE DE LIBERTAÇÃO DOS AÇORES, *Princípios Programáticos*, S. Ed., 1976.
- FREITAS, Vamberto, *O imaginário dos escritores açorianos*, Lisboa, Edições Salamandra, 1992.
- _____, Vamberto, *A ilha em frente – Textos do imaginário e da fuga*, Lisboa, Edições Salamandra, 1999.

- FUNK, Gabriela (coord.), *Estudos sobre Cultura Popular*, Ponta Delgada, Câmara Municipal de Ponta Delgada, 2007.
- _____, “Os Adagiários que temos e os que deveríamos ter” in *Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Universidade Nova, 1996, p. 219-227.
- GALHOZ, Maria Aliete (Introdução), *Orpheu* 2, 3.^a reedição, Lisboa, Edições Ática, 1984.
- GARCIA, José Martins, *Para uma Literatura Açoriana*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1987.
- GARRET, Almeida, *Romanceiro*, Lisboa, Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho – Gabinete de Etnografia, 1963.
- GEDEÃO, António, *Obra Completa*, Lisboa, Relógio d’Água, 2007.
- GIACOMETTI, Michel, LOPES-GRAÇA, Fernando, *Cancioneiro Popular Português*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1981.
- GUISADO, Alfredo, “A História do Orpheu”, in *Autores*, n.º 10, ano III, 1960.
- _____, *Tempo de Orfeu*, Lisboa, Portugália Editora, 1969.
- HAMON, Philippe, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, O Grande Atlas das Literaturas*, Página Editora, 2000.
- JACHEMET, Célia Silva, “As festas do Espírito Santo em Portugal – Açores e sua transmigração para o Brasil e Rio Grande do Sul”, in *Presença Açoriana em Santo Antônio da Patrulha e no Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Edições EST, 1993, pp. 44-50.
- JÚDICE, Nuno, *A Era do "Orpheu"*, Lisboa, Editorial Teorema, 1986.
- HILÁRIO, Fernando, *Orpheu: percursos e ecos de um escândalo*, Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2008.
- LOURENÇO, Eduardo, “Europa ou o Diálogo que nos falta”, in *Heterodoxia I e II*, Lisboa, Assírio&Alvim, 1987, pp. 7-17.
- _____, Eduardo, “Identidade e Memória – o caso português”, “Portugal – Identidade e Imagem” e “Nós e a Europa – Ressentimento e Fascínio”, in *Nós e a Europa ou as Duas Razões*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994, pp. 9- 37.
- _____, Eduardo, “Psicanálise Mítica do Destino Português”, “Repensar Portugal” e “Da Literatura como interpretação de Portugal (De Garrett a Fernando Pessoa)”, in *O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, Gradiva, 2005, pp. 23-117.
- MACEDO, Donald P., *Issues in Portuguese bilingual education*, Cambridge, National Assessment and Dissemination, 1980.

- MARTINS, Fernando Cabral, *O Modernismo em Mário de Sá Carneiro*, Lisboa, Editorial Estampa, 1994.
- MATA, Inocência, “*Insularidade e literatura: o mar e a originalidade da literatura santomense*”, in *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, n.º 4, 1991. pp. 119-124.
- MELLO, José de Almeida, *Memórias da Emigração – Os Cabral de Mello 1890-1930*, Ponta Delgada, Câmara Municipal de Ponta Delgada, 2003.
- MERÍZIO, Vilca Marlene, *Dá ROSAS, ROSAS, a quem sonha rosas*, Blumenau, Nova Letra Gráfica e Editora, 2013.
- MOTA, Valdemar, *Histórias e Tradições dos Açores*, Angra do Heroísmo, 1986.
- MOVIMENTO SEPARATISTA ESTUDANTIL, *O motor do processo açoriano*, Ponta Delgada, Edições Açores, 1976.
- NARCISO, Armando, *TERRA AÇOREANA: monografia romântica*, Lisboa, Edições Paulo Guedes, 1932.
- NEMÉSIO, Vitorino, *O Açoriano e os Açores*, Renascença Portuguesa, 1929.
- _____, “Açorianidade”, in *A Questão da Literatura Açoriana*, Angra de Heroísmo: Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1983.
- OLIVEIRA, Álamo, *Burra Preta com uma lágrima*, Lisboa, Edições Salamandra, 1995.
- PARREIRA DA SILVA, Manuela (Organização), *FERNANDO PESSOA - Correspondência Inédita*, Lisboa, Livros Horizonte, 1996.
- _____, “A escrita epistolar: entre o rosto e máscara”, in *Máscaras, mistérios e segredos*, Lisboa, Colibri, 2002, pp. 97-103.
- PEDRO, António, *O Teatro e os seus Problemas*, Lisboa, Editora Inquérito, 1941.
- _____, *O Teatro e a sua verdade*, Lisboa, Editora Confluência, sd.
- PEIXOTO, José Luís, “Entrevista”, in *Diário de Notícias*, 28 de setembro de 2003.
- PEIXOTO, Eduardo de Melo (Prefácio), *Bíblia Sagrada*, Lisboa, Sistema J, 2005.
- PEREIRA, José Carlos Seabra, *Do fim-de-século ao tempo de Orpheu*, Coimbra, Almedina, 1979.
- PESSOA, Fernando, *Obras Escolhidas*, Edição Comemorativa do Cinquentenário da Morte do Poeta (Seleção de António Manuel Couto Viana), Editorial Verbo, Lisboa, 1985.
- _____, Fernando, *Sobre Orpheu e o Sensacionismo*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2015.
- PIZARRO, Jerónimo, *Pessoa Existe?*, Lisboa, Ática, 2012.
- _____, (Edição). *Fernando Pessoa: o guardador de papéis*, Alfragide, Texto Editores, 2009.

- _____, “Orpheu, uma revista-manifesto”, in *Revista Desassossego*, *Desassossego 14*, 2015.
- PORTO, Maria da Graça; AMARAL, Maria José; SOUSA, Maria Margarida, Domingos Rebelo – Centenário da Escola e do Nascimento do Pintor – Catálogo Comemorativo da Exposição (Coordenação e Organização), Ponta Delgada, CATE, 1991.
- PRADO COELHO, Jacinto (Prefácio e Organização), *O Livro do Desassossego por Bernardo Soares. Vol.I. Fernando Pessoa*, Lisboa, Ática, 1982.
- QUINSAT, Gilles, “Introdução”, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, O Grande Atlas das Literaturas*, Página Editora, 2000.
- RAPOSO, Hipólito, *Descobrimos ilhas descobertas*, Porto, Edições Gama, 1942.
- ROSA, Eduardo Ferraz da, “Poder, Tradição e Utopia: Nemésio e a Autonomia dos Açores”, Separata do *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, Vol. LXII, Terceira, 2004.
- Rosa, Eliane Kreutz, “*Literatura e Alteridade: matizes do neo fantástico em Lejana, de Julio Cortázar*”, UNIOESTE, Cascavel, 2011.
- SÁ CARNEIRO, Mário de, *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*, Ed. de Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001 e 2006, pp. 179-180.
- _____, *Cartas Escolhidas*, Ed. de António Quadros, Porto, Publicações Europa-América, Vol. II, 1992.
- SÁ, Daniel de, *Ilha Grande Fechada*, Lisboa, Salamandra, 1992.
- SARAIVA, Arnaldo, “Fernando Pessoa: auto (e hetero) imagem do génio”, in *Persona*, n.º 7, 1982.
- SERRÃO, Joel, *Temas de Cultura Portuguesa II*, Lisboa, Portugália Editora, 1965.
- SILVA, António, “O mar e a saudade na poesia madeirense do século XIX”, in *Islenha*, n. 23, Região Autónoma da Madeira, Grafimadeira, 1998, p. 33-47.
- SILVA, Maria Regina Tavares, *Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras de início do século XX*, in *Análise Social*, vol. XIX, 1983, pp. 875-907.
- SILVA, Telma, *Na Rota de Domingos Rebelo. Ensaios e Práticas em Museologia*. Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DCTP, 2013, Vol. 3, p. 145-159.
- SIMÕES, João Gaspar, “No Cinquentenário do Orpheu”, *O Primeiro de Janeiro*, 31 de março de 1965.
- _____, “Sinopse Cronológica do Nascimento e Morte do Orpheu”, in *Cultura Portuguesa*, n.º 1, Secretaria de Estado da Cultura, 1981.
- SOUSA, Rui, “Nos Bastidores do “Drama em Gente”: etapas da Evolução dos Heterónimos à luz da correspondência órfica”, in *Pessoa Plural*, n. 7, Primavera, 2015, 133-159.

- STEINBECK, John, *A um deus desconhecido*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1971.
- TEIXEIRA, Mónica, “Maritimidade na obra poética de Cabral Nascimento”, in *Islenha*, n. 23, Região Autónoma da Madeira, Grafimadeira, 1998, p. 48-51.
- TODOROV, Tzvetan, *Introdução à literatura fantástica*, São Paulo, Perspectiva S.A, 1975.
- VEIGA, Manuel, *Cabo Verde: insularidade e literatura*, Paris, Karthala, 1998.
- VERDELHO, EVELINA, *Linguagem regional e linguagem popular no romance regionalista português*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1982.
- ZENITH, Richard (Organização), *Livro do Desassossego, Fernando Pessoa, Composto por Bernardo Soares, ajudante de Guarda-livros na cidade de Lisboa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1997.

Webgrafia:

- IGREJAACORES, O Franciscanismo em Armando Côrtes-Rodrigues à luz do mundo actual, Açores, 2013, <https://www.igrejaacores.pt/o-franciscanismo-em-armando-cortes-rodrigues-a-luz-do-mundo-atual/>
- INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA, 2012, <http://www.icpd.pt/index.php>
- LISBOATOPONIMIA, A «Orpheu» na Toponímia de Lisboa, no centenário da revista, 2015, <https://toponimialisboa.wordpress.com/2015/03/02/a-orpheu-na-toponimia-de-lisboa-no-centenario-da-revista>.
- SERPA, Ana Isabel (Produção); ANANIAS, Luciana (Co-produção); CABRAL, Bernardo (Realização), Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Assuntos Sociais, Açorianos de Cultura – Dr. Armando Côrtes-Rodrigues, 2010, <https://www.youtube.com/watch?v=QJxF6NqRK-k>
- SIC NOTÍCIAS, 2019, Mais de 50 ranchos de Romeiros invadem os Açores, https://sicnoticias.pt/pais/2019-03-16-Mais-de-50-ranchos-de-Romeiros-invadem-os-Acores?fbclid=IwAR2ooDRdbCJHdxmF8Fy-xzkY_2J0zv3tVxzYK-hafLHSFR4ytnmlMVTg4nY
- SILVA, Tânia, Convento de Santo André em Vila Franca do Campo em Roteiro, Ponta Delgada, Açoriano Oriental, 2008, <https://www.acorianooriental.pt/noticia/convento-de-santo-andre-em-vila-franca-do-campo-em-roteiro-174201>
- (?), Cara, Simpsons Spoofs: Old Art, 2009, <http://chickensinsaskatoon.blogspot.com/2009/05/simpsons-spoofs-old-art.html>
- ZENITH, Richard, Modern!smo - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu, IELT-FCSH, Universidade Nova de Lisboa, <https://modernismo.pt/index.php/l/641-livro-do-desassossego> (consultado a 05-02-2019)

5. Listagens e tábuas cronológicas

**LISTAGEM DE PSEUDÓNIMOS/CRIPTÓNIMOS
utilizados por Armando Côrtes-Rodrigues¹¹⁴**

Jornal: *San Miguel*

X.

(1910)

(Rubrica: “Cartas a um Político”)

Jornal: *A Crença*

A

X

R

Rusticus

P. J. Tissot

(1916-1920)

(Rubricas: “Lyra Christã”; “Conversando”; “Serões d’Aldeia”; “Um amigo na Terra”; “Evangelho”)

Jornal: *A Actualidade*

A

X

Rusticus

Severo (de) Verdades

Simão de Vilanova

Violante de Cysneiros

(1920-1926)

(Rubricas: “Migalhas”; “Da nossa Estante”)

¹¹⁴ Para a criação da listagem apresentada encetou-se à leitura de jornais locais de época e consideraram-se, ainda, os resultados obtidos por Anabela Almeida Barros e por esta apresentados na sua tese de doutoramento, bem como o levantamento efetuado para a realização da Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento do autor e consulta de documentação correspondente. Estamos em crer que esta listagem possa, ainda, estar incompleta e careça de aprofundamento.

Jornal: *Correio dos Açores*

Ninguém
(1940 - década de 50)
(Rubrica: “Notas da Semana”)

Jornal: *O Autónimo*

Cesário Negro
Fradique
Rusticus
Violante de Cysneiros
(1912-1916)
(Rubricas: “Notas Sobre o Joelho”; “Azulejos”)

Jornal: *Folha d’Angra*

Violante de Cysneiros
(Rubrica: “Cartas de Mulheres”)
(1922)

Jornal: *Açores*

A
(1949)

Jornal: *Diário de Angra*

S. de V.
(1922)

Jornal: *A Vila*

X
(Rubrica: Sala das Musas)
(Data: ?)

TÁBUA CRONOLÓGICA
das participações de César Rodrigues, pai de Armando Côrtes-Rodrigues,
em *A Actualidade*

12-02-1920; n.2 – “Extase” (poesia)

10-06-1920; n. 19 – “Num Berço” (Acompanhado pela nota: “Do livro *Sonetos* a aparecer em breve”) (poesia)

14-10-1920; n. 38 – “Algumas noções sobre a peste” (prosa)

23-11-1920; n. 47 – “Natal de Christo” (poesia)

09-06-1921; n. 67 – “A Ventura” (poesia)

30-06-1921; n. 70 – “Suplica” (Acompanhado pela indicação: “Soneto inspirado na contemplação dum quadro da Virgem de grande valor artístico, pertencente ao Exmo. Senhor José Maria de Andrade Castro Botelho Torrezão”) (poesia)

28-07-1921; n. 73 – “Ilusão” (poesia)

29-12-1921; n. 92 – “Contraste” (Acompanhado pela indicação: “Apoz a leitura do “Noel Impérial” de François Coppée”)(poesia)

15-05-1922; n. 109 – “Scena Real” (poesia)

24-08-1922; n. 122 – “Desanimo” (Acompanhado pela indicação: “Ao Sr. Humberto de Medeiros e Câmara”) (poesia)

TÁBUA CRONOLÓGICA

das participações assinadas por Armando Côrtes-Rodrigues em *A Actualidade*

- 05-02-1920; n.1 – “Horas Antigas” (prosa)
- 26-02-1920; n.4 – “Deus” (poesia)
- 18-03-1920; n.7 – “Diálogo do Fim da Tarde” (Acompanhado pela indicação: “Ao maestro Francisco de Lacerda”) (poesia)
- 25-03-1920; n.8 – “A Senhora do Amparo” (prosa)
- 01-04-1920; n.9 – “A Morte de Jesus” (Acompanhado pela indicação: “A Ernesto Ferreira”)
- 03-05-1920; n. 15 – Tributo a Domingos Rebelo¹¹⁵ (Contribuição indireta pois trata-se do registo, pelo jornal, da “[...] homenagem de amigos e admiradores na vespera da sua partida para o Brazil”)
- 20-05-1920; n.16 – “Carta ao *Correio dos Açores*” (correspondência)
- 27-05-1920; n.17 – “Pinheiros (Acompanhado pela indicação: “Ao Amigo e Poeta Humberto de Betencourt”. Acompanhado pela nota: “Do livro «ALMA RUSTICA» em preparação.”) (poesia)
- 01-07-1920; n.22 – “A Vida” (Acompanhado pela indicação: “Ao Engenheiro e Poeta Francisco Xavier Pacheco de Castro”) (poesia)
- 29-07-1920; n.26 – “Noite” (Acompanhado pela indicação: “Ao poeta José Barbosa”) (poesia)
- 19-08-1920; n.29 – “Diálogo das coisas – A Pedra / O Vento” (poesia)
- 30-09-1920; n.35 – “Diálogo das coisas – Uma fonte” (poesia)
- 23-12-1920; n.47 – “Presépios” (poesia)
- 05-01-1921; n.48 – “Canção do lavrador” (poesia)
- 24-03-1921; n.58 – “A Morte de Jesus” (poesia)
- 26-06-1921; n.68 – “Nossa Senhora das Dores” (Acompanhado pela indicação: “Sobre uma velha tela de família. A José de Andrade Botelho e Castro Torresão com muita estima”) (poesia)
- 14-07-1921; n.71 – “P.e Manuel José Pires” (obituário)
- 25-08-1921; n.75 – “De noite” (Acompanhado pela indicação: “Ao Dr. Tomaz de Borba Vieira”) (poesia)

¹¹⁵Título nosso.

- 30-09-1921; n.80 – “Dissertação acerca da palestra proferida por Braga Paixão na associação dos empregados do comércio de Angra” (Rubrica: Bibliografia)
- 06-10-1921; n.81 – “O Pobresinho de Assis I” (prosa)
- 06-10-1921; n.81 – “Tradução de Cântico do Sol”
- 13-10-1921; n.82 – “O Pobresinho de Assis II” (prosa)
- 03-11-1921; n.85 – “O pianista Açoreano Alfredo Mennier” (prosa)
- 01-12-1921; n.89 – “Uma visita à Sé de Angra” (prosa)
- 08-12-1921; n.90 – “Uma visita à Sé de Angra – Conclusão” (prosa)
- 29-12-1921; n.92 – “Rimance de Natal (Da aldeia de Nazareta)” (rimance)
- 23-02-1922; n.97 – “Nevoeiro” (poesia)
- 04-05-1922; n.107 – “Março” (poesia)
- 01-06-1922; n.111 – “O Futuro” (poesia)
- 24-08-1922; n.122 – “Gaspar Frutuoso” (prosa)
- 12-07-1923; n. 195 – “Anoitecer” (poesia)

TÁBUA CRONOLÓGICA
das entradas “Cancioneiro Açoreano” em *A Actualidade*

11-11-1920; n. 41 – Coligido na ilha de São Miguel
13-01-1921; n. 49 – Coligido na ilha de São Miguel
20-01-1921; n. 50 – Coligido na ilha de São Miguel
27-01-1921; n. 51 – Coligido na ilha de São Miguel
10-03-1921; n. 26– Coligido na ilha de São Miguel
07-04-1921; n. 60– Coligido na ilha de São Miguel
14-04-1921; n. 61– Coligido na ilha de São Miguel
21-04-1921; n. 62– Coligido na ilha de São Miguel
12-05-1921; n. 65– Coligido na ilha de São Miguel
23-06-1921; n. 69 – Coligido na ilha de São Miguel
27-07-1921; n. 72 – Coligido na ilha de São Miguel
08-09-1921; n. 77 – Coligido na ilha de São Miguel
15-09-1921; n. 78 – Coligido na ilha de São Miguel
22-09-1921; n. 79 – Coligido na ilha de São Miguel
29-09-1921; n. 80 – Coligido na ilha de São Miguel
27-10-1921; n. 84 – Coligido na ilha de São Miguel
17-11-1921; n. 87 – Coligido na ilha de São Miguel
01-12-1921; n. 89 – Coligido na ilha de São Miguel
29-12-1921; n. 92 – Coligido na ilha de São Miguel
19-01-1922; n. 95 – Coligido na ilha de São Miguel
16-03-1922; n. 100 – Coligido na ilha de São Miguel
06-04-1922; n. 103 – Coligido na ilha de São Miguel
15-06-1922; n. 112 – Coligido na ilha de São Miguel
06-07-1922; n. 115 – Coligido na ilha de São Miguel
17-03-1922; n. 116 – Coligido na ilha Terceira
27-07-1922; n. 118 – Coligido na ilha de São Jorge

TÁBUA CRONOLÓGICA

das participações assinadas por Severo (de) Verdades em *A Actualidade*¹¹⁶

- 17-03-1923; n. 172 – Rubrica “Chronica da Aldeia I”(prosa)
- 30-06-1923; n. 186 – Rubrica “Comentários”¹¹⁷ (“Coisas velhas e d’agora”) (prosa)
- 27-06-1923; n. 187 – Rubrica “Comentários” (“A tentação do oiro”) (prosa)
- 12-07-1923; n. 195 – Rubrica “Comentários” (prosa)
- 12-07-1923; n. 195 – “Santo António de Lisboa” (prosa)
- 03-10-1923; n. 198 – Rubrica “Da nossa Estante” (Acompanhado pela indicação: “Seara Nova – por Hipólito Raposo – Empresa Lumen Edit. Lisboa 1922”) (prosa)
- 24-10-1923; n. 200 – Rubrica “Migalhas” (prosa)
- 14-11-1923; n. 202 – Rubrica “Migalhas” (prosa)
- 19-12-1923; n. 207 – Rubrica “Migalhas”(prosa)
- 06-02-1924; n. 204 – Rubrica “Migalhas”(prosa)
- 13-02-1924, n. 215 – Rubrica “Migalhas” (prosa)
- 05-03-1924, n. 218 –Rubrica “Migalhas” (prosa)
- 19-03-1924; n. 220 – Rubrica “Da Nossa Estante”(Acompanhado pela indicação: “O Herdeiro, peça em três actos, por Carlos Selvagem”)
- 27-05-1924; n. 228 –Rubrica “Da Nossa Estante” (Acompanhado pela indicação: “Anatole France, conferência de Aquilino Ribeiro”)
- 25-06-1924; n. 232 – Rubrica “Da Nossa Estante” (Acompanhada pela indicação: “A profissão de advogado (deontologia e legislação) por Luíz da Silva Ribeiro”)
- 3-09-1924; n. 242 – Rubrica “Da Nossa Estante” (Acompanhado da indicação “O seiscentismo em Portugal, por Manuel Múrias, Lisboa, 1923”)
- 08-07-1925; n. 284 – “A Crítica laica” (prosa)
- 26-08-1925; n. 291 – “Crítica Serena” (prosa)
- 07-07-1926, n. 336 – Rubrica “Cartas a um Estudante” (prosa)
- 14-07-1926, n. 337 – Rubrica “Cartas a um Estudante” (prosa)
- 11-08-1926, n. 341 – Rubrica “Cartas a um Estudante” (prosa)
- 08-09-1926, n. 344 – Rubrica “Cartas a um Estudante” (prosa)
- 22-09-1926, n. 346 – Rubrica “Cartas a um Estudante” (prosa)

¹¹⁶Versão revista e ampliada das listagens presentes em *As constantes de Orpheu na obra de Côrtes-Rodrigues*, por Anabela Azevedo de Almeida Barros.

¹¹⁷Não constam da listagem elencada as contribuições para a rubrica “Comentários” que não possuam assinatura e que ascendem a várias dezenas.

TÁBUA CRONOLÓGICA
das participações assinadas por A. (M.)¹¹⁸ em *A Actualidade*

13-06-1923; n. 185 – Rubrica “Migalhas”(prosa)

27-06-1923; n. 187 – “Moralidade”(prosa)

25-07-1923; n. 190 – Rubrica “Migalhas”(prosa)

25-07-1923; n. 190 – “O Canto do Cisne”(prosa)

05-12-1923; n. 205 – “O Advento”(prosa)

12-12-1923; n. 206 – “Tristezas” (poesia)

¹¹⁸Foram consideradas as contribuições ora assinadas apenas por A., ora por A.M., que subscrevem as mesmas rubricas.

TÁBUA CRONOLÓGICA
das participações assinadas por X em *A Actualidade*

- 5-07-1923; n. 194 – Rubrica “Apontamentos dum Estudante” (Título acompanhado pela indicação: Coimbra, Junho de 19..) (prosa)
- 19-09-1923; n. 196 – Rubrica “Apontamentos dum Estudante” (Título acompanhado pela indicação: Coimbra, Junho de 19..... (prosa)
- 26-09-1923; n. 197 – Rubrica “Apontamentos dum Estudante” (Título acompanhado pela indicação: Coimbra, Junho de 19..) (prosa)
- 26-09-1923; n. 197 – “Francisco de Lacerda” (prosa)
- 3-10-1923; n. 198 – Rubrica “Apontamentos dum Estudante” (Título acompanhado pela indicação: Agosto de 19... em viagem) (prosa)
- 09-09-1925; n. 293 – “Folhas Soltas” (prosa)
- 14-04-1926; n. 324 – Rubrica “Ao Serão” (prosa)
- 21-04-1926; n. 325 – Rubrica “Ao Serão” (prosa)
- 28-04-1926; n. 326 – Rubrica “Ao Serão” (prosa)

TÁBUA CRONOLÓGICA
das participações assinadas por Simão de Vilanova, ou S. de V. ou S. V.,
em *A Actualidade*

- 12-02-1920; n. 2 – “A Antiguidade do Espiritismo” (prosa)
19-02-1920; n. 3 – “Allan Kardee” (prosa)
11-03-1920; n. 6 – “O Espiritismo moderno” (prosa)
15-04-1920; n. 11 – “Síntese da doutrina Espírita” (prosa)
10-06-1920; n. 19 – “A utilidade científica do Espiritismo” (prosa)
19-08-1920; n. 29 – “Crónica Científica” (prosa)
26-08-1920; n. 30 – “Adolphe Retté” (prosa)
02-09-1920; n. 31 – “Adolphe Retté” (prosa)
16-09-1920; n. 33 – “A Preexistência de Almas” (prosa)
23-12-1920; n. 47 – “Evocação” (prosa)
20-01-1921; n. 50 – “A Metempsicose” (prosa)
04-02-1921; n. 52 – “A Metempsicose” (prosa)
24-03-1921; n. 58 – “A Ressureição de Cristo” (prosa)
01-12-1921; n. 89 – Rubrica “Cartas da Serra” (prosa)
15-12-1921; n. 91 – Rubrica “Cartas da Serra” (prosa)
09-03-1922; n. 99 – “A Indiferença Religiosa I” (prosa)
13-04-1922; n. 104 – “A Indiferença Religiosa II” (prosa)
27-02-1923; n. 161 – Rubrica “Cartas da Serra” (prosa)
31-01-1923, n. 162 – Rubrica “Cartas da Serra”(“Trindades”) (prosa)
17-05-1923; n. 172 – Rubrica “Crónicas de Aldeia”
13-06-1923; n. 185 – Rubrica “Comentários – Fábulas”
12-07-1923; n. 195 – “Santo António de Lisboa”
24-10-1923; n. 200 – Rubrica “Migalhas”
14-11-1923; n. 202 – Rubrica “Migalhas”
19-12-1923; n. 207 – Rubrica “Migalhas”
26-12-1923; n. 208¹¹⁹ – “Natal na Serra”
16-02-1924; n. 214 – Rubrica “Migalhas”
13-02-1924; n. 215 – Rubrica “Migalhas”

¹¹⁹ Barros aponta a existência a 26-12-1923 no número 208, da participação de Simão de Vilanova, na Rubrica “Migalhas”, mas não verificamos ocorrência de tal.

- 05-03-1924; n. 218 – Rubrica “Migalhas”
4-06-1924; n. 229 – “A mulher” (prosa)
11-06-1924; n. 230 – “O Esforço dos Pobres” (prosa)
25-06-1924; n. 232 – Rubrica “Migalhas”
2-07-1924; n. 233¹²⁰ – Rubrica “Notas de viagem I” (Acompanhada da referência temporal: janeiro, 1922)
09-07-1924; n. 234 – Rubrica “Migalhas”
09-07-1924; n. 234 – Rubrica “Notas de viagem II”
23-07-1924; n. 236 – Rubrica “Migalhas”
06-08-1924; n. 238 – Rubrica “Migalhas”
10-12-1924; n. 255 – “À maneira de prólogo” (prosa)
24-12-1924; n. 257 – “Meditação do Natal” (prosa)
25-03-1925; n. 270 – “A Religião Civilisadora” (prosa)
25-03-1925; n. 270 – Rubrica “Notas Literárias” (“A propósito de Gabriel D’Annunzio”)
29-04-1925; n. 274 – “Notas sobre o movimento literário da França” (prosa)
06-05-1925; n. 275¹²¹ – “O Espiritismo Moderno – Resumo da Doutrina Espírita” (prosa)
03-07-1925; n. 279 – “O Espiritismo Moderno – As suas negações” (prosa)
10-07-1925; n. 280 – “O Espiritismo Moderno – A Preexistência das Almas” (prosa)
22-07-1925; n. 286 – “O Espiritismo Moderno – a Transmigração das Almas” (prosa)
29-07-1925; n. 287 – “O Espiritismo Moderno – A Condenação do Espiritismo” (prosa)
09-09-1925; n. 293 – “O Espiritismo Moderno – O Sr. Ramos e a Actualidade” (prosa)
14-04-1926; n. 324 – Rubrica “Migalhas”
21-04-1926; n. 325 – Rubrica “Migalhas”
25-04-1926; n. 326 – Rubrica “Migalhas”
02-06-1926; n. 331 – Rubrica “Migalhas”
30-06-1926; n. 335 – Rubrica “Migalhas”
07-07-1926; n. 336 – Rubrica “Migalhas”
08-09-1926; n. 344 – Rubrica “Migalhas”
15-09-1926; n. 345 – Rubrica “Migalhas”
22-09-1926; n. 346 – Rubrica “Migalhas”
29-09-1926; n. 347 – Rubrica “Migalhas”

¹²⁰ Em Barros esta contribuição encontra-se datada de 25 de junho de 1924, no número 232 do jornal.

¹²¹ Em Barros surge listada esta contribuição como tendo sido no número 276.

TÁBUA CRONOLÓGICA
das participações assinadas por Violante de Cysneiros em *A Actualidade*

23-05-1923; n.º 182 – Rubrica “Comentários” – “Maria Joana” (prosa)

30-05-1923;n.º 183 – Rubrica “Comentários” – “Confusões” (prosa)

30-05-1923;n.º 183 – “Ruy Barbosa” (prosa)

06-06-1923;n.º 184 – Rubrica “Comentários” – “O Tempo” (prosa)

13-06-1923;n.º 185 – Rubrica “Comentários” – “Fábula” (prosa)

TÁBUA CRONOLÓGICA

das participações assinadas por Violante de Cysneiros em *O Autónimo*

- 13-05-1916; n. 883 – Rubrica “Azulejos”: “Romarias” (Acompanhado pela indicação: “Dedicado a J. H.”) (prosa)
- 20-05-1916; n. 884 – Rubrica “Azulejos”: “Dia de Festa” (prosa)
- 27-05-1916; n. 885 – Rubrica “Azulejos”: “Alvorecer” (prosa)
- 03-06-1916; n. 886 – Rubrica “Azulejos”: “Lar Sem Pão” (prosa)
- 10-06-1916; n. 887 – Rubrica “Azulejos”: “Evocação” (prosa)
- 17-06-1916; n. 888 – Rubrica “Azulejos”: “S. António de Lisboa” (prosa)
- 24-06-1916; n. 889 – Rubrica “Azulejos”: “Noite de S. João” (prosa)
- 08-07-1916; n. 890 – Rubrica “Azulejos”: “A Vida e a Arte” (Acompanhado pela indicação: “Dedicado a J. J. B.”) (prosa)
- 22-07-1916; n. 891 – Rubrica “Azulejos”: “A Morte da Tarde”(prosa)
- 12-08-1916; n. 894 – Rubrica “Azulejos”: “Ruínas” (prosa)
- 19-08-1916; n. 895 – Rubrica “Azulejos”: “Ladainha ao meio-dia” (prosa)
- 26-08-1916; n. 896 – Rubrica “Azulejos”: “Senhor da Pedra” (prosa)
- 02-09-1916; n. 897– “O Passado – (Integralismo artístico)” (Acompanhado da indicação: “A M. Dias”) (prosa)
- 09-09-1916; n. 898 – Rubrica “Azulejos”: “Lição dos Velhos Tempos” (prosa)
- 23-09-1916; n. 900 – Rubrica “Azulejos”: “Saudades do fim do dia” (prosa)
- 30-09-1916; n. 901 – Rubrica “Azulejos”: “A morte do Santo” (Acompanhada pela indicação final: “Tradução de V. de C.”) (prosa)
- 07-10-1916; n. 902 – Rubrica “Azulejos”: “As palavras da Morte” (prosa)
- 28-10-1916; n. 903 – Rubrica “Azulejos”: “Carta para Longe” (prosa)
- 04-11-1916; n. 906 – Rubrica “Azulejos”: “Dia de Finados” (prosa)
- 25-12-1916; n. 912 – “Natal” (prosa)

TÁBUA CRONOLÓGICA
das participações assinadas por Violante de Cysneiros em *Folha de Angra*

09-03-1922; n. 9 – “Cartas de Mulheres III” (correspondência)

6. Anexos

ANEXO 1: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autnómico*

Rubrica: Azulejos

Título: Romarias

Número: 883

Data: 13-05-1916

Singular compreensão de deveres, que só redundam em prejuizo do país.

E foi para isto que se prorogou a epocha parlamentar...

Que grandes patriotas!

Signaes dos tempos

Lemos num importante diario do Porto:

Um dos ultimos e sensacionais acontecimentos da Hespanha foi a derrota do sr. Azcarate na Universidade de Madrid depois de ter sido vencido na eleição para deputado. Azcarate é republicano racionalista, um dos homens mais eminentes partidarios do laicismo no Estado. O seu feliz competidor é o sr. Ortega Morejon, um catholico pratico que alia a uma poderosa intelligencia uma fé profunda e inquebrantavel.

Os venios não correm favoraveis ás idéas avançadas. E o mais curiosa é que a corrente conservadora se accentua especialmente nos meios intellectuaes.

Queixam-se os nossos jacobinos de que a Universidade de Coimbra se yae tornando muito reaccionaria. Pois a sua congénere de Madrid não fica atraz.

Parece que o microbio jeitico anda a infeccionar as universidades.

Não haverá remedio para isto?

O sr. Alfonso Costa, que pretende acabar com o catholicismo em Portugal, dirá qual é.

Apoiado!

O sr. dr. Antonio Sardinha, integralista, e um dos vultos mais intelligentes da moderna geração, numa conferencia ha poucos dias realixada na Liga Naval, disse entre outras estas palavras que merecem o nosso applauso:

Proclamou-se a União Sagrada. Não serão os conservadores quem ha de faltar a ella. Porque antes de outubro, havia já a Patria portugueza, formada pela Cruz de Christo e pela espada dos nossos Reis, os conservadores o saberão estar no seu logar.

Não somos nós quem tem de se reconciliar. São os outros que tem de se reconciliar conosco. Uma nova era se abre e essa era, vença quem vencer, é a era da disciplina.

M. J.

ROMARIAS

Romarias

A. J. H.

Romarias... E a voz dosromeiros é a Alma a Paisagem no espanto de se sentir acordada e vibrante.

Andaram saudades nos meus olhos naquello entardecer em que a fila de peregrinos era um rosario no no verde calmo dos montes em que a ermidinha era manbranca sob o azul do céu que dasmaia.

E na paz religiosa da tarde os ecos acordaram para dizerem a ancia amargurada das orações dos que láam subindo.

Aquella linha de árvores esguias, junto da qual um fio d'agua humilde passacorrento e chorando, tinha mian recolhido de devoção, o corpo ascético de tortura inchado na attitudereverente daquem resa e de quem sofre.

Para stem, dasbandas do povoado, vinha umvago rumor de vida que se erga.

Um carro de bois chlyava a distancia. E na breira da minha Alma as brans da saudade puzeram-se aacrepitar.

Voz de romeiros! Voz deromeiros!

O voz que és a supplica do poente ajoelhado até a noite que pontifica!

O voz irrad de sussurro das

ramarias e dos gemidos do vento!

O voz que és nos labios da tarde a saudade elegiaca da luz e da cor!

Naquelle canto da estrada ha uma poesia d'azulejos de duas alminhas que estão penando no fogo da outra vida.

Padre-nosso. Ave-Maria. E a massa indecisa dosromeiros agrupa-se devotamente e tem um marmurio de brisa, no mesmo sopro de fé que passa em todos os labios.

Um gallo cantou agora a a-parição da Noite!

E já ella acendeu as primeiras estrelas e vem sobre as montanhas entornando sombras e silencio.

De novo a voz dosromeiros enche de misterio a Tarde, porque ella é agora a elegia da Paisagem que esmorece, esbaltada da penumbra e unguida de irreal.

Enos grandes olhos tristes d'aquelle rapariga que passa, desafiando o seu rosario d'amarguras, o sol agonizou na luz serena de uma esperança que não morre e fica ainda brilhando na noite da incerteza.

Abri! 1916.

VIOLANTE DE CYSNEIROS

A Memoriado Poeta Sá-Carreira

Meu caro Fernando Pessoa

Na dolorosa anespejada noticia que a suartra me comunicou do suicidio em Paris do nosso saudoso e comum amigo o Poeta Mario de Sá-Carreira, publicamente te dirijo estas palavras, que são homenagem da minha fundamirração pelo nobre caracter admiravel espirito d'aquelleque V., de todos nós que com elle convivemos, mais intimamente comprehendeu e prou.

Ainda na sua morte Sá-Carreira viveu o misterio da sua Arte, porque a teve qualquer coisa de vago de inexplicavel como «A ranha morta do Prof. Antena» d'aquelle conto que me foi dedicado, em que não falta o fatico automovel onde o grandartista agonizou a caminho do hospital.

Nesta longuia e pequenina Vila onde me encontro e onde tão palidamente chegam os grandes ruidos europeus, eu não poderia judicadamente calar a angustia sensação de desalento que para nós representa a falta de um afectuoso e dedicado caarada, e para as leiras portuguezas a perda de um poeta prosador de que ellas tanto tham a esperar pela superioridade inconsta-

vel do seu talento.

A sua Arte, primorosa de expressão descriptiva, exuberante de colorido e de ritmo, velada de martirio e de ancia, grifouse na retina paspalheira da multillão inferior das esquinas, sómente no que ella tinha de arrojado e de novo no exhibicionismo da blague. Esses são os que do Poeta nada mais conhecem do que a intencionalousadia dos seus excessos sensacionistas, no justificado fim d'èpater le bourgeois. A esses pedirei que fiquem por ahi, saboreando o espanto do escândalo literario.

Mas aos que em si sentirem um pouco do requinte da sensibilidade moderna, aos que virem na Arte uma intenção superior de aristocratismo intellectual, na diversidade de «motivos» e na forma complexa da sua exteriorisação, a esses lembrarei a «Obra do Artista», tão rica de tão extranha e inconfundivel beleza.

Atravez os seus quatro volumes.—Principio (novelas) 1912; Dispersão (poesias) 1914; A Confissão de Lucio (narrativa) 1914; Ceu em fogo (novelas) 1915.—Sá-Carreira foi verdadeiramente um creador de Beleza innedita, na nova forma da sua visão subjectiva, dentro da unidade plastica das suas concepções.

A sua imaginação viveu a

Maravilha e a sua fantasia fixou o Sonho e materializou o Impossivel.

Por isso a sua Arte foi basicamente impressionista, vivacando pelo poder decorativo, na riqueza de tons d'aquelles scenarios em que a sua emoção vibrou a vida da sua idealidade.

Arte exotica de singularidades e de detalhes, de tortura e de alucinações, se algumas vezes feriu pela extravagancia irritante do imprevisto, soube sempre manter o alto relevo d'uma original beleza atravez todas as suas modalidades.

Assim o esteta e o homem se unificaram na Arte e no misterio da Morte.

Tal o que ora me occorre dizer na rapida synthese da personalidade artistica d'aquelle, cuja irreparavel perda nos identificou na mesma amargura em que, comovidamente, o abraço como sempre

e muito seu

S. Miguel e Maio de 1916.

Côrtes-Rodrigues

Semana Villa-franquense

Domingo de manhã sahi o SS. Sacramento aos entornos da Ribeira Secca, sendo este acto realixado com muito luzimento e acompanhado pelas philarmonicas «Leal-de», d'Esta Villa, e «Lyra Camponeza», d'aquelle logar, que se achava vistosamente engalanado.

Durante o trajecto foram queimados muitos foguetes.

—O milho subiu de preço, estando presentemente a vender-se a 700 reis o alqueire, ou 16 litros, o que é já forte para as classes pobres, em vista da falta de ganhos com que lutam, sem ter com que manter-se.

—Segunda feira, 8 do corrente, anniversario do descobrimento d'esta ilha, repicaram muito alegremente os sinos da Villa, por ser o dia consagrado á festa da Apparição do glorioso archanjo San Miguel, padroeiro da nossa formosa ilha, cuja festa terá logar amanhã na matriz, de que é Orago, com a linda procissão de tarde.

—Tem passado doente a ex.ª esposa do nosso amigo sr. José Tavares Corrêa d'Andrade; o que sentimos, fazendo sinceros votos pelas suas promptas melhoras.

—Tambem foi sacramentada domingo de tarde a extremosa mãe do nosso desditoso amigo, ha pouco falleci-

ANEXO 2: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autónimo*

Rubrica: Azulejos

Título: Dia de Festa

Número: 884

Data: 20-05-1916

1880 OREMUM 018 Lib 0 Autonomico 00042 1888 OREMUM

AZULEJOS

II Dia de festa

que não revelem facciosismo ou o já hoje, classico *noli me tangere*, assim como não podemos crer em quem avalie as acções d'outrem a seu bel' prazer ou sabor.

Sempre fomos superior a isto!

Não sabemos, não obstante, que têm os bicos da nossa penna.

Nada rabiçamos que não dê no gôto a muita gente e gente boa!

Uns dizem, com doçura e suavidade, o que muito bem lhes apraz, e tudo isso só revela caridade e prudencia; outros dizem com uma coragem indomita, filha da fé pura dos nossos maiores, a verdade, mas a verdade sem convenções e lá cá o Carmo e a Trindade, e é por um triz que não são esmagados com tanto pezo.

Convençamo-nos todos que que ainda muito ha que cortar, em muita parte e em muitas coisas!

O mal, o grande mal do espirito *pequeno* portuguez é vermos em todos que pensam differentemente o especto sinistro e horrendo do inimigo, da rebelião!

Nós estamos habituados a ouvir e só a ouvir elogios, e por isso ainda depois da morte os esperamos; e se não, que o diga o *pobre florentino* que teve de partir para a sua terra natal ao saber que ali onde vivia só os havia em vida para todos, e depois da morte para certos.

Sejamos respeitosos, mas sejamos francos e sinceros!

Deturpam-nos as intenções ou malsinam o que dizemos?!

Não importa que o grande juiz de tudo, o tempo, encarregar-se ha de nos fazer justiça, como agora nos veiu servir de calmante o pensar auctorisadissimo, e ninguém mais do que elle, desse jornal retintamente catholico por varias vezes abençoado pelo Pontifoe Romano e pelo Episcopado Portuguez, com o seu artigo de fundo dos ultimos dias d'Abril p. p.—*Pobres e Ricos*—em que diz verdades como punhos que todos devem saber para remediar.

Se tivéssemos a certeza d'estas phrases que ao correr da penna sahem, poderem causar mais alguma devolução ao pobre, mas honrado

Anto manhã... Na meia luz indecisa de fresca em que a Paisagem despen, o sino da missa cedo festivamente repica.

Depois é a apuicosa do Sol, erguido sobre as montanhas, na grande benção ritual de luz e de vida que a natureza recebe reverente.

O côro imenso dia começou agora e o horizonte alargou-se e espacou a nitidez dos contornos pisos.

Ninguém se recebeu da agonia lenta das mas estrelas, muito alem, nou desmaiado e frio da madada. E que importa o seu reiro obscuro, quando o primo beijo do sol despertou na terra Primavera adormecida!

No deslumbamento da côr o scenario perba de maravilha.

A grande sinia vai num crescendo color e nas ruas do povoado aegria anda na musica e nos vidos brancos das creancinhas festa.

Meio dia!

Regina coelitare, Alleluia! No ar queiro aroma dos goivos pairam uma suavidade extranha.

As arvores imobilisam-se scis mando na evocação da Hora.

As serras azulam-se a distancia e o mar é indifinidamente azul, sem uma vela, igual e imenso ate á linha do horizonte.

O segredo dos perfumes accentua-se mais na tarde que vem descendo...

Na hora religiosa do Poente a procissão caminha decorativa e solemne—corpos curvados, labios resando e, aos dois lados da rua, a marcha rubra das opas lentas.

Elia zhi vai á frente a Nau da Aventura dos primeiros descobridores, vinda atravez das lendas tenebrosas a caminho do Desconhecido!

Um Anjo do Senhor a guiou então, no misterio dos mares ignorados, para a Ilha que surgiu triunfante no encantamento da visão primeira.

E ainda hoje o mesmo Anjo de asas brancas ergue a espada defensora, num gesto nobre de Victoria e carinhoso de protecção.

Maio 1916.

VIOLANTE DE CYSNEIROS

E então sem concurso...

Bom signal

O «Oservatore Romano» nota que ha uma sensível mudança na linguagem dos governos, muito mais humana do que a usada no principio do sangrento conflicto que envolve a Europa.

Bom signal parece ser, e oxalá que se não façam esperar indicios mais claros dum desejo commum de que a paz se faça e termine este morticínio de horrores.

M. J.

CRONICA

(1.º vol. d'oiseau)

Se vissem !...

Por um triz que não saíram para a rua as philarmônicas, não subiram foguetes ao ar e o povo, o nosso bom povo, não irrompeu em gritos delirantes de entusiasmo, d'alegria e de contentamento, pela boa nova !...

Um telegramma vindo de P. Delgada na terça-feira (já temos novamente em scena a terça-feira!), dizia que a Alemanha havia pedida a paz e que, portanto, iam terminar em breve as hostilidades que, vae quasi em dois annos, encharcam a Europa em sangue e trazem em grande sobresalto o mundo inteiro.

Para logo, como é de ver, esta noticia correu d'um ao outro extremo da Villa e seu concelho com a velocidade do raio, entrando na casa do rico e do pobre, e todos, todos, até mesmo as proprias creanças, d'ella se occuparam e n'ella viram o alvorecer d'uma epocha feliz, d'um futuro sorridente, em que ao troar do canhão, ao sibilar das balas e ao fumar da polvora ia succeder já o ruido entusiastico dos festejos universaes, as manifestações estrondosas d'alegria e as vivas phreneticos de toda a humanidade em peso.

Mas, ao cair da noite e ao povoar-se de estrellas o Firmamento, essa noticia obscureceu-se, apagou-se, pois não era exacta e havia chegado até cá um pouco exagerada.

A Alemanha, diziam os jornaes, desejava a paz; não a pedia, porem. Entre desejar e pedir havia grande differença, tão grande, que todos ficaram na mesma, menos com as esperanças desfolhadas e perdidas, porquanto, dia mesmo dia, isto tem que acabar,—porque «não ha mal que sempre dure» e as nações belligerantes estão cançadissimas...

Em todo o caso, o que é facto e facto incontestavel, é que mais uma terça-feira nos pregou peça, e não foi pequena!

A. C.

Campeão dem o «Autonomico», de qu ninguém se lembra porquê é modesto, nós, Sr. Rector, as lançaríamos no co dos papeis velhos. Porem como tal certeza não tem de tanto encarregamos de assim o julgar conveniente; bem como lhe lembramos ha duas ou tres semas não pozemos a vista em ca do «Autonomico» que sepre com prazer recebemos, que desde criança nos habamos a tratar com os pobrimas honrados e modestos.

E por aqueamos.

Um Catholico

NOTÍCIAS

Digno deuta

Da «Littade», importante diário que se publica no Porto:

A imprensa refere-se a um artigo multigioso para Portugal que, o jornal de Paris, acaba de picar Mme. Juliette Adam.

Saudando illustre escriptora, devemos lamentar o seu re-

gresso ao catholicismo, ha tres annos, confessado no seu bello livro «La Chrétienne» que fez uma profunda sensação em toda a Europa.

Com os nossos mais vivos agradecimentos á admiravel escriptora, temos o ensejo de mais uma vez poder afirmar que a intelligencia moderna está com a Igreja.

Sorte grande

Conta o «Jornal de Noticias» isto, que é muito curioso:

As nomeações para o ministerio do trabalho estão constituindo a maior tragedia politica da actualidade. Os pretendentes continuam a ser aos cardumes, parecendo, porem, que a lista dos felizes está já organizada. Assim, para um dos lugares de director geral será no meado o sr. Albino Vieira da Rocha, novel deputado e mais que historico republicano; o sr. Marques da Tabacaria é feito segundo official, sendo o sr. Amadeu de Freitas feito inspector, com justiça e proveito para o Estado. O resto não se sabe por equanto.

Para alguns patriotas foi certamente a sorte grande a criação do ministerio do trabalho.

ANEXO 3: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autónimo*

Rubrica: Azulejos

Título: Alvorecer

Número: 885

Data: 27-05-1916

das trincheiras é o padre. Não só a sua presença é para aquelles a quem chama «seus filhos» um conforto moral, mas ninguem melhor do que elle dá aos soldados o exemplo de dever livremente accete e cumpri-

O heroismo é o companheiro constante dos capellães militares. Estão em toda a parte onde se luta, onde se morre, no posto mais perigoso, dando o exemplo d'uma sublime abnegação. Não raro a Cruz de Guerra vai adornar a sua modesta sotaina. A um d'elles, que fez parte de todos os assaltos, no Artois, na Champa-gne, na Lorens, sem que a morte o ferisse, foi posto, pelos soldados que o adoram, o cognome de—O Invulneravel.

O artigo de que estamos falando vem cheio de casos de heroismo de padres. Contemos um, que é de uma grandeza de epopeia. É seu heroe o velho capellão da Armada, o «Père Antoine».

O «Goeben» intimára o transporte «Pruth» a que se rendem metralhadora tem a bordo para responder á artilharia allemã. Não importa. Dá ordem para i-car em todos os mastros o pavilhão de Santo André. Apenas se ouviu o signal de combate, o «Père Antoine», paramentado, sóbe á coberta, com o crucifixo na mão. Todos os canhões do «Goeben» lançam metralha sobre o navio indefeso. O assassinato será breve. O capellão, com um largo gesto, abençoa a guarnição, que vai morrer. Depois, em voz alta, ao troar dos canhões inimigos, co-mença as orações.

Os officiaes e marinheiros respondem-lhe. Mas já o fogo se apodera dos flancos do transporte. O commandante envia pela T. S. P. a suprema mensagem, e ordena que lancem os barcos de salvamento á agua. Lentamente, o «Pruth» se afunda nas ondas marulhantes. O official corre para o capellão:—«Meu padre, o navio vai a pique. Saltae. Saltae immediatamente para um dos barcos».

O velho capellão volta-se para elle, e diz:—«Tenho setenta annos. Já vivi bastante. Fico. O lugar livre no barco pertence a um mais novo».

E em voz mais alta então solememente o cantico sagrado: «Salva, meu Deus, as tuas creaturas...»

Já as vagas cobrem a proa do navio. Indifferente, já longe do mundo, em pleno ceu, o padre termina a sua oração. Desce para a capella. Alguns segundos mais e o «Pruth» em chamas desaparece por completo sob as ondas.

Enquanto os catholicos assim morrem, os radicacs calam a alma dos seus filhos, entregando-os aos cuidados leigos d'uma administração sec-

AZULEJOS

III Alvorecer

Andaram pavões no meu jardim sob as olaias floridas.

E a Primavera veio sentar-se a meu lado, varo do lago adormecido, onde um cisne branco ficou sonhulo no segredo das cores. As suas mãos esguias afagaram agua e foram a flor de lotudas minhas saudades mortas.

A Primavera então a elegia do amor mto...

No castello do nho a princeza morrera. O mesmo amor, que a figera desabchar e sorrir, a tinha mirriú de impossível. Da grande anella, sempre aberta, que avia para o mar, nunca ella aha avistado a nau, de velas rancas, onde regressaria aquel que partiu por uma manhã priosa de sol e esperança.

E a voz da Primavera era lenta como um dure de finados...

Depois foram longas tristezas dos longos dias de martirio. Vinham á vezes revoadas de esperança no ceu azul e distante. Mas ao noite os mochos piavam monotonamente o seu côro fatidico de mau agouro.

E a princeza dou-se a olhar o mar e nunca mais falou.

Certo dia, manhã cedo, uma

forma indecisa appareceu no horizonte. Lentamente os seus olhos lhe foram adivinhando o mysterio.

Era a velha nau que regressava desmantelada e outra.

Um grande corvo sinistramente passou ante os seus olhos de espanto.

E quando o sino á tarde tangeu as Ave-Marias, na sala nobre do castello, os pagens acenderam as primeiras velas aos dois lados da princesinha morta.

A Primavera calou-se.

Sobre as olaias floridas as aves tinham recommçado a alegria festiva do seu canto.

E duas borboletas brancas iam pousando nas rosas em que a Noite deixara ainda o vestigio das suas lagrimas derradelas.

Só então eu pude comprehender, relembrando a amargura da Noite, a elegia do amor morto e antefer, na intensidade da luz e da cor, um outro Amor que desabrochava mais alto que o estonteamento lubrico da Primavera renascida e mais puro do que o ceu azul sem nuvens, que os meus olhos fitavam.

Maio 1916.

V. DE C.

taria. Mas a consciencia da França está n'ea testamento de um pae de familia escripto em 17 de Março a metralha em Verdun.

«Eis o meu testamento: E' a minha creença em Deus que sustenta a minha coragem nos campos da batalla. Se n'elles morrer, quero absolutamente que os meus fios sejam educados na religio catholica como se eu vivotesse. E conto com os meus braços d'armas para impedir q' a minha vontade sagrada opponha quem quer que seja a meu paiz. E' sob esta condão que estou a cada minuto a dezoito mezes prompto a moer por elle.»

ESPRESSAS

Pela imprensa continental

Os capellães no exercito

Está se procedendo á mobilisação das tropas portuguezas que, em breve, devem partir para os campos de batalha.

A hora é solemne e muito grave para a consciencia catholica. Os soldados que vão partir, todos teem religião. Todos receberam o baptismo e foram, na sua grande maioria, dar preceito vchal nas freguezias onde estvivendo.

E' sangue generoso que, n'esta hora de angustia, de esperanças e de aniedades, se está pedindo ao paiz inteiro e esses que vão derramar o pela defeza da Inglaterra, exigem e reclamam a presença de um capellão nos seus regimentos.

N'esta hora angustiosa para a nação portugueza, praticaria o Governo o acto da mais cruel injustiça, recusando aos filhos de Portugal os socorros religiosos que elles estão pedindo.

Não ha, n'esta tremenda conflagração da guerra, uma unica nação que tenha recusado o conforto religioso aos seus filhos.

Queremos que Portugal lhes siga o exemplo e esperamos que o governo não quera manchar-se com uma nodoa que seria um vilipendio para o nome portuguez.

O rei da Inglaterra e os padres catholicos

Foi n'uma grande revista ás tropas colonias em França, passada por Jorge V e M. Poincaré, acompanhados dos generaes Joffre e French. Alem de outras recompensas a varios soldados, foi dada a dois padres a cruz da Legião d'Honra. Enquanto o presidente da republica avelava a gloriosa insignia ao

peito d'um dos padres, o rei da Inglaterra perguntava:

—É um capellão?

—Sim, Sire, é um capellão catholico.

—Ah!—respondeu o rei—eu tenho condecorado muitos. Merecem-no; são uns heroes. A sua bravura na salvação dos feridos e na linha de fogo pode apontar-se como modelo.

—Sim,olveu M. Poincaré, elles teem uma força moral extraordinaria.

LIÇÃO PROVEITOSA

Para que não passe despercebido o significado social de um facto que entre nós se realiso, aqui o deixamos registado, nas columnas deste modesto jornal, para que sirva de exemplo a muitos catholicos e de alto ensinamento para todos.

No domingo 14 achava-se em Ponta Delgada um transporte de guerra inglez. Pelas nove horas da manhã desse dia embarcaram sessenta marinheiros, todos debaixo de forma e comandados por dois officiaes. Dirigiram-se á matriz onde, de livro aberto e com todo o recolhimento e piedade, assistiram ao santo sacrificio da Missa que ali se celebrava.

Dois grandes lições resultam da simplicidade deste facto: a primeira da justa applicação do principio de liberdade, no maior respeito das convicções de cada um e na emancipação do procedimento religioso.

A segunda, da boa comprehensão dos deveres catholicos, banindo os respeitos humanos e assistindo devotamente e dignamente a todos os actos do culto.

Inteligentemente entre nós rareia nos homens o louvavel costume de ouvir missa acompanhando a por um livro de orações ou pela recitação do rosario. Mesmo nas piedosas romarias que se teem feito a Nossa Senhora da Paz e onde se encurporaram tantas centenas de catholicos, se quasi todas as mulheres traziam o seu terço, nunca o logramos ver na mão de um unico homem.

Comtudo quem se não envergonha de publicamente cantar a Ave-Maria, tambem se não deve envergonhar de trazer publicamente o seu terço e de o recitar durante a missa.

Os raros homens que temos visto lendo na egreja o seu livro de orações são olhados com espanto e admiração mesmo por aquelles mais convictamente crentes.

Porque se não hade generalisar entre nós esse louvavel costume que de resto é seguido em todos os paizes do mundo?

Aos verdadeiros catholicos, aos que mais claramente comprehendem a complexidade da sua missão social, a essa compete dar o exemplo com desassombro e energia. Estamos certos que esse nobre procedi-

ANEXO 4: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autónimo*

Rubrica: Azulejos

Título: Lar Sem Pão

Número: 886

Data: 03-06-1916

se symbolo agustó do patriotismo que se chama o grande D. Mercier do que do nosso sympathico Alpoim d'outras eras! Vejamos todos e aprenda, embora velho, sobretudo o Sr. Alpoim, o que tem produzido essa classe a quem também fez das suas e que ainda hoje em plena democracia é... o que todos sabem!

Oxalá que o Sr. Alpoim ferido por um raio... como o que feriu S. Paulo em Damasco, e os seus amigos mais exaltados d'out'ora, bem como os d'hoje, sigam o exemplo dos radicais francezes de quem com tanto empenho apregoaram e apregoam bellezas inauditas!

E não se esqueça de nos contar, como promete, (ouçam os portuguezes que dispõem d'esta malfadada Patria)— o que de **bravo e piedoso** tem acontecido com os **padres militares a bordo dos navios!**

Ah! se não fossemos um desiludido...

Um Catholicão

CHRONICA

(DE VARIEDADES)

Falta de milho!

Sabem lá o que é isto no meio d'um povo, na imprerivel necessidade de comer, com ganhos fracos, duvidosos, sem recursos, acossado por difficuldades seja conta, a arrepende-se mesmo de ter nascido e estar vivendo nesta altura do século XX?!

E' um martyrio, um soffrimento indiseveis.

O mercado sem milho á venda, os armarios desertos, os estomagos vazio, as creanças a chorarem por pão, os paes consumidos, as mães afflictas e a fome, a negra fome, a estampar-se em todos os rostos!

Mulheres aos magotes, esqualidas mães de filhos pequeninos, algumas com elles ao côlo, afim de os poderem calar, de os não verem assim soffrer, chegam a ir pelas nossas freguezias fóra, a leguas de distancia, batendo quasi de porta em porta, de sacca e dinheiro nas mãos, para obterem um alqueire de milho; e ao voltarem depois, extenuadas, inanes, mortas de canceira, com elle vão para os moinhos, se é que o conseguem adquirir, tendo, ainda por cima, que amassar a farinha e coser o pão!...

E tudo isto porque se não procura attender e dar solução conveniente a este maximo problema de todos os annos; porque fazem orelhas moucas á imprensa que logo no começo, a tempo e a horas, se occupa do assumpto; porque continuam a ser descurados e olhados de revés os interesses do povo; porque este só é lembrado para pagar tributos de toda a espe-

AZULEJOS

IV

Lar sem pão

Na lareira desca as ultimas brazas morreram lentamente...

E a Fome veio sentar-se no lar onde a miseria colheira as derradeiras alegrias por um dia de sol claro e festivo. Já n'essa noite a mãe adoncera os filhinhos mais cedo, não fossem elles pedir pão, que na arca vasia só uma coada restava embolorada e secca...

Ora foi nessa noite que a Fome entrou, somteiramente, pela porta entreberta e veio sentar-se junto da lareira onde um velho gato demitava sobre o brazeiro morto.

O pae entrara depois, cansado da labuta do dia longo e abrasado, e ficasse para ali, sem dizer palavra um canto, a remexer o bante nas mãos nervosas e com uma lagrima parada nos olhos ristes.

Ella viera sentar-se de frente, mais constrangida ainda por aquelle longo silencio que a abafava como um martyrio maior. Bateram horas distancia.

O gato saltou estremunhado e veio miar-lheos pés com um som lugubre de agoiro. Elle pareceu despertar de um

grande pesadelo. Olhou com espanto ao redor o desconforto do seu lar. Tantos annos de canceira e de privações na ancia do melhores dias e mais do que nunca a vida lhe parecia agora uma noite longa e negra sem uma luz vaga de esperanza...

Tristemente os seus olhos se prenderam nos della:—Os pequeninos?

—Estão dormindo já. Queres vir deitar-te João?

Machinalmente elle foi-a seguindo sem uma palavra ou esperanza de indignação e quando o seu corpo caiu vencido de cansaço, sobre a encherga dura, os seus olhos puderam chorar por muito tempo a desdita da sua vida.

Quando a manhã clareava pelas frinchas das janellas, pareceu-lhe a elle que uma luz de esperanza lhe nascia no coração mais calmo e sereno, na resignação christã das suas lagrimas benditas.

Junho 1916.

V. DE C.

cie e para maisnada; porque de preferencia se attende primeiro ás reclamações de uma ou duas-duzias de negociantes, por mais peso nem talvez na balança da policia; porque se os pequeninos fiam barulho lá está coisa que se ha de metter na ordem; porque é necessario, finalmente, dar livre pratica á exportação, não garantir a liberdade individual ter mais cuidado com os gúidos.

Ora isto assu é que não pode nem deve continuar indefinidamente. Partudo ha remedio, dizem. bis descubram esse remedio os que podem, sabem, devem e sejam competentes, estudem a valer e traquem de o indar e applicar com tempo, prudencia e criterio, attendendo a um golpe de vista, ás circumstancias do nosso meio e aos interesses de vendedores e consumidores, para não mais vir a tela da imprensa tão imprante questão, que muito grave se nos afigura no actual momento.

Tenham dó do pobre povo, attendam ás suas necessidades; pois é elle quem mais trabalha e mais contribua bem que indistinctamente, par crias grandes fortunas e reclar os cofres do Estado!

Pelo povo e a favor do povo, sempre que se tiver razão e fome de justiça de pão, como agora!

E lê continua guerra, a maldita guerra, e a preparar se tambem para ella o nosso Portugal,

a nossa querida Patria, que tudo parece haver copiado da França, tudo, menos o que ella ha feito e praticado nos ultimos tempos relativamente á incorporação de capellães militares nos regimentos formados por catholicos!

E' que não se quer padres nas trincheiras sem ser com armas na mão; ali, não são precisas Missas, nem rezas, nem palavras de estímulo e conforto, nem com fissões, nem o crucifixo junto dos moribundados, nem nada,—no dizer de um ou outro *livrepensador* de lá e de cá, com dez réis de letras, outro tanto de tréttas e sem um ceitil de respeito pelas creanças e consciencia dos outros...

Chega-se a tanto e chegar-se-ha a muito mais ainda, se os homens antes d'isso não se capacitarem de que estão sendo severamente castigados pelos seus enormes erros e esquecimento a que teem votado os seus mais supremos deveres e interesses moraes e espirituaes.

Ah! quem ouve o que elles dizem, como elles procedem, e lê e sabe o que actualmente pe la França fazem e praticam homens eminentes, insuspeitos, abarroçados de sciencia, arte e consciencia, quasi que tem vontade de intimidar a essas creaturinhas loucas:—Calai-vos porque não sabeis o que dizeis nem fazeis; ido-vos divertir... visto que viveis uma vida de chapados irracionalmente e nada tomades a sério!

Mas... deixae andar quem

anda, que o tempo e a experiencia sempre foram grandes mestres e se encarregarão de lhes abrir os olhos para o bem, a luz da razão... e do juizo.

E por hoje... já é bastante!

A. C.

NOTAS

Testemunho insuspeito

E' do sr. Mello Barreto que, ha pouco, em companhia do sr. Antonio Macieira, esteve em França e visitou as trincheiras:

De Reims fomos a Betheny onde, por occasião da ultima visita do czar á França, se effectuou uma brilhante revista militar. Na vespera, domingo, a linda egreja da localidade, momentos antes da hora da missa, fora alvejada pelo inimigo, tendo as granadas destruido o altar mór. Isso não obtou a que a missa se celebrasse. O altar foi improvisado no portico do templo. Sobre elle avultava a imagem mutilada de Joanna d'Arc e na porta esta inscripção feita a flores naturaes: «Que o Sagrado Coração salve a França!» O Marquez de Janay, em nome do governo, saudou effusivamente o capellão e vem a proposito dizer que o rejuvenescimento do espirito de religiosidade é assombroso em França...

Notem bem: «o rejuvenescimento do espirito de religiosidade é assombroso em França...»

Homenagem justa

Disse o sr. Leote do Rego, commandante da divisão naval:

Com que commoção eu não saudei ha dias Jacintho Candido, o fundador da nossa marinha moderna, esse homem patriota que conseguiu dotar-la com alguns cruzadores, que teem sido a nossa escola! Que me im porta a mim, que se imortam os marinheiros portuguezes, que elle seja muito catholico e que continue a ser monarchico, se é um grande portuguez, cujo retrato continua a figurar no nosso club, na galeria dos homens a quem a marinha mais deve?

Ainda bem que para alguma coisa serviram os thalassas; pelo menos para fazer o que não fazem os nossos actuaes donos e senhores...

Mais abaixo refere-se tambem elogiosamente ao Marquez de Soveral, ao velho e nobre Conde de Samodães, ao Conde de Sousa Rosa, a

ANEXO 5: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autnómico*

Rubrica: Azulejos

Título: Evocação

Número: 887

Data: 10-06-1916

1908

Antonomias

1908

to, o povo em arruaça, diz de quando em quando:

«A Camara que nos valha, que crie um celeiro, nos livre dos commissarios e que equilibre o preço do cereal.»

O povo diz bem, diz na sua forma rude, mas faz-se entender no que diz; quer a intervenção do Municipio na compra e na venda do cereal, quer que seja elle o intermediario entre o agricultor e o consumidor, guerreia todos os mais intermediarios chamados, talvez com razão, parasitas do commercio e assim julga e nós também que desaparecerá a exploração que o povo sofre, o os vexames e desrespeitos de que são alvo os agricultores.

Que deverá pois fazer o Municipio para satisfazer a vontade dos municipios? E' do que trataremos no artigo seguinte.

Uma Comissão de Municipios

NOTAS

Sectarismo repugnante

Segundo lêmos nos jornaes, a Associação do Registo Civil procura por todos os modos impedir que o governo decreta a encorporação de capellães catholicos nos regimentos que marcharem para a guerra.

Causa revolta tanto sectarismo. Nem mesmo quando ao povo se exige o sacrificio maximo — a propria vida, se respeitam as suas crencas e se satisfazem as necessidades da sua consciencia.

Todos os exercitos que combatem actualmente levam os seus capellães; só o Portugal se pretende fazer o contrario.

E depois ainda dizem que somos nós, os thalassas, que pômos difficuldades á união sagrada.

Que união pode haver com tal gente, que tem o coração envenenado e a alma negra?!

Somos catholicos na grande maioria, e somos governados como se fossemos atheus! Já é liberdade,...

Já é mania

Diz a «Nação»:

Realisou-se ha dias no thea-

AZULEJOS

V

Evocação

Mets olhos desaudade recordam agora aquella cupula religiosa no alto e seis columnas esguias, quica num recanto do jardim sobre um monte de relva trisca.

Dir-se-hia um templo pagão, onde Ceres sorria no delírio da abundancia, dominando todo o Vale rico e fructos e de fartas sementeis, por onde os seus olhos passassem carinhosos como um benção de fecundidade.

Em baixo pomtre o Verde novo das folhas, tanque mostrava a superficie lisa das aguas e nas duas margens as rãs coxavam a hora abafada do meio dia.

Uma grandepaz adorneceira a paisagem.

E puz-me a evocar os velhos tempos em que ao redor do altar da deusa, a embriaguez das danças manchava de delírio pagão a religião daquelle paz.

Então viriam infans banhar-se nas aguas tranquilas e as rissadas dos fanos vibrariam como um escaroto entre a pu-

reza alvissima dos lyríos e das assucenas.

A toada melancolica de uma flauta encheria de misterio os longes do arvoredo, e, entre a cor intensa e o aroma dos canteiros floridos, as estatuas ergueriam friamente a sua belize de marmore.

Mas tudo isso passou. Nas ruas desertas anda agora um vento de elegia a varrer as folhas mortas dos nossos sonhos.

Já os leões se ficaram de bronze aos quatro cantos do palacio, e pelas ruas heraldicas nunca mais a deusa desceu a ver o parque, pelo silencio longo das grandes noites estreladas.

Agora só o Espirito triumpho.

Por isso, quando os olhos d'alma se demoram mais na lembrança dos tempos idos, é para melhor sentirem a perfeição espirital do presente pela Belleza que não morre nunca.

Junho 1916.

V. St. C.

tro de S. Carls, uma recita em beneficio de coisa que o valha, de qualquer associação ou caixa de socorros.

Até aqui não de extraordinario, porque dáde que o teatro de S. Carlo passou a ser uma succursal do theatre Taboris, em arte assistencia, tudo é corrente desde o «Frei João Mocho» até as recitas de gala, que são as delicias do pessoal dos Armens Grandella.

Mas o engrado do caso está na homenagem que os promotores da recita quizeram prestar á republica.

Imaginem os leitores que a peça que subiu scena, nessa noite, foi a deliciosa comedia de Garrett, «A Ilha da Verdade e a Mentira»; e como por duas ou tres vezes se illa em contos de reis, de que staviam du lembrar os homenageantes?

Em moderna-los... em escudos!

São levadinos da bréca! Que a memoria de Garrett lhes perdõe!

Porque eils não sabem o que fazem.

M. J.

Um trocosinho em atrazo

Quem diz um conto accrescenta um ponto, — é velho adagio e pura verdade.

N'um dos ultimos domingos, duas mulhersinhãs, qual d'ellas mais imprudente, travaram-se de razeões por causa do cargo

Publicações recebidas

—Uma Causa Injusta: E' o terceiro dos folhetos que com egual titulo vem publicando o Ex.^o Sr. Dr. Aristides Moreira da Motta sobre a acção d'interdição por demencia, requerida pelo M. P., contra o snr. José Maria Caetano de Mattos, de Ponta Delgada.

Nas 62 paginas d'este, o illustre casidico, em linguagem vigorosa e argumentação sempre viva e cerrada, condemna e refuta, fazendo uma exposição scientifica do assumpto, o parecer dos facultativos que depuzeram como peritos.

—Os tomes 20, 21, 22 e 23 da *Historia da Guerra Europeia*, obra realmente digna de ser lida e recomendada, por ser habil a sua elaboração e de relativo luxo.

Cada tomo de 32 paginas custa 5 cent. e os pedidos deverão ser feitos á Tipographia Gonçalves—Rua do Mundo—13, 14—Lisboa.

—A *Nossa Exportação* depois que rebentou a guerra, interessante folheto para vulgarização —A II R 3, publicado pela Direcção Geral da Estatística do Ministerio das Financas.

—*Relatorio e Contas da Caixa Economica Postal em 30 de Junho de 1915 da Comissão Fiscal*. Da sua leitura se conclue que, não obstante aquella utilissima instituição não haver sido ainda bem comprehendida e aproveitada pelos interessados, o seu desenvolvimento não decresceu, dadas mesmo as circumstancias especiais ocasionadas pela conflagração europea.

—Muito pehorados, agradeçemos as ofertas das publicações alludidas.

As perdas da marinha mercante

O addido commercial á baixada norteamericana em Londres dá os seguintes numeros sobre as perdas soffridas pela marinha mercante desde o começo da guerra, entre navios capturados e destruidos:

A Inglaterra perdeu 485 com um total de 1.506.415 toneladas; a Franca, Russia e Italia, 187, com 282.178 toneladas; a Alemanha, 601, com 1.279.500 toneladas; a Austria, 80, com 267.640 toneladas; a Turquia, 124, cuja tonelagem se ignora; os paizes neutros 736, com 441.472 toneladas.—Total dos navios perdidos, 2.215.

Navegando n'um mar de vinho

Toda a enorme esquadra ingleza poderia fluctuar á vontade nas bebidas alcoolicas consumidas, em um anno, em toda a Inglaterra, suppondo-se que essas bebidas tinham a mesma densidade que a agua. Assim o affirmo a revista *Inglaterra Two Bits*.

ANEXO 6: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autónimo*

Rubrica: Azulejos

Título: S. António de Lisboa

Número: 888

Data: 17-06-1916

Não quer levantar neste momento uma questão que pode ser prejudicial, mas levanta as palavras do sr. ministro da guerra para dizer que os direitos dos catholicos não estão assegurados e que as suas liberdades estão muito e muito cercadas. E' para defender a liberdade da Igreja e reivindicar os seus direitos que se senta naquelle lugar e para mais nada, a não ser para defender e trabalhar pelo prestigio da Patria querida de nós todos.

Lembra ainda ao sr. ministro da guerra, como uma aspiração católica que é necessário efectivar, que os antigos capelães sejam mobilizados unicamente para fins religiosos, mas é necessário que estejam no uso pleno das suas ordens, conforme as leis canonicas.

Ha tambem já bastantes sacerdotes alistados e muitos frequentando a escola de sargentos; lembra que é necessário igualmente que estes sacerdotes sejam mobilizados com o mesmo fim de assistência religiosa.

Se por ventura não chegarem os antigos capelães e os padres soldados, estando, é claro, todos no exercicio das suas ordens, então os snrs. Bispos indicarão aquelles que hão de acompanhar as expedições. E' uma sumula de desejos que formula ao Parlamento, certo de que os catholicos hão de ser ouvidos. E' tempo de se desfazer o equívoco em que se tem vivida. Os catholicos tem sinceridade nas suas palavras e nos seus gestos, e ainda ha pouco o nosso illustre episcopado, nas suas exortações aos fieis, evidenciou essa sinceridade em palavras apostolicas e patriotas que devem cair bem na consciencia do paiz.

Ha um problema, que todos temos de resolver, é o problema da patria em perigo. No entretanto é preciso reparar agravos e não deixar por mais tempo aberto o abismo que se tem cavado entre as leis da Republica e a consciencia católica. (Apoiados) Eis o que afirma a Camara, na certeza de que todo o paiz o ouve e o aplaude. Haja união sagrada e saibam todos que não serão os catholicos que a hão de quebrar. Dêem-se a todos os seus direitos e garantam-se lhes para que todos vão animados pela mesma fé, combater pela Patria onde fór preciso e como for preciso.

(A Camara ouviu o orador em completo silencio e com o maior respeito.)

A BEATISSIMA TRINDADE

Termina amanhã o Tempo Pascal, e assim terminam entre nós os cultos tradicionais rendidos á Terceira Pessoa Divina.

No domingo ultimo toda

AZULEJOS

VI

S. Antonio de Lisboa

A tradição popular fez do grande franciscano portuguez o santo casamenteiro e milagroso por excellencia.

Deu-lhe um cacter falso de santidade brinçona e galhofeira que a possa do povo e a forma geral da sua veneração largamente condessam e exemplificam:

Minha avó tem a casa
Um Santo Antonio velhinho;
Em as moças não querendo
Dou pancadas no santinho.(1)

Já um escriptor francez (2) notou que em pontos santos, como neste, podemos observar a enorme desproporção que existe entre a generalidade do seu culto e a oada que os proprios devotos sabem da sua historia.

Mesmo entre os poucos que lêem, raros conhecem a sua vida de humildade e de estudo, de pureza e despostolado, de ascetismo e de simplicidade. De resto o povo contenta-se com a fama dos seus milagres e de o ver nos altares e nos quadros com a sua mocidade imberbe rosada, a face gorda que o jejum não casgou, o habito rico semeado de ramagens e flores pintadas sobre o livro que uma mão segura, o menino Deus risonho e cedio numa deliciosa intimidade.

Sicco Polentze (3) (1433) um dos seus primeiros biographos descreve-nos Santo Antonio aterrado e cheio, a cara bronceada, dama rueta austera e religiosa que a morte depois havia de converter numa face branca de creapa, na risonha expressão de quem adormecera num grande sono de paz.

Tanto no quadro (4) de B. Berlinghieri (fins do sec. XIII) que é a primeira representação pictural do santo, como no fresco de C. Purio discipulo de

Giotto na actual capela do S. Sacramento da basilica inferior de Assis e ainda no retrato existente á entrada do côro da basilica do S. em Padua, S. Antonio apparece-nos candidamente risonho, imberbe e loiro. Com tudo é pouco provavel que elle tenha sido imberbe, pois os neo-bollandistas lembram que os franciscanos da primeira geração usavam barba, ao passo que os do sec. XIV e XV a rapavam—o que explica o typo imberbe dos retratos desses seculos. No seculo XVI Santo Antonio é de novo pintado com barbas, influencia dos Capuchinos que apparecem em 1525. (5) E ainda recentemente os bollandistas (6) refutaram a opinião de C. Mandach que considerava Santo Antonio imberbe durante toda a vida.

Prova da veracidade d'este facto a nossa forma tradicional peca já pela falsidade do aspecto exterior do grande Santo tão erroneamente julgado.

Da incomparavel belleza da sua fisionomia moral não cabe nestas poucas linhas nem um pequeno esboço; do que não curamos sequer dar uma ligeira idéa, por tanta grandeza e virtude merecerem mais ampla exposição.

13 de Junho 1916.

V. de C.

1 Vid. Jaime Cortesão—«Cancioneiro popular» onde vem uma mais larga e precisa documentação.

2 Lucien Roure—«Figures franciscaines».

3 Horoy—«L'opera S. Antonii Paduani Prolegomena».

4 Diptico da Academia de Bellas Artes de Florença n.º 101

5 L. Roure, Obs. cit. pag. 154 e seg.

6 Em 1910—«Analecta bollandiana» t. XIX.

a grande familia catholica no mais piedoso entusiasmo a coreava-se d'altar santo para tomar partenas festas de Pentecostes emmemorativas da descida do Espirito Santo sobre os Apóstolos congregados no Cenaculo.

Mais uma vez os sete Dons do mesmo Espirito sanctificador foram olvidados e engrandecidos a face de tão admiravel transfiguração pelos mesmos paduzida em todo o Collegio Apostolico; pois que sendo pescadores rudes e ignorantes se mostraram homens sabios e versados nas sagradas letras, e sendo fracos e timoratos, a

ponto de abandonarem a seu Mestre nas horas da sua Paixão, e de se esconderem com medo das furias judaicas, se mostraram corajosos e robustos até ao martyrio.

Um outro prodigio foi ainda operado pelos influxos do Espirito Santo com assombro das milhares de pessoas, que escutaram a primeira pregação de S. Pedro, o Presidente do Senado Apostolico.

Foi este o dom das linguas, por isso que sendo os seus ouvintes de diferentes provincias, e assim de diversas linguas, todos comprehendem as palavras do mesmo

Apostolo, pelo que se deram logo milhares de conversões sendo baptisadas mais de tres mil pessoas!

Todos estes effeitos maravilhosos ensaltecem a Divindade do Espirito Santo, esse Paraclyto salutar prometido pelo Ressuscitado da rocha de Cedron; e porque a Terceira Pessoa diz a existencia d'uma segunda Pessoa, Jesus Christo Senhor Nosso, e d'uma primeira Pessoa, o eterno Padre, a Santa Igreja, Mestra de toda a verdade e de toda a sabedoria, celebra e solemnisa amanhã o mysterio da Beatissima Trindade revelado e ensinado a seus Apóstolos, quando lhes disse: «Ide e ensinac a todas as gentes, baptisando-as em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo» e mysterio este que é o solido e indestructivel fundamento da nossa Religião, unica verdadeira.

E' claro, que os mysterios sobrenaturaes não cabem dentro dos acanhados recursos da nossa intelligencia, e pelo que Santo Agostinho, que uma vez se debatia em todos os esforços para comprehender por completo a existencia d'um Deus uno na essencia e trino em Pessoas, ouviu uma voz angelica, que lhe dizia: «Pára no teu ar-rojo; é mais facil poderes vazar todos os mares n'uma concha do que poderes atingir semelhante comprehensão!»

Nem é muito que a razão humana, nos vãos da sua soberba e incredulidade, tenha de se confessar vencida, por isso que nem mesmo pode explicar e decifrar os mysterios naturaes, que a cada instante se lhe apresentam proclamando a Omnipotencia Divina, e até nem ao menos se pode comprehender a si mesma.

Com estas premissas tão inconcussas nenhuma hesitação podemos ter em crer firmemente no mysterio da Santissima Trindade, do qual quiz Deus deixar em nós mesmos um palido reflexo. Dando-nos uma alma, enobrecceu-a com tres potencias, memoria, entendimento e vontade.

A' luz da Revelação Divina e aos impulsos da nossa Fé, como ás inspirações do Espirito Santo, adoremos o Mysterio Trino, que todos os dias confessamos no signal da

ANEXO 7: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autónimo*

Rubrica: Azulejos

Título: Noite de S. João

Número: 889

Data: 24-06-1916

dição os protestos de innocencia da bella Mariana e os gritos dilacerantes das mães a quem os emissarios do tyranno arrancavam os filhinhos, para a sua vista os matar. O filho de tal pae ouve a reprehensão do seu incesto e impelledece de raiva e de remorso, e se não mata logo o ousado reprehensor, é porque teme a sanha do povo venerador de tanta virtude.

Em um baile esplendido temiam os crystaes, reluziam os outros e as pedrarias, rangiam as sedas, deslumbravam as luzes, enebriavam as flores fragrantissimas d'aquelles climas ardentes, e a orchestra deliciava com jorros d'harmonia; mas o que mais enlevava o tyranno era a formosura, a alegria, a graça, a petulancia, a descovoltura d'uma dansarina, d'uma filha pervertida, d'uma mãe mais perversa. Quem diria que o sarau teria um tão tragico desfecho! Terminada a dança rompem os aplausos, resoam as palmas, ouvem-se vivas proclamadores d'essa beleza nova, fresca, seductora, d'essa graça provocante até ao delirio e á insensatez. Se todos são generosos de palavras, o tyranno vai sel-o de obras, mas obras dignas d'elle.

(Continua)

NAO COMPREHEDEMOS

Francamente, não comprehendemos os extravagantes donos d'este malfadado paiz!

Todos bradam que é necessario abater bandeiras partidarias, occultar facciosismos politicos e esquecer odios que degradam, para se deixar só ver grande e bella a bandeira verde da Patria, seja ella azul e branca, verde e vermelha. Todos falam do sentimento patriotico evocando-o, todos gritam pela «União Sagrada»; porem, o que nem todos fazem, particularmente os que o deviam, é concorrer para essa união.

Pensam os catholicos portugueses, isto é, a maioria do paiz em fazer uma romaria á Virgem do Sameiro sob cuja egide sempre fomos um povo grande, forte e feliz, implorando o seu auxilio para esta infeliz terra portugueza que lhes serviu de berço, e o «Mundo», pondo-se nos bicos das botas, lembra aos «liberaes» mais esta infamia da reacção, e a «Montanha» (ambos republicanos) por sua vez accrescenta que— nada ha, digam o que disserem, como a justiça do povo que resolve summariamente e sem dispendio de papel sellado.»

E tudo isto em nome da sagrada liberdade e tolerancia republicana.

E depois só os catholicos são a causa de tanta desunião, porque só elles provocam e incitam!

A Junta anti clerical do Livre Pensamento protesta perante a Camara dos Deputados,

AZULEJOS

VII

Noite de S. João

Não ha homem como Deus,
Nem mulher como Maria,
Nem Santo como S. João,
Nem luz como a luz do dia.

E a alma religiosa do povo
irrompe na alegre ruidosa da
noite entre foguetes e violas.

Tudo o que borde se secca
Neste mez de S. João:
Só meu amor verdece
Dentro do me coração.

Pela noite escura e calma
os ranchos percorrem as
ruas. A saudade está nos
olhos cansados dos velhos onde
as ultimas lagrimas da desgraça
sepultaram as ultimas ilusões.

No altar de S. João
Nascem rosas amarelas;
S. João subiu ao ceu
A pedir pelas donzelas.

Sortes ao relem! O segredo
do destino está nas no misterio
d'esta noite.

No altar de S. João
Nascem rosas encarnadas;
S. João subiu ao ceu
A pedir pelas casadas.

E a mesma alegria communi-
cative para em todos os rostos,
gemo em todas as violas,
delira em todas as danças ao
redor de todas as fogueiras.

Ora quando depois de trinta
annos de desen S. João appareceu
nas margens do Jordão,
a barba ruda e inculta, o ca-

belo desgrenhado e aspero, uma
pela de camelo ao redor da cintura
e a carne asctica transparente
de jejum, as suas primeiras
palavras foram de renuncia e
martirio: «Fazei penitencia porque
se aproxima o reino de Deus».

O desassombro da sua intransigencia
leva-o ao carcere onde a sua
cabeça foi depois a recompensa
da dança de Salomé. Toda a sua
vida se condensa na rectidão do
seu apostolado e na verdade das
suas palavras: «fazei penitencia».

Por isso penso qual a razão
porque a religiosidade popular
havia de transformar a noite,
que precede o dia do Santo Precursor,
na noite mais desenfreada
festiva de todo o anno
Christão?!

E enquanto eu medito na
força da Tradição mantendo até
agora a alegria paganesca do
povo tão diferente da penitencia
austera do Santo, no rancho
que passa na rua uma voz
canta mais alto no silencio
recolhido d'estas horas:

Não ha homem como Deus,
Nem mulher como Maria,
Nem Santo como S. João,
Nem luz como a luz do dia.

24 de Junho de 1916

V. de C.

á qual envia uma representação
pedindo a prohibida a
romaria ao Sameiro, aonde iria
cobrar alentos, buscar conforto
a alma cadida e bella do
povo portuguez que é profundamente
religioso, sinceramente
crente, e tirada a prova só os
catholicos provocam, desafiam
e desunam!

Quem ha que se não impressiona
ao ver estes bellos moços
portuguezes deixarem as suas
lindas e pitonescas aldeias, tendo
antes como ao templo a
fazerem votos com suas mães,
esposas, noivas e filhos para
que voltem vencedores, e a fazerem
promessas, cuja candida
religiosidade, na phrase da
«Capital», não só é respeitavel
como é doce!

Os que não erem, diz ainda
ella, «não têm direito de julgar
o seu patriotismo superior ao
desses fillos dos campos. Essa
religiosidade nunca quebrou
ou esforços exercitados; pois
que o profundo sentimento religioso
é umalhas garantias da
victoria».

Francamente, cada vez comprehendemos
menos!

Pois se é assim porque se levanta,
talvez para cumulo de tudo, em nome
da Patria, a Junta anti clerical do
livre pensamento, a prohibir ao povo
portuguez, sinies e candido, a
melhor constanciação da patria
e a summas bella encar-

nação, de manifestar esse sentimento
religioso que é uma das
garantias da victoria?

E dizem-se amigos da patria,
quando optam pela derrota!

E somos nós que provocamos,
e somos nós que desunimos,
e somos nós os anti-patriotas!

Em todas as nações, perante
o inimigo commum, o que temos
visto, é pedir que se não exteriorisem
preferencias politicas, ou paixões
partidarias; mas que se esconda a
tê, quando a vemos erguer-se
cheia de heroismo nas linhas de
fogo, nunca o vimos.

Muito ao contrario, o que em
todas as nações se faz é deixal-
a expandir-se e florescer em
alentos e consolações, porque
longo d'uma provocação, é antes
uma força que salva, vence e
radime, e que só desafia os
sectarios que não podem, nem
sabem desinteressadamente e
honradamente servir a Patria.

Um Catholicos

CRISE DE MILHO

No actual momento que
atravessamos, em face do estado
lastimavel a que ultimamente
chegaram as coisas, não é de
mais nem fora de pro-

posito chamarmos para o assumpto
de que, sob aquella epigraphie,
se vem occupando n'este jornal
Uma commissão de municipios, a
attenção de todos quantos n'elle
posam e devam superintender,
afim de que jamais volte á
tela da imprensa e desapareçam
por completo os queixumes
dos agricultores, dos negociantes
e do povo.

Até agora, nada mais se tem
dito e feito que não seja expor
e lamentar o mal d'uns e d'outros,
todas as vezes que circunstancias
especies os hão collocado em
embaraçosas difficuldades. Quando
muito, os esforços de todos
não tem ido apenas até a um
pedido de providencias ligeiras,
de prompto adoptadas em certas
ocasiões, é verdade, mas nem
sempre de boamente accetitas no
geral.

Não succede, porem, o mesmo
com a illustre e humanitaria
Commissão de municipios a que
vimos de referir-nos. Ella promete
e está na firme disposição de ir
mais adiante, isto é, até á resolu-
ção cabal do problema, que tanta
agua pela barba já tem dado,
e continua infelizmente a dar
ainda, ás nossas auctoridades.

Mas, para que de balde não
clame no deserto, para que o seu
louvavel zelo e esforço sejam
coroados de bom exito, torna-se
necessario, como instantemente
todo e todos reclamam, que seja
ouvida attentamente e secundada
com muita forçada e vontade
pelos que têm o rigoroso dever
de prover ás necessidades
publicas e de procurar remedio
para ellas.

E tempo é de estudar a sério
e resolver tão melindroso como
momentosa questão!

Innovação dos padres!

E' este o brado inconsciente
dos discipulos de Voltaire.

Assim o proclama a mesquinha
demagogia moderna que na sua
apocada razão não adora Deus,
nem vê alma no homem nem
immortalidade na alma.

E' esse o subterfugio illogico que
brota da intelligencia civida de
principios protestantes.

Facilmente se logra descobrir
e aniquillar esse falso conceito
que os espiritos menos cordatos
e vãos de senso commum expõem
á consideração dos ignaros,
pretendendo em vão, impugnar
o culto dos Santos com más
interpretações

ANEXO 8: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autónimo*

Rubrica: Azulejos

Título: A Vida e a Arte

Número: 890

Data: 08-07-1916

AZULEJOS

VIII

A. J. J. B.

A Vida e a Arte

dornar-lhe o berço os fructos formosos e as louras espigas; e o outro teve os frios e as geadas invernosas e as tristezas e as lagrimas de todos os desvalidos; mas, em compensação, teve a enfiar-lhe a cruz e o tumulto as violetas e os lírios dos vales, que começam a tapizar-se de verdura e d'encantos primaveris. E' que com a morte de Christo chegou a primavera da vida da humanidade.

Eis porque são tantas as alegrias do Natal, e tambem tantas as alegrias, os folgares da noite e dia do S. João.

Oh! recordação abençoada da minha mocidade!

Oh! moite de S. João, noite de S. João! Parece chegar me ainda aos ouvidos o resoar alegre dos descantes da minha terra, descantes de vozes de muitos homens e de muitas mulheres, cantando os louvores do precursor de Christo.

E a fogueira, a fogueira gigantesca, a árvore colossal, entre risos alegres de todos trazida, collocada, accendida e inflamada até ser uma fornalha enormissima, um monte aliteroso de luz, em volta do qual dançam e cantam todos que sentem aquecer-lhes os corações, a mocidade e a fé.

A mocidade é a quadra das mais verdadeiras alegrias, das mais vivas esperanças; a fé é o constante e eterno rejuvenescimento do coração humano.

INGENUIDADE

Num artigo da «Revista Catholica» subscripto por um parcho, vem este queixando-se anargamente de não estar ainda estabelecida na sua Diocese a obra da assistencia do culto.

Para despertar as energias amortecidas do seu Prelado invoca o articulista da «Revista» o exemplo da Diocese da Madeira, como se esta fosse a unica onde tal serviço estivesse regulado.

A queixa commovente mas pouco justa do articulista da «Revista» baseia-se naturalmente na situação relativamente prospera do clero funchalense que por um erro de intuição do citado articulista é attribuída ás sabias disposições do regulamento diocesano, que para bem do clero e do culto allí foi estatuido.

Um pouco de reflexão bastaria para desfazer a illusão do parcho queixoso.

Os regulamentos diocesanos sobre a assistencia do culto e do clero não dão dinheiro nem pão, cria o articulista da «Revista», por mais bem elaborados que sejam.

Se a situação economica do clero da Madeira é melhor presentemente do que a de qualquer outra diocese portuguesa, é apenas pela differença da educação popular religiosa, que naquella afortunada archi-

Na melancolico poente andava a penumbra batendo a forma viva das coisas. E logo um sopro espirital as transfigurava nesta hora de martirio. Meus olhos apprehendem a agonia lenta dos cravos, que não amia de tão longe trouxe para mim sorrirem de aroma e graça a tristeza vaga das tardes.

Um velho lio a um canto é todo uma elegia de um passado de amor e desventura. Nelle está a verdadeira ensibilidade da alma de um poeta que a Arte não maculou.

E contado, tão elle é simples como o sorriso ingenuo dos cravos.

E' que todo o segredo da belleza está apenas na simplicidade.

Assim nós vivamos a vida, complicando-a na tortura do impossível, no esadalonevoento de uma falsa perfeição. Não nos adaptamos a Natureza, mas vamos deformar-la para que a nós se adapte.

A alucinação creadora cegounos o sentido das coisas e andamos perdidos no nosso proprio sonho. A nossa personalidade é a nós despersonalizada.

pelgo começo muito a tempo para produzir os fructos que está produzindo.

Quanto á efficacia dos regulamentos para tal fim, creio que não vale a pena do que se reconhece raticamente nas pilulas Pinch.

Um regulamento diocesano de assistencia do clero e culto não é uma pauta aduaneira com os seus risonos fiscaes, que, *bon grâ, mal grâ*, todos tenham de cumprir.

São apenas disposições legislativas que incidem sobre a applicação a darao producto da piedosa generosidade dos fieis.

Tem o articulista da «Revista», que é parcho, fieis na sua parochia, que subscrivam com o preciso para sua sustentação e do culto da sua igreja?

Está tudo dito. Não tem de me parece-me que a hypothese n'este caso não tem que olhar separa o seu Prelado nem de-lhe regulamentos, por que estes só servem para a applicação da receita, que no caso sujeito não existe.

O regulamento, que o parcho queixoso da «Revista» está a pedir, hade trazer-lhe uma novidade que talvez não goste. Hade marcar-lhe o quantitativo com que deve concorrer para as despesas diocesanas.

E desde o dia em que começa a ser pto em vigor, terá o articulista da «Revista» de

ção e o nosso sentimento é mais sonhado do que sentido.

Só quando o homem se simplifica, pode atingir aquella grande perfeição moral e precisão artistica que é a verdadeira realidade da belleza.

A vida recebe então a sua reintegração positiva e a arte define-se na forma unica da sua justa expressão.

O sentimento generalisa-se porque a Dor do poeta se irmana á amargura das coisas.

A magua do poente será pois no seu coração o eco da natureza, visão maravilhosa da hora tristissima, que é por excellencia o momento místico da morte.

E quando, depois o sol se erguer por sobre os montes, na alluvia intensa de luz, o artista poderá sentir a alegria de viver, irmã das aves que cantam e das flores que desabrocham, enquanto as cebras se aloiram e as arvores ostendem mais os braços para a frescura das sombras.

A sua alma terá descoberto o misterio da Vida e da Arte.

Julho de 1916

V. de C.

ver diminuido o pouco que elles dão os fieis da sua parochia, porque no orçamento de despesa sem correspondencia de maior receita.

Os regulamentos não dão outra coisa, cria o articulista da «Revista».

Sobre a maneira de arear receitas parochias talvez quizesse um conselho o articulista da «Revista».

Eu porem é que lhe não posso dar porque, sendo economico, nunca tive feito para economista.

Permita-me todavia que lhe lembre aqui a sentença de São Paulo:—*Pietas ad omnia utilis est.*

Pegue-lhe por aqui, que irá melhor. Quanto a regulamentos, levam e não dão dinheiro.

P. Antonio F. de Mendonça

Innovação dos padres!

(Conclusão)

Que significam essas estatuas e monumentos levantados em honra de personagens illustres?

Perpetuem embora a memoria d'algun grande feito, essas estatuas são sempre um attestado incerto do verdadeiro merecimento; são ordinariamente como a sombra, fugaz e inconsciente, ora maior ora menor do

que a realidade, segundo a posição da luz que se lhe applica.

Não succede o mesmo com os Santos que veneramos no Cão.

Um decreto authenticico do magisterio infallivel da Igreja e a linguagem inconfundivel dos milagres nos attestam solemnemente a heroicidade das suas virtudes e os fulgores dos seus extraordinarios dons.

Nenhuma heresia poderá abalar e subverter os fundamentos indestructiveis d'esse culto cujos actos principaes são: veneração, invocação e imitação.

O fim da veneração é directamentemente a honra dos mesmos santos; o da invocação, a nossa utilidade. A maior parte da sua vida é perfeitamente imitavel, um modelo accessivel que facilmente podemos reproduzir.

Tiveram as mesmas difficuldades, as mesmas luctas e tentações que nos acomettem. Os meios, as armas que lhes deram a victoria são as mesmas que possuímos.

Si istis, cur non ego? Assim dizia Santo Agostinho, quando, depois de convertido, se animava na santidade.

Pelos fructos se conhecem as arvores; é pelas obras que se conhecem os homens.

E' uma verdade infallivel ensinada por Jesus no seu Evangelho.

Cotejemos a vida dos Santos com a dos seus inimigos, os inimigos de Deus, da religião e da sociedade.

Que preciosos desengano!

Não encontramos os Santos nos divertimentos publicos, nos theatros, nos logares de prazer, nas frivolidades dos passatempos, na ociosidade...mas sim os achamos nos hospitaes, á cabeceira dos enfermos e moribundos, nos sertões da Africa e Asia a civilizar os selvagens, no meio dos desgraçados que consolam, das creanças que ensinam, dos pedreadores que convertem, dos pobres que socorrem e dos afflictos a quem enxugam as lagrimas.

Elles são os gigantes da virtude, os martyres do soffrimento voluntario, os heroes da abnegação propria.

Tudo n'elles é simples como a verdade, recto como a justiça, nobre e elevado como o bem que sempre procuram.

Uma ambição tem e essa immensa, inaciavel e indelevel: a de fazerem a vontade de Deus, de se desprezarem a si mesmos e de se sacrificarem constantemente pelo bem alheio.

Os seus inimigos são a deshonra do genero humano, são a vergonha da nossa dignidade, a ignominia e affronta do ser nacional.

Para narrar o que estes fazem, seria preciso deavendar os mysterios da corrupção e perversidade humana para mostrar toda a hediondez das suas obras.

Os Santos, os verdadeiros amigos do povo, tudo sacrificam pelo proximo, dedicando-lhe o

ANEXO 9: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autónimo*

Rubrica: Azulejos

Título: A Morte da Tarde

Número: 891

Data: 22-07-1916

ECOS

Consequencias da guerra

Diz o correspondente de Paris para o «Jornal de Noticias»:

Em França vimos Anatole France beijando, em plena sala de honra da Sorbonne deante dum publico de 3000 pessoas, na festa armenia, um sacerdote dos mais intransigentes, o abba de Watterlé. Depois vimos ainda dias depois, o «petit père», o nosso archi antichlerical (Combes), o mais feroz dos livres pensadores a escrever epistolas doces, á irmã de caridade, a Soeur Julie.

Em Portugal, é o que se sabe. Nem capellães querem dar aos soldados que partem a bater-se pela patria.

Gastar á grande

A proposito da mudança do ministerio dos Negocios Estrangeiros conta a «Opinião», diario republicano:

Como transportar documentos tão preciosos?

Confia-os a vulgares carroceiros? Nem pensar n'isso! Depois do muito pensar e ponderar resolveu-se que o transporte d'aquelles preciosos e solemnes instrumentos se fizesse em dois automoveis da Manu-tenção militar.

Ora, esses automoveis representam despesa extraordinaria que ficou orçada, se não estamos enganados, em 11 contos de reis. E' de graça, como se vê.

E' gastar, que o paiz é rico, e o povo paga alegremente.

E viva a fatura!

As idéas conservadoras

São os egos e os sectarios não vêem o movimento que se vai operando no mundo a favor da idéa conservadora. O liberalismo, a democracia demagogica e outras chimeras, que ainda tem cul tores no nosso paiz, fazem já sorrir os espiritos cultos da Europa nesta hora de tremenda gravidade.

«A Lucta» o confessa nestes termos:

Não ha duvida que a propria evolução do pensamento vinha nestes ultimos annos promovendo a rehabilitação do espirito conservador. E, se as idéas que

AZULEJOS

IX

A morte da Tarde

Sobre a montanha que domina o povoado, pia frieza daquelle tarde os seus amigos tinham ficado emilencio, cada um absorvido na suavidade do seu sonho. Em tixo a casaria alvejava por entre o verde das arvores e os longos campos loiros de trigo, eigo o mar estendia a serenidade adormecida da sua agua azulado o Ilheu levantava o dorso enorme como um velho monstru lendario, que para ali ficasse esquecido a recordar um passio de tragedia.

Quantos olhos para lá se tinham erguido a esperança do moço Rei, que o destino auzentara de mysterio mas que por uma manhã de nevoeiro havia de regressar dessa paragem ignorada, talvez alguma caverna desse torrão infundo e ingrato que só, entre as ondas, até agora soubera sempre vencer os seus arrancos dura e de tormenta! Tamber agora os nossos olhos poisam no enigma daquelle monst, não fosse a sua serenidade encifrável esconder a verdade da Lenda, que os velhos reados contavam pelos longos serões d'inverno, enquanto lenha crepitava na lareira para o arranjo da ceia.

E lentamente a tarde foi morrendo...

Já o ultimo orgeio d'ave soara na vastidão daquelle montes. A lua choiça já alta, pu-

nha uma estrada de luz por sobre o azul do mar. Mas para os lados do poente, no alto da montanha visinha, tres pinheiros pensativos destacavam-se de negro sobre a côr sangrenta com que a tarde deixara no ceu uns fativos do seu martirio.

— E áquella hora religiosa e maguada os tres pinheiros solitarios lembravam a montanha da crucificação. Pôra nos seus troncos nodosos e vergados de sofrimento que a Tarde se crucificara no calvario da belesa. Então a noite tinha vindo, vestida de negro, na couraça assustadora das grandes nuvens pretas, e trespassara-lhe o lado com o primeiro raio de lua. Ainda o ceu estava tinto do sangue dessa ferida e ainda a noite se ficara a respeitar o ultimo momento d'agonia nas nuvens pesadas que tapavam o resto da montanha, correndo para o norte, como um caminho mortuario. Então, ante os nossos olhos de espanto, a noite avançou, e, depois de ter acendido todas as estrellas como cífrios funsbres para o cortejo d'aquella desventura, tomou a Tarde nos braços e foi através das nuvens sepultal-a no abismo mysterioso do passado.

Em baixo o mar começou de gemer a ladainha da Morte.

Julho de 1916.

V. de C.

EM POUCAS LINHAS

Vapor de S

Certamente, é uma dos diabos a falta d'este vapor!

Ainda da outra viagem tive-mol-o, posto que fóra do dia; mas d'esta, é que o não lográ-mos ver!

E agora, só o «San Miguel» nos poderá trazer a correspondencia da capital, se é que não lhe der tambem na mania de ir a ares para outra parte.

Sim, porque na quadra que decorre é isso até muito natural, embora a outra e commercio e o publico, por causa do commercio.

N'esta altura de seculos e de coisas leve o demo um progresso assim!...

E os ratos?!

Não calculam o que ahí vac com estes bichos!

Só ouvindo da bocca de qualquer camponez as prozas que elles estão a fazer nos milhos. São de tal monta, que um clamor unanime se levanta mais alto e mais forte do que aquelle que a principio entre nós rompeu contra a criação da postura que no nosso «Autonomico», muito a tempo e a horas, se pediu contra esses animaes damninhos, a exemplo do que se fez na Ribeira Grande, não obstante sermos adversos a mais contribuições.

Vão lá vendo agora qual é melhor. Os estragos por elles causados chegam ao ponto de se estar a apanhar o milho ainda mal granado, para o vender e comer assim mesmo, só para não se colher depois o sa-bugo!...

E parece, infelizmente, que a precissão ainda vai na praça...

Crise de milho

A série de artigos sobre este importantissimo assumpto, firmados por «Uma Comissão de Municipaes», termina hoje, e oxalá que com proveito para o nosso povo, cujos interesses se teve em vista.

O problema acha se resolvido por forma a dar certo para todos—povo, commissarios, camara e auctoridade.

Resta agora não perder de vista a sua solução, para mais tarde, no desempenho do nosso dever jornalístico e quando torne a haver crise do cereal como este anno, não nos vermos forçados, com a indepedencia que nos caracteriza, a exigir responsabilidades seja de quem fór.

O assumpto foi estudado a valer sob todos os pontos de vista e sobre elle, cremos nós, não podem allegar-se duvidas de futuro.

E muitos louvores cabem por isso áquella illustre Comissão, a quem nos cumpre felicitar pelo seu trabalho, agradecer o interesse que tomou pelo nosso povo, bem como a hoar que se dignou dar a este jornal—sempre prompto, incondicionalmente, para tudo o que seja a favor do publico.

neste são fundmentaes lhe tinham já conseguido, e por toda a parte, assivel apoio da opinião culta, e seus sentimentos caracteristicos, entre os qua es se ergue dominante o amor patrio, valorisado ao maximo pela sangrenta tragedia que op prime a Europa estão-lhe ganhando a opinio de toda a gente capaz de sentir, que é toda a gente de consciencia sã e coração alto. Com certeza não será esta a mais interessante consequencia da guerra.

Vae a vapr...

A circulação fiduciaria está em 145:00 contos.

Nada de sustos, que temos á frente da governança habéis timoneiros.

Temos um grande e admiravel futuro. E' o grande poeta Guerra d'aqueiro quem nol-o affirma...

M. J.

EXAMES ID I.º GRAU

Alumnas d'professora da escola do seo femineino da fregueiza de S. Miguel, sr.ª D.

Maria dos Anjos Bento Raposo; Albertina Orminda Brum, optimo; Conceição Amaral, bom; Emilia Brum, optimo; Ilda Carolina de Medeiros, optimo; Conceição Herminia Machado, bom; Maria Ana Silva, optimo; Maria Cecilia Pacheco, optimo; Maria do Espirito Santo Sousa, optimo; Maria Gabriela Carvalho, optimo; Maria de Lourdes Silva, optimo.

Alumnos do professor da escola do sexo masculino da fregueiza de S. Pedro, sr. Jayme Maria Borges:

Antonio Afonso d'Arruda, optimo; Hermano d'Alcantara de Mendonça Dias, optimo; Jayme d'Oliveira, optimo; José Eusebio de Sousa, optimo; Manuel Melquiades de Mello Bento, optimo.

Alumnas da escola da S. Casa da Misericordia, de que era professora a sr.ª D. Maria Ernestina Costa:

Clotilde Paiva Mattos Nordeste, optimo; Maria do Rosario Santos Catana, optimo; Iria Amelia Pacheco, bom; Maria Irene Xavier, optimo; Maria do Rosario Santos, optimo; Maria do Rosario Santos Mello, bom; Maria da Encarnação Fructuoso, bom; Maria dos Anjos Gomes Tadeu, optimo.

ANEXO 10: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autónimo*

Rubrica: Azulejos

Título: Ruínas

Número: 894

Data: 12-08-1916

do que o trambolhão do nosso pae Adão nos leva a praticar, dá nos vontade de dizer ao ver destas— Cala te bocca—por que amanhã lá podes escorregar!

Com que então os regulamentos levam e não dão... dinheiro!

Esta parece d'um S. Paulo! E traz nos a ideia uma d'um amigo nosso muito chistoso, que estabeleceu como principio basitar das suas coisas — Quem dá não recebe!

Posto que a pratica e a experiencia nos ensine que quem dá ainda mais recebe, em certas occasiões.

Esperem um pouco os leitores e verão se assim é ou não!!!

Um Catholicico

NOTÍCIAS

Informações seguras

O Temps, importante e autorisado diario francês, diz isto:

Os srs. Affonso Costa e Augusto Soares levarão igualmente o governo inglês a partilhar o ponto de vista português com respeito a uma intervenção na Europa? Desde ha mezes que o governo portuguez se occupa de preparativos militares, com o fim de responder ao apello eventual da Inglaterra, apello ardentemente desejado pelos bons patriotas, por que elle augmentaria o prestigio do paiz e permitir-lhe-hia desempenhar um papel mais importante na conferencia da paz. A Inglaterra, apreciando, sem duvida no seu justo valor, o concurso do seu aliado, tem tido escrupulos, até agora, de fazer derramar o sangue português nos campos de batalha da França e da Belgica, sem uma necessidade absoluta. Esta absoluta necessidade, felizmente ainda não se fez sentir, e para desear, e esperar que nunca se apresente.

Por seu lado o sr. Antonio José d'Almeida, presidente do ministerio, numa entrevista concedida a Homem Christo, Filho, como Redactor de L'Éclair, afirma:

... que o povo português prestará o seu concurso militar aos aliados no dia em que este concurso for julgado pelo necessario e util.

O nosso exercito está pronto, repetiu elle com energia. Quando a Inglaterra e os seus aliados nos chamarem, esteja certo de que não faltaremos ao apello.

Curiosa affirmação

Diz o Mundo:

Em varios mentideros affirmase que se está organisando

RUINAS

Encostou a cabeça á mão esquerda, o cotovello apoiado á mesa de trabalho, e ficou-se, numa quietação d'estatua, a olhar a paisagem, onde um moinho de vento sobre um moio pôzha uma nota provinciana e antiga. Depois, no valle estreito, a casaria tutta lembrou-lhe um rebanho de ovelhas brancas e logo o ceu subia, azul e distante, para alem do verde calmo dos montes.

Mas o que mais o prendia e o interessava eram as vellas do moinho no seu giro cançado e lento. Aquella era bem na verdade a imagem da sua vida. Ao sabor de qualquer vento a sua monotonia mantinha-se constante e igual.

Sempre o vento do destino soprará a sua energia apagada, incapaz dum grande esforço para encarar a vida, frente a frente, num combate decisivo e supremo. Lembrou-se então da tristesa do convento que visitára essa manhã, o som dos seus passos no longo corredor das celas envelhecidas. Logo á entrada o claustro mostrava a frescura dos seus grandes arcos denegridos e no centro, onde outrora um repacho chorava a melancolia conventual, uma palmeira crescia agora amarelada no pequeno tanque atulhado d'hervas bravas.

Rosas rubras desabrochavam a um canto como numa saudade do passado. Tudo aquillo era soturnamente desolador, desde

o ar apagado do côro até ao vestigio dos celeiros que lembravam os tempos idos de farta abundancia. Tinha caminha do ao acaso por aquelle montão de ruínas, gosando o panorama do cirado espaçoso e batido de sol, espreitando pelas janellas esburacadas, sempre na oppressão dolorosa de uma imensa tristeza que o verde humido das paredes seculares mais augmentava ainda.

E tudo isso agora lhe acudia ao espirito, com pequeninos detalhes de memoria, fustigando-lhe os nervos com uma semelhança aterradora. A sua vida era mais uma vez aquella ruína da sua personalidade. Nem lhe faltava a monotonia fradesca, sempre esbatida de interesse, gasta pela grande biblioteca de livros pesados, em que a sua existencia se apagava numa inutilidade completa. Outros menos lidos tinham creado e vivido a beleza da sua Arte. Só elle continuava naquella apatia dum viver estéril. Nessa manhã mesmo, tinha lançado ao fogo os seus ultimos manuscritos. Foi ainda á gaveta buscar o resto d'aquellas cinzas que guardara com uma enternecida saudade.

E só, quando duas lagrimas lhe correram sobre a ruína da sua arte. Elle comprehendeu a imensa ruína da sua vida, pela sacrificada grandeza do que poderia ter sido e triumphado.

Julho de 1916 V. de C.

um novo partido cujo programma consiste em— oppor-se ao desenvolvimento da demagogia. Quer dizer, é um partido contra a Republica. Afinal não é coisa para assustar. Tudo se poderá resolver com uma rásga.

A parte a grosseria do insulto, que não espanta pela precedencia, é interessante a affirmação do orgão democratico.

Para elle, demagogia e republica são unica e a mesma cousa. Atacar a demagogia é atacar a republica. E' impossivel ser-se republicano sem se ser demagogico...

Pois não podiam desejar melhor auxiliar para a sua propaganda, os monarchicos.

A philarantropica irmandade

Merece registro e attenção este telegramma que de Roma foi expedido para os jornaes portuguezes:

Nos centros catholicos é objecto de muitos comentarios

uma noticia vinda do estrangeiro, segundo a qual o ministro Salandra não estava disposto a autorisar a celebração do Congresso internacional da maçonaria convocado em Roma, e no qual tomariam parte o portuguez Magalhães de Lima, alma da maçonaria portugueza, e varias altas personalidades pertencentes ás lojas inglezas. Parece que o fim principal do Congresso é procurar crear difficuldades á obra pacificadora do Papa.

Que bellos corações! Que santas almas! Continue a guerra na sua horrorosa tarefa de ceifar milhares e milhares de vidas, aniquilar cidades, devastar campos, mas tire-se ao Papa a occasião de se prestigiar e triumphar!...

E' havemos de os acreditar quando se apresentarem como amigos do povo e amantes da paz?...

Não. O que elles são sabemos nós: mystificadores, exploradores e ambiciosos.

M. J.

Subscrição publica a favor das familias extremamente pobres dos soldados que forem chamados ao campo da batalha da conflagração europia para deleza, honra e gloria do nosso querido Portugal.

Transporte	15000
Jaime Maria Borges	1250
Conde do Botelho	10000
Manuel Caetano d'Amaral	1250
Manuel de M. Quental	625
P. Manuel Caetano da Rocha	250
P. Manuel Ernesto Ferreira	1250
Arsenio Muniz Furtado	1250
Miguel Furtado Couto	625
Manuel Joaquim de Sousa	625
Manuel Maria da Costa	375
Antonio José Pacheco	1250
Dr. Urbano de M. Dias	1250
Visconde da Palmeira	5000
Francisco B. de Mendonça	1250
José Soares d'Oliveira	625
José C. d'Andrade Dias	1250
	43375

Na Assistencia Publica

Um regimento de tubarões— Quem come o pão dos pobres

Do «Jornal do Commercio», cuja seriedade e auctoridade são incontestaveis, transcrevemos estes interessantes perloes sobre as belezas da assistencia laica:

Viva o luxo

Os leitores lembram-se certamente d'um «Caturrandos», publicado ha pouco tempo em que me refiri ao «batalhão» de empregados de que se compõe a Provedoria Central da Assistencia de Lisboa, e que, para espargir a caridade official, absorve a modica importancia d'uns 32 contos de reis por anno, approximadamente.

Claro está que esses funcionarios fazem o mais que podem nos logares que occupam, para que os infelizes que estão sob a sua alçada sejam optimamente tratados.

E' assim que se pode explicar o concurso para fornecimentos, que se devia ter realisado na Repartição do Deposito Central da Assistencia, á Praça do Brazil, no dia 29 do mez passado.

Como naturalmente passou despercebido a muitos dos leitores o annuncio d'essa arrematação, vou dizer-lhes do que elle constava, devendo declarar, desde já, que o italico é d'este seu creado.

Leiam, reflectam e admirem: Generos de mercearia, pastelaria, azeites, farinhas, fructas secas, queijos diversos, vinhos de pasto e generoso (do Porto), vinagre, leite, carne de vacca, vitella, carneiro e porco, carnes fumadas e temperadas, cabritos, coelhos, gallinhas, frangos e patos, miudezas de porco, de vacca e de carneiro, ovos, pão de trigo, peixe fresco, atum, sal, etc.

ANEXO 11: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autónimo*

Rubrica: Azulejos

Título: Ladainha ao meio-dia

Número: 895

Data: 19-08-1916

O Autonomico

ALUJES

XI

Madrinha do Meio-dia

Meio dia. Sol a pio. O calor abafa e stoca. No chão gretado e poirento as sombras recoram-se com uma nitidez quente.

A aragem escalda como um bafo infernal e sem-se tremor o ar por este silencio morte. A beira dos ninos os passaros espream calidos o martirio da terra sedem.

Paixa uma angustia sinistra na vastidão dos campos.

Lento o fumo sob dos casacs, azulando-se no ar.

Da fonte, que tda a primavera cantou numa legria ruidosa e pagã, só nuncio de agua melancolico escorr agora a sua frescura fugida.

Rosãs desmaiámos canteiros perturbadas por seu proprio aroma.

E as outras florenas debeis, incliaam a cabeça, tristemente, na resignação da morte.

Nesta pausa ansiosa do dia os braços das amres tem o gesto implorativo das mãos postas.

A Hora pesa numa realidade fatidica.

Meio dia. Sol a pio.

A primeira badalada magestosamente soa a velha torre sombria.

Uma unção religiosa penetra agora a expressão torturada das coizas.

A Paisagem compõe o seu sentido ascetico.

Recolhe-se dentro de si mesma e fica meditando o segredo da sua dor.

Extatica a terra relembra a longa primavera do seu noivado com o sol brando e acariciador na delicia do beijo genésico.

Uma grande saudade a toma e a desfalece...

E o sol abraça mais ainda o torrão bendito, que ostenta a larga e deleitosa abundancia da sua fecundidade.

A terceira badalada um galo altivo canta o momento da libertação.

E logo o sol principia a declinar e, no ruido da vida que recomeça, os cantos das aves enchem o ar de uma alegria festiva e triumphal.

A vida retomou a sua verdadeira forma de liberdade creadora.

A alucinação da Hora finou-se na sua propria tragedia.

Agosto de 1916

V. de C.

Bento XV é o "ae commun dos fiéis, o mestre infalível da doutrina do amor e o promotor e conservador da paz.

Com o grande liberal inglez Pitt bradamos:—Só Roma pode fazer ouvir uma voz imparcial e livre de toda a preocupação estranha.

Paulo Relvas

PARADOXAL

Viveu ha bastantes annos em França um Padre, de uma competencia scientifica bem provada. Os seus contemporaneos, que a elle se referem, fazem a devida justiça ao eminente scienista, que honrou a Companhia de Jesus com o nome de Padre Harduino.

Este grande homem de saber teve porem uma infelicidade: foi a de affirmar sempre o que todos negavam, e negar o que todos affirmavam, sendo por isso chamado o Doutor paradoxal.

Observando-lhe um dia um irmão da Companhia aquelle espirito de contradicção com que um homem de tão reconhecido saber affirmava em todas as suas obras o contrario do que toda a gente pensava, sabiam os leitores com que se sahio o Padre Harduino?

Com esta:

O irmão, sabes que ha 40 annos me levanto cedo para me entregar aos meus estudos, e entendes que fazia tamanho sacrificio para dizer o que os outros dizem?

Não sei a que horas se costumava levantar o Sr. Doutor Theophilo Braga; mas é de crer que tenha o habito de madrugador, pelas referencias que vi fazer em tempo ás snomnolencias facies de S. Ex.ª nas sessões ministeriaes da sua primeira presidencia provisoria.

E a ser assim, como é de suppor, o illustre professor do Curso superior de letras, com os foros de madrugador, julga se auctorisado a negar o que toda a gente affirmava, e vice-versa, e passou a fazer no nosso tempo o papel que, no seu, fez o celebre Padre Harduino.

Um exemplo basta, entre muitos, que se podiam mencionar.

Numa conferencia em que S. Ex.ª ha pouco, se propoz excitar os brios patrioticos dos lisboetas, sahio-se o Sr. Theophilo com esta: Para que haja civilisação é mister abolir monarchias e senes.

Chamar ao Sr. Doutor Theophilo Braga Doutor Acacio é injuria de mais, se bem que o grande Camillo o chamou escastracho da litteratura portugueza.

O que me parece pois, em homenagem ao reconhecido saber do nosso patricio illustre, é que o Sr. Doutor Theophilo deve passar a chamar se o Doutor paradoxal.

P. M.

NOTAS

Em plena fraternidade

Transcrevemo do Diario de Noticias, sem mais comentarios, que dispensam:

A policia acompanhou hontem de tarde ao hospital de S. José uma pobre velha que encontrou caída na rua, cega e com o nariz corroido por molestia cancerosa.

Porem no hospital não a quizeram receber, e policia, para que a pobre velha não estivesse na rua a dar espectáculo visto que, em vez della se juntou muito povo a commentar o facto, chamou um trem e conduziu a para o Governo Civil.

Ali a desgraçada encontrou por cama as pedras da calçada do patco, fazendo cabeceira dum degrau de edra de uma porta. Chorava! Tinha dores! Tinha fome! Tinha sede! Um guarda humanitario lá foi a uma taberna comprar comida para lhe dar e pdr um copo para ella beber aqu! Depois lá ficou toda a noite deitada nas pedras ao relento. Uma deshumanidade!

Opinião inaspeita

O sr. Mayer Garção, re-

publicano e bem insuspeito de reaccionarismo, escreve estas palavras:

Não ha razão para que os soldados portuguezes, na sua grande maioria creados por mães que os ensinaram a orar, cuja infancia decorreu, para a maior parte, á sombra do campanario de uma aldeia, cujos amores brotaram junto da cruz do adro, que a ramagem do arvoredo recobre—não ha razão para que elles não tenham o mesmo amparo espirital que, em França, porventura, em tamanho grau tem contribuido para as maravilhas de Verdun. Só poderá contestar-lhe um es treito espirito sectario.

Mas a maçonaria não quer, os livres pensadores oppõem-se, os socios do registo civil protestam. Veremos, pois, se o governo tem força para cumprir o que prometeu e dar satisfação aos desejos da nação portugueza, que não é toda socia do registo civil.

Todas as nações em lucta tem capellães militares nos seus exercitos. Curioso seria que Portugal fizesse excepção.

Dolorosas verdades

Duma carta escripta pelo

sr. Homem Christo, filho:

Fiz nesse sentido os maiores esforços. Mas depressa me convenci de que uma publicação como a «Ideia Nacional» não tem condições de vida entre nós, pelo menos durante esta epocha desgraçada, porque o nosso publico só se preocupa com as macaquices da nossa vida politica, ou com as tomadas do Jallito, os chás com tan go ou sem tango e os cinematographos com ou sem mysterios de New York. Nisso se resume a vida intellectual da nos sa terra; e, é claro, em taes circunstancias não ha logar para uma revista como a «Ideia Nacional».

M. J.

EM POUCAS LINHAS

Avarias e contra avarias. Na estação telegraphica postal desta Villa demostra se o publico ás vezes tempo sem fim, por o respectivo chefe estar ao aparelho e o distribuidor andar repartindo a mala ordinaria,—serviço quebem pode ser feito no proprio dia da chegada; na mesma estação e em quasi todas as outras d'esta ilha ha pobreza franciscana de impressos e outros utensilios de expediente, apesar de constantes reclamações de dos encarregados; as linhas telegraphicas, quer do norte quer do sul, andam frequentemente avariadas, não por desleixo dos empregados, segundo nos consta, mas por velhice e falta de fio, que só com demasiada parcimonia é de vez em quando concedido; e mais avarias talvez haja ainda n'este importantissimo ramo de administração publica, em extremo rendoso para o paiz.

Como vêem, isto é de mais e vergonhoso.

A outros ramos de administração, porem, menos rendosos e de menos circumstancia, é que nada falta; antes pelo contrario, até tem tudo do bom e á farta, e em empregados, então, é melhor não fallar n'isso. Em alguns, só elles absorvem por completo os rendimentos, se não vão mais alem. E ler o que vae pela «Assistencia Publica», por exemplo...

Até aqui as avarias, agora vamos ás contra-avarias.

Senhores governantes do nos so paiz, attentae n'esta estado de coisas deveras deprimente, provendo de pessoal as estações telegraphica postaes que d'elle tenham falta, como a nossa, fornecendo com promptidão os impressos e material que sejam requisitados e mostrando mais solicitude e mais zelo por esse tão descurado serviço dos correios; porque assim o reclamam as circumstancias em que elle se encontra e porque o dinheiro que pagamos dá para isso e para mais ainda, se não for malbaratado.

ANEXO 12: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autnómico*

Rubrica: Azulejos

Título: Senhor da Pedra

Número: 896

Data: 26-08-1916

O Autonomico

ARTIGOS

XII

Senhor da Pedra

tudante, só o de Coimbra. Verdadeiramente professor, só o de Coimbra.....

E conclue:

A Universidade de Coimbra é o nosso primeiro estabelecimento científico — primeiro em tradição, primeiro em prestígio, primeiro em grandeza. É a nossa única universidade. É a ora primacial da sciencia portugueza. É o lar domestico da nossa cultura. Destruí-la, como tem querido fazer a nossa demagogia, é um crime sem nome e sem perdão.

Impostos de guerra

Diz a «Opinião»:

Depois do que acerca dos sacrificios, disse, no Congresso, segunda feira, o sr. dr. Affonso Costa, não pode haver a menor duvida — o governo pensa em lançar impostos de guerra. As palavras do ministro das finanças vieram confirmar o que aqui havíamos anunciado e era facil de prever que se daria.

Mais abaixo diz tambem o mesmo diario:

Aos sacrificios daquelles que vão para a guerra, tem de corresponder o sacrificio monetario dos outros. Foi, por outras palavras, o que, com razão, disse o sr. dr. Affonso Costa.

O homem e a mulher

O homem é a mais elevada das criaturas. A mulher o mais sublime dos ideais.

Deus construiu um trôno para o homem e um altar para a mulher. O trôno exalta, o altar santifica.

O homem é o genio. A mulher é o anjo. O genio é indefinivel. Contemplanse o infinito; admira-se o inefavel.

O homem é capaz de todos os heroismos; a mulher, capaz de todos os martirios. O heroismo nobilita, o martirio sublima.

O homem é o código. A mulher é um evangelho. O código corrige; o evangelho aperfeiçoa.

O homem é o templo, a mulher o sacrário. Ante o templo todos se descobrem; no sacrário todos se ajoelham.

O homem é a aguia que vôa, a mulher o rouxinol que canta. Voar — é dominar o espaço; cantar — é subjugar a alma.

O homem tem diante de si

No atrio do proprio a soldadesca, ebria de furia selvagem, sedenta de sangue e de carnificina, aguarava a passagem do Justo.

Já sobre a meia columna dos condemnados Jesu abandonara, resignadamente, o corpo para o martirio da flagelação. E das feridas, fundas como as do que o azorrague abria, um sangue quente gotejava uma lentidão dolorosa. Mas umoldado mais possante, a cara bronzada e dura, o olhar excitado de vingança, viria brandir com mais raiva açoitite maldito.

E todo o corpo de Jesus era um farrapo de arno.

De pé, Pilatos tinha impassivel na sua expressão fria e parada de sceptico. Um signal seu desligaram as mãos purissimas, que apenas se tinham erguido para uma benção carinhosa de perdão e de cura, e foram lhe amparado o corpo desfalecido, onde a tunica se enopava agora o sangue das grandes feridas.

Mas já no atrio do pretorio a soldadesca, ebria e furia selvagem, sedenta de sangue e de carnificina, aguardava a passagem do Justo. E, mal Jesus transpoz o pequeno corredor da boboda, logo a cohorte ululou de prazer na posse da sua victim.

Mãos grosseiras e apressadas O despiram conviolenca. Sobre os hombros vergados pelo peso da tragédia imensa,

um farol: a consciência; a mulher tem uma estrela: a Esperança que salva.

Emfim, o homem encontra-se onde termina a terra; a mulher acha-se onde principia o céu.

CHRONICA

Sem atavios d'fluctuantes e vistosas rendas, appareço ante os leitores esta chronica, envergando o gorda-pó burguez, porejando suor e maldizendo o sol que nos escaldava a reserve.

Num destes dias calmosos, á hora tranquillo do entardecer, quando a fresca das ondas nos convida a aspirar as brisas marinas, sentei-me á beiramar, esvoaçando o pensamento, á procura de assuprio para engendrar esta chronica.

Com o olhar teio das incertezas d'um desno que ninguém alcança, divisei n'essa curva immensa das céos errantes e indiziveis tristezas.

Nossas esperanças como qua esmaecem, derramando lagrimas de dor!

puseram-lhe um manto vermelho. As mãos atadas e imoveis traziam ainda a corda que as ligara á columna. Na cabeça, onde um suor de febre empastava os cabellos longos, cravaram-lhe uma corôa de espinhos. E, para que nada de completo faltasse ao escarneo daquelle ironia, nas mãos lhe collocaram uma cana para fingir de sceptro.

Então, em mesuras de farça, os soldados vinham galhofeiros prostrar-se perante Elle, para lhe gritarem, num riso diabolico, a zombaria da sua adoração: Ave, Rex Judeorum! No ruido confuso de tantas vozes as bofetadas soavam seccas e os escarros choviam sobre a face macilenta de Jesus. Alguns mais barbaros batiam-lhe com uma cana na cabeça para que os espinhos penetrassem fundo numa agonia maior, e um mais letrado ia escrevendo na parede, esverdeada e humida com o sangue do martir a legenda do seu crime: Ave Rex Judeorum!

Mas no atrio do pretorio, sobre a pedra ironica do seu throno, Jesus tinha os olhos baixos, duma infinita tristeza, na calma resignação dos innocentes, enquanto a soldadesca, ebria de furia selvagem, sedenta de sangue e de carnificina, ia escarrando e rindo a grandeza incomprehendida do Justo.

Agosto de 1916. V. de C.

O semblante mortificado de muitas mães e esposas parece ser o presagio funesto do espectro da guerra que já vem roçando pelas nossas portas!

Já bastava, para empanar as nossas alegrias, a banca rotas das nossas estufas, esse grande repellão da fortuna!

Lares tristes e abandonados, — paixões ruins que destruindo a paz domestica, dissolvem a familia, — reputações denegridas e enlameadas, — vivas saudades pelo passamento de entes queridos, — farpas envenenadas, — tentativas generosas — empresas promettedoras e florescentes, cahidas depressa e quasi mortas!

Tudo isto só pode ser tracejado em schema e ser visto a-travez de um negro crepe, porque uma fria nevoa nos veio enlutar a alma.

Desejava ofertar aos leitores uma chronica recheada de frescas, alegres e interessantes noticias, porem a tristesa á grande, e na phrase do medico assistente da nossa enferma patria, « até dá vontade de morrer ».

Que «jeremiada» esta, dirão os leitores!

Nada de desalentos e desa-

nimo, porque virão dias meliores e cheios de santa alegria, pois que depois da lucta a victoria, após o trabalho a recompensa.

Tenhamos confiança em Deus, confiança que é uma das grandes molas da vida humana, uma das suas mais poderosas forças.

E para não succumbirmos a uma profunda melancolia, resta-nos a distracção consoladora da chocarrice popular com commentarios simultaneamente grotescos e mordazes.

19—8—1916.

P. B. A.

EM POUCAS LINHAS

Impressões da occasião. Estamos na vespera do Senhor da Pedra, d'essa festa tão querida e tão popular, que ainda hoje, no meio da grande lucta pela vida e dos amargos dissabores de todos os dias, nos proporciona horas de satisfação, momentos de alegria, por nos trazer á memoria recordações agradaveis da infancia, d'essa quadra bella, sem igual, toda juncada de rosas!...

Sim, ainda hoje, apesar dos annos que contamos e dos cuidados que temos, dos sonhos que se desfolharam e das illusões que se perderam, essa festa sympathica e tradicional, como que dando treguas ás nossas tristezas e amarguras do presente, leva-nos em espirito ao Passado, e ahí, n'essa região distante, onde ha muito que apreciar e aprender, faz passar pela nossa mente a grande fé que então a precedia e acompanhava até ao fim; o entusiasmo que presidia aos ensaios das philarmonicas e aos preparativos do arraial; os grandes ranchos deromeiros, das varias povoações circumvisinhas, a entrarem na Villa, no sabbado, de manhã cedo, bailando, dançando e cantando, alegres, risonhos e folgasões, ao toque da harmoniums, violas e rabecas; o aspecto festivo e encantador durante todo aquelle dia, e na noite que se lhe seguia a massa compacta de povo a descobrir-se e a curvar os joelhos, reverente e respeitosa, á mudança do Senhor da sua Capella para a Matriz; a doce companhia de nossa mãe e de nosso paé que nos apontavam, com os olhos marejados de lagrimas, ensinando-nos uma prece, a Imagem veneranda de Christo que passava, sentado em uma pedra, coberto com um farrapo de purpura e coroado de espinhos, precedida de numeroso e edificante cortejo, onde se viam as pessoas mais fidalgas d'esta terra; depois d'isto, a illuminação profusa e variada, a musica, o fogo d'artificio, preso e do ar, as exclamações soltadas por centenares de boccos, o apregoar dos confeites, os descantes

ANEXO 13: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autónimo*

Título: O Passado – (Integralismo artístico)

Número: 897

Data: 02-09-1916

ANNO XIX

Sabbado, 2 de Setembro de 1916

NUMERO 897

O AUTONOMICO

Proprietario, Director e Editor
Antonio Rodrigues Carroça

FOLHA SEMANAL

ADMINISTRADOR
Antonio Rodrigues Carroça

Redacção e Administração

RUA DO VIGARIO

V. FRANCA DO CAMPO—S. MIGUEL

Composição e Impressão

TYP. D'O AUTONOMIC

A CAMINHO DO 19.º ANNO

Encetamos mais um anno. Divergem muito dos tempos d'hontem os tempos d'hoje, muitissimo, e em tudo; todavia, nada e ninguem conseguirá afastar-nos da coherencia com os principios que adoptámos e sempre defendemos, não postergando as praxes até agora seguidas, os costumes implantados e sustentados pelos nossos maiores, pelos que nos precederam e dedicaram o melhor do seu tempo e dos seus esforços á vida jornalística, á defesa dos interesses da sua terra.

Razões bastantes e de peso tinham elles, os antigos marcheas da imprensa, para assim procederem.

A quantas eventualidades não está sujeito um jornal no decorrer de um anno, e todos os que n'elle trabalham, mesmo enveredando por bom caminho e tendo sempre por lemma o dever, essa grande bussola por que se guiam sempre os espiritos bem intencionados?...

E se n'outro tempo, em que não faltavam já attritos e contrariedades, era justificado o enthusiasmo e desvanecimento, quando um jornal lograva ver, no seu posto d'honra, desaparecer um anno e alvorecer outro, hoje, em que essas difficuldades subiram de ponto e variaram de forma, muito mais o deve ser.

Em nossos dias, depois que se desencadeou essa medonha guerra, etjos perniciosos effectos a toda a parte, a todos e a tudo tem chegado, só por um supremo esforço de vontade vive e se sustenta a imprensa periodica.

E quem o ignora a estas horas?...

E' certo que na actualidade, aquelle enthusiasmo não tem nem pode ter a força e expansão d'outr'ora, é falho d'energia e como que saturado de mal-estar e dissabor; no entanto, não deixa de transparecer e de nos assistir n'este momento em que o nosso modesto e querido *Autonomico*, saindo mais uma vez victorioso e incolume das luctas várias de doze prolongados mezes, entra no 19.º anno de publicação.

Se o seu futuro o enche de cuidados e incertezas, em vista das tristes circumstancias que cada dia se avolumam; o seu passado, de seriedade e honradez nunca desmentidas, parece alentado um pouco, o o seu presente, em que d'elle se abeiram carinhosamente amigos devotados, abundando nas mesmas idéas e propositos do seu infatigavel e desinteressado Timoneiro, a quem deve immensas finesses e sacrificios, espontaneos, incute-lhe consolação, animo e coragem para proseguir na senda até agora trilhada e em que não tem faltado os os auxilios de Deus.

O progresso moral e material da sua ilha e terra nataes continuará a merecer-lhe a mesma attenção e equal interesse, assim como as prosperidades da Patria muito amada. N'isso empregará todo o empenho, na medida de suas forças e com a independencia que o caracteriza, acalentado sempre pelo amor patriótico que até aqui tem manifestado, com sinceridade portugueza, ainda que mal comprehendido em algumas occasiões... por quem é incomprehensivel.

E, com o mesmo respeito, que se tem esforçado por

manter n'este campo inglorio, hoje mais do que nunca erigido d'espinhos de toda a ordem, effusivamente sauda o seu Redactor principal, prestigiosos collaboradores, illustres collegas e amáveis assignantes e leitores, fazendo votos fervorosos, ardentissimos, pela tão almejada paz na terra a todos os homens, a todos.

A. Carroça

O PASSADO

(Integralismo artistico)

A M. DIAS

Um dia, uma geração de novos, moços de-pusadia e de rebelião, a robusta intelligencia fortificada por uma larga cultura literaria, lançaram neste paiz de rouxinoes e larangeiras, de poetas e romarias, o grito ousado de uma revolta intelectual.

A burguesia espantada tremeu de susto a principio, depois sorria de benevolencia e terminou por reconhecer-lhes o talento e ler e admirar-lhes as obras.

Foi isto por mil oito centos e sessenta e tantos, quando o Senhor Castilho, de tão saudosa e chorada memoria, pontificava com solemnidade no templo da arte e da litteratura portugueza. Afinal o Senhor Castilho era uma boa pessoa, tirante aquelle defeito manhoso de raposa velha e sabida em distribuir elogios a toda a gente, para que toda a gente o elogiasse a elle.

Mas essa geração intrepida e revoltada não lhe quiz acatar a soberania e derribou o tirano da litteratura official, que já começara de crear o melhor romantico duma falsidade monotona e irritante. A questão tomou tons serios de polemica em folhetos e duellos e, quando os animos serenaram de tão estranha agita-

ção, quando o tempo trouxe consigo a calma reflectida numa aurora de justiça e verdade, viu-se que os novos tinham triunfado gloriosamente.

Então os compendios de litteratura deram-lhe o nome celebre de Dissidencia de Coimbra ou de Questão Coimbra.

Mas já o delirio da victoria tinha comunicado aos novos a furia da destruição. E o vendaval cresceu, soprou e devastou. Foi a Velliee do Padre Eterno atacando a velha fé portugueza dos heroes e dos santos no satanismo de Junqueiro e Gomes Leal, as Farpas e toda a obra de Eça de Queiroz, menos os dois ultimos livros da sua ultima fase litteraria, em que ha a dolorosa saudade do filho prodigo pela Terra abandonada.

A propria obra de Antheiro, se bem que num dominio puramente filosofico, não é ainda uma obra construtiva. Fialho vem tambem neste cortejo de intellectuaes, que cedo se tornaram os mestres das novas gerações, onde o sorriso de ironia e de sarcasmo ficou sublinhando com requintes de superioridade o prazer da destruição.

Parou o romance no realismo de Eça de Queiroz, mas logo a poesia se vestiu de snobismo e se afrancesou no novo culto simbolista.

Não querem estas palavras desmerecer no que de muito proveitoso e util estas escolas litterarias trouxeram para um mais perfeita reorganização artistica e como seria demasiado dizer os multiplos esforços individuaes de uma nova orientação, apenas me limitarei a enumerar o Súdosisimo de Teixeira de Pascoaes como manifestação enérgica. Com elle surgiu a arte nublada e doctra, vaga e fantastica, onde a Saudade se fez sol de tão arredada e

distante beleza. E vac de querer por nbi reconstruir a literatura nacional, com tão sonhados planos em que não falta um Super-Camões, que hade aparecer na manha de nevoeiro em que voltar El-rei D. Sebastião, para lhe cantar o poema da sua vinda.

Foi no meio destas desconexas tendencias literarias, umas apenas preocupadas em destruir e outras em crear uma beleza falsa e efemera, que appareceu o movimento integralista, organizado e, forte na consciencia da sua missão a cumprir. Geração de novos, elles veem ungidos do signal da Raça e trazem nos seus olhos de videntes a beleza eterna do Passado. A sua arte é genuinamente portugueza e a sua poesia é filha da paisagem, cantando o sol bendito, os lindos campos da nossa terra, as coisas simples e boas. Já se não perdem no egotismo absorvente ou no estrangeirismo amacacado que nos desnaturalizou, antes se irmanam na mesma patriótica afeição do culto dos seus Maiores. A sua arte não soffre do pieguismo místico dos poetas das penumbas sentimentaes, antes pelo contrario é serena e sã, cheia de vida e de entusiasmo.

A mesma actividade creadora se manifesta na poesia e na sciencia, porque esta geração não é balofo de retoriça barata mas sabe firmar o que diz e o que pensa num estudo minucioso e cuidado.

E não veem com a bandeira do Sonho, agitada ao vento das chiméras, fundar longe dos barbaros o paraíso dos Raros, veem com a bandeira do Passado, coroados de tradições nobilissimas, parar a vida laboriosa e util; cultivar a terra que nos dará o pão, plantar as arvores que nos darão a sombra e as brasas da lareira e semear em todos os corações um amor mais enternecido e completo por esta nossa terra portugueza. Os antigos guerreiros a conquistaram á força de heroismo e de sangue, estes a resgataram á força de amor e de arte.

A geração coimbrã, e outras que se lhe seguiram, se bem que fatis em talentos de maior grandesa, teve um papel dissolyente que nin-

guem lhe osará negar.

Propõe-se a geração dos novos integralistas — de cujo valor intelectual documentado por valiosas obras já se não pode duidar — emendar-lhes os erros nacionalizando o que os outros demoliram ou afrancesaram. E porque a raiz desta arvore bebe nos velhos tempos a seiva da sua rejuvenescença, beleza, fácil será julgar da excellencia dos seus fructos.

Esta reconstrução de nacionalidade artistica está hoje manifestada em uma longa serie de poetas que se evita por ser longa deitar, e a oportunidade destas palavras vem como complemento pratico à urgente necessidade da revivencia do nosso Passado de que o illustre escripto M. Dias tão brilhantemente e propositivamente vem tratando.

V. de C.

COISAS DA VIDA

Aos jovens poetas Duarte J. de Viveiros e José Pereira

Era um dia de verão. Como todos, alegre e cheio de luz; passarinhos ruzando o espaço em todas as direções, chilreavam as susurrações matutinas.

Entre arvoredo solitario divisava-se um pequeno chalet, que parecia transparecer a nota suggestiva tristeza. Pois elle era agora habitado pela morte!

Julietta sentindo-se morrer estreitava o marido pedindo-lhe que a salvasse...

O medico do pequeno povoado tinhase retirado, communicando Paulo a inutilidade da sua presença, pois a terrível tuberculose tinha cumprido a sua missão e todos os esforços seriam baldados. Julietta, mãe de duas cabecinhas loiras que choravam sem consciencia alguma o quadro que se lhes desenrolava: seus olhos, mas sem por nem os sofrimentos d'aquella que lhes dera o ser... morreu, deitando para sempre trás, antes que na vida tinham sido tudo pra ella. Paulo que não casar por amor, mas por ambição doiro, em breve se sentiu irrequieto, tristonho, a batido, veio-se encerrado no mercenariuchalet, e cercado por uma nuvem de luto, aparente. Digo aparente porque elle nada soffreu com a perda da esposa. Como podia sofrer se casou por ambição?

Passado algum tempo uma troupe de actores de feira, visitou a aldea com o fim de

dar ali alguns espectaculos.

Paulo sentindo-se atrahido para o goso, saiu afim de se dirigir ao pequenino teatro da aldea, comprando um bilhete para o espectáculo que teria lugar naquela noite. Perguntando-lha os filhos aonde ia, não respondeu, olhando d'uma maneira tão indifferente para as pobres criancinhas, que ellas lançaram-se nos braços uma da outra, assomando-lhas aos olhos duas lagrimas limpidas, cristalinas, que, deslizando pelas roseas faces d'aquelles dois cherubins, se confundiram n'uma unica.

... Paulo não se lembrou mais dos dois filhos; pensou só no belo espectáculo que n'essa noite ia gozar. Ao subir o pano, a sua attenção foi lhe atrahida por uma dançarina que vestida de cigana, executava algumas danças com coqueteria, ahm de conquistar a platéa. Sorria-se... um sorriso de tal modo provocante, levando aos labios um cigarro que com extrema elegancia conservava entre os dedos. E fitando Paulo, fascinou-o tanto que elle nem sequer pensou em conhecer o intimo d'aquella mulher, pois por detrás de uma apparencia seductora, occultava a hipocrisia e o cinismo. Mas elle, cego, inconsciente, não reparando em tal, dirigiu-se num intervalo ao pequeno cubiculo que servia de camarim á artista.

Ali estava Valentina. Revia-se n'um espelho tosco, quando Paulo tremulo, pediu licença para entrar. Sem se dignar ir receber o visitante, balbuciou secamente a palavra «entre», deixando transparecer o enfado. Mas, conhecedora dos homens por uma longa carreira de aventuras, viu n'aquelle pretendente, que pelo seu aspecto, mostrava ser pessoa distinta, mais uma empreza a explorar, e compreendendo pela precipitação com que Paulo se lhe declarava, a sinceridade, fingiu-se ingenua, para que d'este modo conquistasse plenamente a confiança, dizendo-lhe ser uma rapariga honesta, mas que, achando-se sosinha no mundo e sem meios, se vira obrigada a recorrer á vida do theatro, para ganhar o pão.

Foi tal a paixão que se apossou de Paulo, que immediatamente acreditou nas palavras da comedianta. E exigindo-lhe juramento do que dissera e da sua fidelidade ofereceu-lhe a sua mão, pedindo Valentina alguns dias para lhe responder.

N'essa noite ao chegar a casa não foi beijar os filhos como de costume, porque a imagem da bailarina perseguia-o tanto que lhe fazia esquecer o amor paternal.

No dia marcado pela bailarina para responder á proposta de Paulo, este tinha o cerebro perturbado, temendo a deliberação da joven. Um intenso sobressalto se apossou d'ele vendo

aproximar-se a hora marcada, mas armando-se de coragem, resolveu ir á entrevista.

Achava-se Valentina possuida de immensa tristeza olhando para Paulo d'uma maneira tão glacial que o desgraçado a ruante sentiu-se cheio de uma enorme angustia. A's varias perguntas que Paulo lhe fez respondeu sempre inigmaticamente, fugindo quanto possível do assunto principal que ella tanto ambicionava.

No fim de algum tempo Valentina começou a narrar-lhe o encontro que tinha tido com uma cigana. Perguntando-lhe esta se queria saber o futuro respondeu-lhe afirmativamente dizendo-lhe a profetiza que havia de encontrar um homem vivo com dois filhos que a amaria em extremo e que a convidaria a occupar o logar que outra nova e formosa tinha deixado para sempre.

Esta premeditada historia fez com que o amor de Paulo desabrochasse por completo, fallando-se immediatamente no futuro casamento.

Os primeiros mezes de casados, passaram-se debaixo de boa harmonia. Mas, á maneira que Valentina se ia familiarisando, tonava-se d'um despotismo intoleravel.

As pobres criancinhas viam-se sem o amor de paé, recebendo maus tratos da que por desgraça tinha ido occupar o logar da infeliz mãe.

Tambem o aborrecimento se apossou de Valentina, não podendo suportar o marido já como companheiro, já como amante, estando por vezes no seu quarto com um retrato entre as mãos. Era o antigo amante do theatro que nunca tinha esquecido.

Depois de casada começou por exigir do marido a compra de joias que elle a principio fazia sem sacrificio, mas que dali a pouco foi a causa de uma subita ruina.

Um dia no jardim, Valentina foi encontrar Paulo com um revolver encostado á frente. Sem fazer o menor ruido tirou-lhe a arma d'entre as mãos perguntando-lhe a causa d'aquella loucura. Paulo envergonhado, diz-lhe que estava arruinado, que lhe faltava coragem para confessar á mulher amada a sua ruina, e que lhe era por isso impossivel satisfazer a todos os seus caprichos pois o seu grande prazer seria vê-la sempre feliz e com todos os confortos com que sempre tinha vivido junto d'elle até ali.

Um sorriso ironico pairou nos labios da antiga bailarina. Uma hora mais tarde, tinha partido, levando todas as suas joias, achando-se pouco tempo depois nos braços do seu antigo amante.

Dias depois, mais um ente saia do desafortunado chalet, mas esse não fugia, levou-o no

ANEXO 14: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autónimo*

Rubrica: Azulejos

Título: Lição dos Velhos Tempos

Número: 898

Data: 09-09-1916

O Autonomico

PRELADO DIOCESANO

A nossa ilha, tão fidalga e formosa como catholica, está sendo honrada e distinguida com a visita d'um Hospede illustre.

No paquete «San Miguel» chegou quinta feira da semana passada a Ponta Delgada, com o seu digno secretario, Conego Dr. Moniz de Bettoncourt, o Ex.^{mo} e Revd.^{mo} Sr. Bispo d'esta diocese, D. Manuel Damasceno da Costa.

Dentro em poucas horas, partiu da cidade e seguiu pela estrada do Norte, acompanhado d'um bom numero de sacerdotes em automoveis, para o aprazivel Vale das Furnas, aonde veio fazer uso das aguas thermaes e repouzar por um mez da sua demorada e fatigante visita pastoral ás ilhas do Fayal, Graciosa, Pico e San Jorge, devendo notar-se que n'estas duas ultimas abundam ainda os «caminhos asperos e fragosos», e guaes ou peiores do que os referidos na Vida do Santo Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.

Não descança, porem, o apostolico Prelado.

Nas proprias ferias de que estava em extremo necessitado, não olvida por um momento as pesadas responsabilidades do seu munus episcopal e, consequentemente, por onde passa vai, de continuo semeando o bem, trabalha com proveito em tomar conhecimento pessoal dos seus padres, das egrejas e parochias onde, conquanto appareça inesperadamente e com character particular, tem sido para logo alvo sagrado de carinhos, homenagens, respeito e actos espontaneos de regosijo, prestados pelo clero e pessoas seculares de todas as gerarchias sociaes á sua em tudo elavada personalidade que, forcejando omnimodamente por humilhar-se, dia a dia mais se exalta e amavelmente se insinua nos corações dos seus fieis e devotos, diocesanos.

Basta referir que domingo appareceu d'improviso n'uma das nossas mais invias freguezias, a Ribeira Quente, e dirigindo-se para a nova egreja, ainda incompleta, com a proficiencia e eloquencia de que é prodigamente dotado, falou ao bom povo do logar, que pressuroso e agradecido se acercou, em massa, de Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma}, recebendo o com indescriptivel entusiasmo e escutando-o com avidéz e veneração comoventes.

Bem haja de Deus e dos homens o Senhor D. Manuel Damasceno que é, positivamente, o Bispo de que tinha precisão a diocese dos Açores:—novo, activo, bom, abnegado, afeito ao sacrificio e á lacta, portuguez e patriota de lei, em suma, um Bispo que contra a propria vontade o chegou a ser, só porque a Santa Sé reconheceu n'elle as virtudes e sabedoria necessarias para o cabal desem-

AZULEJOS

XIII

Lição dos velhos tempos

Naquelle dia tomou-me do braço e disse-me a sua voz arastada:—A minha alma anda sempre a olhar aternecida a belesa dos temposidos; Como tudo mudou desa o espirito do povo até á expressão melancolica das coisas! Antigamente a vida era vida porque o sol era mais forte e luminoso, a lua mais palida e romantica. O ceu era mais diante e azul e toda a paisagem esta terra tinha um tom alegre de festa num bom sorriso de côr triunfante e viva. Agora por este tempo...

Calou-se. Hmedeceram-se-lhe os olhos de um profundo abandono. Tossi cavamente, limpou as lagrimas com as costas da mão e continuou:—Agora por este tempo vinha a alegria da apanhada dos milhos. Tanta cantiga pr esses campos fóra, a moçada vibrando no entusiasmo pno da vida boa e sã. Era a altura de todo o anno. Carros e bois chivavam por essas ruas a sua canção aguda e festa. Os portões das casas fidas abriam-se de par em par e azafama de tanta abundancia Vinham depois as alegres semanas da vindima, as longaslanças no lagar ao som das abecas desafinadas e monotons, um ruído de animação e trabalho enchendo a abobada sombria das adegas. Ao lado ficava a fructura de uma ribeira, fugindo entre arvores, e onde as mulherebatiam a rou-

pa a cantar e a rir, despreocupadas na delicia da sombra.

Tudo lá vaé! Tudo lá vaé! Percorrem se esses campos adormecidos e nem a surpresa de uma voz dizendo a alegria de viver. Os bons quadros d'outrora desapareceram para o o lhos avidos das coisas, simples e belas. Paíra uma intensa tristeza nesta hora apagada em que a paisagem perdeu o encanto da sua côr. Este silencio de morte devora-me a alma. Dir-se-hia que um grande corvo agourento abriu sobre nós as asas negras a piar a miséria destes dias. Tudo mudou de aspecto e de significação. Já as casas fidalgas perderam o seu tom senhoral e feudal. Um espirito mercenario e egoista, como um baso de maldição, penetrou o sentido de tudo. Sinto me morrer, meu amigo, cansado de tanto desengano. Eu proprio sou uma ruina do que fui. O meu corpo vive a vida de hoje, mas a minha alma é apenas uma saudadedo que lá vaé. E para que hei-de viver mais na constancia desta angustia?

—Para a redenção de um dia, respondi, para assistir ao despertar das velhas tradições, quando os homens se convencem que só na alma do passado enconstrarão o alma do presente e a sua propria alma. Sô então a vida terá retomado a sua feição primitiva e de verdadeira e serena alegria.

Setembro de 1916. V. de C.

penho dos deus do Apostolado.

Talqualmente pensam e sentem já hoje a respeito do seu venerando e muito amado Bispo os catholicos michaelenses, em plena harmonia com o pensar e sentir do seu clero que, sendo não raro instamente capitulado, como os seus patricios em geral, de rude no character, nas palavras e açoes, nunca cedeu nem cederá jamais a nenhum outro na docilidade, submissão, obediencia e dedicação aos seus Superiores hierarchicos.

Entre elle appareção, como em toda a parte, fragilidades e deficiencias; mas defeições, no exacto sentido do termo comum, nenhuma, podemos avançar.

A faltar, bem provaram incontrastavelmente o despreendimento e solidariedade que elle, sendo o mais numerozo da diocese, observou, como se fora um só homem perante essa «monstruosidade juridica», confeccionada e arremessada bruscamente ás faces da Egreja com o unico fito de fazêdesencadear um scisma no Fielissimo Portugal.

Eis como entendemos e podemos celebrar a primeira visita que a esta ilha, perpetuamente primaveril e donairoza em flores o Fé, se dignou fazer o Príncipe da Egreja Açoriana, ao qual com a mais rendida veneração saudamos, desejando sinceramente que a sua bela viageatura lhe retemper e consolide a preciosa saúde.

Pela Redacção
P. José Furtado do Couto

BOFOS

Opinião sensata

Da «Opinião», diário republicano:

O papado foi o primeiro a traçar, neste ponto, a linha de conducta dos crentes, mantendo-se, absolutamente, fóra e acima da conflagração.

Ainda não ha muito tempo maisinava o «Temps» a neutralidade do Papa, que este jornal quizera ver collocar-se ao lado dos alliados.

Seria um erro que o chefe da Egreja soube evitar.

A Egreja é extranha aos interesses terrenos e deixa os cidadãos livres de cumprirem os seus deveres, sem terem de optar entre a sua Fé e a sua Patria.

Infelizmente ha muita gente que teima em afirmar que o Papa deveria declarar-se a favor dos alliados, sem se lembrar que nos imperios centraes ha tambem bons catholicos que amam a sua patria e estão promptos a dar a sua vida por ella.

São, por isso, muito para apreciar as palavras sensatas e independentes da «Opinião».

Verdades incontestaveis

A'queles que censuram a attitude dos monarchicos, está definida por quem para isso tinha missão e auctoridade. A nobre carta de Sua Eminencia o sr. Patriarcha, o telegramma d'El-Rei, traçaram o caminho que elles seguem.

A attitude dos catholicos, assim como a dos monarchicos, está definida por quem para isso tinha missão e auctoridade. A nobre carta de Sua Eminencia o sr. Patriarcha, o telegramma d'El-Rei, traçaram o caminho que elles seguem. Quem se recusou até agora a cumprir o dever militar ou recusará amanhã os sacrificios necessarios? Quem do outro lado deu um passo a valer para essa união, que nem entre republicanos está realisada?

Testemunho auctorisado

A proposito das reclamações dos catholicos sobre capellães para o nosso exercito em campanha e da opposição feita pelo jacobinismo, enviou á «Republica» um reformado uma carta de que recortamos o seguinte trecho:

Assim é que as grandes nações onde ha criterio, procedem. E não é só a França republicana; é tambem a nossa allada Inglaterra, e são todas as outras onde as doutrinas de certos jornaes demagogicos são luz apagada.

Eu viajei com forcas inglesas vindas de Barotze; lá vinha o padre protestante e o catholico; lá estavam entre as forcas militares e nas missões ou sociedades de temperança o padre protestante e o catholico, sendo um dalles portuguez!

Nas diversas campanhas da nossa Africa, em que entrei, lá, andaram padres missionarios,

ANEXO 15: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autónimo*

Rubrica: Azulejos

Título: Saudades do fim do dia

Número: 900

Data: 23-09-1916

AZULEJOS

XIV

Saudade do fim do Dia

Veja você com isto é lindo! Espantava-me com d'um amarello d'ouro claro, uma apothecose luminosa de cor Vinha depois um cor de rosa palido e desmaiado e logo, na gradação sinfonica de luz azul se alargava, sereno e longo, sem uma nuvem que o maculasse. Ficamos os dois catados irresistivelmente em a belesa da tarde.

Gente regressa do trabalho trazendo ainda sobre os hombros vergados as ultimas uvas da apanha. Raparigas caminhavam para a fute, altas e esbeltas, o corpo forte meneando no equilibrio do cantaro. Um velho tropego, amado ao bordão, arrastava-se junto ao muro e duas ceguinhas passaram, ambas irmãs, no sangue e na desgraça, fallado baixo e sorrindo.

Contou-me então a saudade que tudo isto lhe fazia da semelhança dum tempo de longas terras em que andara. Fora numa aldeia beirôa, escura e pobre, tod' perdida no tom igual e vate escuro dos pinheiros. Numa tarde assim passeava-lhe as ruas tortuosas com creançasotas e sujas comendobroa a pra dos casebres onde um lumariste ardia no escuro da faren. Só a ermida muito branca, vejava entre o rebanto pardoe disperso dos telhados do coho. Tinham fi-

calo no adro gosando o fresco da tarde, olhando o riacho que corria entre hervas altas ao lado da estrada poeirenta. Então, no silencio maguado d'aquella hora, um côro unissono e religioso se elevava para os lados da fonte. Era um grande rancho de raparigas que cantava: Alleluia! Alleluia! Como ainda hoje o misterio daquella voz longinqua lhe perturbava a sua sensibilidade de poeta...

O segredo da sua arte era a sua religiosidade de mystico. Por isso, a todos os aspectos da natureza, elle preferia o encanto melancolico do poente, a grande oração da côr que esmorece e se dilue no segredo concavo das noites. E por isso tambem a surpresa daquelle canto espiritualisara a seus olhos a Paisagem inteira como se toda ella ajoelhasse de comoção sagrada, a cantar na singeleza d'aquellas vozes de pureza e mocidade Alleluia! Alleluia!

Disse-me ainda o concerto extranho dos sapos e das rãs que ouvira nessa noite em que só as estrellas brillavam mais distantes, e, durante todo o tempo que continuámos juntos, nunca mais me fallou, alheado e perdido, na belesa saudosa do seu sonho.

Setembro de 1916.

V. de C.

dra, mandava abrir os alicerces para a reconstrução, sabiam labaredas de fogo que matavam os referidos trabalhadores. Em virtude do mesmo poder Divino, e pela força das palavras do Mestre Santo, quando disse, que as Potencias do inferno nada poderiam contra a sua Igreja, também os furibundos e libertinos inimigos da Igreja cahiram fulminados pelos raios da Suprema Justiça, sem jamais poderem ver a sua obra demolidora.

A prova está bem clara. Nas escolas officaes, ou não, é expressamente prohibido o ensino do Catolicismo, nem mesmo no seu recinto se pode pronunciar o nome de Deus; e no entanto centenares de crianças de ambos os sexos são levadas ao templo catholico por seus paes para fazerem a sua primeira Communhão e por esta forma confessaram a sua Fé jurada pelos seus padrinhos na hora dos seus baptisimos sollemnes.

Como são bellos e encantadores estes actos religiosos! Como são grandemente concorridos, e bastas vezes orvalhados de lagrimas de alegria por aquelles que a elles devotamente assistem, e nfidamente comprehendem, que taes creanças de hoje serão a sociedade de amanhã, e assim uma sociedade religiosa e crente, vasada nos molles das maximas Evangelicas d'onde desabrocham as flores de todas as virtudes, e entre estas o amor e a paz no lar domestico e no gremio social.

A mais um d'estes actos tão edificantes e commoventes assistimos no domingo ultimo na esplendorosa festa realisada na bella Igreja de Ponta Garça vistosamente ornamentada, regorgitando de fieis e destacando-se junto do altar santo a magestosa personalidade do Venerando Prelado d'esta Diocese Ex.^{ma} e Rev.^{ma} Senhor D. Manoel Damasceno da Costa, que nos arrobamentos do seu acrisolado amor pelas crianças quiz celebrar missa e distribuir a Sagrada Communhão á grande turma de meninos e meninas para tanto previamente preparados pelo ensino da catechese.

Parece-nos que ainda estamos a ouvir a palavra fluente de Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma} frisando vehementemente a derrocada a que nos vae arrastando a falsa sciencia proclamada aos quatro ventos pelas escolas materialistas e cujos discipulos só miram habilitar-se na ganancia de cargos lucrativos. Só querem dinheiro e de resto salve-se quem puder do medonho catolicismo para o qual a corrida é vertiginosa.

O verbo eloquente do erudito Prelado dirigindo-se ás criancinhas foi para ellas e para todos d'um effeito sentimental, derramando nos corações as mais vivas impressões, quando lhes recommendou o frequente alimento do Pão dos Anjos, e a seus paes e mães o incessante

e sollicito cuidado pela educação religiosa d'seus filhos, exemplificando-lhes as virtudes christãs, comodizia o grande Pontifice Leão XIII, e nomeadamente a Missa e a Mesa Eucharistica.

Pelas 11 horas começou a missa solemne celebrada pelo Rev.^{mo} Sr. Edre José Furtado do Couto, que assistiu o Ex.^{mo} Sr. Bispo, e sendo orador o Rev.^{mo} Sr. Vigario José Jacintho Botelho, que se desempenhou muitissimo bem como é proprio da sua instrucção e dom da palavra.

De tarde houve a costumada procissão que n tambem acompanhada pelo senhor Bispo, que a tanto se preou, não obstante o fatigante jeiro. Para ser ágradavel abraç o sacrificio.

Como se vê de toda a brilhante festa, plo que muito felicitamos o Rev.^{mo} Sr. Vigario Francisco Medeiros Simas, que para tanto muito se empenhou e doçou, foi astroluminoso o Ex.^{mo} Prelado, figura verdadeiramente insinuante d'um geo atrahente, affavel e bondoso que sabe fazer suas as simphias de todos. Mais uma vez as nossas saudações ao eximo Varão Aposto-

correspondencia na estação áquelles que ali a procuravam e recebiam, ou a mandavam procurar e receber, acabando por completo com a entrega d'ella ao domingo. Apenas por occasião de malas extraordinarias é que a distribuem, quando porventura o tempo da escolha não papa de todo o intervalo para tanto estabelecido.

De modo que se por um lado nos deram regalias, por outro tiraram-nas!

Orá, pensando bem no caso, resolvemos expol-o ao chefe da estação, fazendo-lhe ver que era de muito mais conveniencia para o serviço e para o proprio distribuidor a entrega da correspondencia ali aos que a pedirem, por isso que, assim, mais depressa chegaria a restante nos seus destinos e mais a tempo tambem concluiria o carteiro a distribuição. Foi-nos, porém, respondido, que, em vista da letra do regulamento, isso não podia ser.

Ainda a falta da entrega de correspondencia ao domingo á noite, vamos lá porquanto, como apologistas do descanso dominical, não podemos deixar de dizer que os empregados do correio tambem são de carne e osso como os outros e têm igual direito ao descanso em tal dia. Quanto ao mais, não descortinamos inconveniente algum, em virtude do qual se negue ao publico essa velha regalia que em nada, absolutamente, briga com a nova; antes, pelo contrario, se harmonisa com ella á simil maravilha, pelas razões expostas.

Talvez que ao Ex.^{mo} Sr. Director dos correios d'este districto não seja difficil restabelecer o velho privilegio, junto d'aquelle que tão bizarra e promptamente nos concedeu ha pouco, afim de que todos fiquem satisfeitos, todos.

Com vista, pois a s. ex.^a

P. S. A proposito:

Ainda não terá nascido cidadão á altura de exercer o logar de 2.^o distribuidor entre nós?!

Um bem assignalado triumpho

Um bem assignalado triumpho acabam de alcançar, e

lido. V. F. do C., 20—9—916.

EM POUCAS LINHAS

Distribuição postal

Com respeito a este serviço chegaram até nós umas reclamações que, em attenção aos interesses do publico e cumprimento do nosso dever jornalístico, nos obrigaram a uma pequena entrevista com o chefe da nossa estação.

Como com prazer e applauso já aqui noticiámos, a distribuição da mala ordinaria passou a ser feita e tem continuado regularmente á noite, logo após a sua chegada, o que — de novo repetimos — é de vantagem para todos. E isto á simple vista se comprehende.

Mas, sempre havia de aparecer coisa que dêsse motivo a desagrados. E vem a ser que nunca mais distribuiram, como era costume, a

ANEXO 16: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autónimo*

Rubrica: Azulejos

Título: A morte do Santo (“Tradução de V. de C.)

Número: 901

Data: 30-09-1916

AZULEJOS

XV

A morte do Santo

Mortem Cantando suscepit
(Celano, Vita Secunda II, 162)

Não descereamos a vileza de lhes pagar na mesma moeda. Registaremos que o respeito que o «Mundo» diz guardar pelo seu leitor lhe permite as arrieiradas que temos transcrito; inbácil chapado, mariolas, cano de esgoto, difamadores, quadrilheiros, malfeitores, bandidos—eis o que nos chama. O «Mundo», vejamos bem, o «Mundo».

Viva a união sagrada!
Viva a fraternidade!

M. J.

Uma menina converte a seu pae

Uma menina, que n'este mundo era um verdadeiro anjo do Céu, tinha o seu pae perigosamente enfermo.

Sem sentimento algum religioso ninguém se atrevia a avisal-o do seu estado, e menos a falar lhe em Sacramentos.

A menina porem, sua filha, que no estudo do Catecismo christão tinha aprendido as verdades da Fé e o zelo, que todos devemos ter pela salvação das almas, abeirou-se d'elle carinhosamente e disse-lhe: «o meu Papá está gravemente doente, e eu aprendi, que os que têm peccado fazem um grande mal para si, querendo morrer sem Confissão, porque não podem ir para o Céu. Urge pois que o Papá se confesse.»

Estas palavras, unidas pelos aromas do amor filial, calaram fundamente no coração d'aquella pae, e pelo que apoz um pouco de silencio respondeu: «Obrigado, minha filha, o Senhor te abençoe, minha querida. Dever-te-hei a minha salvação!»

Effectivamente foi logo chamado o parochio, que depois de salutareas instruções dadas ao doente lhe administrou os Sacramentos da Santa Madre Igreja, e que elle recebeu com muita devoção e singular piedade, maravilhosos effectos da graça Divina.

Nos poucos dias que ainda viveu repetia muitas vezes: «Sem a minha querida filha, que seria de mim para a eternidade!...»

Falleceu muito conforme e resignado, invocando fervorosamente os nomes de Jesus, Maria e Jose, e dando indicios de que a sua alma se evolará para o Céu nas azas das santas orações repetidas e orvalçadas pelas lagrimas de sua filha, que fora o seu anjo junto do seu leito.

Que bello exemplo para todos os filhos e pessoas de familia, que tantas vezes deixam morrer sem Sacramentos os seus paes e parentes, e a pessoas de amizade pelo condemnável recio de os impressionarem, lembrando-lhes os seus deveres catholicos na hora extrema.

Quantas almas tem assim a

Depois que abraçou todos os seus discipulo fez com que o despissem todo o depusessem-lhe sobre a terra nua. Foi em inteira nudez deitado sobre o solo da sua via, que Elle recebeu do guardião, como derradeira esmola, o habito no qual devia morrer; e como este habito lhe não parcesse bastante pobre pediu ainda que lhe cozessem um retendo. Assim soube guardar até ao fim a sua fé á Santa Roba, a ponto de morrer sem psuir inteiramente nada sobre a terra senão aquillo que posira ao chegar a este mundo.

Depois do doze fatigado adormeceu; mas na sexta feira da manhã, ainda na penumbra da primeira luz a cruzada das dores o despeou. Os irmãos estavam tora constantemente rounidos á sua volta e o amor de S. Francisco por elles ia manifestar-se ainda de uma nova maneira. Julgando que aquelle diera uma quinta feira, dia em que o Senhor pela ultima vez seera com os seus discipulos pediu que lhe trouxessem urpão, abençoou-o, partiu-o e deu-o a todos os seus irmãos. «Agora id buscar-me a Estura», disse Elle, e lêde-me evangelho de quinta feira Sta.» Alguem observou-lhe quaquelle dia não era uma quinta-feira, mas Elle replicou-lhe: «isto faz mal, pensava que estamos ainda em quinta feira. Trouxeram-lhe pois o livro enquanto a manhã subia luminosa e serena a voz dos irmãos ergueu sobre o leito de S. Francisco aquellas palavras da Santa Escritura, onde ao mesmo tempo se encontram verdadeiramente resumidos todo o conho da sua vida e toda a sua doutrina: «Antes do dia da festa da Paschoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de deixar d'este mundo ao Pa, eno tinha amado os seus que tavam no mundo, amou os até o fim». E assim continuaram lendo até áquella passagem que diz:

«Porque Evos dei o exemplo para que, como Eu vos fiz, assim vós o fazeis também.»

Durante a vinte e quatro horas que Francisco viveu ainda, nenhuns irmãos se afastou de juo do seu leito.

Fr. Angelo Fr. Leão cantaram-lhe namente o *Canti-*

co do irmão Sol e sem cessar os seus labios moribundos repetiam o ultimo versiculo do hymno: «Bemdito sejas tu, Senhor meu Deus, por nossa irmã a Morte!» Pediu ainda ao guardião que de novo o despissem, quando se aproximasse o derradeiro instante, para que Elle assim pudesse morrer nu sobre a terra nua.

No dia seguinte, que era um sabado, chegou o medico e Francisco acolheu-o perguntando-lhe quando finalmente as portas da vida eterna se abririam para elle. Equalmente pediu aos seus irmãos que espalhassem cinza sobre Elle: «Porque cedo não serei mais do que pó e cinza».

Pela tarde começou a cantar com uma força extraordinaria. O que Elle cantava já não era o *Cantico do irmão Sol* mas o psalmo 141 de David que na *Vulgata* começa assim: *Vox mea ad Dominum clamavi.*

Cedo a tarde de outubro tombava entristecida e na penumbra da pequena cabana, no reio do bosque, junto da Porciuncula, os discipulos, escutando o mestre e retendo a respiração, ouviam Francisco cantar, a face voltada para o ceu:

«Com a minha voz clamei ao Senhor. Com a minha voz fiz deprecação ao Senhor. E assim continuou cantando até ao final do psalmo que diz:

«Tira do carcere a minha alma para dar gloria ao teu nome: A mim me estão esperando os justos até que me des a retribuição».

Ora enquanto Francisco assim resava, pouco a pouco as sombras tinham escurecido a pequenina cela.

Por fim a sua voz calou-se e um silencio abafado de morte se espalhou, um silencio que aquella voz nunca mais devia quebrar. Os labios de Francisco d'Assis tinham-se fechado para sempre; cantando, Elle tinha entrado na eternidade.

Mas mal a voz do Santo findara, logo todo o ar se encheu de um frémito subito e sonoro: eram as fiéis amigas de S. Francisco, as cotovias, que vinham dizer-lhe o seu ultimo adeus.

Setembro de 1916.

Tradução de V. de C.

infelicidade partirem d'esta vida apenas o Sacramento da Uncção ministrado talvez, no estado moribundo! Tremenda responsabilidade para todos

os culpados de tão lastimavel negligencia!

Fazemos a declaração de que o facto é narrado no «Pequeno Manual do Catequista» pag.

235. Só são nossos os corolarios; e ainda a asserção de que taes aberrações do sentimento religioso não vegetam no meio em que vivemos.

29—9—916.

Um quadro de miseria

E' uma narrativa muito triste o que hoje vamos contar aos nossos leitores.

Vae para anno e meio que morreu, nutua das ruas muito estreitas e insalubres de Lisboa, um pobre operario, deixando viuva e dois filhos, um de 5 e outro de 7 annos.

Ora, para bem esclarecer tudo, vamos acrescentar que pelo governo foi creada, ha tempos, a *Assistencia Publica* para cuidar das miserias alheias e substituir a antiga caridade christã. A *Assistencia* funciona num edificio publico e os seus directores recebem, juntamente com os empregados inferiores, a verba annual de trinta contos de reis.

A viuva e os filhos do referido operario é que começaram, apesar da *Assistencia Publica*, a viver uma vida de amarguras de difficuldades. Expulsos pelo senhorio da casa onde moravam, foram por caridade recolhidos por uma sua vizinha que se condeou dos pobres orphãos.

Começaram então os dois irmãos a mendigar e porta em porta nacos de pão e fazendo parte da enorme legião de miseraveis que se agrupam ás portas dos quartéis esperando as sobras do rancho.

Era no quartel da companhia de saúde onde os dois pequerruchos concorriam mas a sua desdita era tal, que muitos dias nada recebiam passando sem comer.

Taes repetições lhe minaram o fragil organismo, sendo tambem acometidos de uma doenca de peito, que mais augmentava a sua miserissima situação.

Ante-hontem, diz um jornal d'onde colhemos esta informação, de tal forma se agravou o estado dos pequenos que o mais velho falleceu, sendo o outro transportado ao colo da mãe a uma pharmacia, mas ao chegar alli fallecia tambem.

ANEXO 17: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autnómico*

Rubrica: Azulejos

Título: As palavras da Morte

Número: 902

Data: 07-10-1916

RES OREMIU

O'Autonomico

decidimos entrar na guerra no momento opportuno, procurando realizar o maximo de beneficios á custa d'um minimo de sacrificios.

Mal com uns e com outros

Diz a «Opinião», diário offectivo ao sr. Antonio José d'Almeida:

Mal com os catholicos, por causa dos livres-pensadores, e mal com os livres-pensadores por causa dos catholicos, o sr. dr. Antonio José d'Almeida, affirma-se como estadista independente e imparcial que sabe manter igual a balança entre amigos e adversarios.

Pobre homem e enervado estadista!

Sirva-lhe ao menos de consolação o que d'ello dizem ainda alguns amigos dedicados, até á cegueira. Antes era cantado como um *homem bom*; agora como *estadista independente*.

O que elle é, já quasi toda a gente está farta de saber — incompetente, inhabil, desastrado.

Nasceu para atirar palavras bombasticas ao vento; para reger homens e administrar a causa publica, é que não.

M. J.

MOVIMENTO RELIGIOSO

Ordem Terceira de S. Francisco

Na igreja da Ordem Terceira de S. Francisco desta Villa realisaram-se este anno, pela primeira vez e com extraordinario brilho, as festas em honra do glorioso Patriarcha S. Francisco d'Assis, com triduo que começou na segunda feira.

Na quarta feira pelas 8,5 horas da manhã teve lugar a missa cantada depois de numerosas comunhões dos Terceiros franciscanos na igreja Matriz e em S. Pedro, comungando n'esta ultima 54 pessoas. Durante a missa foi ainda administrada a S. Comunhão a alguns irmãos Terceiros.

Foi celebrante o mui digno Commissario Rev. Padre Manuel José Pires, acolitado pelos Rev. Padre Manuel Ernesto Ferreira e Padre Manuel Tavares de Meeiros.

Pouco antes de começar a festa chegara inesperadamente o Rev. Frei Antonio do Presépio Montiz em companhia do seu illustre amigo Ex.^{ma} Jayme Hintze e Ex.^{ma} Família, que obsequiosamente o tinham trazido a esta Villa com o fim de realisar o seu grande desejo de

AZULEJOS

XVI

As palavras da Morte

Assim fallou a forte: Anda sentar-te ao pé de mim, agora que inverno vem entristecendo a biesca da paisagem e que um nevoeiro denso paira nos montes como um veu impenetravel misterio. Anda sentar-te ao pé de mim para que eu te realce o segredo da vida e o que ha para alem della, qua os teus olhos não podem advinar nem presentir. Olha, meus pés, este mundo de miseria e podridão, onde o amor se transformou em tedio e a amade em odio, onde a caridade se fez vaidade e os humildes se fizeram soberbos, onde a presa se tornou escarneo e a pureza se tornou honra, onde a pobreza vive de desprezo e a riqueza vive de ambição onde os bons são escorraçados e apupados e os maus são glorificados e queridos. Que a tua alma considere a pequenez deste mundo: tão pequeno de bem e tão enorme de mal, tão farto de bondade e tão farto de crime, tão carecido de az e tão cheio de guerra, tão dho de verdade e tão repleto de mentira, tão pobre de justiça e tão rico de injustiça, tão quecido de abnegação e tão lembrado de egoismo, tão miliz de igualdade e tão feliz de desigualdade, tão perverso quanto falso, tão vil quanto mesquinho.

Descançou um momento e

continuou dizendo:

Eu sou como o nevoeiro que esconde a vista daquelles montes. Só aquelle que em mim penetra pode comprehender a inteira e perfeita significação da Vida.

Eu sou o nevoeiro que encobre a Realidade eterna; para além de mim fica o Sol que nunca se apaga e a Treva que nunca terá fim. Em mim os grandes se tornam pequenos e os pequenos se fazem grandes; em mim termina a victoria dos maus e começa a gloria dos bons. Que a tua alma considere a pequenez desta vida. Tudo se desfaz como o fumo ou se apaga como a luz que o vento assopra. A vida não chega a ser um dia do grande e chega á eternidade. Tão depressa nasce e já o fim se aproxima. Bemaventurados aquelles que morreram á nasconça. Para elles a vida foi apenas uma transição de dor: vieram do berço para a cova e a cova foi lhes mais aconchegada que o berço. Fundiram-se na terra-mãe e sobre elles serenamente cahiu a paz e o esquecimento. Bemaventurados tambem aquelles que assim adormecem no eterno repouso e porque adormecem nos meus braços eu sou para elles a verdadeira Vida.

Assim fallou a Morte.

Outubro de 1916

V. de O.

so um mais vivo entusiasmo pela Ordem Terceira de S. Francisco, cuja benéfica acção social se manifesta em todos os tempos e logares em que ella floresce e se desenvolve.

Uma quadrilha de gatunos

Os *Ridiculos* publicavam, ha pouco, esta preciosa informacão:

Estamos constantemente a receber queixas contra os garros que infestam a cidade de Lisboa. E' um pavor!

E' a pedrada, é o dito por-nographico, é tudo quanto ha de mau.

E depois não é só no garoto da rua é no educado, no estudante.

E não é só em Lisboa. Por toda a parte vae um cahos medonho.

Calcullem que lemos na *Provincia*, bisemanario que se publica em Coimbra, a seguinte noticia que até arrepia:

«*Quadrilha de gatunos*.—Encontra-se na 1.^a esquadra policial uma quadrilha de gatunos, que tem cometido nesta cidade diversos roubos de valor. E' composta por alguns alunos do Liceu, encontrando se já detidos cinco e continuando a judicaria em averiguações.

Irra! E' preciso que a rapaziada proteste contra esses seus camaradaas!

Os homens do futuro! Até dá vontade de morrer, como disse o sr. Antonio José d'Almeida.

Que desgraçada terra. Irra!

ALA DOS NOVOS

O amor e a morte

Amor, astro bendito que com teu lampejo sacrosanto me guistae através da senda escabrosa de minha atribulada mocidade; luz de bendita esperanza, esperanza de luz bendita, porque deixaste tão ingratamente minh'alma entregue só á tristeza?

Ah! já me lembra! a morte, ceifeira execranda d'illusões confortivas, sinistro veu d'amargor e de tristezas ofuscando-te a luz vivida do olhar angelico que t'illuminava, fez-te fugir para bem longe, talvez para sempre, reliquia sagrada d'uma lembrança querida.

Folhear os annais da minha infancia é pungir a alma com a lamina cruciante do lento martirio, é avivar com lagrimas de dor lembranças que o tempo quer desvanecermas enquanto a idade não esgotar o mais leve vislumbre de memoria, enquanto não se m'evolar o ultimo instante de vida, enquanto o sangue me fervilhar nas veias, contarei sempre cheio de dor e saudade a gran-

celebrar naquêl dia missa numa igreja franciscana.

Ao notavel rador sagrado foi instantemente pedido que dirigisse alguma palavras aos irmãos Terceiros que enchiam a igreja, ao qua principio se recusou alegando justos motivos. Todavia, depois de concluida a missa e tendo descançado um pouco da viagem e das impressões que sentira na celebração do Santo. Sacrifcio, em vista da grande anciedade que todos manifestavam e ouviu-o naquella occasião subiu ao altar mór e shi produiu um vibrante e comovente discurso que a todos deixou profundamente emocionados.

Fallou da providencia de Deus salvando os negres dos Apostolos, pelo angue dos Martires, pela sabdoria dos Doutores da Igreja, pelo entusiasmo dos Cruzados e finalmente pelo exemplo maravilhoso de S. Francisco d'Assis, e, estabelecendo a comparação entre o seculo do grande Santo e o actual, fez ressaltar com a sua palavra quente e inspirada as vantagens que a nossa sociedade de trará o desenvolvimento da Ordem Terceira.

Assim acabou a festa da

manhã.

Na tarde do mesmo dia, na conclusão do triduo, fez uma eloquente pratica o Rev. Commissario sobre a excelencia e o valor social da Ordem Terceira, enaltecendo as grandes virtudes do seu glorioso Fundador. Em seguida houve a absolvição Geral e commemorou-se o *Transito* de S. Francisco, terminando com a benção da Reliquia do mesmo Santo.

Por esta occasião achava-se o templo igualmente repleto de fieis.

Pelo deslumbrante exito desta festividade merecem os maiores louvores e calorosos parabens o mui digno Commissario da Ordem Terceira, nosso illustrado colaborador, Rev. P. Manuel José Pires e bem assim o nosso querido amigo José Tavares Corrêa d'Andrade que nunca se poupa a esforços em tudo que diga respeito á igreja de S. Francisco.

Merecem ainda elogios o talentoso organista, o zeloso mestre da Capella e os habeis musicos que tão desinteressadamente e de boa vontade concorreram para a maior solemnidade d'estes actos.

Deus queira que este facto desperte no nosso meio religio-

ANEXO 18: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autónimo*

Rubrica: Azulejos

Título: Carta para Longe

Número: 903

Data: 28-10-1916

SECÇÃO RELIGIOSA

A santificação dos Domingos e dias de festa

E' o terceiro preceito do Decalogo, que nos manda guardar aquelles dias e para cumprirmos essa obrigação, que nos foi recomendada pelo Deus do Sinai, e nos é exigida pela nossa Religião Catholica, devemos primeiro que tudo evitar os serviços braçaes, excepção feita nos casos, que a mesma Religião nos indica com as competentes restricções.

Devemos tambem digna e devotamente assistir ao augusto Sacrificio da missa, explicação do Evangelho e quaesquer exercicios piedosos, bem como entregar-nos á oração e leituras devotas, quanto pudermos.

E' por todos estes modos que podemos effectuar aquella santificação, e assim provar lucidamente, que somos catholicos e verdadeiros fieis. Ao inverso daremos occasião de serem postas em duvida as nossas crenças.

Não é muito que dando-nos Deus seis dias na semana para os nossos labores, reserve para Si um dia para Lhe rendermos os preitos das nossas adorações, e para o nosso repouso corporal, que aliás nos é indispensavel a bem da nossa saude e robustez.

No entretanto, e apesar de tantos beneficios e preceitos tão salutarres, não deixam de ser frequentes as profanações dos dias de guarda por parte do povo catholico.

Não assim os Israelitas, que sempre, e ainda hoje, respeitam o sabado, que é o seu dia de descanso. Não assim os Protestantes, que no Domingo guardam por completo a abstenção de todo o serviço.

Vergonha é pois que os filhos do Catholicismo se esqueçam do respeito pelo descanso dominical sem temor dos castigos, que muitas vezes ferem os profanadores dos dias santificados.

Vergonha é que escandalosamente se vejam, uns engolfados nos labores improprios de taes dias, e outros passando-os na crapula e no vicio, exemplos funestos dados por muitos paes a seus fillos com tão abominavel perversão de costumes, sem ao menos procurarem a E-

O Autonomico

AZULEJOS

XVII

Carta para longe

Minha querida amiga

A sua carta vem como a sua alma toda vestidada melancolia do outonno. Fira por toda ella a tristeza das tardes em que comensam de cahir as primeiras folhas mortas. Entra o vento de espir a graça do arvoredo e já saude na sua alma se pôa revolver as illusões passadas. Por isso me fico a olhar o mar do des seus dias como as grades ruas desertas de um paiz juncadas de folhas secas.

Anda agora a passear compondo a elegia do inverno. E os livros adormecem irresistivelmente no regço, porque o coração se prende se perturba em qualquer coisa que parte e que os olhos buscam ao segredo dos longos.

O outonno naminha alma é uma nau que ena as velas para a partida delem. E o seu encanto nos mesentidos é a canção da maagem pelas noites luarentas. Lizer a recordação de uma patria distante e querida. São agora bem quanto nos alheios da verdadeira felicidade. Passam as horas da nossa vida como a brevidade triste de um poente. E os sonhos cahem como as folhas secas lentamente sobre da desillusão. Tão envelheço de tedio ou de abono. Esta paisagem que outrora parece que está cruado os braços

para assistir á morte da sua belesa. Comtudo o sol é sempre novo e sempre alegre no ceu de um azul mais pallido. Assim nós deviamos erguer os olhos doloridos e cansados da terra para a Belesa que não morre nunca. Um outro Amor mais doce e mais forte nos devia subjuguar o espirito e os sentidos. Cada momento seria ungi-do da suavidade desta paixão, como uma primavera continua que nos penetrasse de perfume e de luz. Nunca a magua do outonno nos bateria á porta, nem o inverno do abandono se viria sentar á lareira da nossa velhice precoce. Uma grande e consoladora paz seria o azul constante do nosso ceu. Passamos na vida sem comprehender a Vida, olhamos a luz sem nos apercebermos d'ella. Ficamos na penumbra das nossas sensações contraditorias, somos a caravela parada em calmaria no mar do sonho que se não vive.

Comtudo a Morte a cada hora anda correndo as ruas dos povoados: Quando, minha querida amiga, se lembrará ella de nos acorilar? Talvez que então as flores que desabrocharem sobre a nossa campa digam em aroma o em graça a perfeição daquela belesa que não soubemos realizar. Bemditos os cegos cujos olhos se ofuscaram no Sol e não viram as trevas do mundo. Muito do coração V. de C.

greja para assistem ao Sacrificio da Ma.

E já que temos de transgressões do deceto do descanso dominical, vem a proposito recordo o que a tal respeito se conceda a nos os olhos.

Depois muitos clamores e repressões foi publicada a Lei d'aquelle descanso, e pel que todos os estabelecimentos commerciaes passaram conservar-se fechados no domingos.

A breve tho porem foram conceda excepções e facultadas lincas, sendo a ultima e a as extrayagante poderem proprietarios dos mesmos estabelecimentos serem cairos de si mesmos nos Domingos, em virtude da liberdade que n'estes dias goza os seus empregados. Es podem ouvir missa, e os patrões porque se pensaram a si mesmos.

Simplesmente uma irrisão! Uma pandeireta á portugueza !!

E' bem para rir, se não para lamentar tão monstruosa transformação verdadeiramente caricata !!!

Para não sermos mais extensos diremos apenas, que Dicoleciano, imperador Romano e feroz perseguidor da Igreja prohibiu, que os christãos assistissem nos Domingos aos officios Divinos.

Uma lei de tão manifesta impiedade não foi obedecida, mas sim repelida com a maxima coragem até ao martyrio como aconteceu a San Saturnino e a San Victor, que preferiram morrer trucidados, mas nunca atraiçoaram o seu nome de christãos pela profanação dos dias santificados. ***

Passou domingo o 394.º anniversario da subversão de Villa Franca do Campo.

ALA DOS NOVOS

CHRONICA ALEGRE

Um Mez de Férias

(Conclusão)

Num dos serões que passei na encantadora vivenda, falava-se e ria-se alegremente, quando me lembrei que já era tarde e fiz as minhas despedidas. Vou procurar a minha mula e ... Meu Deus, que tragica ventura... não a vejo.

Vejo-me logo á mente uma terrivel idéa: — roubada!, roubada a minha querida mula? Não, não era de crezê o que seria de mim sem ella?

Eureka! Não a tinham roubado, não! Estava deitada, confundindo-se com muita palha que se servia de cama; talvez para se resguardar do ar da noite, com medo de apanhar algum resfriamento, disse eu com os meus botões.

Acendi um fosforo e bati-lhe com uma vara para se levantar. Mas qual é o meu espanto, ao ver a mula não dar signal de si... Outra terrivel idea me acorreu á mente: —morta! Duas lagrimas me assenaram aos olhos, por ter que separar-me d'aquella fiel amiga. A minha comção, porem, foi rapida, lembrando-me somente que teria de pagar a mula ao seu obsequioso proprietario. Num ultimo e atrapalhado, fui ter com o meu condiscipulo Luiz, que tambem andava a gozar as ferias, pedindo-lhe que viesse comigo ver o cadaver da macrobia alimaria...

De volta, outra surpresa me deixou assustado, quando a vi já de pé, sorrindo... talvez para mostrar os seus rarissimos dentes alvos.

Nervoso, comovido, desandei a rir muito do caso, mas o susto cá ficou... pois ter eu, com esta peneira d'estudante, que idenisa aquella preciosidade mular, era uma boa espiga!

D'allá dias foi combinado ir-se em digressão á Lagoa do Congro. Iam todos em charabancos e eu... na mula inseparavel.

Um dos convivas que ia á minha frente disse-me com sorriso escarninho:—Vê lá a mula não caia. E, mal proferiu estas palavras, eis que o meu fogoso animal dá um grande solavanco, lutando para não cahir, enquanto eu com as redeas á altura da cabeça, o auxiliava nos seus herculeos estorços.

Felizmente a maganda aguentou-se, ou antes, a gente aguentou-se, mas até á Lagoa do Congro fui atacado de barriguite aguda, com medo de se repetir a mesma scena.

Achavam-se 28 pessoas n'aquella dia nas aprasiveis margens da Lagõa.

Em todos os rostos reinava o prazer e a alegria. A's 2 horas da tarde atirám-nos á fructa que nos soube... como marmelada.

ANEXO 19: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autnómico*

Rubrica: Azulejos

Título: Dia de Finados

Número: 906

Data: 04-11-1916

Quanto custa a guerra á Inglaterra

Muito interessante é esta noticia do *Financial News* sobre o recente discurso de Mr. Asquith:

«O sr. Asquith, referindo se ao recenseamento da riqueza, disse que, no balanço final do orçamento de 4 de abril, o déficit dos rendimentos publicos era calculado em lb. 1.323.000.000. Se houvesse de fazer-se supprimento para a guerra, sem augmentar a divida publica, como a moção exigiria, a totalidade de taes supprimentos teria de ser obtida por meio do imposto; o que significaria o lançamento de contribuições addicionaes, substancialmente eguaes ao triplo de todos os impostos existentes, o que seria em si uma proposta aterradora. Desejava dar uns outros exemplos da extensão a que o chamado «recenseamento da riqueza» chegou durante a guerra. Para um rendimento de lb. 500 em 1913-14, anno que precedeu a guerra, foi de lb. 13, e agora é de lb. 51. O imposto de rendimento de lb. 1000 era, antes da guerra, lb. 38; agora lb. 139. Sobre um rendimento de lb. 5000, o imposto de guerra, era lb. 292, sendo agora lb. 1502. Lb. 10000 por pessoa pagavam, antes da guerra, lb. 12458 e agora pagam lb. 47.129. Deve concordar-se que foi um progresso importantissimo, quando comparado ao que se dava antes da guerra; e relativamente não só ao imposto de rendimento, mas aos addicionaes e aos impostos por excesso de lucros, o agravamento foi notavel.

Se um homem, com um rendimento de lb. 100000, pagava o imposto por excesso de lucro, a sua contribuição total seria superior a lb. 50000, ou 12 sh. 3 d. por libra. E' fóra de duvida que nenhum outro país no mundo exigiu das classes abastadas coisa parecida com o que lhes temos exigido desde o começo da guerra. Não sabe se tal systema findou, ou não.»

A' sombra da Cruz

Doutor Congo Miguel Ferreira d'Almeida

Falleceu na cidade do Porto no dia 30 de Setembro ultimo aquelle erudito escriptor e defensor intemerato da Casa Catholica.

De Vizeu veio para aquella cidade da Virgem em busca de socorros medicos para a grave doença de que se achava a soffrir. Baldados porém foram todos estes, por que nos insondaveis designios da Providencia devia ir comparecer no Tribunal Di-

AVULSOS

XVIII

Dia de finados

Dia de finados. . . Ceu da chumbo . . . Ah! tristeza das primeiras chuvas algando campos e engrossando beiras. Lá vai a agua barrem marulhando de pedra em pedra. Ponho-me a olhar o mar onde um nevoeiro negro pairano horizonte. E toda a superficie azul se matiza do rendilado branco da espuma.

Tomba do ceu uma tristeza estranha e sentes a Morte mais perto a falar d'outra Vida. Agora nas campasas do cemiterio ficam se arossas a chorar o orvalho do abandono daquelles que lá está.

Pobres mortos osseos, como o meu coração vos sente e vos comprehende! No ruido da vida perderam-se as arpegias das vossas horas esquecidas. Ninguem recordou mais o vosso nome porque a terra o cobriu do despreso dos mos. E contudo, quantas almas de santos ou de heroes se esconderam nesses corpos rúes, enegrecidos de sol, curvados de trabalho intenso, contorcidos de miseria e de dor! Os pobres mendigos, esfarrapados e sujos, estendendo a mão a egoismo dos vossos irmãos, quando as chagas mordidas das moscas e da poeira das estradas, pobres cegos errantes, que passastes a vida cantando a monotonia da vossa musica e arrendo aldeias e caminhos, que nunca os vossos olhos supprehenderam e que só a vossa ma advinhou nas trevas dos vossos sentidos, como os meus olhos vos choram e a minha zha vos evoca.

Pobres creanças, filhas da fome e do desamparo, que a morte geifou na primavera do vosso martirio, misera gente do trabalho, honrados e bons, que construistes pelas vossas lagrimas e pela vossa pobreza a felicidade dos outros, e que, dia a dia, fostes cavando e labutando a vossa desventura, como a minha alma se entenece e se condoo ante o poema da vossa obscuridade.

Vinde sentar-vos ao pé de mim pela tristeza deste dia em que tantos olhos se encoam pela magua de uma separação. Vinde ensinar-me a humildade da vossa vida, a abnegação do vosso sacrificio, a resignação da vossa vontade, o desinteresse do vosso trabalho.

Quero aprender no vosso exemplo aquella Perfeição que o egoismo não comprehende, que a vaidade não admite, que a ambição não reconhece e de que a loucura dos homens zomba e amaldiçoa.

Oh meus queridos irmãos em alma, na lareira do meu coração está ardendo o fogo da vossa saudade. Vinde sentar vos e aquecer-vos, que a chuva cabe lá fóra e o vento anda resando a ladainha dos mortos.

Pobres almas de amargura, cujos corpos se perderam nas campas rasas do cemiterio, e onde apenas uma cruz tosca ficou dizendo o sonho eterno do vosso repouso, que a paz da Deus seja convosco.

Novembro de 1916 V. de C.

vino para receber a corôa dos justos!

Assim bem lhe mereciam as suas heroicas virtudes!

Resta a perpetuar-lhe a memoria a valmiosa collecção dos seus escriptos saturados da mais viva Fé e do mais encendido amor pela Religião e pela Patria, entre os quaes a sua Revista Catholica em que consumiu os ultimos 26 anns da sua vida laboriosa e madnidade da melhor vontade da defesa do Bem e da Verdade.

Que o seu espirito esteja no gozo da luz perpetua.

Publicações recebidas

— *Propaganda de Portugal*. Esta patriótica e saaz benemerita sociedade, cujo dema é *Pro Pa-*

tria omnia e tem por fim o desenvolvimento intelectual, moral e material do Paiz, e principalmente esforçar se para que este seja visitado, admirado e propagado por nacionais e estrangeiros, dignou-se ofertar nos seis excellentes albums em portuguez, hespanhol, francez e inglez, contendo noticias pormenorizadas e lindas vistas das principaes povoações, paisagens, monumentos, praias, thernas e edificios notaveis de Portugal continental.

São em tudo primorosos e mui nitidamente revelam quanto estão adelantadas as artes graphicas portuguezas.

A sede da sociedade é na Rua Garrett, 103—Lisboa.

— Os tomos 25, 26, 27, 28 e 29 da *Historia da Guerra Européa*, que merece ser recomendada, como por varias vezes temos feito, vindo a annunciar-a desde o principio na secção competente.

— Muito agradecidos pelas ofertas das referidas publicações.

Moeda antiga

O *Diario*, publicou ha dias um decreto determinando que deixem de ter curso legal, desde 1 de janeiro de 1917, em relação ao continente, e de 1 de abril, do mesmo anno, em relação ás ilhas adjacentes, as moedas de 500 reis do reinado de D. Pedro V, devendo efectuar-se a respectiva troca na sede do Banco de Portugal e nas suas delegações districtaes, bem como nas thesourarias da fazenda publica dos concelhos, por notas do alludido banco, e os minimos abaixo de 20500 por outras moedas de prata.

A VIDA

... Visitei o cemiterio,
Que misterio
N'aquella mansão de paz!
Olhei as cruzes singelas
Todas elas
Apoiando um: aqui jaz...

Contemplei a campã fria,
Tão sombria,
De milvirens cela estreita;
Meditei nos risos, dores,
Prantos, flores
De tanta illusão desfeita!...

Recordei odios, paixões,
Caprichos de negra sorte
Reciprocas afeições
.....
Dos que ali teem jazida...
E, então, no campo da Morte
Li o poema da Vida!...

José Cordovil

EMIGRANTES

Pedem-nos a publicação da seguinte tabella, emanada do Governo civil d'este districto; o que fazemos da melhor vontade, por ser de manifesto interesse publico:

Governo Civil do Distrito de Ponta Delgada

Aos emigrantes

Indicação das despesas pela concessão de passaportes

Emigrantes do Concelho do P. Delgada

Por cada emigrante:

Passaporte	6000
Bilhete de identidade	1050
Adicional	208
Registo	212,5
Emolumento	1225
Adicional	295,5
	921

Emigrantes dos restantes Concelhos do Distrito

Passaportes individuais:

Passaporte	6000
Bilhete de identidade	1050

ANEXO 20: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *O Autnómico*

Rubrica: Azulejos

Título: Natal

Número: 912

Data: 25-12-1916

O Autenímico

bo e de Martin de Behaim ou de Bohemia, e tantos outros que a seu ousado heroísmo se lhes pagou com o esquecimento.

Assim pois no Natal de 1459, no sítio de Santa Anna, na ilha de Santa Maria, e n'um altar á Virgem *Laetitia Angelorum* dedicado, tendo por remate no retabulo o chapéu deromeiro de Santiago com as conchas ou vieiras douradas symbolo de fortuna das viagens e descobertas oceanicas, sendo officiante um Frei da ordem de Thomar e servindo-lhe de acolyto o Grande Navegador, pela primeira vez neste dia do Natal se entoaram os hymnos de louvor ao Christo, e á Virgem se lhe rogou protecção e auxilio para a epopeia maritima occidental que ia começar.

Manuel Velho

Noite de Natal

Deante do velho presepio, onde o Menino adormeceu sorrindo junto da Virgem e sob o olhar amoroso de José, onde pastores descem a montanha dançando e tocando, onde riachos de vidro eternamente ficaram correndo entre herva macia e descoradas flores de papel, onde lá em cima junto das ameias da antiga cidade, os Reis Magos passam solemnemente sobre camelos egíptios e coreundas, ponho-me a evocar a belleza daquella noite de Natal do anno do Senhor de 1223, quando Fr. Francisco d'Assis voltara de Roma á solidão bem amada do seu vale de Rieti.

Pela rudeza daquellas estradas, ao frio e á chuva, elle caminhara apressado e feliz na dupla alegria duma missão cumprida e dum sonho a realisar. Honório III acabara de confirmar por uma bula a Regra dos Frades menores, e lá longe em Greccio Misser João Vellita estaria concluindo os preparativos para a commemoração daquella noite bendita.

Foi na floresta, sob a abobada verde negra dos pinheiros, numa gruta escavada entre rochedos com uma tesca mangedoura, cheia de feo, junto da qual uma jumentada descanzava e um boi ruminava alheado e tranquillo, que se celebrou a missa do Natal.

A sua alma de poeta e de peregrino da Terra Santa quiz assim recordar a saudade do Presepio de Belem e mais uma vez os seus olhos se quizeram enternecer de lagrimas perante a misera pobreza com que o Filho de Deus, por nosso amor, tanto se dignara humilhar.

A surpresa daquello acontecimento correrá por muitas leguas em redor, e por isso o povo viera no espanto da nova festa e estava agora ajoelhado junto da gruta, onde os frades menores, que tinham descido do visinho convento de Fonte Colombo, cantavam matinas.

No azul distante do ceu as estrelas brilhavam mais vivas e toda a floresta acordara á luz intensa dos archotes e na alegria triumphal dos canticos. Puzeram-se os ecos estremunhados a repeti-los tambem, para que assim os louvores do Senhor passassem como uma benção carinhosa de paz e de amor por todo o vale de Rieti.

Depois um velho frade subiu ao altar sobre a mangedoura para dizer a Missa, para que Jesus alli estivesse realmente presente sob as apparencias do pão e do vinho, como outrora o seu pequenino corpo descanzara na frieza da noite sobre a asperas da palha.

Mas logo ao lado do celebrante Misser

João Vellita enxergou um Menino deitado e dormião, os brucinhos em cruz sobre o peito nu rosado. Então Fr. Francisco avançou, deitado e suspenso no encanto da visão, tomou o Menino nos braços. Elle abriu os lindos olhos, sorriu, e durante muito tempo com as mãos papudas ficou acariciando a barba rude do Santo.

Depois cantou o Evangelho, Fr. Francisco, que acoliava de diacono, começou a pregar a maravilha daquella noite. Que-daram-seis aves nos ninhos para lhe escutar a voz sonora e amiga. Um fremito de ternura percorreu a multidão suspensa do fogo daquellas palavras.

E quando a Missa terminou, na gruta deserta, pelo silencio religioso da floresta escuracia que adormecera outra vez, os anjos ficaram ainda a cantar o cântico imenso que assombrara os pastores em terras de Judeia encherá das doçuras do ceu o desconforto do primeiro Presepio: *Gloria a Deo nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.*

Foi assim que uma alma de poeta e de santo sobe emprestar á Verdade religiosa a a ingenua tradição dos presepios que mais tarde recebeu accentuadamente o seu cunho regional e que atravez tantos seculos tem feis sempre a delicia das creanças e a saudade dos velhos.

Dezembro, de 1916

Cortes-Rodrigues

AX HOMINIBUS

No alta de dezembro. E' tempo de repouso e recolhimento. Entretanto, nos arredos de Belem, em escalvados montes onde o vento perpassa gelido e conte, vigiam cuidadosamente seus ranchos alguns pastores. Almas puras, crentes e idealistas, esperam com ansiedade, em cada anno que fallece, em cada dia que se extingue, relembrando tradições e prophcias, o Envado, o Redemptor.

De repente, numa rajada mais forte, ouve-se vozes de melodia estranha, que pregam: *Gloria a Deus no mais alto dos Cus, e na terra paz aos homens de boa vontade.* São anjos que annunciam o nasmento do Messias, a vinda do Salvador.

Esa creança, humildemente nascida em presepio, creada no desconforto na pobreza, só de poucas pessoas conhecida, cresce, desenvolve-se na obscuridade, e só nos trinta annos, na plenitude das forças phisicas, manifesta seu poder e ensina uma nova doutrina de amor e de paz.

Es milagres assombrosos, combate os vicios, moraliza os costumes, impondo o sacrificio como norma de vida; mas é pela caridade, pela bondade summa que elle mais se insinua nos corações e fazentir o predomínio nos espiritos.

Eos homens que se lhe entregam e segun seus preceitos e conselhos a-

mam-se como nunca, amam até seus proprios inimigos, recebendo em seus corações como recompensa uma paz reconfortante; paz que nasce do amor e da justiça, e se fortalece na abnegação, e na humildade.

Podiam ser perseguidos, açoitados, crucificados ou arremçados ás feras; suas almas, voltadas para Deus, fôco de luz e eterna belleza, permaneciam inalteraveis, gozando sempre as delicias duma paz que só de Deus pode vir, a paz que fora annunciada pelos anjos nas montanhas da Judeia.

Com o rodar dos seculos os homens esqueceram essa doutrina santa, pregada pelo Christo e praticada pelos seus primeiros sequazes; ou pelo menos deixaram perder um pouco do seu brilho e encanto. Em vez de se amarem, começaram a odiar-se muitos dos que se diziam christãos; em vez de se humilharem perante Deus, exalçavam-se de vanocidamente; e na sua sede insaciavel de prazer, felicidade e conforto, foram procurar a paz e alegria no concerto das vontades humanas e no raciocinio dos sabios.

Ah! mas com a civilização a guerra não desapareceu; a sciencia não a inquilou a dor; a fraternidade racionalista não expurgou o odio e a ambição da humanidade! E' que a paz vem de Deus, e quando os homens se afastam d'Elle, caem na desordem e na iniquidade.

Só reinará a paz na sociedade, quando ella reinar nas consciencias. Só reinará nas consciencias, quando os homens acceptarem e cumprirem de boa vontade a lei divina. Só então poderá ser cantado com alegria: *Gloria a Deus no mais alto dos ceus, e na terra paz aos homens de boa vontade.*

D. Sathões

NATAL

Natal da minha infancia, em que as minhas saudades se fiseram os bonecos do meu presepio e em que as minhas lagrimas se ficaram sendo o espelho que é o lago do peccador solitario, bendito sejas nesta hora em que me sento deante de ti para recordar uma beleza que revive no encantamento do meu Sonho.

A meu lado está a figura d'Aquella que nunca nesta noite me teve nos seus joelhos. Mas, nesta ternura que de ti me vem, as minhas dores adormecem-me tranquillamente no regaço. E é como se Ella me tomasse nos seus braços e me adormecesse outra vez cantando a alegria serena d'esta noite de misterio e d'amor.

Dezembro—1916.

Violante de Cysneiros



ANEXO 21: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *A Actualidade*

Rubrica: Comentários

Título: Maria Joana

Número: 182

Data: 23-05-1923

Comentarios

Maria Joana

Outro dia, no meio dos Castros, a Maria Joana appareceu, vestida de claro, vaporosa e feliz.

Fui falar-lhe. Ha quanto tempo a não via...

Tinha estado no campo, muito aborrecido, muito só, muito triste naquela monotonia da aldeia. Chegára a adoeecer...

—Neurastenia?

—Talvez! O medico falára do estomago, Digestões lentas, cuidado com as comidas...

Mas agora regressára radiante. Estava finalmente na cidade; podia dançar, tocar, conversar, sentir-se nova, sentir-se boa, sentir-se outra.

Aquella silencio do campo impressionava-a muito. Quando a noite chegava era um pavor espreitar pela janela e ver lá fóra a escuridão profunda, sinistra, ameaçadora. Depois aquella musica constante dos grilos irritava-a, não a deixava dormir... Os pobres não a comprehendiam ou ei não os comprehendia a elles: achava-os banais, grosseiros, sem sensibilidade...

O vizinho brasileiro não sabia dançar o Fox-trot e não falava senão no Rio e nas doencas e nos negocios.

Um horror!

E como o piano vibrasse nos primeiros compassos, perguntei: —Não quer dançar?

Conversamos mais. Quando serviram o chá, fui eu que lhe quiz recomendar os doces, soltinho, amavel, com uma pontinha de ternura por a ter sabido doente e a ver ali sorridente e sadia:

—Estas queijadas são excellentes... Não deize de provar o bolo que é muito gostoso.

E sempre a Maria Joana respondia: — Muito obrigado, mas não como; tenho receio, pode fazer-me mal...

Este doce é inofensivo...

Não. Bem vê. Tenho medo. Pode fazer-me mal. Estive dois dias sem a vêr. Ao terceiro tive noticias pelo irmão. Recairra: uma gripe ligeira, sem importancia.

Fui vê-la. Estava numa poltrona com um manto sobre os joelhos. Ao lado numa meza pequena, desmaiavam tres rosas num solitario. E as faces de Maria Joana eram mais coradas que a palidez das rosas.

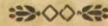
No reçoço tombára, aberto, o livro que estava lendo. Disse-me o nome, a sorrir, naturalmente. Era um romance da moda, arte falsa, moralidade nula...

—E não tem medo que lhe faça mal?

V. de C.

meditem no exemplo da Russia: é um facto que somos um povo ameaçado pela anarquia, e que são os católicos os primeiros a expiar os crimes colectivos, que não souberam ou não quiseram evitar.

O PROBLEMA RELIGIOSO EM PORTUGAL



Uma conferencia nas Juventudes Monarquicas conservadoras

Alguns jornais locais transcreveram a parte essencial da conferencia que, sob o titulo «O problema religioso em Portugal», foi realisada pelo Sr. D. Tomaz de Vilhena, na sede das Juventudes monarchicas conservadoras.

Sendo o assunto da maxima importancia, e tendo a «Actualidade», nos ultimos meses, dirigido para elle a sua melhor atençaõ, não podemos deixar de dizer o que se nos offerece.

Além do assunto versado, e além do prestigio do conferente, as palavras do Sr. D. Tomaz de Vilhena tem ainda uma importancia capitalissima por estes dois motivos:

primeiro: ter sido indicada, pela Santa Sé e pelo Venerando Episcopado, a solução do problema religioso em Portugal;

segundo: ter a imprensa constitucional promovido, e continuar promovendo, uma guerra sistemática e implacável á organisação política dos católicos, á qual a Santa Sé e o Episcopado confiaram a defesa da Religião no campo politico.

Ao elaborar a sua conferencia sobre o problema religioso em Portugal, o Sr. D. Tomaz de Vilhena encontrou-se nesta situação: a Igreja traçou aos católicos portugueses o caminho a seguir, tanto sob o ponto de vista dos principios orientadores, como sob o ponto de vista da applicação pratica; a assistência á qual a conferencia se destinava tem por objecto levantar todos os obstáculos á realisção das instinções da Igreja.

Tudo indicava que a conferencia do Sr. D. Tomaz de Vilhena fosse um calmante para tão pernicioso desvario.

E assim, o conferente diria que os monarchicos, que se dizem amigos e defensores da Religião, devem começar por obedecer á Igreja, respeitando os conselhos de Sua Santidade o Papa e dos Sanktores Bispos de Portugal; que os monarchicos, que o seu programa a solução do problema religioso, devem comportar-se de modo a não contrariar a organisação dos católicos, e devem pelo menos desejar que o regimen em vigor satisfaga as mais elementares e necessarias relembranças da Igreja.

O conferente diria que quando a Igreja fala todo o catholico a escuta, para a comprehender e para lhe obedecer; e que a Igreja muito categoricamente collocou a solução do problema religioso em Portugal fóra da questão de regimens politicos.

Mas o relato dos jornais diz que o Sr. D. Tomaz de Vilhena falou assim:

«A solução do problema religioso em Portugal só poderá ser resolvida pela restauração da Monarchia (Enthusiasticos e prolongados applausos).»

«Fóra disso — prosegue o sr. D. Tomaz de Vilhena — os católicos terão de sofrer rebotes, vexames e perseguições! Nada mais! (Novos applausos).»

Sé pela Restauração da monarchia! E' inutil, pois, a organisação católica. Que os jornalistas Católicos quebrem a cabeça, porque só a restauração monarchica resolverá a questão religiosa! Que os católicos despre-

sem e calquem aos pés as exortações dos seus Bispos e os conselhos de Sua Santidade o Papa, porque tudo isso é inutil, absolutamente inutil!

O Venerando Episcopado Português falou com esta clareza:

«O unico remedio é a uniao dos católicos.»

«Esta uniao arreda sistematicamente a preoccupação de regimens politicos, não porque os despreze, mas porque reconhece que primeiro está Deus e a sua gloria.»

«E se daqui a algum tempo a legislação offensiva dos direitos da Igreja não estiver revogada, se a Igreja ainda não fór livre, a culpa será vossa, porque isso provará que não soubestes ou não quizestes unir-vos, como os vossos Pastores vos indicaram.»

E' assim que a Igreja fala aos católicos portugueses. O conferente, porém, entendeu que a Igreja não sabe o que diz, e foi proclamar que só a restauração do seu regimen politico... é o unico remedio da questão religiosa!

Que tristissimo exemplo!

E ha por esse Portugal fora uma multidão que se diz Católica, e que recebe com franca hostilidade os conselhos dos Pastores da Igreja, e que recebe com diabolico entusiasmo a voz fariasa dos que, dizendo se defensores da Religião, começam por se revoltar contra o mais elementar dever christão: obedecer ao Santo Padre e aos seus Bispos, seguindo o seus ensinamentos.

Ao que nós chegámos!

Na Juventude Católica de San Pedro

A conferencia do Sr. Augusto Carreiro de Teves

Constituiu uma brilhante afirmação de vida intelectual Católica a conferencia que o nosso querido Amigo Carreiro de Teves realison na Juventude Católica de S. Pedro, no dia 13 do corrente.

Num estilo primoroso, o conferente fez sentir á assistência, com os mais solidos argumentos da historia, como estão intimamente e indissolvelmente unidos na terra portugueza, o amor de Deus e o amor da Patria. O assunto é de uma flagrante actualidade, pois da pretensão de quebrar aquella uniao é que resultam, principalmente, as graves perturbações da hora presente.

A impressão profundamente agradável que a conferencia deixou em toda a assistência não constituiu, para nós, uma surpresa. Numa pequenina associação intitulada «Círculo de Estudos» tivémos occasião de conhecer a esmerada cultura intelectual do conferente, e quanto o seu belo espirito é capaz de produzir.

Fazemos os mais sinceros votos por que o Sr. Carreiro de Teves entre activamente no labor que se imbué a nova geração católica açoreana — fazemos, e

JOAQUIM ALVARES GABRAL

No dia 16 do corrente faleceu nesta cidade o Sr. Joaquim Alvares Gabral, que ha alguns meses vinha sofrendo de uma impertinente doença.

Com esta morte perde a sociedade micalense um dos seus membros muito illustres pela nobreza do sangue e pela nobreza de uma vida de virtudes. A bondade foi uma grande característica do seu coração.

Pertencendo, varias vezes, aos corpos administrativos locais, onde revelou o maior disstelo pelos interesses publicos. Foi tambem representante consular, nesta cidade, de muitas nações estrangeiras.

No seu funeral tomaram parte numerosas pessoas de todas as classes sociais, tanto da classe pobre, da qual foi um dedicado benefactor, como da primeira sociedade, da qual foi um illustre membro.

A toda a familia enlutada, especialmente aos Ex.ºs Srs. Joaquim Alvares Cabral, Francisco Alvares Cabral e José Alvares Cabral, as nossas mais sentidas condolencias.

Que Deus tenha, na sua paz, a alma do illustre finado.

esperamos que assim aconteça.

A imprensa local, referiu-se a esta conferencia em termos muito justamente elogiosos.

ARTE AÇOREANA

A exposição do pintor Domingos Rebelo

Com este titulo publicou o sr. dr. Luiz Bernardo Leite Ataíde um artigo em o n.º 1 de «A Terra».

A alta competência do sr. dr. Luiz Bernardo dá ás suas palavras uma especial importancia, sendo-nos grato transcrever as frases em que S. Ex.ª sintetisa a sua apreciação:

«O pinel do artista vai conquistando dia dia novos louros.»

«... Domingos Rebelo, que já hoje occupa um logar na arte portugueza, evoluiu na plena pujança do seu brilhante talento para estádios de ascensional aperfeiçoamento.»

Nelle temos um grande Artista e assim a sua exposição foi acolhida pelo publico com verdadeiro entusiasmo e o seu trabalho coroado com bem merecidos applausos!

Economie Nouvelle

por George Valois

Livro muito recomendado a todos que se interessam pelas questões economicas.

Critica detallhada dos erros da economia liberal.

Exposição e defesa da economia socialista integral.

CARTA

A proposito de "mulheres bonitas e mulheres feias"

Snr. ...

Li as considerações de Argus sobre o estado de aviltamento a que a mulher vaé descendo, a ponto de a apresentarem como objecto de luxo e instrumento publico de prazer. Li, reflecti, e gostei...

Mas, penso que Argus foi severo para com aqueles a quem chama meninos da litteratic falhos de bom senso e abundantes de mau gosto. Argus foi injusto, pelo menos relativamente. Porque é que esses meninos fazem a divisão das mulheres nas duas categorias de bonitas e feias? Porque as mulheres teimam e reiteimam em se nos apresentarem sob o aspecto de beleza. A verdade é que, em regra geral, nas mulheres de hoje predomina a preoccupação de triunfarem pela bonitaza.

Se a cór da sua pele lhes parece pouco propria para agradar, pintam a cara; se a cór do cabelo lhes parece feio, pintam o cabelo; e se o peito que a natureza lhes deu parece sumidinho, arranjam maneira de que ele pareça... o que não é.

Esta preoccupação de ser bonita é quasi uma mania. Ora se as mulheres teimam em se apresentarem sob este aspecto, se ellas procuram triunfar por este meio, é natural que os jovens literatos sejam levados, até sem dar por isso, para a divisão que, concordo, era costume applicar a certos animais de estimação.

Compreendo muito bem que os moralistas se indignem contra este estado de coisas; mas é preciso ser justo, e manda a justiça que não se lancem todas as culpas sobre os novatos da litteratic, quando a verdade é que a maior parte dessas culpas pertence ao sexo fragil.

Se V... publicar esta carta, o que significará um assentimento á minha maneira de pensar, enviar-lhe-hei muitas outras. Posso assegurar a V... que, sobre este assunto, sou um mestre, modestia á parte. Conheço historias curiosas e tenho certa pratica de recente polidór da Rua Garret e Rua do Carmo, as quais parece-me, costumam chamar o Chiao, de modo que... posso falar sobre o assunto. Com as minhas Cartas V... arrisca-se a perder alguma leitora mais repontona; garantilhe, porém, que não perderá nenhuma leitora sensata. Se quizer, disponha do

DIZ VERDADES

ANEXO 22: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *A Actualidade*

Título: Ruy Barbosa

Número: 183

Data: 30-05-1923

RUY BARBOSA

A um de Março deste ano da graça de mil novecentos e vinte e tres, morria Ruy Barbosa em Petropolis. O governo brasileiro decretava luto nacional por tres dias, sendo prestadas ao grande Morto as honras de Chefe de Estado.

Todos os jornais se occuparam deste acontecimento que interessou o mundo inteiro, tal o renome que o illustre jurista da America latina soubera ganhar pelo seu esforço, pela sua energia, pela sua pena e pela sua palavra.

Jurista, economista, moralista, sociologo, critico, orador e publicista, foi redactor do Diario da Baia de 1871 a 1878; de O Paiz (1884-1897); do Jornal do Brazil (1893) do Diario de Noticias (1889) e da Imprensa de 1898 a 1901. A sua admiravel actividade vai ainda mais longe: foi sócio fundador da Academia Brasileira de Letras e mais tarde seu segundo presidente, substituindo Machado de Assis.

Vai á conferencia internacional de Haia, deslumbra a assistencia pelo seu saber e vem a morrer membro do Tribunal de Justiça Internacional da Liga das nações.

Conferencista notavel fazendo o assombro da Republica Argentina, a Franca agraciada-o com o officulo da Legião de Honra e Portugal com a grã cruz de Cristo. Alguns dos seus trabalhos foram traduzidos para francez e prefaciados por Paulo Dechanel que foi presidente da Republica Francesa.

Possuindo com eloquencia e erudição um conhecimento profundo da lingua portugueza, recô o Código Civil, mil e oito centos artigos com longas e minuciosas notas!

Político, orador, polemista, gramatico, estilista nada faltou a esse homem admiravel: nem o sentimento religioso!

Os jornais, todos os jornais do mundo disseram isso que para a ficia e mais do que isso como era justo dizer. Mas, por uma fatalidade de memoria, a maioria desses jornais esqueceram-se de falar dos sentimentos catholicos de Ruy Barbosa. E eles que são tão bisbilhoteiros em relatos de crimes, de guerras ou de politicas esqueceram-se de informar os seus leitores que sobre a mesa de trabalho do maior brasileiro havia sempre um crucifixo!

V. de C.

vos para com os que nos guereiam, depreciavam ou insultam: não sabem o que fazem.

Fechamos completamente os ouvidos á voz satânica das almas selvas que se regosijariam com o desaparecimento da Juventude Catolica de Ponta Delgada. Quem tem tais preocupações só merece dól!

Sem Travão

Não somos o que moderna mente se chama um homem via jado.

Mas a leitura, a conversação e a reflexão, suprem até certo ponto as viagens, para quem não dispõe de recursos que lhe permitam dormir tranquilamente nos adechs dos grandes transatlanticos, ou nos sleeping cars dos luxuosos expressos europeus. Ainda assim, alguma coisa esbemos do que vai por esse mundo de Cristo.

Os homens parecem cada vez mais dominados pelo espirito de revolta contra Deus e contra a Ordem social.

Nessa Russia enorme e enigmatica, sucedem-se os crimes mais horripilantes, e as scenas de miseria, de cobardia, de per versão e de sinismo que la se desmroam ante os olhos espectantes e inactivos da Europa, parecem mais um pesadelo horrivel e fantastico, do que a crúa e evidente realidade. A quanto pode descer a fera humana, o Homo lupus hominis, quando perde a religião e a moral, quando se lhe despedaçam os grilhões que a traziam acorrentada, en quadrada no meio das instituições seculares e eternas!

As scenas de canibalismo que vão já repugnando aos caralhos e polinésios, repetem-se agora em Kief, em Astrakam, em cidades onde ha cinematografos e seroplanos, jornais diarios e telegrapha sem fios, onde existe e se conhece todo esse apetrecho mecanico de que tanto se ufana a nossa civilização.

Que ilusão! Não são as invenções mecánicas e inícios da civilização dum povo ou duma época; são a elevação do pensamento, o respeito pelos direitos dos outros, a boa conduta moral e social.

O cobarte assassinato de Mgr. Bukorviesky, bispo-martir do ódio bolchevista, a condenção a prisão celular por dez anos do santo e septuagenario Arcebispo de Petrogrado, Mgr. Cieplak, a condenção provavel do patriarca ortodoxo Tikon, o cinismo com que os dirigentes dos sovietes responderam ao apelo do Sumo Pontifice e ao protesto das principais potencias europeias, sem falarmos já nos passados crimes bolchevistas como o martirio infidigo ao bondoso Czar e a toda a familia imperial, colocam a Russia comunista abaixo da Hotentocia e da Nova Guiné.

E todavia, são homens cultos os que presidem á desorganização do povo eslavo; são em grande parte intellectuais, mas desvirtuados pelas funestas ideias de dissolução social, as ideias revolucionarias de Rousseau e de Kant, de Carl Marx e de Kropotkine, de todos os grandes malfeitores intellectuais que, desde Lutero, tem procurado destruir a Ordem social europeia. Em grande partido, são também movidos pelo ódio maçónico e judaico a todas as religioes, especialmente ao Catholicismo. o mais solido baluarte que se opõe a todos os erros, a todas as tiranias, a todas as anarquias, a todos os crimes.

Reflexo do que vai pelas campinas moscovitas, em effeitos mitigados das mesmas causas, em toda a Europa se observa nas classes trabalhadoras, ou melhor, nas classes incultas (porque tra-

balhadores somos todos nós), um espirito de revolta, de sobranceira, de vista soberba, de amor á sua conquista. Se ainda não conquistaram a ditadura politica, são já os proletarios quem dita a lei economica. Por toda a parte—na Inglaterra e na Alemanha, em Barcelona e em Lisboa, é o operariado quem se impõe, quem manda e quem critica. E, como é de regra em toda a acção colectiva, em todas as manifestações da multidão, são sempre os peores elementos, os mais extremistas, os mais sudiciosos, os menos escrupulosos que orientam e dominam. Dai resultam essas graves contínuas rebanhar de bombas homicidas, essa mandria geral que se traduz na deminuição geral da produção e no encoarimento correlativo da vida.

Trabalhar o menos possível; gozar a vida epicuricamente—eis o seu ideal.

Verdade seja que do campo chamado burguez, da alta e média sociedade, o exemplo é nefasto e corruptor.

Aqui não é menor a corrupção, a demoralização e a criminoso inconsciencia com que preparam a propria ruína. A chamada boa sociedade, os vellos e os novorricos, não está menos corroida pela vaga materialista que alastra pela Europa e pelo mundo.

Esqueceram-se os preceitos da caridade e humildade evangelicas; obliteraram-se as virtudes cristãs da sobriedade e da modestia. Campaia por toda a parte um luxo escandaloso e despendurado. Um só ideal parece guiar os homens—gozar.

Esse luxo ostentoso e desonesto; esse enriquecer sem escrupulos e esse dissipar sem regar nem compromisso, savam cada vez mais fundo o abismo que separa as classes pobres das classes favorecidas da Fortuna, oentam cada vez mais a cerrimo o ódio á sociedade, ao rico, ao capitalista, ao poder, á autoridade que mantem essa injusta desigualdade.

Cristãos nos dizem todos: catholicos nos afirmamos muitos.

Mas em que se differencia o nosso viver do viver dos ateus e não-catholicos? Em irmos á missas aos domingos? Em baptisarmos os nossos filhos na Igreja? Necessario é que o façamos, pois são preceitos obrigatorios.

Mas onde está o espirito religioso?

Onde aquella fé viva que transparece em actos, que modela a personalidade e lhe imprime caracter? Onde aquella caridade ardente, aquele amar o proximo por amor de Deus, que animava os cristãos de outrora e tornon possível um S. Vicente de Paulo, um S. João de Deus, um S. Francisco de Assis? Onde aquella ananidade de costumes que se deve observar em uma sociedade impregnada de espirito cristão?

Onde aquella disciplina que é apanagio do Catholicismo e que tornon possível na Idade Média essa grande instituição que se chamon a Cristandade?

As egitadas ondas do Atlantico não podem insular nos tão completamente, que não chegue até nós o erro e a perversão. Modestamente, por enquanto, lenta-

mente até agora, mas a demoralização entre nós vai-se accentuando. O nosso viver insular já não é o mesmo de ha dez ou vinte anos. A criminalidade aumenta. Os costumes corrompem-se. A prostituição alastra e afoita-se. O alcoolismo faz cada dia mais vítimas, mais idiotas, mais tarados, mais epilepticos.

A mocidade com raras excepções, perde o respeito á velhice e gloria-se duma perversão precoce e requintada. O operariado torna-se exigente, insolente e praguioso.

Peor que tudo isto, porém, é que não vemos nada a contrapôr-se á corrente de demoralização. O espirito religioso está latente, mas esquecido. A fé, se existe, é uma fé morta, sem coragem para o sacrificio das baixas paixões, sem instrução religiosa, sem espirito associativo. Uma fé, que é como se não existisse.

Cristianizemos os nossos costumes. Iluminemos a nossa fé. Sejamos cristãos de facto e não só de nome, e poderemos ter esperanças de nos salvar da derrocada.

A atitude dos Catholicos

Certos sociologos — nestes tempos de democracia toda a gente está habilitada a dar sentenças sobre governança publica—que vem as questões politico-sociais atravez de um prisma que as deforma e desloca, não serão capazes de compreender a atitude dos catholicos portugueses. Nem por isso estes deixarão de cumprir o seu dever até ao fim.

O Dr. Joaquim Diniz da Fonseca, um dos mais ativos e infatigaveis soldados voluntarios da Causa Catolica, escreveu, ha pouco, na «A União»:

«Chegados ás votações, quando o chamado cheque ao governo viva apenas a criar-lhe dificuldades, quando se trata de mero obstructionismo parlamentar, os deputados catholicos não duvidam inclinar-se para o lado do governo, seja quem fór que o represente; não porque esta atitude envolva qualquer subserviencia, mas porque reputam de boa politica cristã não agravar os que suportam o fardo do poder, sempre que não há embates de principios mas apenas de paixões;—e ainda pela convicção que temos de que nada favorece a ordem publica nem moralisa os costumes politicos, mórmente numa época de indisciplina social, derrubar governos, pelo simples prazer de os tombar, sem ter a certeza e nem sequer a probabilidade de que serão melhor substituidos.

Apoiar os governos, detentores de uma autoridade que vem de Deus, em tudo quanto eles possam fazer em beneficio da ordem publica e do interesse comuna da sociedade, não é favor nem transigencia politica que envergonhe, mas dever civico bem entendido, e que em vez de contrariar a doutrina catolica antes por ela é recomendado».

OS SPORTS

—A paixão dos nossos dias pelo sport é a prova real da baixa assustadora do nivel da intellectualidade. Marca um regresso ao paganismo no que elle tinha de menos nobre: o culto da força fisica e da beleza material.

—Perdao. O sport é uma reacção muito legitima, muito salutar, contra o intellectualismo exagerado. Se depois da guerra cresceu na estima do publico é que a evidencia dos factos demonstrou que era necessario para a defeza de um paiz defensores solidos e por tanto homens habituados a todos os exercicios sportivos.

—Mas o sport vem comprometer a cultura tradicional... —Pelo contrario, vem conduzi-la á sua origem.

—Porem a civilização cristã preferiu outros exercicios.

—A civilização cristã adoptou o grande adagio da sabedoria antiga: «mens sana in corpore sano». Isto é: uma intelligencia sã habita num corpo sã. E tão verdade isto que o doutor angelico, S. Tomaz d'Aquino exige que se dê ao corpo atentos cuidados.

—Mas tambem é notorio e publico que S. Tomaz, como todos os theologos, como todos os doutores, moralistas e educadores catholicos, se preocupou, antes de tudo, com a educação moral e a formação intellectual, coisas que os amadores do sport costumam desprezar.

—E se eu lhe disser que não ha nada mais moralizador do que o sport? Para ser um bom homem de sport é necessario praticar as virtudes morais tais como: a castidade; a sobriedade; o desprezo do perigo, a firmeza, a decisão, a rectidão do julgamento, a lealdade, etc.

—Como se explica então que os jornais sportivos vem cheios de incorrecções de todo o genero e que a maioria dos campeões são homens boçais e sem cultura? E depois essas virtudes sportivas, digamos assim, são virtudes naturais e a mocidade precisa de mais alguma coisa para a sua formação moral do que a pratica dessas virtudes, imposta pelas ne-

ANEXO 23: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *A Actualidade*

Rubrica: Comentários

Título: Confusões

Número: 183

Data: 30-05-1923

Comentarios

CONFUSÕES

Enquanto os literatos, os poetas, os prosadores, os musicos, os pintores, os homens do teatro trouxeram para a Arte as arremetidas originais do futurismo, ninguem tinha que censurar-lhes o gosto.

As cores e os gostos não se discutem e neste caso não se lhes compram os livros nem se lhes leem os artigos. Mas lá que essas creaturas de intelectualidade aviada ou valiosa, postiça ou verdadeira, estavam no seu plenissimo direito de crear uma arte conforme a sua sensibilidade não quero eu negar-lhes tal regalo.

O barulho de uma maquina pode para certa personalidade ser tão poetico como o cantar da agua na ribeira. Com a differença seguinte: E' que desde Homero até agora toda a gente fala na agua da ribeira, ao passo que na poesia civilisada da maquina nunca ninguem se lembrou de o fazer. O futurismo tem a sua explicação logica no tormento da originalidade.

Mas fiquemos por aqui. Levam-nos-lha muito longe a filosofia do caso e o leitor poder-nos-ia classificar de futurista mascarado, que é doença de que nunca sofremos.

O mal não veio do futurismo que é uma onda de alucinação passageira. O perigo está nos que se estão servindo do futurismo para cantarem escandalosamente a degradação moral das suas almas. E o peor e o mais grave é que tais artistas de sensibilidade sem vergonha se lembram de revestir a animalidade dos seus sentimentos com as formas roubadas á pureza da arte cristã.

Reconhecendo o imperioso dominio das idéas catholicas nos nossos dias, foram ao catholicismo, á sua liturgia, aos seus livros sagrados e á tudo o que a religião divina de Cristo imprimiu a perfeição da sua espiritualidade e vieram cobrir com essa beleza ritmica de palavras de evocação e de cor a baixeza de sentimentos que a moral

cessidades do jogo e da hygiene mais rudimentar. Ao lado do campo dos jogos deve estar a gula da Juventude Católica.

—Nesse ponto não quero discordar. Mas concordaremos tambem que antes vão os rapazes para o campo dos jogos do que vão para os cafés, para os animatografos e para a roleta e o fox-trot.

L. J.

QUESTÕES DE HIGIENE

A pureza dos costumes

Comquanto a pureza dos costumes pertença, pela sua natureza, ao dominio da moral, não é despropósito incluí-la numa secção de hygiene, pois um dos mais importantes capitulos da hygiene social e da hygiene individual tem como causa as consequências da impureza dos costumes.

A onda de sensualismo alastra pavorosamente, mercê da perversão que se apoderou dos sentimentos e que se vai apoderando da propria intelligencia. A saúde do corpo e da alma é profundamente atingida, e a propria vida humana é ferida nas suas origens.

Assunto inseparavel da moral cristã, a pureza dos costumes pertence tambem ao dominio da hygiene, razão porque o incluímos nesta secção.

Que o sensualismo cresce alarmantemente, é um facto que ninguem desconhece. E a questão é tanto mais grave quanto é certo que a corrupção stinguia as proprias intelligencias, creando um estado de espirito que dá ao vicio as honras... de virtude!

Sim, as honras de virtude! As mais vergonhosas quedas, os actos mais imoriais, os delitos mais irremediáveis, em vez de serem considerados crimes que é preciso expiar, fraquezas de que é preciso triunfar, são incluídos no rol dos feitos heroicos. E' a anestesia da consciencia, é o suicidio moral. Repare-se bem na differença que ha entre duas pessoas que cometem a mesma falta, mas em que uma tem a consciencia de que procedeu mal, e a outra pensa que procedeu bem. A primeira tem o caminho aberto á regeneração, ao salutar levantamento moral; a segunda sómente tem aberto o caminho que conduz ás mais vis aberrações.

Infelizmente para os indivíduos e de que o bom senso se enoja.

Ha quem os chame os neocatholicos! O seu catholicismo consiste apenas nas palavras que empregam tiradas do vocabulário especial da Igreja. Cautela! Essas palavras apenas servem para encobrir blasfemias, inoralidades e tolos devaneios de um orgulho desmedido.

Catholicos esses tais? Isso nunca! Nada de confusões!

viduos e para a sociedade o numero daquelas almas anestezias para a vida moral cresce vertiginosamente.

Dentro em pouco constituirá uma grande tarefa ensinar ás multidoes que certos costumes e certas idéas são condenadas pela moral. O proprio pudor natural tende a ser eliminado...

Ora uma sociedade que segue o caminho do sensualismo vai parar a um abismo miseravel.

A historia confirma-o. E a verdade é que o sensualismo é atualmente cultivado com o mais requintado esmero. Reparomos bem que se trata de uma verdadeira cultura, habilmente dirigida e persistentemente cuidada.

A pureza dos costumes consegue-se com uma luta persistente, com um heroismo de cada dia sobre as paixões sobre os vicios. Pois a actual sociedade exercita-se na cultura dessas paixões e na pratica desses vicios!

Acontece ainda que, quando o impudor campeia por toda a parte, reina o falso pudor que não deixa dizer e ensinar aos homens e ás mulheres coisas que precisam saber e devem saber.

A rotina estabeleceu que sobre estes assuntos delicados não se deve falar em publico para não escandalizar os ouvidos dos rapazes e das donzellas. No entanto, os papás e as mãas levam os filhos e as filhas aos cinemas e aos theatros onde se representam com todos os detalhes, scenas de prostituição!

Passaremos por cima da rotina, e diremos verdades uteis...

FALECIMENTO

Na Vila da Lagoa faleceu recentemente o extremo pai do Rev. Sr. Padre João Furtado Pacheco, zeloso paroco da freguesia do Rosario.

A familia enlutada, e especialmente ao nosso bom Amigo Sr. Padre João Furtado Pacheco apresentamos os nossos sentidos pesames, e aos nossos leitores pedimos uma prece pelo eterno descanso da alma do bondoso finado.

Coronel Francisco Afonso Chaves

Na antiga Rua do Botelho, onde reside o Sr. Coronel Francisco Afonso Chaves, foram collocadas ha dias, duas placas com o nome deste illustre homem de sciencia, homenagem prestada pela Camara Municipal de Ponta Delgada.

Embora de uma grande singularidade, este acto significa a muita gratidão de um povo a um contreraneo que conquistou um lugar tão elevado no mundo scientifico.

V. DE C.

Açoreanos ilustres

Subsidios para a biografia do Engenheiro José Cordeiro

Com este titulo e sub-titulo publicou o «Correio dos Açores» um notavel artigo incluindo um relatório clinico que o Dr. Bruno Tavares Carreiro, de saudosa memoria, elaborou sobre a doença que vitimou o distinctissimo engenheiro José Cordeiro.

O mencionado relatório é um documento notabilissimo, sob todos os pontos de vista, e muito especialmente como indicador do alto zelo profissional do dr. Bruno Tavares Carreiro, que amou e honrou a profissão médica em grau muito elevado.

Depois de um exame minucioso e de uma interpretação muito conscienciosa, o illustre clinico não pôde chegar, semão a um diagnostico de probabilidade—nem hum mestre, dispondo dos recursos ao alcance do meio, chegaria a outra conclusão.

A doença teve um desfecho fatal.

O dr. Bruno, porém, continuou a sentir a necessidade de elucidar o seu espirito sobre uma certeza de diagnostico—o que já não interessava ao doente, mas interessava á sua profissão de médico. Recorreu por meio do mencionado relatório, aos Professores Belo de Moraes e Cabeça, que se inclinaram para as conclusões do relator.

Este pequeno pormento mostra quanto o illustre clinico amou e exaltou a sua profissão.

E' um exemplo para intellectuais; é um exemplo a opôr ao materialismo grosseiro que se transformando as profissões intellectuais num burocratismo mercantil...

EXCESSO DE ZÉLO

O nosso distincto colega «A Terra», referindo-se á actividade catholica que começa a abater-se no nosso meio, tem falado de excesso de zelo.

E' uma ilusão. O que ha é um excesso de zelo, isto é, um excesso de indifferantismo por aquilo em que se traduz o verdadeiro espirito cristão.

Ser-nos-ia extremamente grato constatar um excesso de zelo no campo catholico. Seriamos os primeiros a lançar o grito de moderação porque os excessos esgotam.

Acontece, porém, que o excesso de zelo não está onde o nosso colega supõe, nem é da qualidade que supõe...

Excesso de zelo diabolico não falta por ahí; quanto a zelo cristão, desde que aparece uma obra animada do espirito e da disciplina da Igreja, mete-se logo o diabo com todas as suas furias, a procurar derrubá-la...

Instituto de Radiologia

Reuniu ha dias a Direcção do Instituto de Radiologia de Ponta Delgada, occupando-se de varios assuntos que interessam á conclusão dos trabalhos da instalação.

Resolvem solicitar a aprovação de um projecto de lei apresentada pelo senador dr. Antonio de Medeiros Franco isentando do pagamento de direitos o material do Instituto.

Resolveu abrir uma subscrição publica para custear as ultimas despesas da instalação. Entre os donativos anteriormente recebidos, destaca-se a oferta de cinco contos pelo Banco Mica-

lense, e a de 300 escudos pela Caixa de Crédito Micaelense.

A instalação do Instituto de Radiologia marca um grande progresso no meio micaelense, sendo dignos do maior reconhecimento, os iniciadores desta utilissima obra e todos que, por qualquer modo, a auxiliam.

Festa da Flor

No dia 1 de junho realisa-se em Ponta Delgada a festa da flor, promovida pelos officias da Guarnição de Ponta Delgada, segundo indicação do Ministerio da Guerra.

O produto é destinado á benemerita Sociedade da Cruz Vermelha Portuguesa, que tão relevantes serviços tem prestado.

O povo de Ponta Delgada sera generoso, como no ano anterior, em que a soma dos donativos figura entre os mais importantes das cidades da Provincia.

Conde de Sabugosa

Com 69 anos de idade, faleceu no seu sejour da Folgosa, o Antigo Par do Reino e Alto funcionario da Monarquia, Conde de Sabugosa. O seu nome fica vincado não só na historia politica mas tambem na literatura portuguesa.

Com esta morte perdeu a aristocracia portuguesa da actualidade um dos seus vultos mais minentes.

Governador Civil

Regressou de Lisboa, no paquete «Asia», o ex.º Governador Civil deste Distrito Sr. Dr. Horacio Franco.

Os nossos cumprimentos de boas vindas.

Noticias locais

Estiveram doentes: a Ex.ª Sr.ª D. Maria Teresa Cabral de Freitas da Silva, Mãe do Ex.º Sr. Dr. Verissimo de Freitas da Silva; o Sr. Dr. Antonio Augusto Riley da Mota, illustre professor do Lyceu Antero de Quental e redactor do «Correio dos Açores»; um filho do Sr. Diniz José da Silva, collaborador de o «Diario dos Açores»; o Sr. José Pacheco Vieira, secretario do Banco Micaelense; o Sr. José da Costa Simão Vieira, empregado da firma Domingos Dias Machado; o Ex.º Sr. Dr. Francisco d'Andrade Albuquerque, e o Sr. Victoriano Mont'Alverne de Sequeira, guarda-livros da agencia, nesta cidade, do Banco de Portugal.

Nasceu uma filha do Sr. Manuel da Silva Melo, Guarda-livros do Banco Micaelense. As nossas felicitações.

Em Vila Franca do Campo vai realizar-se um bazar a favor da Santa Casa da Misericordia.

Vae ser vendido o Castelo de S. Pedro desta cidade, por conta do Ministerio da Guerra.

O diario republicano local «A Terra» informou que no proximo dia 24 de dezembro deve ser inaugurada a iluminação electrica da cidade.

Foi aprovado um projecto de lei, apresentado pelo senador dr. Antonio Franco, elevando á categoria de freguesia a Lomba de João Loução, do concelho da Povoação.

ANEXO 24: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *A Actualidade*

Rubrica: Comentários

Título: O Tempo

Número: 184

Data: 06-06-1923

PROSEGUINDO

Notas liturgicas

Continuando, deixemos de parte o que só pode servir para um estudo minucioso, verdadeiramente escolástico, e vamos direito, enfiemo-nos pelo caminho que nos conduz ao lado social da liturgia, chamemo-lhe assim.

Procurar a gloria de Deus é o primeiro dever das criaturas. Cantar gloria ao Pai, ao Filho e ao Espirito Santo, é a primeira obrigação de amor dos filhos de Deus.

Prostrados, e sem descanso, cantam-na, no céu os anjos e os santos. Unidos a eles cantamos tambem, na terra, os nossos hymnos de louvor.

O culto de Adão, Noé e Moysés, e o que profetamos, escreve Duvoisin, são os diversos estádios e os desenvolvimentos sucessivos duma mesma religião annunciada sob os patriarchas, esboçada sob a lei mosaica e consumada por Jesus Cristo.

Um e outro culto, o antigo e o cristão, diz Perrone, são uma unica e mesma planta mergulhando suas raizes em Deus.

O centro deste ultimo é a santa missa, renovação do sacrificio do Calvario. O principal offerente e victima—Jesus.

E o culto de latría (culto só a Deus devido) que a liturgia presta a Deus, reconhece n'Ele a dupla excellencia de—Pai e Criador.—e em nós a dupla dependencia de filhos e criaturas, escreve Lafebre.

Este culto procede do conhecimento que levamos ter das grandezas de Deus.

Eu ponho como fundamento, diz Bossuet, que o principio de bem adorar é bem conhecer.

E é por isso que o culto divino é a expressão da nossa fé.

As ceremonias do culto augmentam-na e instruem os ignorantes, escreve o Cardeal Bona. As orações liturgicas são brados de filhos que reconhecendo sua fraqueza confiam e se lançam nos braços de seu Pai. D'ahi a esperança.

Amar a Deus, diz Santo Agostinho, é louvar-o; por isso o som dos hymnos e dos canticos, desliza em meus ouvidos e por eles se difundia a verdade em meu coração e nele nasciam sentimentos de ardente piedade.

A oração liturgica é bem o exercicio de todas as virtudes cristãs num acto de adoração a Deus.

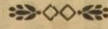
A Igreja, pois, instituindo oficialmente a sua oração, não fez mais do que restabelecer relações entre o céu e a terra.

Olivera de Lemos

ABEL MACEDO

Solicitador encartado Rua Manuel da Ponte Encarrega-se de administrações particulares e de toda a sorte de serviços inherentes ao seu cargo.

Pelo Centro Católico



As resistencias e até hostilidades que a organização politica de católicos tem encontrado em Portugal são mais uma prova da decadencia religiosa a que o nosso paiz chegou.

Em resumo, o que é a politica do Centro Católico?

E' a applicação da doutrina cristã á politica. Pois é contra a cristianização da politica que se levanta uma celega diabólica, como se cristianizar a politica fosse uma pretensão prejudicial aos interesses nacionais!

E' preciso ser demasiado cego para não ver que quem despreza ou hostiliza uma obra como a do Centro Católico é absolutamente incapaz de fazer qualquer coisa útil em favor da sua Patria.

Quando toda a perturbação politica e social a que assistimos tem como primeira causa a introdução do ateísmo nas ideias e nos costumes politicos; e quando uma multidão que se diz católica, na sua maioria, resiste tão tenazmente ao chamamento da Igreja para uma obra que não é mais nem menos do que restituir á politica as ideias e os costumes cristãos, pode-se concluir afoitamente que essa multidão nada produzirá de útil para Portugal.

—Sim, em tudo que não seja contra a lei de Deus. Repara no proprio Jesus Cristo: obedece sempre aos poderes constituídos e no entanto logo que a sua palavra convertem dois discipulos formou a unica verdadeira sociedade politica que creou uma razão superior á razão humana.

Cada portuguez só pensa em si, nas suas paixões e nos seus interesses. Cismos na barbaria, no direito revolucionario egotista. Destruin se a familia e o lar com o feminismo e o divorcio, a agricultura e o commercio e a industria com a burocracia, com as greves, com os impostos e com a multidão de leis de excepção. Houve um grupo de portuguezes que reagiu. Foi o dos Prelados, com a sua pastoral colectiva.

—Porquê?! —Porque elle segue a lei de Deus.

—Ha, porem, católicos que o combatem! —Não pensam como católicos, apostólicos e romanos, porque se pensassem não cometeriam essa grande falta de combaterem as ordens dos seus Prelados e do Sumo Pontífice.

—No entanto um Centro nem carne, nem peixe... nem mo nárqueio nem republicano... —Já aqui respondi a essa dúvida repetindo a frase evangelica de S. Mateus: —Buscaí antes de mais nada o reino de Deus e tudo o mais virá por acrescimos.

—A Igreja manda hoje obedecer aos republicanos? —Sim, em tudo que não seja contra a lei de Deus. Repara no proprio Jesus Cristo: obedece sempre aos poderes constituídos e no entanto logo que a sua palavra convertem dois discipulos formou a unica verdadeira sociedade politica que creou uma razão superior á razão humana.

—Cada portuguez só pensa em si, nas suas paixões e nos seus interesses. Cismos na barbaria, no direito revolucionario egotista. Destruin se a familia e o lar com o feminismo e o divorcio, a agricultura e o commercio e a industria com a burocracia, com as greves, com os impostos e com a multidão de leis de excepção. Houve um grupo de portuguezes que reagiu. Foi o dos Prelados, com a sua pastoral colectiva.

—Quer o Centro salvar Portugal?! —Sim, sim e sim. A Igreja, isto é os católicos, apostólicos e romanos salvaram sempre Portugal, láde a nossa historia. Este assunto ficará para nova palestra. Dizei-me vós quais são os partidos politicos que ha no nosso paiz?

—Imensos... —Não, apenas dois: os católicos e os descrentes.

Os católicos basiam-se nos deveres, os descrentes basiam-se nos seus interesses. Ser descrente é negar todos os deveres, é proclamar apenas os interesses individuais que se tornam a unica regra dos seus actos, a unica base dos seus sentimentos e pensamentos. Assim haverá tantas morais quantas paixões houver, o que dá a proclamação da divisão como base da união, a revolução como base da ordem. E' o que se está vendo em Portugal. Para os católicos a soberania absoluta e eterna mente legitima está em Deus que tem por leis a verdade, a razão e a justiça. Os católicos regem-se pelo direito, os descrentes regem-se pela força. Para os católicos, todo o poder vem de Deus que tem de ter por regra a lei divina para que tenha o direito de ser obedecido porque só assim terá o direito de mandar. Os Prelados portuguezes lançaram a sua ordem: —Para o centro convocamos todos os católicos de boa vontade, venham, de onde vierem.

—Não posso ser crente e estar fóra do Centro?

—Não. E' o Sumo Pontífice que o manda e pela voz dele os nossos Prelados.

—Bemdito seja pois, o Centro que salvará Portugal.

REGISTANDO

Transcrevemos do nosso colega o «Correio dos Acores»:

«Durante a ultima reunião do Senado Municipal faz-se a previsão de que a nova Avenida que vai ligar a Rua do Conde com a de S. Joaquin acabará mal—porque começa por ter o nome do padre.

Esse padre é o Dr. Gaspar Fructuoso, o mais illustre cronista da vida das primeiras populações insulanas, escritor de raras qualidades, humanista distintissimo, historiador cuja obra encerra elementos de inestimavel valor para o estado de tudo o que respeita aos dois Arquipelagos dos Açores e Madeira. E' um nome conhecido e admirado em todo os meios cultos. A grande obra que nos legou—as «Saudezes da Terras»—merece ha seculos a admiração de todos os estudiosos.

«Pois com tudo isto não mecia que fosse dado o seu nome a uma avenida da sua terra! Não tem categoria para tanto—porque foi padre! Nem numa terra onde a nomenclatura das ruas offerece os aspectos barbaescos que se apresentam a quem percorrer as ruas de Ponta Delgada!

Que a estupenda enormidade

tenha sido proferida não nos admira. Nem todos tem obrigação de conhecer quem foi o dr. Gaspar Fructuoso, nem todos estão em condições de compreender e avaliar o seu valor e o que representa a sua obra. O que nos admira é que numa assembleia de Micalenses, na casa do Municipio de Ponta Delgada, proferida a enormidade, nenhuma voz se tenha levantado a formular um protesto, em nome, ao menos do bom senso e do respeito devido á memoria illustre e veneranda dum micalense—que foi alguns.

Sim, Gaspar Fructuoso foi alguns, mas... foi Padre, e, como tanto tenha vivido no século XV, o Padre é sempre uma e a mesma coisa.

E como nestes tempos de muitas e profundas superstições não é raro encontrar quem julgue que ser padre é igual a abscisar o nariz, acanhamento da razão, etc, etc, a «estupenda enormidade» pode muito bem ter sido um caso de superstição...

O nome de um Padre! E' motivo para tremer sobre a sorte da pretêda Avenida: ou não chegue ao fim, ou sae torta...

Le stupide du XIX siècle por Leon Daudet

Critica severa dos grandes erros do século XIX

zes que reagiu. Foi o dos Prelados, com a sua pastoral colectiva.

—Quer o Centro salvar Portugal?! —Sim, sim e sim. A Igreja, isto é os católicos, apostólicos e romanos salvaram sempre Portugal, láde a nossa historia. Este assunto ficará para nova palestra. Dizei-me vós quais são os partidos politicos que ha no nosso paiz?

—Imensos... —Não, apenas dois: os católicos e os descrentes.

Os católicos basiam-se nos deveres, os descrentes basiam-se nos seus interesses. Ser descrente é negar todos os deveres, é proclamar apenas os interesses individuais que se tornam a unica regra dos seus actos, a unica base dos seus sentimentos e pensamentos. Assim haverá tantas morais quantas paixões houver, o que dá a proclamação da divisão como base da união, a revolução como base da ordem. E' o que se está vendo em Portugal. Para os católicos a soberania absoluta e eterna mente legitima está em Deus que tem por leis a verdade, a razão e a justiça. Os católicos regem-se pelo direito, os descrentes regem-se pela força. Para os católicos, todo o poder vem de Deus que tem de ter por regra a lei divina para que tenha o direito de ser obedecido porque só assim terá o direito de mandar. Os Prelados portuguezes lançaram a sua ordem: —Para o centro convocamos todos os católicos de boa vontade, venham, de onde vierem.

—Não posso ser crente e estar fóra do Centro?

—Não. E' o Sumo Pontífice que o manda e pela voz dele os nossos Prelados.

—Bemdito seja pois, o Centro que salvará Portugal.

—Cada portuguez só pensa em si, nas suas paixões e nos seus interesses. Cismos na barbaria, no direito revolucionario egotista. Destruin se a familia e o lar com o feminismo e o divorcio, a agricultura e o commercio e a industria com a burocracia, com as greves, com os impostos e com a multidão de leis de excepção. Houve um grupo de portuguezes que reagiu. Foi o dos Prelados, com a sua pastoral colectiva.

—Quer o Centro salvar Portugal?! —Sim, sim e sim. A Igreja, isto é os católicos, apostólicos e romanos salvaram sempre Portugal, láde a nossa historia. Este assunto ficará para nova palestra. Dizei-me vós quais são os partidos politicos que ha no nosso paiz?

—Imensos... —Não, apenas dois: os católicos e os descrentes.

Os católicos basiam-se nos deveres, os descrentes basiam-se nos seus interesses. Ser descrente é negar todos os deveres, é proclamar apenas os interesses individuais que se tornam a unica regra dos seus actos, a unica base dos seus sentimentos e pensamentos. Assim haverá tantas morais quantas paixões houver, o que dá a proclamação da divisão como base da união, a revolução como base da ordem. E' o que se está vendo em Portugal. Para os católicos a soberania absoluta e eterna mente legitima está em Deus que tem por leis a verdade, a razão e a justiça. Os católicos regem-se pelo direito, os descrentes regem-se pela força. Para os católicos, todo o poder vem de Deus que tem de ter por regra a lei divina para que tenha o direito de ser obedecido porque só assim terá o direito de mandar. Os Prelados portuguezes lançaram a sua ordem: —Para o centro convocamos todos os católicos de boa vontade, venham, de onde vierem.

—Não posso ser crente e estar fóra do Centro?

—Não. E' o Sumo Pontífice que o manda e pela voz dele os nossos Prelados.

—Bemdito seja pois, o Centro que salvará Portugal.

—Cada portuguez só pensa em si, nas suas paixões e nos seus interesses. Cismos na barbaria, no direito revolucionario egotista. Destruin se a familia e o lar com o feminismo e o divorcio, a agricultura e o commercio e a industria com a burocracia, com as greves, com os impostos e com a multidão de leis de excepção. Houve um grupo de portuguezes que reagiu. Foi o dos Prelados, com a sua pastoral colectiva.

—Quer o Centro salvar Portugal?! —Sim, sim e sim. A Igreja, isto é os católicos, apostólicos e romanos salvaram sempre Portugal, láde a nossa historia. Este assunto ficará para nova palestra. Dizei-me vós quais são os partidos politicos que ha no nosso paiz?

—Imensos... —Não, apenas dois: os católicos e os descrentes.

Os católicos basiam-se nos deveres, os descrentes basiam-se nos seus interesses. Ser descrente é negar todos os deveres, é proclamar apenas os interesses individuais que se tornam a unica regra dos seus actos, a unica base dos seus sentimentos e pensamentos. Assim haverá tantas morais quantas paixões houver, o que dá a proclamação da divisão como base da união, a revolução como base da ordem. E' o que se está vendo em Portugal. Para os católicos a soberania absoluta e eterna mente legitima está em Deus que tem por leis a verdade, a razão e a justiça. Os católicos regem-se pelo direito, os descrentes regem-se pela força. Para os católicos, todo o poder vem de Deus que tem de ter por regra a lei divina para que tenha o direito de ser obedecido porque só assim terá o direito de mandar. Os Prelados portuguezes lançaram a sua ordem: —Para o centro convocamos todos os católicos de boa vontade, venham, de onde vierem.

—Não posso ser crente e estar fóra do Centro?

—Não. E' o Sumo Pontífice que o manda e pela voz dele os nossos Prelados.

—Bemdito seja pois, o Centro que salvará Portugal.

—Cada portuguez só pensa em si, nas suas paixões e nos seus interesses. Cismos na barbaria, no direito revolucionario egotista. Destruin se a familia e o lar com o feminismo e o divorcio, a agricultura e o commercio e a industria com a burocracia, com as greves, com os impostos e com a multidão de leis de excepção. Houve um grupo de portuguezes que reagiu. Foi o dos Prelados, com a sua pastoral colectiva.

—Quer o Centro salvar Portugal?! —Sim, sim e sim. A Igreja, isto é os católicos, apostólicos e romanos salvaram sempre Portugal, láde a nossa historia. Este assunto ficará para nova palestra. Dizei-me vós quais são os partidos politicos que ha no nosso paiz?

—Imensos... —Não, apenas dois: os católicos e os descrentes.

Os católicos basiam-se nos deveres, os descrentes basiam-se nos seus interesses. Ser descrente é negar todos os deveres, é proclamar apenas os interesses individuais que se tornam a unica regra dos seus actos, a unica base dos seus sentimentos e pensamentos. Assim haverá tantas morais quantas paixões houver, o que dá a proclamação da divisão como base da união, a revolução como base da ordem. E' o que se está vendo em Portugal. Para os católicos a soberania absoluta e eterna mente legitima está em Deus que tem por leis a verdade, a razão e a justiça. Os católicos regem-se pelo direito, os descrentes regem-se pela força. Para os católicos, todo o poder vem de Deus que tem de ter por regra a lei divina para que tenha o direito de ser obedecido porque só assim terá o direito de mandar. Os Prelados portuguezes lançaram a sua ordem: —Para o centro convocamos todos os católicos de boa vontade, venham, de onde vierem.

—Não posso ser crente e estar fóra do Centro?

—Não. E' o Sumo Pontífice que o manda e pela voz dele os nossos Prelados.

—Bemdito seja pois, o Centro que salvará Portugal.

—Cada portuguez só pensa em si, nas suas paixões e nos seus interesses. Cismos na barbaria, no direito revolucionario egotista. Destruin se a familia e o lar com o feminismo e o divorcio, a agricultura e o commercio e a industria com a burocracia, com as greves, com os impostos e com a multidão de leis de excepção. Houve um grupo de portuguezes que reagiu. Foi o dos Prelados, com a sua pastoral colectiva.

—Quer o Centro salvar Portugal?! —Sim, sim e sim. A Igreja, isto é os católicos, apostólicos e romanos salvaram sempre Portugal, láde a nossa historia. Este assunto ficará para nova palestra. Dizei-me vós quais são os partidos politicos que ha no nosso paiz?

—Imensos... —Não, apenas dois: os católicos e os descrentes.

Os católicos basiam-se nos deveres, os descrentes basiam-se nos seus interesses. Ser descrente é negar todos os deveres, é proclamar apenas os interesses individuais que se tornam a unica regra dos seus actos, a unica base dos seus sentimentos e pensamentos. Assim haverá tantas morais quantas paixões houver, o que dá a proclamação da divisão como base da união, a revolução como base da ordem. E' o que se está vendo em Portugal. Para os católicos a soberania absoluta e eterna mente legitima está em Deus que tem por leis a verdade, a razão e a justiça. Os católicos regem-se pelo direito, os descrentes regem-se pela força. Para os católicos, todo o poder vem de Deus que tem de ter por regra a lei divina para que tenha o direito de ser obedecido porque só assim terá o direito de mandar. Os Prelados portuguezes lançaram a sua ordem: —Para o centro convocamos todos os católicos de boa vontade, venham, de onde vierem.

—Não posso ser crente e estar fóra do Centro?

—Não. E' o Sumo Pontífice que o manda e pela voz dele os nossos Prelados.

—Bemdito seja pois, o Centro que salvará Portugal.

—Cada portuguez só pensa em si, nas suas paixões e nos seus interesses. Cismos na barbaria, no direito revolucionario egotista. Destruin se a familia e o lar com o feminismo e o divorcio, a agricultura e o commercio e a industria com a burocracia, com as greves, com os impostos e com a multidão de leis de excepção. Houve um grupo de portuguezes que reagiu. Foi o dos Prelados, com a sua pastoral colectiva.

Comentarios

O Tempo

Dizem os homens que passam a vida longe das fatiidades e das conversas mesquinhas e inuteis da maioria dos mortais, que o tempo é omisso dom de Deus.

Os mysticos explicam esta affirmacão de uma maneira mto logica, muito verdadeira e muito espiritual.

Os filosofos pezam-lhe o seu Valor com interesse e cuidado.

Todos concordam que a perda do tempo é irreparavel. Um minuto que se perde, está perdido para sempre. Não o poderá recuperar a riqueza nenhuma.

Ha quem diga (já o tenho ouvido e todas as vezes que o ouvido arrepia-se me os cabellos) esta monstruosidade: Faça isto ou faço aquilo para matar tempo! Matar tempo! E haver passos cuja vida vazia, sem trabalho, sem ideal, sem grandeza, sem elevação, só se limita a este abuzo da generosidade da Providencia—matar o tempo!

Foi Seneca que disse: Temos pouco tempo porque perdemos muito.

Na verdade são os preguiçosos os que mais se queixam da falta de tempo. Ha quem não encontre em seis meses e em mais, vagar para escrever uma carta para a qual apenas bastam cinco minutos!

A educacão do nosso meio não é propriamente capaz de inculcar nas creanças o respeito pelo tempo. A pontualidade, mesmo nos actos publicos, aos quizes se liga o interesse de todos, é tem tara que se extrahia e apontam os casos de excepção.

As conversas futeis e sem interesse intelectual ou moral absorvem horas preciosas que um pouco de energia havia de transformar em trabalho util para a sociedade. Isto não é condenar o repouso. E' apenas limitar o tempo de descanso e condenar o seu abuso.

Max eu ainda quero admitir que haja gente que não faça caso do tempo e que em mata lo compendia as suas occupaões absorventes. Mas que esses tais com-etam o crime de oirem roubar ás pessoas atarefadas e trabalhadoras, isso é que não pode ser. Roubar o tempo aos outros, impedi los de se dedicarem aos seus estudos ou aos seus afazeres é tão grave como roubar-lhes dinheiro. Mais anda porque o tempo vale mais do que o dinheiro. Quem pudesse emendar os codigos...

V. DE C.

A regulamentação do jogo

O governo italiano votou a seguinte moção:

«O conselho de ministros preocupado com a saúde moral da nação, decide não regulamentar os jogos de azar, por motivos de dignidade nacional e porque entende que a fortuna e o interesse das cidades italianas não devem depender da cultura do parasitismo e do vicio.»

No Parlamento portuguez, quando da recente discussão sobre aquele assunto, os deputdos católicos combateram a regulamentação do jogo.

De o «Correio de Coimbra»

ANEXO 25: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *A Actualidade*

Rubrica: Comentários

Título: Fábula

Número: 185

Data: 13-06-1923

José Leite Barbosa

Alguns distintos jornalistas de Capital e representantes dos diários locais bem como alguns açoreanos ilustres que vivem em Lisboa, ofereceram um jantar de homenagem ao ilustre Director da revista «Os Açores», sr. José Leite Barbosa. Foi uma homenagem muito justa, muito merecida, para quem, como o sr. José Barbosa, tanto esforço tem dedicado ao bom nome dos Açores, apresentando uma revista que muito honra não só a imprensa insulana mas a imprensa portuguesa. Associamo-nos muito gostosamente à homenagem, e tes temunha mos ao ilustre colega da imprensa, o nosso profundo reconhecimento de miaoelenses pela dedicação e sacrificios votados à manutenção de «Os Açores».

Assistiram ao jantar, além de amigos íntimos, os jornalistas Srs. Carlos de Orelas, promotor da festa, redator da «Gazeta dos Caminhos de Ferro»; Felix Correia, redator do «Diário de Lisboa»; Antonio Alcoforado da Gama Tavares secretario da redação da revista «A. B. C.»; Gutierrez de Oliveira, redator da «Epoca»; Pinto Monteiro, redator do «Seculo»; Fernandes Junior, editor e administrador da revista «Nação Portuguesa»; Rebelo de Betencourt, secretario da revista «Alma Nova».

Estavam representados dois diários de Ponta-delgada: «A Terra» pelo sr. dr. Jacinto Carreiro e o «Diário dos Açores» pelo sr. Carlos da Silva Carreiro.

precioso estímulo, dando-lhe a segurança de que bem servia a Igreja pela obediência às suas instruções e conselhos, ao mesmo tempo que servia a Pátria pela moderação e apaziguamento das paixões políticas, collocando a defesa dos direitos da consciência católica acima de regimes e partidos.

Por isso, vendo partir Vossa Eminencia, não podíamos deixar de patentear-lhe o nosso reconhecimento pelas servições relevantes que a causa católica em Portugal lhe foi devendo, dirigindo ao Céu os mais sinceros votos por que Vossa Eminencia possa ainda, por largos annos, se merecedor de prosperidades e bençãos, servir a causa santa da Igreja.

Lisbôa, 1923 no dia da Invenção de Sant' Cruz.

VIUVA

EVARISTO AUGUSTO VIEIRA

R. Antonio José d'Almeida n.º 3 e 5

Acaba de receber um grande sortido de imagens:

Senhora da Conceição, S. José, S. João, Coração de Jesus, Santa Filomena, Senhora de Lurdes, S. Vicente de Paulo, Meni no Jesus, Senhora do Carmo, Santo Antonio, Cordeiras da Senhora do Carmo, Rosarios um grande sortido. Medalhas religiosas, Cristos, Escapularios do Coração de Jesus, Senhora do Carmo e Senhora da Conceição.

Cera em cirios

de 1.ª qualidade

LE RAYON

por Mme. Monlaur romance muito recommendavel

A solução do problema politico

CONVERSANDO COM UM "PATRIOTA"

I

«Medicinas de acção venenosa nesta conjuntura só nos virão comprometer ainda mais a vida. A unica esperanza do moribundo... só pode ser uma operação cirurgica que faça sangue, que nutre... insuravelmente... Um patriota.

De um artigo em que faz allusão á orientação da «Actualidade»

O prometido é devido. Já por duas vezes prometemos conversar com um patriota acerca de suas opiniões sobre a solução do problema politico—problema magno, na verdade, que bem merece ser meditado.

Apresentamo nos hoje numa attitude muito diferente daquela do nosso artigo «reflexões». Então, considerámos as opiniões de «um patriota» no seu aspecto de opposição á orientação católica indicada do alto. Neste particular somos intolerantes. Quem nos aparece pela frente pode encontrar combate rijo, que até pode parecer aggressivo.

Hoje vimos considerar a questão através das nossas convicções pessoais. Por muito firmes e inabalaveis que elas sejam, nem deixamos de reconhecer a possibilidade de uma visão errada, ou deficiente, e consequentes juizos falsos, nem temos a vaidade de pretender que outros vejam as questões politico sociais do mesmo modo que nós as as vemos.

Colocando-nos, nesta conversação, sob um ponto de vista de opiniões pessoais, somos a tolerancia personificada (palavra, aliás, da nossa antipatia) para com os defensores de ideis o postas.

Comquanto não conheçamos a infinita dificuldade de fazer uma conversão, animo nos a esperanza de aluir, até certo ponto, as teorias politicas de «um patriota». O seu estado de espirito não representa um caso isolado, mas sim o pensar de um grande numero de muito boas pessoas. É natural esperar que uma escalepiação persistente... consiga abrir aqui e além, profundas brechas n'um corpinho de consistencia fragil. Não será de todo inutil a sementeira que vamos hoje começar...

A teoria de uma revolução sangrenta, mutilante, insuravelmente mutilante (para nos servirmos dos proprios adjetivos de «um patriota») é algo sedutora. Com um punhado de homens e em dois

ou três dias, ficaria mudada a face da terra portuguesa.

Como rapidez, o processo cirurgico é ideal. A mais longa tarefa pertenceria aos jornalistas, para conseguirem levar ao rubro a furia exterminadora das hostes dos seus leitores...

Mas—primeira dificuldade—até onde seria preciso levar a mutilação insuravel?

O primeiro problema que se apresenta ao cirurgico é determinar se deve ou não deve intervir; o segundo problema é marcar os limites da extirpação a fazer.

Ora, no caso de que nos occupamos, qual eriam os limites dessa magna mutilação de vidas portuguezas?

Grande pómo de discordia seria a discussão concreta deste ponto. Pela nossa parte, se fizessemos de optar por uma extirpação de tudo quanto está avariado, no organismo nacional, propiciamos uma razia quasi completa de norte a sul de Portugal, e de Leste a Oeste dos Açores. Entre monarchicos, republicanos e catholicos poucos escapariam...

A ideia de uma revolução mutilante, não predilicta de pessoas muito distintas e muito conservadoras como dos sanguinarios bombistas de Lisbôa, (com a differença de que os primeiros são incapazes de fazer mal a uma mosca, e os ultimos exaectam o seu tenebroso ideal) provém da convicção de que todos os males da Pátria provem da «uma canalha», e que, extirpada esta, ficamos a nadar em mar de felicidades.

Daqui a ideia fixa entre as massas conservadoras de que o remedio do acto cirurgico que conquistou os entusiasmos de um patriota.

Para lançar alguma s'gna fria sobre tão belicosa fervura basta chamar a attenção dos que assim pensam para a circumstancia de ser exactamente o plano de acção de quantos revolucionarios socialistas, anarchistas, bolchevistas, pululam na sociedade atual.

Para qualquer observador, não deixa de ser curioso constatar

que conservadores e anarchistas encontram a mesma solução para a crise que atravessamos: destruir vidas, mutilar insuravelmente, sem dó, nem piedade.

«O acto cirurgico», como solução do nosso problema politico, não se apresenta tão risonho e tão prometedor como se afigura a «um patriota». Em primeiro logar, as operações insuravelmente mutilantes infundem sérias preocupações ao mais perito cirurgico. Em segundo logar, quando as pessoas honestas, as pessoas honradas, as pessoas virtuosas se entregassem á tarefa de exterminar a canalha, é natural prever que esta não se resignaria á attitude do martir... Parece logico que, em questões de matança, a canalha seja mais expedita, mais diligente do que as pessoas de bem.

Digem os jornais que os verdugos bolchevistas exaectaram duas mil pessoas na primeira quinzena de abril. Quantas quinzenas calcula «um patriota» que seriam precisas para exaectar a Ex.^{ma} Canalha? á razão de dois mil por quinzena?

É tempo de pedirmos desculpa do tom meio jocoso que damos a esta primeira palestra. Mas... se tratassemos a sério uma questão insuravelmente sangrenta, mutilante, o artigo ficaria verdadeiramente tetrico...

«Um patriota» mostra-se de massadamente desdenhoso por aquilo a que chamou «medicinas de acção venenosa», e entusiasticamente credulo na eficacia maravilhosa de um grande acto cirurgico. Parece-nos que ha aqui um grave erro de diagnostico, para não dizer um racocinio demasiadamente simplista. O tratamento de doença grave não é igual a operação cirurgica. A vida portugueza a travessa uma fase grave? Sem duvida. Mas o que é que autoriza a deducção de que o remedio é um acto revolucionario?

Visto que «um patriota» collocou a questão no fero medico cirurgico, seguimos os processos da sciencia respectiva: apurar os sintomas e fazer o diagnostico para escolher a terapeutica.

conquista, para o que tem de lutar... no jogo macabro de ganhar as maiorias, e correlativas trafficadas eleicoes e extra eleicoes.

Ora o Centro

Catolico, pelo 3.º artigo das suas bases fundametaes, «não se propõe propriamente realizar a conquista do politico, mas sim promover a cristianização das leis, dos costumes e a politica nacional; exercer quanto possivel uma função de harmonia e conciliação entre as classes e correntes de opinião; e para que na administração publica predominem os

cidadãos competentes, moral e tecnicamente».

D'aquí resulta

que o Centro Catolico não é um partido, em concorrência ou em luta com os outros partidos para a posse do mesmo oeso (este caso o Governo) mas sim um agrupamento de catholicos que servem a Religião e a Patria, por meio do seu esforço pessoal, e colaborando tanto quanto pode com os que governam e administram, para que haja bom governo e boa administração.

Emquanto cada

partido politico entende que só os seus amigos e correligionarios são habéis, e que o governo e administração só caminham bem quando estão nas suas mãos, o Centro Catolico entende... que deve ser o que está escrito no 3.º artigo das suas bases.

Quem confunde

o Centro Catolico com um partido politico nem sabe ver o que é um partido, nem sabe ver o que é o Centro Catolico!

Comentarios

FABULA

Era uma vez um pinto. Pequeno, gordinho, atrevido e desempenado, fóra o unico que escapára de uma ninhada de dez, que certa galinha tinha descaçado em pleno campo, á sombra amiga de uma faia.

Os irmãos, mais fracos ou menos ajudados, tinham desaparecido a um por um. O que era loiro e de pernas altas morrera afogado na ribeira, quando lá fora beber agua num dia de muito sol. Um milhar levára os outros e a certa altura o nosso pinto viu-se sózinho, senhor da sua vontade.

Como não tinha que ir á escola, porque os pintos não precisam saber gramatica para governarem a vida, resolveu correr o mundo a procurar a sua ventura.

Todos os dias, de manhã cedo, esgravatava a terra, debicava aqui e ali e, depois de ter almoçado, percorria muitas léguas. Tornava a parar, tornava a procurar o alimento, tornava a comer e tornava a andar. Mas que trabalhos, que rações, que incomodos, que paciencia, que inquietação para arranjar qualquer coisa para matar á fome?!

É o pinto foi andando, andando, andando até que chegou ao quintal de um senhor muito rico. Ficou então muito espantado de ver um galinheiro porque, com aquela idade que tinha, nunca vira tal coisa. E a sua admiração cresceu mais, quando reparou que todos os galos e galinhas que lá estavam não precisavam de trabalhar para comer

—O que rica vindinha esta! disse lá consigo. Mal acabára de falar sen-

O Centro Catolico é um partido politico?

Diz-se que sim, que o Centro Catolico é um partido, visto que os seus membros estão inibidos de militar em qualquer outra organização politica.

É rasovel esta maneira de pensar?

Qualquer partido

politico, no que respeita á sua constituição, é um «agregado de

individuos que, em materia politica, apenas militam no seu agrupamento. É um facto, pois, que, neste ponto ha similitudão, entre o Centro Catolico e um partido politico, pois aquele tambem é formado por elementos proprios, exclusivamente seus.

Mas um partido

não é apenas um agrupamento de individuos. Além desta característica constitutiva, todo o partido politico tem est'outra característica funcional: conquistar a posse do poder politico.

Todo o partido se propõe esta

A ACTUALIDADE

tiu-se agarrado por mão desconhecida. Era um creado que o surpreendera em contemplação e o agarrara. Em menos de um segundo estava o pinto no galinheiro.

Comeu, comeu e contou aos outros a sua vida até que adormeceu de fadiga.

No dia seguinte, estava saboreando a sua felicidade quando viu chegar o creado com uma faca, escolher tres dos companheiros e tornar a salt.

— Para onde vão aqueles? perguntou o pinto.

— Vão morrer e servir de manjar na mesa do nosso dono, responderam-lhe.

Então, perante a eminencia de uma morte proxima, o pinto derramou a sua primeira lagrima e compreendeu que a maior felicidade que ha, é poder trabalhar para comer.

V. de C.

ÉCOS

DE TODA A PARTE

Na sessão solene da Sorbonne, em que os intelectuais da França e o Governo prestaram homenagem a Gago Coutinho e Sacadura Cabral, estiveram cerca de tres mil pessoas.

Consta que é muito grave o estado de saúde de Guerra Junqueiro.

Foram condenados na pena maxima, os actores dos crimes da noite sangrenta de 19 de outubro de 1921.

Na Alemanha acentua-se uma grande diminuição na frequencia dos cursos superiores. Este ano, as theses de doutoramento diminuiram de um terço, em relação a 1922.

Regista-se tambem uma grande diminuição da natalidade, principalmente em Berlim.

A medida que a devassidão cresce, a natalidade diminue.

Os estudantes insulanos foram recebidos pelo Sr. Presidente da Republica, e leram-lhe uma representação pró-autonomia. O Chefe do Estado disse-lhes que não pôde difficuldade alguma a esse movimento, que presentemente tem um caracter universal.

Durante os treze anos do novo regimen já foram condecorados cinco mil individuos.

No mez de abril realisouse em Madrid uma imponente manifestação dos sindicatos agricolas católicos.

Mais de 500 bandeiras desfilaram pelas ruas de Madrid. «O Debate» escreveu:

«Parecia nos um sonho. Uma grandiosa manifestação de lavradores pelas ruas de Madrid, e lavradores católicos; as ruas engalanadas, os membros da familia real no meio dos camponeses; o Ayuntamiento de Madrid agasalhando os e acoltando-os com seus maceiros; os grandes de Hespanha e os principes da Igreja confundindo-se e honrando-se com a companhia dos filhos da gleba.

Será verdade que a Hespanha vai cultivar os seus campos, estimulando e protegendo o trabalho dos lavradores?

Será verdade que se inicia em Hespanha esta democracia profunda, ou que principes e vassallos, homens de livros e homens de ferramentas, nobres e aldeãos se fazem irmãos no esforço, no trabalho de cada dia, para construir uma patria comum, grande e prospera?

A estas perguntas responde o acto de domingo com soberana eloquencia.

Os milhares de peregrinos assistiram a uma missa de Pontifical celebrada pelo Senhor Bispo de Madrid, á qual assistiram as autoridades civis e militares.

Depois da missa formou-se uma procissão que se dirigiu á Catedral, onde se conserva o tumulo de Santo Izidoro, padroeiro de Hespanha.

Carta dos Feneas da Luz

No dia 15 do corrente, veem os habeis entalhadores da importante Vila da Ribeira Grande, os Srs. Arayuz, colocar a obra de talha na Capela do SS. Sacramento, que ficará a mais rica e mais artistica destes lados.

Ultimamente tem-se perdido duma maneira espantosa os vinhedos esperando-se uma colheita muito escassa este ano.

Os que tireram a lembrança de sulfatar as vinhas ainda colherão alguma coisa, mas os que não sulfataram não colh. vão nada, porque os bagos já formados vão caindo pouco a pouco dos caços.

Os triguais, com os ultimos orvalhos, estão duvidosos. O vinho está-se vendendo a 21500 o almude e os homens do campo já pedem 205000 rs. diarios, bebendo á farta de manhã e á noite como eles exigem. E depois queize-se esta gente, de que o milho está caro!

«A Creença» tem nesta freguesia 73 assinaturas. No dia 51 fez-se aqui o encerramento do simpatico mes de Maria, tendo comungado 370 feis.

Está-se agora realizando o mes de junho com regular concorrencia.

As meninas Maria do Rosario Pedro Barbosa e Maria dos Anjos Pedro Barbosa ofereceram uma rica toalha de linho para o Altar de Nossa Senhora de Lourdes, artisticamente bordada pelas mesmas simpaticas meninas, filhas do nosso presado amigo Sr. Manuel Pedro Barbosa.

— O Sr. João Pedro Bar-

Na despedida de Sua Eminencia o sr. Cardeal Locatelli

Uma visita do Sr. Presidente do Ministerio e do Sr. Ministro dos Extrangeiros

Transcrevemos de o «Diario de Lisboa»:

«Ha dias, os srs. presidente do ministerio e os ministros procuraram Mgr. Locatelli, com o intuito de desfazer do espirito do ilustre diplomata do Vaticano, que partiu esta manhã no «Sud-express» para Paris, a má impressão que, porventura lhe tivessem causado as afirmações de intransigencia religiosa, proferidas no congresso do partido democratico.

Como se sabe, nessa assembleia affirmou-se a necessidade de se estabelecer, tal como fora redigida, pelo sr. Afonso Costa a lei de separação da igreja do Estado.

Alguns oradores chegaram mesmo a atacar os politicos que tinham intervido na cerimonia da imposição do barrete cardinalicio a Mgr. Locatelli.

Saemos de fonte autorizada que o presidente do ministerio tirou toda a importancia ás declarações que se fizeram no congresso, prometendo ao representante do Vaticano que, dentro de pouco tempo, seriam feitas pelo parlamento modificações á lei da separação da Igreja do Estado.

Chegou-se mesmo a precisar a data em que a camara dos deputados se occuparia da questão.

Como, porem, o parlamento não tem funcionado, parece que se aguarda occasião oportuna—passado o incidente politico, que ora se está debatendo para serem apresentadas as modificações á lei da separação».

Francisco Cabral Lindo

Na sua residencia da rua da Vila de Baixo, faleceu, no dia 29 de maio, o sr. Francisco Cabral Lindo, pae do Rev.º Sr. Padre José Cabral Lindo e do Sr. Francisco Cabral Lindo Jr.

A familia enlutada apresentamos as nossas sentidas condolencias e aos nossos leitores católicos, pedimos uma prece por alma do bondoso finado.

COSTA LIMA & C.ª

RUA ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA 3

Grande sortido de fazendas e quinquilharias por atacado e retalho nas melhores condições do mercado

Continuamos a vender pelo mais baixo preço, a conhecida marca de pano americano e c.ª, de que somos importadores dos mais importantes fabricantes da America.

bosa Senior ofereceu 200500 e o Sr. João Pedro Barbosa Jr. 100500 para pagamento d'uns elegantes castiçais e crucifixos galvanizados a prata que o paroco desta freguesia mandou vir para a capela do SS. Sacramento.

5-6-923

C.

AMÉRICO FRANÇA

ESTABELECIMENTO

40—RUA DOS MERCADORES—42

Convida a todos os compradores a vizitarem esta casa para que inspecionem o grandioso sortido em varios artigos

Bandejas, vasos, espelhos, talheres, centros meza, navalhas, garrafas thermos, solitarios, artigos de metal de toda a especie, peugos, suspensorios, brinquedos, estatuetas, caixas de papel, imagens, artigos para cozinha, louças, vidro em obra, artigos religiosos, etc., etc.

Grandioso sortido em sabonetes

Reclame—Caixas com palitos para dentes a 500 rs.

Sementes para horta, jardins e pastos

Envia pelo correio qualquer quantidade de sementes a quem requisitar

Na Republica do Perú

O Chefe do Estado inseriu-se como membro duma associação católica e anti-protestante.

No mez de março, o illustre presidente da Republica do Perú, sr. Augusto Leguía, inseriu-se como membro dos «Cavalleiros do Sagrado Coração de Jesus». Esta Associação, que á ainda nova, foi fundada pelo Senhor Arcebispo de Lima, com o fim unico de contrapor a acção católica á propaganda protestante. Aquele facto assumiu, pois, o caracter duma nobilissima confissão de fé cristã.

A incorporação do sr. Leguía foi feita solemnemente no templo de S. Lazaro, na capital do Perú, assistindo o Nuncio Apostólico, ás autoridades ecclesiasticas, civis e militares, assim como numerosas pessoas de reputação.

Ao acto religioso seguiu-se uma sessão solenne na sede da benemerita Associação, usando da palavra o sr. Luiz Villauri, que agradeceu ao sr. presidente da republica em nome da colectividade, proferindo ao mesmo tempo notaveis afirmações religiosas e patrioticas.

A Enciclica «Rerum Novarum»

A Associação da Juventude Católica de Lisboa, resolveu comemorar condignamente o dia 15 de Maio anniversario da publicação da enciclica da «Rerum Novarum», datado de 15 de Maio de 1891, de S. S. Leão XIII de saudosa memoria, carta magna do proletariado cristão, onde, como é sabido, se preconis, magistralmente, o estabelecimento da justiça social, por meio da harmonia de classes.

A Associação da Juventude Católica de Lisboa resolveu, mais solicitar de todos os Prelados portugueses se dignem convidar os seus respectivos parocos a associarem-se á comemoração da festiva data, celebrando em acção de graças, o santo sacrificio da missa, nesse mesmo dia (ou no domingo immediatamente anterior ou posterior), e dirigindo aos seus feis, a proposito, algumas palavras relativas ao glorioso acontecimento, nessa occasião.

CALÇADO PARA S.ª

Recebe em todos os vâpores modelos novos o estabelecimento de

José B. Tavira Jr.

Noticias locais

A Ex.ª médica Sr.ª D. Leonilde do Rego Costa, foi nomeada assistente da 5.ª enfermaria do Hospital da Santa Casa da Misericórdia (obitica cirurgica de mulheres).

Estiveram doentes os Senhores: Ex.ª Sr.ª D. Julia de Souza Mota, esposa do sr. dr. Luiz B. Mota; João da Silveira Vicente, tenente de Infantaria 26; Pedro Augusto da Rocha Calisto, e Gualter Serpa Afonso.

Em Vila Franca do Campo vão realisar-se recitas de amadores a favor do Hospital. O Sr. Dr. Urbano de Mendonça Dias, Dig.º Provedor da Santa Casa, escreveu para este fim, uma comédia em 3 actos.

Na igreja Matriz realizou-se a festa do Sagrado Coração de Jesus, sendo precedida de tríduo. Foram pregadores os Rev.ºs Srs. Padre Francisco Vaz Xavier de Castro, Padre Francisco José Ferreira e Cônego João Pereira Demaso.

Na igreja de S. José realisou-se tambem a mesma solemnidade, havendo a primeira comunhão das creanças. Foi pregador o Rev.º Sr. Padre Antonio Furtado de Mendonça.

O Hospital da Santa Casa da Misericórdia recebeu um subsidio de 55 contos, do Instituto de Seguros Sociais Obrigatorios e de Previdencia Social, devido á intermediação do Ex.º Sr. Governador Civil, Dr. Horacio de Medeiros Franco.

Pelo Sr. João Borges de Miranda, filho do sr. Manuel de Medeiros Teixeira de Miranda, foi pedida em casamento a Ex.ª Sr.ª D. Maria Cirna da Silveira, filha do Sr. Sergio da Silveira.

Realizou, ha dias, com muita pericia a primeira operação de alta cirurgica—operação de uma ulcera do estomago, o Sr. Dr. Antonio Camara sendo ajudado pelos Srs. Dr. Jyzyne Tavares Neto e Dr. Luiz Botelho Mota.

Americo França

Encarrega-se da encomenda de todos os livros recomendados nos nossos anuncios.

ANEXO 26: Recensão crítica da obra de Armando Côrtes-Rodrigues

Jornal: *A Actualidade*

Rubrica: Letras Açorianas

Título: *Em Louvor da Humildade – Poemas da Terra e do Mar*

Número: 281

Data: 17-06-1925

P. A. P. D.
PDP-321
ANO VI (2.ª Série)

Ponta Delgada, 17 de Junho de 1925

N.º 281

A Actualidade

Director—M. Caetano Pereira
Redacção—Rua de Santo André n.º 39
Administração—Rua dos Mercadores 41 e 42
PONTA DELGADA

Publicação semanal

Proprietário e Editor—M. Maria Rebelo
Composição e Impressão:
Empresa Tipográfica Limitada
VILA-FRANCA DO CAMPO

LETRAS AÇORIANAS

EM LOUVOR DA HUMILDADE

Poemas da Terra e dos Pobres

As letras açorianas acham-se o- pulentadas com o aparecimento de um livro de versos, que tem um título ressendendo a fragrancias ci- utas—**Em Louvor da Humil- dade**—e este sub-título, pleno de luz e de verdade.—*Poemas da Terra e dos Pobres*. É seu autor o primoroso poeta Armando Côrtes Rodri- gues.

Livro belo, versos encantadores pela sua elegante simplicidade, pela delicadeza da sua estrutura. Nêles se espelha e retrata, como em limpido cristal, a alma do povo açoriano, tam ingénua e tam amavel. Como Coppée, poeta dos humildes interiores, das humides alegrias e das humides dôres», na frase de Emilio Faguet, Armando Côrtes Rodrigues canta maviosamente os obscuros, os pequenos, os pobres, interessando o leitor na feição característica dos que mourem e suam todo o santo dia, de sol nado à sol posto, na fisionomia moral dos que trabalham e lutam para viver, porque é principalmente nas scenas da vida dos que arroteiam a terra estiando sob os raios aprunados do astro rei a varrida ventos chubvas inelmentes e pelos ventos impetuosos, e ainda no rico filão das creanças, das tradições e dos costumes micaelenses, que o poeta bebe os assuntos dos seus versos—versos lindos, de uma forma original, de uma expontneidade absoluta. A's vezes pensa a gente que é alguém do povo que, dedilhando a predilecta viola, os improvisa e canta, tam simples e tam naturais são êles!

O Sacho, O Pucarião de Barro, O Chail, A Canteira, Presépios, como brilham, em sua modestia, nas quadras do poeta! A Caminho do Trabalho, Pinheiro da Serra, Trabalhos da Agua, Dialogo do Milho e do Trigo, Trabalhos do Trigo, Dialogo do Fim da Tarde, Canção da Velhice, que magnificos quadros!

A raros concede Deus o talento poetico. Não é poeta quem o quer ser, mas sim o que é balejado pelo sopro da inspiração. Para ser poe-

ta é indispensavel ser artista e só é verdadeiramente artista o que sabe sentir e amar. Só é, portanto, verdadeiro poeta o eleito em cujo coração fez a Providencia desabrochar a flor perfumada do sentimento e em cuja alma acendeu a chama do amor do belo.

Armando Côrtes Rodrigues é um destes filhos dilectos das musas. Nêle concorrem todos os requisitos que fazem um poeta: imaginação, firmeza criadora, graça na dicção, técnica perfeita do verso. É um lirico de real valor. O lirismo, fonte sagrada de beleza, é a exteriorização do que ha desobrenatural no homem; é a manifestação das impressões e idéas que só podem ser transmitidas pela caeste harmonia do verso.

No livro **Em Louvor da Humildade** não ha excessos de parnasianismo, não ha dificeis artificios de linguagem, não ha pretenciosos exageros de lavoeres, não ha sentimentalismos deentios nem arrebicados lances românticos. Mas ha muita sinceridade e muita graça, muita naturalidade e muito conhecimento da vida e das aspirações do grande poeta, que é o povo. Em suma os *Poemas da Terra e dos Pobres* são a formosa expressão do lirismo açoriano.

Podem repeti-los os homens, quando, de enxada ao hombro, abalam, ao amanhacer, para o amanho dos campos; podem cantalos as mulheres da aldeia, indo á fonte com o cantaro á cabeça, enquanto na lareira crepita a chama em que se coze o caldo reparador; podem decora-los as crianças como suaves canções da infancia; podem murmuralos os velhos, relançando olhos de saudade para a longa estrada do passado, em que deixaram espalhados, aqui e ali, os mais caros affectos do coração, os mais vementes anseios da alma. Repetem, cantam, dao ram e murmuram os poemas da sua vida perfumada dos aromas inebriantes da terra e esperçada no repouso eterno do céu.

PADRE ERNESTO FERREIRA



Movimento Católico

A conferencia sobre Ciencia e Religião na Escola das Filhas de Maria

Na noite de quatro do corrente, no espaço recinto da Escola das Filhas de Maria, a Mãe de Deus, realisou-se mais uma conferencia promovida pela Juventude Católica de Sao Pedro. Foi conferente o sr. Augusto Carreiro de Teves.

Com uma admiravel tenacidade e uma constancia digna do maior elogio, esta prestimosa associação vem desenvolvendo uma forte corrente de pensamento catolico numa serie de conferencias que, desde a sua fundação, se têm succedido com uma regularidade muito para admirar na indiferença e marasmo do nosso meio.

Todos recordam com saudade e com entusiasmo a conferencia que a mesma Juventude promoveu no Salão Teatro Ideal desta cidade em que falou o nosso querido director dr. Manuel Caetano Pereira e depois dele a figura prestigiosa e instigante do nosso Prelado então de visita a esta Ilha. Quem poderá esquecer aquella profunda impressão de eloquencia, da cultura e de bom dizer com que o sr. D. Antonio Augusto de Castro Merdes arrebatou a assistencia?

Nestes como aquels marcamos uma nota de «spiritualidade» que muito honra os seus promotores. A at. uostera que se respirou no Salão Teatro Ideal foi qualquer coisa de novo e de superior, muito acima da materialidade grosseira que vai conquistando o interesse geral.

Bem haja pois a Juventude Católica de S. Pedro pelos bons servicos que vem prestando não só á causa de Deus, mas tambem ao desenvolvimento intelectual do nosso meio e ao seu desenvolvimento artistico de que o orfeon é a melhor e a mais valiosa demonstração. Eram nove horas da noite na quinta feira passada quando o sr. Silvano Pereira, presidente da J. C. deu começo á sessão convidando para presidia ao sr. João Maria Berquó d'Aguiar. Figura de relevo no campo estético, com a autoridade e o prestigio do seu exemplo dos seus anos, não poderia ser mais acertada esta escolha, como demonstração de apreço, o que a assistencia confirmou com uma prolongada salva de palmas.

Sus Ex.º convidou então para secretaria os srs. Domingos Rebelo e dr. Armando Côrtes Rodrigues. Já a orquestra executara «as danças húngaras» de Brans e a «Reveries de Schuman». A seguir o orfeon cantou com segurança e muito relevo de expressão o «Amici Saluti» de Tarnignon e «Ao Luar» do açoriano Padre Tomas Berba. Com breves palavras o sr. presidente abriu a sessão enaltecendo o valor do conferente e o interesse que a todos os presentes deveria merecer o assunto sempre actual e oportuno da harmonia entre a fé e a ciencia.

O sr. Augusto Carreiro de Teves, que foi saudado com longas palmas, começou a sua conferencia por citar aquellas sensatissimas palavras de Latino Coelho no elogio do Barão de Humboldt. E logo com elas surge o tema da sua conferencia—a ciencia e a religião, não opostas numa rivalidade de principios mas unidas, sendo a sciencia a melhor demonstração da verdade e da neces- sidade

de da religião. Ora nem sempre foi assim e os problemas que encuramos hoje com tanta actualidade tiveram em tempos passados uma estranha significação materialista e até. Então o orador cita as doutrinas de Berchielot e de Renan que destros com as proprias palavras dos seus autores Berchielot terminando por duvidar da victoria da sciencia, Renan encontrando no seu neto, o sangue do seu sangue e a carne da sua carne, a negação da sua obra inteira. De facto Ernesto Paichiarri—o mesmo nome do Avô—morre heroicamente no campo da batalha, na tragédia da Grande Guerra, segurando na sua mão esquerda um crucifixo e o terço de Nossa Senhora. Os livros recentemente publicados sobre este heroi assombam pela beleza moral da sua alma.

Em seguida o orador versa os debaticos problemas da geração espontanea, do homem macaco, e localisções cerebraes, época da historia do pensamento anti-religioso que resume com uma grande felicidade de síntese e de clareza. E então que ele demonstra a Unidade entre a Religião e a Ciencia em muitos ramos confirmando a quells celebres palavras de Bacon: pouca sciencia afasta de Deus; muita sciencia conduz a Deus. E a historia scientifica e demonstra ta creença dos mais altos espiritos que têm iluminado com os elarões do seu génio o caminho incerto da sciencia. E onde a Religião não chega vai a Religião como salvaguarda unica para os problemas morais e para os que excedem o campo da observação scientifica.

O orador foi calorosamente aplaudido e com inteira justiça a assistencia confirmou na espontaneidade dos seus aplausos o valor do seu trabalho que muito o honram quer como investigação scientifica quer como clareza e método de exporção. Durante a longa conferencia cujo tema envolve de per si uma certa aridez e frieza do pensamento o sr. Augusto Carreiro de Teves conseguiu manter a atenção de todos os ouvintes pela leveza com que sube expôr o assunto numa optima ligação lógica e recortado de interessantes episodios em especial o do amor de Augusto Uca, como base da sua religião da humanidade, na parte final da sua conferencia. Felicitamos muito sinceramente o nosso camarada sr. Augusto Carreiro de Teves pelo esplendido exito com que viu coroado o seu valioso trabalho do qual esperamos dar brevemente aos nossos leitores uma longa transcrição.

O sr. João Maria Berquó d'Aguiar depois de felicitar o orador encorreu a sessão que concluiu com dois numeros do orfeon da Juventude: «Panis Angelicus» de Cascolini e «Murmuros» de Alexandre Santos, ambos ouvidos com inteiro agrado.

Assistencia muito numerosa, sobretudo senhoras.

Felicitando mais uma vez a Juventude Católica de S. Pedro por esta bela festa agradecemos o convite feito á nossa redacção.



ANEXO 27: Texto de Violante de Cysneiros

Jornal: *Folha de Angra*

Rubrica: “Cartas de Mulheres III”

Número: 9

Data: 09-03-1922

